UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

RICARDO ALVES FINOTTI

As paisagens nas pinturas de Ido Finotti: Reflexões artísticas e históricas

UBERLÂNDIA

2016

RICARDO ALVES FINOTTI

As paisagens nas pinturas de Ido Finotti:
Reflexões artísticas e históricas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA)/Mestrado do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Artes Visuais.

Linha de pesquisa: Fundamentos e Reflexões em Arte.

Tema de pesquisa: Itinerários de criação e apreciação em artes.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Pasqualini de Andrade
Co-orientadora: Profa. Dra. Luciene Lehmkuhl

Uberlândia, junho de 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F515p
2016

Finotti, Ricardo Alves, 1960-
As paisagens nas pinturas de Ido Finotti: reflexões artísticas e históricas / Ricardo Alves Finotti. - 2016.
260 f. : il.

Orientador: Marco Antônio Pasqualini de Andrade.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Artes.
Inclui bibliografia.

1. Artes - Teses. 2. Paisagens - Teses. 3. Pintura - Teses. 4. Finotti, Ido, 1899-1980 - Teses. 5. Uberlândia (MG) - Arte - Teses. I. Andrade, Marco Antônio Pasqualini de. II. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Artes. III. Título.

CDU: 7

UFU Universidade Federal de Uberlândia

PPG ARTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES - MESTRADO

As paisagens nas pinturas de Ido Finotti: reflexões artísticas e históricas.

Dissertação defendida em 29 de junho de 2016.

Prof. Dr. Marco Antonio Pasqualini de Andrade – Orientador/Presidente

Profª. Drª. Luciene Lehmkuhl - UFPB - coorientadora

Profª. Drª. Valeria Piccoli Gabriel da Silva - Pinacoteca do Estado

Prof. Dr. Renato Palumbo Doria – UFU

AGRADECIMENTOS

A todos da família Finotti que com muita disposição e atenção colaboraram com informações, fotografias e documentos.

Às minhas irmãs Oneida, Elza e Ivone pelo incentivo e contribuição.

Agradecimentos especiais à minha prima Cristiane Finotti que com dedicação forneceu fontes de pesquisa sobre Ido Finotti, ao meu primo Leonel Finotti que disponibilizou os seus arquivos históricos da família, e à minha prima Letícia Finotti Rezende pelas informações e fotografias.

À professora doutora Maria José de Carvalho Ferreira, primeira pessoa a dar sugestões e direcionamentos para a criação do projeto que resultou nessa dissertação.

À bibliotecária Yara Ribeiro de Moura pela orientação sobre as normas da ABNT.

Aos colegas de trabalho Paulo Agenor, Ana Maria e Cida Freitas.

Ao Marcus Vinicius Borgonove do Grupo Memória Votorantim São Paulo/SP; Danilo Ferrari da Secretaria de Cultura de Espírito Santo do Pinhal/SP e Maria Aparecida Manzan da Fundação Cultural de Uberaba/MG.

A todos os depoentes que deram o seus depoimentos sobre a pessoa e obras de Ido Finotti.

Ao orientador professor doutor Marco Andrade e à co-orientadora professora doutora Luciene Lehemkuhl pelo acompanhamento no desenrolar da minha jornada no Programa de Pós-graduação em Artes - UFU.

Ao artista pintor Ido Finotti pelas suas centenas de paisagens.

Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.
Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite.
Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som;
no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo.
Aí, pôs uma tenda para o sol, o qual, como noivo que sai dos seus aposentos, se regozija como herói, a percorrer o seu caminho.
Principia numa extremidade dos céus, e até à outra vai o seu percurso; e nada refoge ao seu calor.
A lei do SENHOR é perfeita e restaura a alma; o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos símplices.
Os preceitos do SENHOR são retos e alegram o coração; o mandamento do SENHOR é puro e ilumina os olhos.
O temor do SENHOR é límpido e permanece para sempre; os juízos do SENHOR são verdadeiros e todos igualmente, justos.
São mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos.

Salmos 19:1-10

... il paesaggio è finitezza aperta...

Rosario Assunto

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo estudar a produção das pinturas de paisagens do artista Ido Finotti, especificamente as paisagens de cerrado e rios da região do Triângulo Mineiro, principalmente da cidade de Uberlândia e seu entorno, Uberaba e Araguari, realizadas por ele entre os anos de 1947 a 1980, e compreender a sua poética identificando os elementos que o artista elencou para a construção da visualidade de paisagem como identidade regional, fazendo reflexões artísticas e históricas em diálogo com noções gerais da ideia de paisagem na história da arte universal e na história da arte brasileira através dos principais pintores do gênero paisagem. Para a formulação dessas reflexões, no primeiro momento discorremos sobre a trajetória de Ido Finotti para conhecê-lo em suas duas fases: a inicial como pintor decorador de paredes nas décadas de 1920 a 1940, e a posterior como artista pintor em óleo sobre tela. No segundo momento, buscamos autores nacionais e estrangeiros das áreas de artes visuais, história, história da arte, filosofia e geografia que produziram a literatura sobre a ideia e o tema de paisagem na pintura, fizemos um levantamento e leitura inicial de algumas obras do artista, das quais 142 são paisagens, realizamos entrevistas e coleta de artigos de jornais e revistas e reunimos documentos, folhetos e catálogos relacionados ao artista e suas obras. O cruzamento dessas fontes escritas e visuais possibilitou a construção textual do trabalho de pesquisa aqui apresentado.

Palavras-chave: Paisagem, Pintura, Ido Finotti, Uberlândia.

ABSTRACT

This research studies the landscape paintings of the artist Ido Finotti, specifically the Brazilian cerrado vegetation and rivers landscape paintings, in the region of Triângulo Mineiro, mainly Uberlândia and the surrounding cities as Uberaba and Araguari. The artist produced the landscape paintings from 1947 to 1980. This study searches to understand the poetic in the paintings and identify the elements that the artist chose to create the visuality of landscape to build a regional identity. Therefore, it links the artistic and historical reflections with the general ideas about the landscape painting in the Universal History of Art and in the Brazilian History of Art through the main landscape painters. First, this work shows the trajectory of the artist Ido Finotti and the two phases of his paintings: as a decorative painter of walls from 1920 to 1940, then as an oil painter artist on canvas. Second, the national and foreign authors studied were from several fields: Visual Arts, History, History of the Art, Philosophy and Geography, but had produced literature on the idea and the subject of landscape in the painting. The initial reading was about some workmanships of Ido Finotti, which included 142 landscapes paintings; interviews; articles, periodicals and magazines collected; documents, brochures and catalogues gathered. The comparison between the written and visual sources made possible the textual construction of this research.

Keywords: Landscape, Painting, Ido Finotti, Uberlândia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....09
2 IDO FINOTTI E O SEU TEMPO: ITINERÁRIOS DO PINTOR.....15
3 AS PINTURAS DE IDO FINOTTI: DIÁLOGOS COM A IDEIA DE PAISAGEM.....46
3.1 A ideia de paisagem 47
3.2 O processo de criação das paisagens de Ido Finotti 71
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....91
REFERÊNCIAS.....95
APÊNDICE A - Cronologia de Ido Finotti.....104
APÊNDICE B - Depoimentos.....110
ANEXO A - Pinturas de Ido Finotti.....155
ANEXO B - Documentação iconográfica.....235



1

Introdução

1 - INTRODUÇÃO

As pinturas de paisagens de Ido Finotti estiveram e ainda continuam presentes com frequência nas casas dos nossos familiares e conhecidos. Inclusive na nossa casa, onde desde meu nascimento em 1960, já se podia ver na parede uma tela de paisagem do Rio Uberabinha pintada e presenteada pelo artista por ocasião do casamento, em 1947, de seu irmão Vitório Finotti com Auristela Alves Finotti (meus pais). Assim o meu primeiro contato com a arte foi a pintura do tio Ido Finotti. Essa vista do Uberabinha podia ser contemplada na tela e também ao vivo, pois o tal trecho do rio não era muito longe de onde morávamos, e muitas famílias, assim como nós, aos fins de semana na década de 1960, caminhavam até o local para desfrutar de momentos de lazer em contato com a natureza à beira do rio.

Ido Finotti (1899, Espírito Santo do Pinhal/SP - 1980, Uberlândia/MG), assim como seus 12 irmãos, inclusive meu pai, eram filhos de imigrantes italianos e nascidos na cidade de Espírito Santo do Pinhal, interior do estado de São Paulo. Ele atuou inicialmente no ofício de pinturas decorativas de paredes, e depois de algum tempo já morando definitivamente em Uberlândia, intensificou a sua produção de pintura artística do gênero paisagem em óleo sobre tela. Nessas telas o artista descreve com seus pincéis e com a sua poética as paisagens naturais e urbanas do Triângulo Mineiro, em especial o cerrado e os rios da região, expressando assim uma visualidade que constrói o imaginário coletivo regional.

A construção dos desdobramentos da história da arte e cultura de Uberlândia ficaria incompleta sem constar a presença do pintor filho de italianos que adotou as cidades de Uberaba (em primeiro momento) e Uberlândia definitivamente como sua própria terra natal, e cujas paisagens do entorno ele se apaixonou e se identificou. Em Uberlândia Ido Finotti construiu sua vida, sua família e suas atividades empresariais e artísticas. Tal paixão pelas cenas bucólicas[1] e arredores urbanos, o motivou a pintar centenas de paisagens que ficaram como um registro deixado por aquele falava mais pelos pincéis do que pelas palavras. Na ausência de galerias e mercado profissional de arte na região, Ido Finotti teve a sensibilidade de se integrar à vida social da cidade, utilizando o seu próprio estabelecimento comercial, a Confeitaria Na Hora, para criar nas paredes um espaço de exposição para as suas obras de pintura de paisagens, possibilitando a divulgação e circulação da sua arte.

A intenção de criar um projeto de pesquisa sobre o artista Ido Finotti, suas obras do

[1] Bucólico: Pertencente à natureza ou à vida natural. Relativo à vida e costumes do campo e dos pastores; campestre; pastoril, simples, singelo; puro.

gênero paisagem e a sua poética, surgiu de levar a efeito a iniciativa que vinha há cinco anos aproximadamente sendo alimentada por meu interesse pessoal pelo assunto aliada à necessidade de se preencher uma lacuna na memória artística e cultural da cidade de Uberlândia e região quanto à obra pictórica de Ido Finotti. Considerando que outros pesquisadores como Marco Andrade, Renato Palumbo e Marileusa Reducino já haviam desenvolvido trabalhos escritos sobre esse tema, abordando-o de modo interessante com os seus enfoques de facetas do universo artístico de Ido Finotti, e partindo do ponto que já alcançaram, tivemos a aspiração de ampliar, explorar e aprofundar as investigações desse universo, reunindo todos os resultados num trabalho de dissertação, e assim contribuir para a história e memória da arte e cultura de Uberlândia e região e, consequentemente contribuir com um tijolo na construção da historiografia artística nacional.

Desse modo concentrei os esforços para o ingresso no Mestrado em Artes da Universidade Federal de Uberlândia tendo como objeto de pesquisa as paisagens nas pinturas de Ido Finotti. O desenrolar da pesquisa foi facilitado por professores-doutores nas disciplinas do mestrado e por minha dupla de orientadores, num primeiro momento, a professora-doutora Luciene Lehmkul, e num segundo momento, o professor-doutor Marco Antônio Pasqualini de Andrade. Foi assim que chegamos a alguns pensadores que refletiram, antes de nós, sobre as questões relacionadas à pintura de paisagens a exemplo de Kenneth Clark, Anne Cauquelin, Robert Lenoble, Simon Schama, Walter Zanini, Cláudia Valladão de Mattos, Elaine Dias e muitos outros.

O desenrolar das reflexões dessa pesquisa se baseia em diálogos com tais autores, dando ênfase na pintura do gênero paisagem e conta com o repertório de informações colhidas em jornais, revistas, documentos, catálogos, quadros e imagens das pinturas de Ido Finotti, fotografias, relatos, entrevistas realizadas com familiares e conhecidos, apreciação das obras e resultados de observações e investigações.

Assim esse trabalho de pesquisa mostra que Finotti instaura uma visualidade do cerrado e dos arredores de Uberlândia e, a partir desse pressuposto, verifica como ele constrói esta representação. Para entender esse processo fizemos a apreciação e a catalogação de 160 obras do artista nas quais analisamos os elementos iconográficos (água em forma de rios, queimada, capins, cupinzeiros, árvores e ipês[2], galhos retorcidos, erosão, flores, utensílios,

[2] Ipê: Designação comum às arvores do gênero *Tabebuia*, da família das bignoniáceas, de que há dois tipos: a de flor amarela e a de flor violácea. Muito ornamentais pela floração belíssima. O ipê é considerado árvore nacional.

etc.) e os elementos da composição visual como as cores, enquadramentos, repetições e dimensões; também analisamos os temas, técnicas e processos de criação artística identificando as características desse processo.

A pesquisa verifica que Ido Finotti instaura uma visualidade pictórica regional que representa um misto de invenção e naturalismo do cerrado colaborando para a construção de um imaginário local. Assim busca conhecer as relações sócio/culturais que contribuem para esta construção e até que ponto seu conjunto de pinturas é uma iconografia construída, ou até que ponto é o registro de um fenômeno plástico. Nas nossas reflexões procuramos responder a essas questões, ainda que, como toda obra de arte, a de Ido Finotti seja aberta a diferentes percepções mesmo partindo de elementos nitidamente regionais, dos locais frequentados por ele, conforme destacamos ao trazer as composições para o conhecimento do seu processo de criação.

Os diversos registros e fontes de pesquisa que pertencem aos familiares e conhecidos do artista foram reunidos e reproduzidos digitalmente. Os mesmos possibilitaram a obtenção de informações históricas (acontecimentos, datas e locais) no caso dos jornais, cartas, fotografias e demais documentos. A apreciação das pinturas e as reproduções das obras permitiram uma análise mais detalhada sobre a poética de Ido Finotti, seus temas, composições, tintas e pinceladas utilizadas na construção das paisagens. Além de todos esses procedimentos, o cruzamento das fontes escritas e visuais foi de fundamental importância na elaboração da narrativa da pesquisa, pois essa interseção inferiu sobre a concordância e veracidade dos fatos, relatos e informações.

Diante do fato de que o artista pesquisado já faleceu há algumas décadas, coube às entrevistas e depoimentos o papel de fornecer informações memoriais mais particulares. Os textos integrais dos 14 relatos realizados pela pesquisa estão disponibilizados no final dessa dissertação, cujos trechos, dependendo da sua relevância foram aproveitados para citações e composição dos capítulos. Portanto os procedimentos da construção do trabalho em questão se constituíram de parte teórica (leituras e fichamentos bibliográficos) e parte prática (investigações em dossiês e arquivos públicos e particulares; averiguação, reunião e reprodução de documentos, realização de entrevistas e apreciação de obras).

Tomo aqui as palavras de Simon Schama, com as quais faço um paralelo, para descrever os procedimentos de realização dessa pesquisa: operamos como uma escavação, começando pelo conhecido, penetrando as camadas superficiais de lembranças e imagens, tentando tocar a base da rocha que se formou há um século, e depois voltando à superfície,

trazendo à luz do conhecimento as descobertas encontradas nessa investigação (SCHAMA, 1995). Portanto, como um trabalho de arqueólogo ou de detetive, assim é o trabalho do pesquisador que, no nosso caso, partimos do que já conhecíamos e do que havia sido pesquisado sobre o artista Ido Finotti e suas obras, fizemos uma busca desde as suas origens de aproximadamente cem anos atrás e trouxemos à luz as peças e fragmentos que encontramos (quadros, pinturas parietais sobreviventes, informações, fotografias, memórias, testemunhas, histórias, objetos, sítios) para montar essa monografia ora apresentada.

Para facilitar o ordenamento das ideias, dividimos o texto da pesquisa em capítulos, sendo o primeiro intitulado "Ido Finotti e o seu tempo: itinerários do pintor". Nesse capítulo é apresentada a trajetória do artista no tempo e no espaço, suas origens, família, ofícios, dados biográficos incluindo imagens e fotografias. Através dele, o leitor poderá conhecer melhor quem é o artista em questão, sua trajetória de vida e arte, e seu trabalho de pintura decorativa em paredes, referenciado por comentários de autores que escreveram sobre essa vertente artística.

No segundo capítulo "As pinturas de Ido Finotti: diálogos com a ideia de paisagem" apresentamos reflexões sobre a ideia de paisagem na pintura por parte de autores desse gênero e a análise da poética de Ido Finotti. Para isso desdobramos o mesmo em duas partes: a primeira "A ideia de paisagem" e a segunda "O processo de criação das paisagens de Ido Finotti".

Na primeira parte, a ideia de paisagem é abordada com reflexões de escritores das áreas de artes visuais, história da arte, história, filosofia e geografia, inicialmente no âmbito universal e em seguida no âmbito nacional. Apresentamos algumas paisagens da produção de Ido Finotti, procurando conhecer nessas obras a ideia de paisagem do artista. Muitos dos autores estudados facilitam esse diálogo também em sintonia com pesquisadores que relatam, por exemplo, seus comentários sobre paisagem de cerrado e fenômenos regionais como as queimadas (tema presente em boa parte das pinturas de Ido Finotti).

Na segunda parte, apresentamos o processo e criação das paisagens de Ido Finotti com desdobramentos sobre as características da sua poética em termos de técnicas, temas, e composições, a identificação dos elementos do cerrado que ele elencou para estarem presentes em sua obra, o tema das queimadas e a repetição de temas e elementos. Também incluímos concepções de Cecilia A. Salles, Ariane D. Cole e outros escritores sobre processos de criação artística.

Nas páginas seguintes às considerações finais, disponibilizamos a cronologia contendo em ordem de data os fatos referentes ao artista Ido Finotti e suas obras, e os acontecimentos históricos da cidade de Uberlândia, de modo a ser possível relacionar as ocorrências de ambas sequencias. Em seguida apresentamos os depoimentos.

O banco de anexos consta no final desse trabalho e é composto de duas partes: imagens das pinturas e imagens documentais. Os depoimentos consistem em relatos colhidos pelo autor em entrevistas realizadas com 14 depoentes (familiares e conhecidos de Ido Finotti). O anexo de imagens de pinturas é composto de 160 obras do artista catalogadas pelo autor, e o anexo de imagens documentais apresenta 41 documentos (artigos de jornais e revistas, folhetos, fotografias relacionadas ao artista e suas obras e fotografias de exposições e de acontecimentos históricos).



2

Ido Finotti e o seu tempo: itinerários do pintor

2 - IDO FINOTTI E O SEU TEMPO: ITINERÁRIOS DO PINTOR

Para melhor análise e compreensão da poética de um artista, bem como conhecer o seu universo artístico faz-se necessário levar em conta as suas origens e os seus percursos, portanto cabe a esse capítulo apresentar um panorama da trajetória cronológica de Ido Finotti, o que possibilitará a visão do contexto em que estão inseridas a sua história e identidade como pessoa e pintor.

Ido Finotti, o mais velho dentre os treze filhos de Cesare Finotti[3] e Celeste Tereza Bertassoli[4], nasceu em 20 de outubro de 1899 em Espírito Santo do Pinhal, Estado de São Paulo, e faleceu em 12 de fevereiro de 1980 em Uberlândia, estado de Minas Gerais.

Fig. 1 - Ido Finotti



Fonte: arquivo Cristiane Finotti

Seus pais, ambos imigrantes italianos ainda jovens, solteiros e sem se conhecerem, vieram para o Brasil por volta de 1891, com o desejo de construir um novo futuro, atraídos pela prosperidade da produção cafeeira.

[3] O nome do pai de Ido Finotti é Cesare Finotti (conforme documentos italianos), porém no Brasil o nome adotado para constar nos documentos de filhos e netos é César Finotti.

[4] O nome da mãe de Ido Finotti, aparece grafado de diferentes maneiras em diversos documentos como: Celezte Tereza Bertazzolo (certidão de nascimento italiana), Tereza Berthossoli (em alguns textos pessoais da família) e Celeste Tereza Bertassoli (em certidões de nascimento dos filhos). Como este último nome foi adotado no Brasil, a presente dissertação o utilizará todas as vezes que mencionar esta pessoa.

Durante todo o século XIX, a produção brasileira de café estava se expandindo rapidamente e o governo brasileiro estimulou a imigração europeia especialmente depois de 1850, pois o interesse em receber mão-de-obra era grande devido ao movimento abolicionista que se tornava cada vez mais crescente, tendo como consequência o surgimento da necessidade de mão-de-obra qualificada para substituir os escravos.

Abrimos aqui um espaço para entender que havia também outro motivo de interesse do governo brasileiro em receber imigrantes europeus: o embranquecimento do país.

> O imigrante [...] serviria para "encher os espaços vazios" e cultivar os campos, mas também contribuiria para a formação étnica brasileira, favorecendo o "embranquecimento da raça", ou até a formação de uma "nova raça", uma vez que o brasileiro continuava sendo, na opinião de muitos, um povo em formação. (PERES, 2000, p. 56)

A entrada de imigrantes europeus se deu então no território brasileiro para trabalharem nas áreas de plantação de café, especialmente no interior de São Paulo e também sul do país, com a implantação de indústrias e agricultura de pequena extensão. Milhares de europeus vieram em busca de melhores condições de vida e de trabalho e a Itália foi o país que mais forneceu imigrantes para o Brasil e suas fazendas de café. A crise vivida naquele país e a ideia de que o Novo Mundo poderia oferecer uma vida melhor, motivaram muitos cidadãos a migrarem, uma vez que pressionados pelo empobrecimento provocado pelo desenvolvimento do sistema capitalista europeu, viram aqui a chance de reverter esse quadro, com a possibilidade de se tornar, com o tempo, um proprietário rural (FREITAS, 1999; O CAFÉ..., 2015), e realizar o sonho de se enriquecerem na América.

À medida que os italianos chegavam ao Brasil no porto de Santos, eram encaminhados para as regiões que necessitavam de mão-de-obra. Entre estes estava Cesare Finotti (pai de Ido Finotti) acompanhado de quatro parentes:

> Saindo do Porto de Gênova pelo Vapor Gio Batta Cavarello chegou ao Porto do Rio de Janeiro (com 23 anos de idade) juntamente com Guerino Costa (filho de Regina Orsi) e, com seus irmãos (por parte de pai) Aristide e Silvia, também filhos de Regina. (Livro nº 57 da Hospedaria da Ilha das Flores, Registro de Imigrantes, página 225). Pela mesma embarcação, no dia 23, seguiram para Santos e, no dia seguinte, já se encontravam na Hospedaria dos Imigrantes (hoje, Memorial do Imigrante), em São Paulo. (FINOTTI, Leonel, 2015, p.1-2)

Após sua estadia na Hospedaria dos Imigrantes (figura 2) localizada no Bairro Mooca - São Paulo-SP (imóvel que hoje abriga o Museu da Imigração), Cesare Finotti foi

para a cidade de Mogi-Mirim-SP e posteriormente para Espírito Santo do Pinhal-SP, onde permaneceu por cerca de 33 anos.

Fig. 2 - Hospedaria dos Imigrantes - São Paulo - SP



Fonte: MUSEU... (2015)

Nem todos os imigrantes, porém, foram trabalhar na lavoura (cafeicultura), como no caso de Cesare Finotti, que sendo marceneiro, acabou se enveredando para esta atividade. Cesare Finotti permaneceu trabalhando em Espírito Santo do Pinhal, quando conheceu Celeste Tereza Bertassoli, também imigrante italiana, e se casaram constituindo uma família de treze filhos (FINOTTI, Reginaldo).

O primogênito (Marcos Finotti) morreu com um ano[5] de idade e Ido Finotti, sendo o segundo filho, passa a ter ascendência sobre os demais irmãos:

> Uma família de vida modesta e simples, ilhada de sua cultura pátria e de sua gente, mas com o desejo de construir um novo futuro. O pai Cesare Finotti, um marceneiro de muitas habilidades, tinha uma oficina na própria residência e as peças criadas eram todas feitas à mão. A mãe, Celeste Tereza Bertassoli, para ajudar no orçamento familiar, além dos afazeres domésticos, lavava e passava roupas, usando um pesado ferro a carvão. (IDO...,1991, p.1)

O contato de Ido Finotti com atividades artísticas se deu ainda na infância quando,

[5] Há controvérsias sobre a idade do primogênito quanto à sua morte. Conforme descrito no texto IDO Finotti: um poeta quase calado da imagem e da natureza, Marcos Finotti faleceu com um ano de idade. Segundo Leonel Finotti, ele faleceu com sete anos.

aos 12 anos, se tornou aprendiz de pintura parietal[6] com o empreiteiro de obras italiano Giacomo Stefano[7] em Espírito Santo do Pinhal. O trabalho se aproximava ao de artista plástico, pois ia além de simplesmente fazer um tingimento de parede; abrangia elaborações, desenhos, faixas decorativas, silhuetas, emolduraçõ̃es, e domínio de técnicas variadas

A família Finotti permaneceu em Espírito Santo do Pinhal até 1931, porém Ido Finotti, ao completar 19 anos deixou os pais e irmãos e foi trabalhar em Uberaba, Estado de Minas Gerais, com Vicente Corcione e Rodolpho Mozello[8] desenvolvendo habilidades decorativas em paredes, e uma espécie de grega[9] e faixas decorativas no forro das casas, ornamentando alpendres e salas de jantar e visita. (IDO...,1991, p.1)

A pintura parietal, segundo o texto *Restauro de pintura mural*[10], começou a se desenvolver no Brasil em finais do século XIX, solicitada principalmente por fazendeiros que construíam suas casas burguesas na cidade e queriam identificá-las com a cultura europeia. Nas primeiras décadas do século XX era comum a utilização dessa pintura principalmente no interior dos palacetes e casarões das famílias mais abastadas no intuito de decorar os diversos ambientes como forma de ostentar o seu requinte no habitar (PINHEIRO, 2007).

> Todas as casas ricas ou burguesas recebiam alguma decoração parietal, nem que fossem simples acabamentos dos barramentos; praticamente não existiam paredes pintadas com uma única cor. As tipologias técnicas de pintura e os temas adotados nos murais eram definidos a partir dos desejos e posses dos proprietários, mas seguiam certas regras relativas à função que cada cômodo exercia no programa habitacional. (TIRELLO, 2000, p. 106)

A ornamentação parietal interna dessas moradias representava o modo de vida da elite da época e se tratava de uma arte agregada às paredes, característica da arquitetura de valor patrimonial cultural, exercida naquele momento.

---

[6] Pintura parietal ou pintura mural, conforme o Dicionário da Arquitetura Brasileira designa especificamente a parede ou muro tratado de modo particular por artista, como complemento de decoração. Desde a abstração até ao motivo figurado tem sido realizado a pintura mural.

[7] Não foram encontradas informações sobre Giacomo Stefano, além das citadas no texto, apesar de investigações junto à família Finotti e Secretaria de Cultura de Espírito Santo de Pinhal-SP.

[8] Apesar de esforços em busca de mais informações sobre Vicente Corcione e Rodolpho Mozello por parte das famílias Cicci e Finotti, bem como pelo Arquivo Público de Uberaba, não foram encontradas além das citadas no texto.

[9] Segundo o Dicionário Ilustrado de Arquitetura, grega é ornato ou cercadura compostos de linhas retas quebradas que formam sucessivamente entre si um ângulo reto. A grega de elos partidos tem suas linhas interrompidas. Grades de madeira ou ferro, platibandas ou frisos de estuque são muitas vezes ornamentados com gregas.

[10] Informação baseada em <http://identidadesdopatrimonio.blogspot.com.br/2011/09/restauro-de-pintura-mural.html>.

Logo abaixo (figura 3) temos um exemplo desta arte em sala de jantar (Fazenda Resgate, Bananal-SP): o cômodo mais amplo da construção é decorado com pinturas parietais que evocavam diferentes motivos pictóricos.

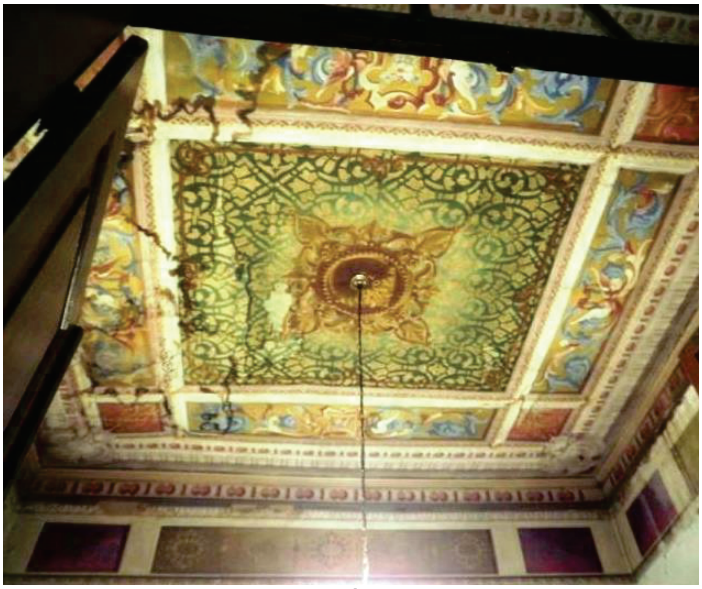
Fig. 3 - Exemplo de pintura parietal em sala de jantar (transição do séc. XIX p/ XX)
Fazenda Resgate, Bananal-SP



Fonte: Rafael de Bivar Marquese

Outro exemplo (figura 4) trata-se da pintura decorativa no teto de uma sala da antiga residência de Antônio de Rezende Costa, em Uberlândia (Praça Dr. Duarte, 44) de autoria do pintor e arquiteto italiano Cipriano Del Fávero em 1897.

Fig. 4 - Pintura decorativa em teto realizada por Cipriano Del Fávero em 1897



Fonte: UBERLÂNDIA (2012a)

O forro original que ainda permanece nesse imóvel onde hoje funciona a Escola Estadual Enéas de Oliveira Guimarães é uma pintura a óleo sobre tela afixada em barrotes de madeira, com barrado pintado sobre o reboco. O forro é dividido em painéis retangulares, e o retângulo central dominando a composição foi decorado com pintura de rolo com molde vazado. Os demais receberam pinturas decorativas com arabescos e cisnes. (UBERLÂNDIA, 2001).

Esta técnica foi depois aos poucos esquecida com a chegada da arquitetura moderna cujos conceitos seriam avessos aos ornatos e favoráveis a novos materiais de revestimento lançados pelo desenvolvimento industrial e que também infundia como regra usar paredes limpas e monocromáticas - o que permanece em voga até a contemporaneidade (TIRELLO, 2000). A propensão ao crescente desuso da ornamentação interna de paredes, devido à tendência para a geometrização pela influência do modernismo no Brasil, iria culminar com a extinção das pinturas decorativas, e consequentemente, com o trabalho dos pintores decoradores, que acabaram por se estabelecerem em outras áreas de atuação (BERGAMIN, 2010). Foi o caso de Ido Finotti, e tantos outros pintores de decoração parietal, que com o fim da demanda desse serviço, enveredou-se para as atividades comerciais e dedicou-se cada vez mais intensamente às pinturas a óleo em quadros.

Retomando o curso da trajetória de Ido Finotti no ofício das pinturas parietais, mencionamos a sua ida para Uberaba. Desde que chegara então a essa cidade em 1918, Ido Finotti ficou hospedado na pensão familiar do casal de italianos Salvatore Cicci e Carmela Carrara Cicci[11]. Ali, conheceu Adelina Cicci filha dos proprietários da pensão, com quem haveria de se casar quatro anos depois.

Em Uberaba, Ido Finotti trabalhou por dois ou três anos com Vicente Corcione e Rodolpho Mosello[12] - artistas que vieram do Rio Grande do Sul, e eram contratados por fazendeiros do norte do estado de São Paulo, e das cidades de Uberaba e Uberlândia, para fazer as pinturas parietais e outras obras de arte nos palacetes. Em Uberaba, a obra mais conhecida desses dois artistas é o painel pintado (figura 5) no salão nobre da Câmara Municipal de Uberaba (figura 6). O imóvel, antigamente denominado de Paço Municipal (figura 7), foi construído em 1836, reconstruído em 1888, e novamente em 1917:

[11] O Casal Salvatore Cicci e Carmela Carrara Cicci era proveniente de Pettorano Sul Gizio - Província de Aquila - Itália e chegaram ao Brasil em 1896.

[12] As informações sobre Vicente Corcione e Rodolpho Mosello foram concedidas por Danilo Ferrari - Departamento de Cultura de Espírito Santo do Pinhal/SP.

> Paço Municipal Major Eustáquio. Prédio público mais antigo da cidade. Construído em 1836 pelo Capitão Domingos, foi sede do Tribunal do Júri, da Cadeia, da Biblioteca, dos Correios, da Prefeitura e, atualmente, Câmara Municipal. [...] sendo Luís Dorça o arquiteto, com afrescos dos italianos Vicente Corcione e Rodolpho Mosello. Praça Rui Barbosa nº 250 - Centro [Uberaba]. (CAMPOS, 2015, p.1)

A obra de 1920 é assinada por Vicente Corcione e Rodolpho Mosello: trata-se de uma mulher coroada, vestida à moda imperial, sentada numa poltrona sobre pedestal com degraus, tendo ao fundo a vila da época do império, fazendo uma clara alusão à Uberaba, chamada de *A Princesa do Sertão*[13].

Fig. 5 - A Princesa do Sertão - Obra de Vicente Corcione e Rodolpho Mosello - Uberaba - 1920



Fonte: Oliveira (2011)

[13] Conforme descrito nos sites: <http://sumayra.blogspot.com.br/2011> e
< http://cmfor.virtuaserver.com.br:8080/sapl/sapl_documentos/materia/7865_texto_integral>

Fig. 6 - Salão nobre da Câmara Municipal de Uberaba



Fonte: Garcia (2012)

Fig. 7 - Prédio da Câmara Municipal de Uberaba - antigo Paço Municipal



Fonte: Conselho de Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba - CONPHAU (2013)

Comparando o relato que refere à ida de Ido Finotti para Uberaba, para trabalhar com Corcione e Mosello, com a data do trabalho realizado no Paço Municipal da cidade, inferimos que houve a participação de Finotti nesse trabalho.

Na década de 1920, ainda vivendo em Uberaba, Ido Finotti foi convidado para participar da equipe que pintaria as paredes do Hotel Esplanada em São Paulo-SP (projetado pelo renomado arquiteto Joseph Gire, que também participou do desenho do Copacabana Palace e do Hotel Glória no Rio de Janeiro).

O Hotel (figuras 8 a 11) foi construído em frente à Praça Ramos de Azevedo ao lado do Teatro Municipal de São Paulo e próximo do Parque Anhangabaú, região histórica do centro da capital paulista formando um conjunto arquitetônico que abrigava a simbologia de uma época, e teve a sua inauguração em 1923.

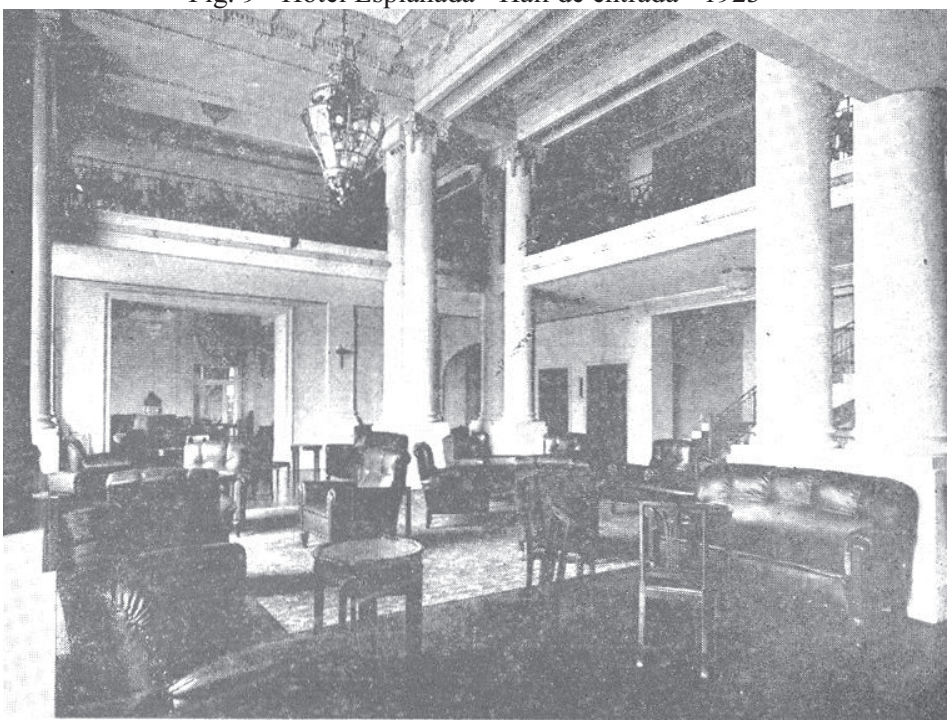
> Erguido nos exuberantes anos 1920, o edifício tem traços da identidade artística da época, bem como do anseio da população daquele tempo pela tão almejada "modernidade". Imponente representante de um momento histórico de São Paulo, o prédio é um peculiar modelo inspirado pela *Belle Époque* paulistana. Dispondo-se harmonicamente em meio ao conjunto integrado pelo Parque do Anhangabaú e os distintos edifícios que o rodeavam – tal qual o *Theatro Municipal de São Paulo,* e, mais tarde, o Edifício Alexandre Mackenzie (antiga sede da Light) – inseriu-se profundamente à paisagem paulistana. Sua faustosa arquitetura abrigava toda a simbologia de uma época. De suas sacadas, uma série de personalidades – de artistas a políticos – pôde vislumbrar o dinamismo de uma São Paulo que se lançava à realidade de uma "metrópole". (MEMÓRIA VOTORANTIM, 2010)

Fig. 8 - O Hotel Esplanada na Praça Ramos de Azevedo



Fonte: acervo AHSP

Fig. 9 - Hotel Esplanada - Hall de entrada - 1923



Fonte: acervo AHSP

Fig. 10 - Hotel Esplanada - Interior de um dos apartamentos - 1923



Fonte: acervo AHSP

Fig. 11 - Hotel Esplanada - Salão de jantar - 1923



Fonte: acervo AHSP

O Hotel Esplanada encerrou seu funcionamento em 1957, e o prédio só retornou à vida com a chegada das empresas do Grupo Votorantim, em 07 de setembro de 1965, ocupando e adaptando seus espaços com forros e divisórias para se tornarem escritórios, sendo rebatizado como Edifício Ermírio de Moraes. Após três décadas de atividade, o edifício foi desocupado e a "Memória Votorantim" foi idealizada em 2002 para ser oficialmente lançada em 2003, por ocasião da comemoração dos 85 Anos do Grupo. E em 2005 inaugurou-se o centro de documentação no prédio histórico da Praça Ramos de Azevedo do antigo Hotel Esplanada. (MEMÓRIA VOTORANTIM, 2010).

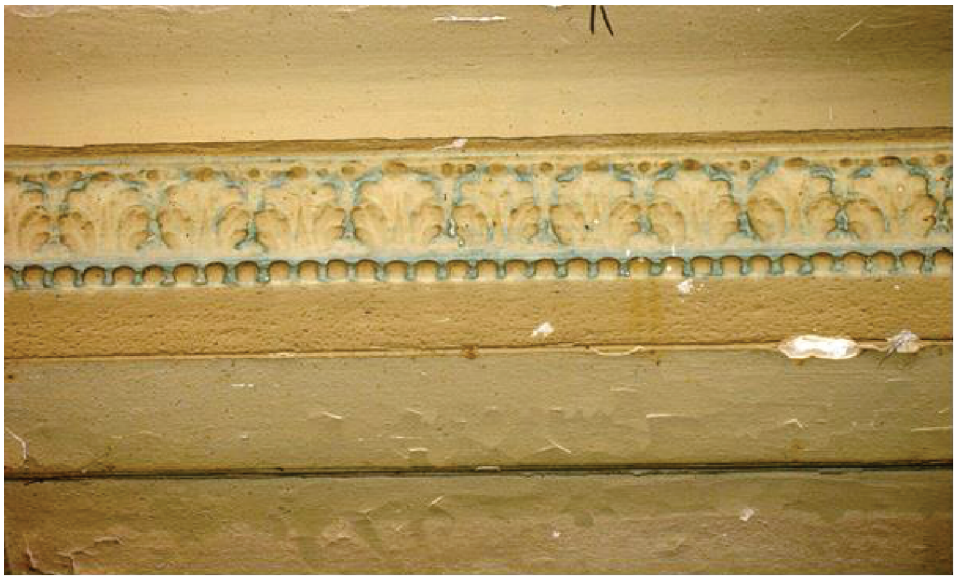
Com a retirada então dos forros e divisórias dos escritórios, reaparecem as pinturas parietais originais da década de 1920, desvendando às vistas o trabalho da equipe de pintores decoradores da qual Ido Finotti participou (figuras 12 e 13).

Fig. 12 - Teto - Hotel Esplanada - após retirada de forros e divisórias dos escritórios do Grupo Votorantim - 2010



Fonte: Memoria Votorantim

Fig. 13 - Detalhe do roda-teto - Hotel Esplanada - após retirada de forros e divisórias dos escritórios do Grupo Votorantim - 2010



Fonte: Memoria Votorantim

Prosseguindo com o percurso de Ido Finotti, depois de terminado os trabalhos de pintura do Hotel Esplanada, o artista retornou a Uberaba, e casou-se em 1923 com Adelina Cicci, com quem ele mantinha namoro há quatro anos.

Ainda em 1923, por ocasião da construção do prédio da Companhia Força e Luz de

Uberabinha[14], o pintor foi convidado a fazer a pintura interna do imóvel, motivo que o levou a morar provisoriamente com sua esposa em Uberlândia.

> Os Finotti dizem que o primeiro a chegar a Uberabinha foi o Ido, em 1923. [...] Ido (casado com Cicci Finotti) montou a Confeitaria Na Hora [...] a partir dessa época, iniciou suas atividades artísticas [...] com óleo sobre tela e, eventualmente com aquarela. [...] seus quadros ficavam constantemente expostos nas paredes da Confeitaria. (SILVA, 2011, p. 57-58).

A participação de Ido Finotti nas pinturas parietais internas do imóvel da Companhia Força e Luz de Uberabinha[15] teve início no ano de 1924. A construção do prédio, localizado na esquina da Avenida João Pinheiro e Rua Tiradentes, com dois pavimentos, data do início do século 20 e tem suas origens históricas ligadas à energia elétrica em Uberlândia (figura 14). As linhas arquitetônicas são em estilo eclético, com formas neoclássicas, apresenta características construtivas, técnicas e ornamentais típicas das construções das primeiras décadas do século XX[16]. Na mesma época, no terreno ao lado, na Rua Tiradentes, o Coronel Clarimundo Fonseca Carneiro, um dos fundadores da Companhia, construiu sua residência.

Fig. 14 - Companhia Força e Luz - 1929



Fonte: Uberlândia (1929)

[14] Até o ano de 1929, a cidade de Uberlândia denominava-se Uberabinha.

[15] A primeira companhia de energia elétrica de Uberlândia - Companhia de Força e Luz de Uberabinha - foi criada em 1912, e seu novo imóvel construído na década de 1920. Em 1929, foi criada a Companhia Prada de Eletricidade que comprou o patrimônio da Cia de Força e Luz. O imóvel de dois pavimentos, implantado no terreno da esquina da Praça Clarimundo Carneiro e Rua Tiradentes foi construído para alojar a administração da Cia Prada. A construção do imóvel é atribuída a Fernando Vilela e ao arquiteto e construtor Cipriano Del Fávero (também pintor-decorador como Ido Finotti).

[16] Dados disponíveis no dossiê <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/5509.pdf>

Nove anos depois (1929) a Companhia Prada de Eletricidade comprou o prédio tornando-se a nova administradora do fornecimento de energia elétrica, e em 1973 a CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais) encampou o imóvel e a administração da Companhia Prada, e finalmente em 1995, a Prefeitura de Uberlândia adquiriu o imóvel e realizou adaptações para abrigar a Oficina Cultural[17].

Essas sucessivas mudanças de proprietários e frequentes reformas, associadas ao descaso para com o patrimônio histórico artístico e cultural, acabaram lamentavelmente por eliminar as pinturas parietais originas realizadas por Ido Finotti no prédio da Companhia de Força e Luz, pois Uberlândia:

> ... inscreve-se em um universo de cidades brasileiras de porte médio que passaram por uma rápida transformação urbana, consequência de seu crescimento econômico ocorrido nas últimas décadas. Essas cidades, em nome do desenvolvimento, tiveram seu patrimônio arquitetônico e urbanístico substituído por outras estruturas identificadas com o progresso e a modernidade que almejavam, desprezando o seu passado. [...] as adaptações e reformas marcam grande parte de suas construções, onde as características originais se diluíram em sucessivas interferências. (ATTUX, 2012, p.1).

Durante essa permanência em Uberlândia, Ido Finotti e Adelina Cicci tiveram o seu primeiro filho: Hilton Finotti, em 18 de dezembro de 1924.

Terminado o trabalho na Companhia Força e Luz, voltaram para Uberaba no início do ano de 1927, onde nasceu o seu segundo filho Ulisses Finotti (06 de fevereiro de 1927). Essa fase, porém, em Uberaba foi curta e atendendo a convites decidiram retornar[18] para Uberlândia, desta vez para morar definitivamente, fixando residência e dando prosseguimento ao seu ofício. No ano de 1930 nasceu Wilma Finotti, a terceira filha do casal; em 1933 a quarta filha: Regina Finotti, e o quinto, Reginaldo Finotti em 1935.

Depois de Ido Finotti fixar residência em Uberlândia, seus pais (Cesare Finotti e Tereza Bertassoli) e seus irmãos vieram de mudança definitiva para Uberlândia:

> Em 1931 a família se deslocou para Campinas e, por volta de 1933, mudaram para Uberlândia, onde já residia a maioria de seus filhos e netos. Nessa cidade, alugaram casa na Rua Vigário Dantas 48, onde residiram até 1942, quando então se mudaram para Rua Felisberto Carrijo 246. (FINOTTI, Leonel, 2015, p.4).

---

[17] A Oficina Cultural atualmente funciona no antigo prédio da Cia Força e Luz, e é voltada a promover ações e projetos de formação, qualificação e aperfeiçoamento da comunidade, fomentando a experimentação em arte e cultura.

[18] A pesquisa não encontrou registros para confirmar se o ano do retorno se deu em 1928 ou 1929.

A execução de decorações parietais e de paisagens pintadas principalmente nas paredes de salas ou alpendres das residências foram o precedente para o artista dedicar-se posteriormente com mais intensidade às pinturas de paisagens em telas.

Ido Finotti foi proprietário de uma firma de pinturas residenciais em Uberlândia durante 18 anos na qual contava com uma média de 12 pintores auxiliares sob sua liderança. O trabalho abrangia fazer raspagem de paredes, remendos de reboco, nata de cal, pinturas. Ido Finotti exigia bastante capricho em todas as tarefas[19]. Utilizava uma técnica que na época denominava-se "plastex" (massa feita de gesso, óleo e aguarrás para fazer texturas e modelagens decorativas sobre paredes). Essas texturas em temas florais, geométricos ou infantis eram aplicadas com moldes de madeira ou metal, com auxílio de espátulas e pintadas posteriormente após completa secagem.

As pinturas mais finas e artísticas eram exclusivamente executadas por Ido Finotti, muito usadas nos alpendres e salas de residências de famílias mais abastadas da época, por ser um trabalho de alto custo, denotava luxo e poder aquisitivo dos proprietários dos imóveis. Era raro encontrar quem soubesse fazer esse trabalho, de modo que todos o admiravam[20].

Um exemplo dessas pinturas decorativas atribuídas a Ido Finotti ainda permanece, em parte conservada, no imóvel situado à Rua Vigário Dantas, 138 - Uberlândia, que foi residência da família Ribeiro, construída em 1936, pelo construtor italiano Silvio Rugani (figuras 15, 16 e 17). A edificação, que hoje abriga a escola de Inglês Casaréu, era propriedade do Dr. Olavo Ribeiro que ali morou com toda a família:

> A ideia inicial seria de uma reforma no imóvel que existia no local, e no ano de 1936, foi contratado o Sr. Rugani para realizar a alteração na fachada do imóvel. Mas, acabou acontecendo a construção de uma edificação completamente nova, que abrigou não apenas a residência da família mas também o consultório do Dr. Olavo Ribeiro, com acesso distinto pela lateral. O imóvel transita pelas características da arquitetura eclética e protomoderna produzida no município de Uberlândia no início do século XX, com porão alto e alpendre com acesso lateral. [...] Em uma das paredes internas possui pintura decorativa, atribuída ao artista plástico Ido Finotti, que cobria as paredes de uma das salas, atualmente esta pintura está restrita a dois quadros delimitados por uma moldura em gesso. (UBERLÂNDIA, 2012b).

[19] Informações baseadas em depoimento de Orlando Neves em 19 de set. de 2015.
[20] Informações baseadas em depoimento de Orlando Neves em 19 de set. de 2015.

Fig. 15 - Antiga residência de Olavo Ribeiro e família



Fonte: O próprio autor

Fig. 16 - Uma das salas da residência com parte da pintura decorativa de Ido Finotti



Fonte: O próprio autor

Fig. 17 - Detalhe da pintura decorativa de Ido Finotti.



Fonte: O próprio autor

Analisando essa pintura parietal, entendemos que antes da execução da pintura decorativa há um tratamento da superfície da parede que posteriormente é revestida com o fundo azul. Sobre esse fundo a pintura é aplicada através de estêncil[21], com as linhas em tom de azul marinho, os desenhos florais e as formas geométricas em cor prateada. As composições se dispõem de maneira organizadamente repetitiva. Em áreas intercaladas foram aplicadas nuances de tinta cor vinho amarronzada, conforme se percebe no detalhe (figura 17) e, finalmente toda a parede recebe uma camada de verniz.

Ido Finotti desempenhou também as pinturas no interior da Catedral de Santa Terezinha. A construção da igreja teve suas obras iniciadas em 1933 e foi inaugurada em dezembro do ano 1941[22]. Na fotografia do espaço interno da igreja (figura 18) percebe-se a decoração no teto produzida com gabaritos quadriculados. As faixas verticais e as colunas apresentam a pintura de fingimento marmorizado.

---

[21] Estêncil: folha de metal, papel ou outro material adequado, perfurada com um desenho ou inscrição, que é usada como máscara para a reprodução do padrão em papel ou tecido, mediante a passagem de tinta pelos orifícios. Na França, é conhecido como *pochoir*. (Dicionário Oxford de Arte).

[22] Jornal Correio de Uberlândia, 04/09/2015. Caderno Cidade e Região. Catedral Santa Terezinha de Uberlândia é oásis em meio ao caos - Adreana Oliveira.

Fig. 18 - Interior da Catedral de Santa Terezinha - década de 1960.



Fonte: Universidade Federal de Uberlândia - UFU - CDHIS

Conforme relato de Orlando Neves que em 1932, aos doze anos de idade, foi trabalhar com Ido Finotti como aprendiz de tratamentos e pinturas parietais, o fingimento era uma das técnicas usadas por ele. Consistia em fazer um barrado em paredes, geralmente de um metro de altura a partir do piso, aplicando a tinta executando os veios, ou outros desenhos, com cores específicas de modo a imitar madeira ou pedra, e por último era dado o acabamento final com o envernizamento[23].

O conceito da palavra fingimento, em arte decorativa, dado por Corona e Lemos (1972) é "o nome de certos trabalhos de pintura que imitavam o mármore, a pedra ou a madeira", e também descrito por Aguiar:

> Entende-se por pintura de fingidos um tipo de decoração pictórica aplicada a revestimentos arquitetônicos, interiores e exteriores, sobre pedra, alvenaria, rebocos, barramentos, estuques e madeira, recriando materiais nobres, exóticos e valiosos, como determinados tipos de madeiras e pedras, tartaruga, laca, tecidos e inclusivamente azulejos. (AGUIAR, 2001, p.7).

[23] Informações baseadas em depoimento de Orlando Neves em 19 de set. de 2015.

Por três décadas as pinturas de Ido Finotti perduraram nas paredes internas da catedral, até que esta veio passar por várias interferências. As reformas mais representativas foram em 1967/1970 quando foi feita a pintura externa e uma reforma interna; em 1971 o salão paroquial foi reformado, e em 1994/1995 foi concluída a última reforma que lhe conferiu as características atuais. As modificações por que passou ao longo dos anos, foram consideráveis. Internamente, as pinturas decorativas marmorizadas das paredes internas foram substituídas por um barrado de cerâmica (UBERLÂNDIA, 2007). Portanto essas drásticas descaracterizações da aparência original pôs fim ao trabalho do artista naquele imóvel.

No relato sobre o tio artista, Leonel Finotti comenta que Ido Finotti utilizava, nas pinturas parietais, moldes feitos em papelão grosso e para a aplicação de tinta ele usava um aspersor cujo ar provinha de um cilindro movido à mão. Um exemplo dessa pintura decorativa aparece na figura 19 (aniversário da Tereza, filha de Esterino Finotti). A faixa logo abaixo do teto e os desenhos distribuídos pela parede (figuras 20 e 21) são trabalhos do pintor feito para quartos de criança.

Fig. 19 - Pintura decorativa de Ido Finotti em quarto de criança - 1938 - Uberlândia

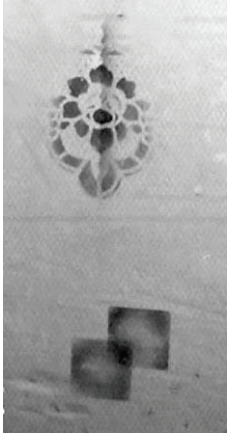


Fonte: arquivo Leonel Finotti

Fig. 20 - Detalhe - motivos infantis: crianças brincando



Fig. 21 - Detalhe - motivos florais e geométricos



Nas figuras 22 e 23 abaixo, temos outro exemplo, também em quarto de criança; na parte superior aparece um pequeno detalhe do roda-teto de autoria de Ido Finotti.

Fig. 22 - Roda-teto pintado por Ido Finotti em quarto de criança - 1945 - Uberlândia



Fonte: Luzélia Finotti

Fig. 23 - Detalhe do roda-teto - motivos infantis: patos, borboletas e flores



No seu relato, Leonel Finotti prossegue dizendo que o pintor-decorador também pintava placas para fachadas de estabelecimentos comerciais da cidade como no caso da Alfaiataria Finotti, que se situava na Av. Afonso Pena, 284 (figura 24).

> Na fachada da Alfaiataria Finotti nota-se a placa com o nome do estabelecimento, feita por Ido Finotti. Ele pintava sobre a chapa metálica desenhando as letras a mão livre. Outras placas semelhantes foram feitas por ele em Uberlândia, entre elas a das Casas Pernambucanas. (FINOTTI, Leonel, 2015, p.7)

Fig. 24 - Alfaiataria Finotti - Uberlândia - 1941



Fonte: arquivo Leonel Finotti

Segundo Neves (2015), Ido Finotti nas horas vagas se dedicava às telas artísticas de paisagens. Foi também sócio de uma loja, com José Roquete, chamada Casa das Tintas, situada na Avenida Afonso Pena 709, próxima da Rua Tenente Virmondes, em Uberlândia. Os produtos mais vendidos eram tintas a óleo, esmalte sintético, solventes, pincéis e espátulas, mas havia também alguns materiais para trabalhos artísticos.

Também podemos encontrar alguns registros sobre a trajetória de Ido Finotti nas memórias de sua sobrinha Luzélia:

> O tio Ido e família moraram, em Uberlândia, primeiramente numa casa da Rua Felisberto Carrijo esquina com Rua Bernardo Guimarães. Lembro-me de que havia um cômodo pequeno e colorido onde ele guardava tintas. Depois mudaram para um imóvel em frente à Praça Cícero Macedo. Nesta casa havia um porão claro e grande onde era possível ficar-se de pé, com dois ambientes: um era usado como ateliê de Ido Finotti e o outro era onde se guardava os brinquedos de sua filha Regina. Havia um cavalete, diante do qual me lembro de ver o tio Ido sentado num banquinho, pintando. O acesso a esse porão era feito por uma escada no fundo da copa da residência. Na parede de fundo claro da sala de jantar havia uma pintura decorativa de Ido Finotti, com formas geométricas circulares repetitivas em cor verde claro e emoldurada em alto-relevo cor bege. Posteriormente eles mudaram para o apartamento sobre a Confeitaria na Hora. (FINOTTI, Luzélia, 2015, p. 2).

Em 1947, Ido Finotti iniciou uma nova etapa em sua vida inaugurando a Confeitaria Na Hora na Avenida Afonso Pena, 491, centro de Uberlândia. O estabelecimento contou com uma inauguração festiva e um concurso demonstrando a criatividade e o espírito empreendedor do artista, conforme descreve seu filho nas linhas abaixo:

> Por uma das surpresas que a vida oferece, José Perez (cunhado de Adelina) que era proprietário de uma padaria famosa em Uberaba, decidiu fechar o estabelecimento e mudar-se para Uberlândia. Ele então fez a Ido Finotti uma proposta de parceria para abrir uma confeitaria, que foi aceita pelo pintor. A confeitaria então foi instalada em 1947 com uma inauguração festiva no térreo do imóvel de dois andares construído por Ido e seu irmão Luiz Finotti, situado na Avenida Afonso Pena 491. O andar superior era o apartamento que servia de residência para Ido e sua família. Posteriormente Ido Finotti tornou-se o único proprietário do imóvel comprando a parte de seu irmão. Para a inauguração do estabelecimento, Ido organizou um concurso para que o público adivinhasse qual seria o nome da confeitaria. A divulgação do desafio se deu por meio de um folheto criado por ele e ainda por emissão da Rádio Difusora de Uberlândia, ambos anunciando que o nome da confeitaria seria revelado ao vivo "na hora" da inauguração. O nome estava no texto impresso do folheto e no texto anunciado pela emissora de rádio, portanto cabia às pessoas identificá-lo. Fruto de sua criatividade, o próprio Ido colou sobre um painel na fachada do futuro comércio a palavra CONFEITARIA seguida de uma interrogação, cujas letras foram fabricadas em madeira. Ninguém foi capaz de acertar o nome *Confeitaria Na Hora*, e não havendo ganhador, o premio em dinheiro foi encaminhado ao Asilo São Vicente de Paulo. (FINOTTI, R., 2014, p. 2-3).

Fig. 25 - Folheto do concurso para acertar o nome da Confeitaria na Hora
na ocasião da sua inauguração - 1947



1947

FENOMENAL CONCURSO !...

Premio de Cr$ 500,00 !

FINOTTI & PEREZ oferecem Cr$ 500,00 á pessôa que acertar o nome exato da Confeitaria que brevemente montarão nesta cidade, cujo nome encontra-se encerrado dentro de um envelope lacrado, em exposição, nas vitrinas da "A GOIANA".

Esta Confeitaria que terá anexo uma modernissima panificação mecânica, será instalada á Av. Afonso Pena n. 491, dispondo de um ambiente agradavel ás Exmas. familias e com pessoal capacitado para bem servir á todos.

BASE DO CONCURSO :

1o — O concurrente deverá preencher o coupon, no verso deste, escolhendo, como por exemplo, os nomes de Regina, Elite, das Familias, Para-todos, Central, etc.

2o — Cada coupon concorrerá somente com a escolha de um nome, não sendo validas as dualidades de nomes, salvo se os mesmos forem compostos.

3o — O coupon depois de preenchido deverá ser depositado nas urnas que se encontram na "Alfaiataria Finotti" e na "A Goiana".

4o — A apuração será feita na hora da colocação das letras correspondentes ao nome vitorioso, na placa respectiva, em dia e local previamente anunciados pela Radio local. Haverá tambem 9 premios de consolação no valor de Cr$ 50,00 cada um.

NOTA — : O nome da Confeitaria está neste boletim

Fenomenal Concurso !...

A Confeitaria vai se chamar :

Nome do votante :

Endereço :

Fonte: arquivo Cristiane Finotti

A figura 26 mostra o entorno da confeitaria em primeiro plano. À direita vê-se o Hotel Colombo, e no lado esquerdo o imóvel anterior ao Banco Mercantil é o sobrado da Confeitaria Na Hora, cuja lateral aparece visível na foto. O andar superior do sobrado abrigava o apartamento residencial de Ido Finotti, e aos fundos desse mesmo andar ficava o atelier de pintura do artista (onde se vê duas janelas sob uma cobertura clara).

Fig. 26 - Av. Afonso Pena - Uberlândia - Década de 1950



Fonte: Uberlândia, 1950

No entorno da Confeitaria Na Hora, região central de Uberlândia, havia lojas e empresas como Don Fernando, Móveis Testa, Bemoreira Ducal, Samello, Relojoaria Bernardi, ótica Moderna, Casa Coelho, A Goiana, Riachuelo, Banco Mercantil, Rádio Educadora, Cines Uberlândia, Avenida e Regente, Hotel Colombo, Garibalds, Uberlândia

Clube, Bar da Mineira e outras empresas que fizeram o movimento do centro da cidade daquela época:

> No universo entre as praças da Estação da Mogiana (atual Sérgio Pacheco) e Antônio Carlos (atual Clarimundo Carneiro), e as avenidas Afonso Pena e Floriano Peixoto, consolidou-se, nos anos 40, o principal setor de comércio varejista, de serviços e lazer da cidade [...]. Era ali que as pessoas iam trabalhar, encontrar-se nos cafés, confeitarias, bares, cinemas e no clube social; participar dos footings ao longo da avenida Afonso Pena, entre as praças Antônio Carlos (atual Clarimundo Carneiro) e República (atual Tubal Vilela). Estavam aí localizados também os principais edifícios públicos e privados, que se tornaram, ao longo do tempo, símbolos de Uberlândia e referência para os seus moradores. Dentre eles podemos destacar o Hotel Colombo, o Fórum, o Grupo Escolar Bueno Brandão, importantes referenciais urbanos até os anos 1970. (SOARES, 1995, p.122-123).

> O Cine Regente era o cinema localizado na Rua Machado de Assis no mesmo quarteirão da Confeitaria Na Hora. Havia um acordo entre Ido Finotti e o proprietário do mesmo para que os cartazes dos filmes fossem expostos em cavaletes na entrada da confeitaria, em troca de ingressos gratuitos do cine para o artista e família. (FINOTTI, R., 2014, p. 4).

Esse universo do entorno da confeitaria que concentrava boa parte do movimento do centro da cidade proporcionava ao artista o relacionamento com a comunidade. Ido Finotti fez deste estabelecimento uma “galeria de arte” pendurando em suas paredes as suas pinturas de paisagens permitindo que clientes, admiradores e curiosos pudessem apreciar suas obras de arte. Ele sempre foi um homem atuante na cidade de Uberlândia nas décadas de 1920 a 1970 como pintor parietal, pintor de quadros e comerciante. Relacionava-se com seus clientes e conhecidos, entre eles personalidades, políticos e lojistas do município: Cícero Diniz (diretor da FUTEL), Sebastião Lintz (juiz de direito), Sátiro Araújo Grama (contabilista), Norton Pereira Regal (proprietário dos Móveis Testa), Angelino Brunetto (farmacêutico), Antônio Calábria (proprietário da vidraçaria Rei do Quadro), Arlindo Rosseto (artista plástico), Virgílio Galassi (político), Cyro Avelino Franco (comerciante), Altamirando Dantas Ruas (radialista), Juvercino Elias (proprietário da Vidraçaria Imperial), Iracy de Lima (pintor parietal e pai do artista Helvio Lima), Cora Pavan Capparelli (musicista), Ubirajara Zacharias, Domingas Camin (professora, fabricante e fornecedora de queijos para a confeitaria), estudantes e vendedores principalmente os da vizinhança da Confeitaria Na Hora, e os hóspedes do Hotel Colombo, que a frequentavam para consumir lanches, pizzas, sorvetes, cafés, pães de queijo e comprar souvenires, baralhos, charutos, cachimbos, isqueiros e vinhos importados, o que fazia da confeitaria uma referência significativa de comércio para a cidade. Muitos desses frequentadores, vendo as pinturas de paisagens do artista-proprietário expostas

nas paredes da confeitaria as adquiriam, e consequentemente as levavam[24] para várias partes do país e até exterior. Temos o exemplo nas lembranças dos filhos do artista, de um frequentador anônimo proveniente dos Estados Unidos:

> Segundo minha irmã Regina, havia um morador do Edifício Testa, na vizinhança da confeitaria, representante da empresa SHELL e proveniente do Texas-EUA, que todas as noites a frequentava para tomar um drink. Ele adquiriu dezenas de pinturas de Ido Finotti que ficavam expostas nas paredes da confeitaria, levando-as para o seu país. (FINOTTI, R., 2014, p.4).

O papel de galeria que a Confeitaria Na Hora desempenhou por mais de três décadas é relembrado pelas memórias daqueles que ainda quando crianças tiveram experiências com esse ambiente de exposição, e também para os mais familiarizados, com o espaço do atelier do artista conforme abaixo destacamos:

> Lembro-me que ainda quando era menino, na década de 1950, meu pai e eu sempre passeávamos pelo centro da cidade de Uberlândia, íamos à Praça Tubal Vilela onde assistíamos a apresentação da Banda Municipal, em minha memória ficaram marcadas as luzes coloridas da fonte e a banda alegrando a criançada, que corria e deslizava nos pequenos morrinhos que existiam nos jardins da praça. Depois seguíamos até a Confeitaria Na Hora para tomar sorvete. [...] sendo considerada a primeira padaria boa e chique da cidade na época! A primeira vez que entrei na Confeitaria, eu tinha sete anos de idade. Ao entrar no estabelecimento percebi que do lado direito havia um balcão e a vitrine de pães. Do lado esquerdo via-se uma vitrine semelhante a uma estante de vidro expondo charutos, canivetes e souvenires. O que me mais me chamou a atenção foi a presença de quadros artísticos expostos na parede lateral esquerda. Mais à frente dessa parede via-se as pinturas de Ido Finotti com o tema de paisagens, e mais ao fundo as obras de Arlindo Rosseto prevalecendo temas florais (rosas). Pela primeira vez em minha vida estava diante de uma verdadeira galeria de arte permanente! As pinturas que mais me impressionaram foram as do artista Ido Finotti. Eu fiquei maravilhado com a experiência que despertou desde então o gosto, apreciação e interesse pela arte para o resto da minha vida. (SILVA, 2014, p.1).

> Um dos momentos mais fascinantes de incentivo à arte que ele dominava, era quando ele chamava os netos para pintar no seu ateliê. Ir a esse local era uma aventura para nós crianças, pois ficava ao fundo do apartamento num cômodo em cima da confeitaria e para acessá-lo era necessário atravessar uma passarela de cimento que passava por cima do telhado da padaria. Ao atravessar a passarela sentíamos uma mistura de medo e satisfação. Adentrando o espaço podíamos ver uma parte aberta e dois cômodos feitos

[24] Motivo pelo qual não é possível localizar muitas das centenas de obras produzidas por Ido Finotti, que se espalharam por várias cidades, não só entre conhecidos, mas também entre anônimos, dos quais não se tem contato.

> de tábuas, com muita tinta, pincéis, telas, cavaletes, fotos de paisagens diversas; enfim algo instigante, criativo e estimulador. Em um dos cômodos ele guardava nas prateleiras várias telas feitas de papelão com pequenos relevos, medindo aproximadamente 20x20 cm, de cor bege claro parecido com papel mata-borrão. Essas pequenas telas eram destinadas aos netos, ele simplesmente arrumava os cavaletes e as paletas deixando a nossa criatividade falar mais alto. Não me lembro dele direcionar ou ensinar técnicas, mas deixava a tela e as cores para que fossem usadas do modo como quiséssemos e por vezes explicava a mistura das cores dando diferentes tons. (FINOTTI, C., 2016, p.2).

Na figura 27 vemos a Confeitaria Na Hora na década de 1950, e na figura 28 observamos no lado esquerdo (onde se vê a placa da PEPSI) a confeitaria aberta ao público, e no andar superior, as janelas e sacada do apartamento do artista.

Fig. 27 - Interior da Confeitaria Na Hora - década de 1950



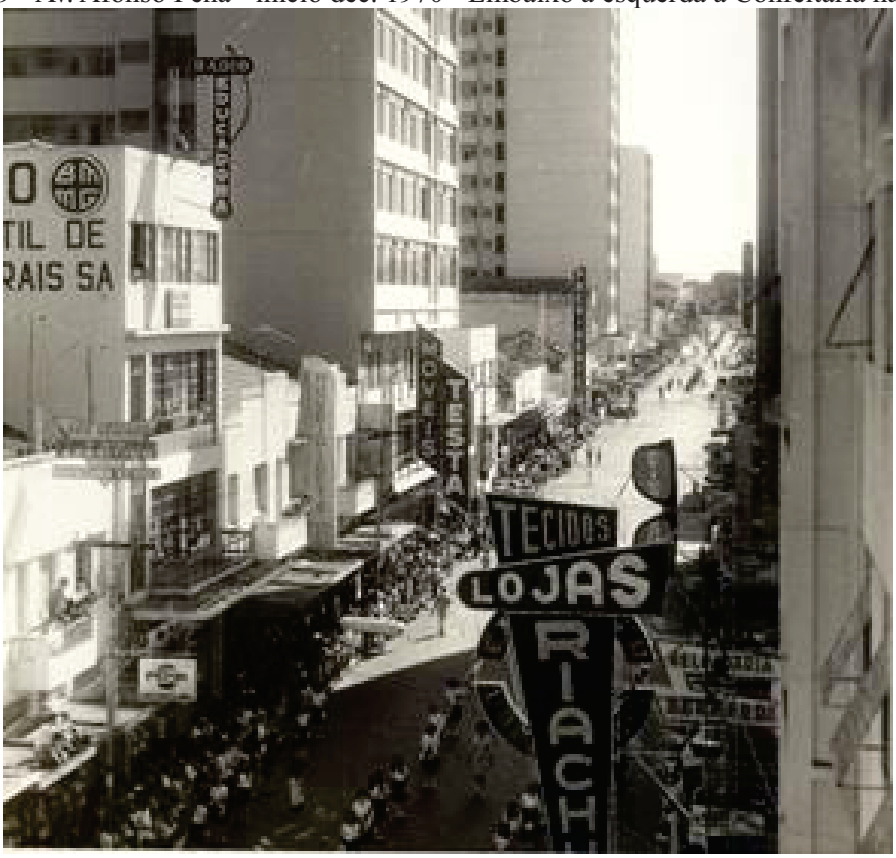
Fonte: Uberlândia (1950)

Fig. 28 - Avenida Afonso Pena, Uberlândia - década de 1970



Fonte: arquivo Cristiane Finotti

Fig. 29 - Av. Afonso Pena - início déc. 1970 - Embaixo à esquerda a Confeitaria na Hora



Fonte: Uberlândia (1970a)

Fig. 30 - Av. Afonso Pena - final da déc. 1970 - No centro da foto a Confeitaria na Hora



Fonte: Uberlândia (1970b)

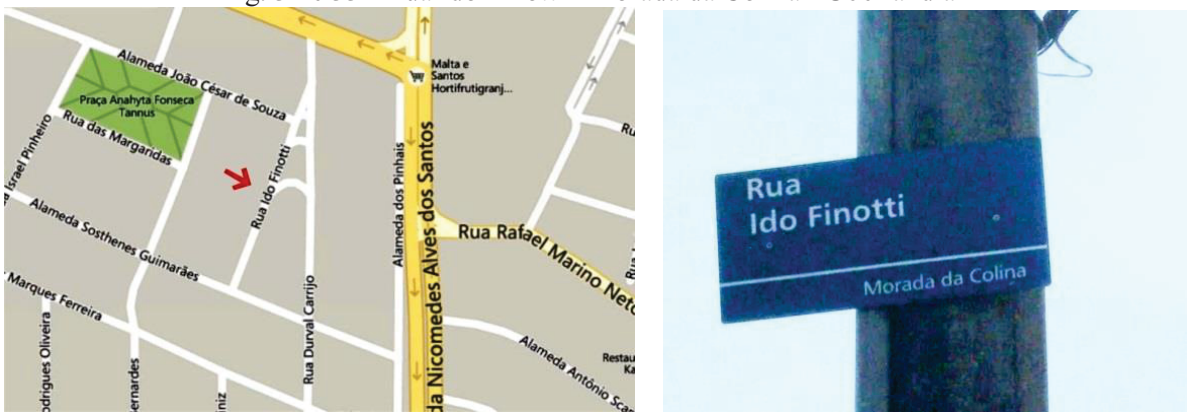
Fig. 31 - Netos e conhecidos de Ido Finotti na Confeitaria na Hora - 1975
No alto da parede as paisagens do artista, e embaixo fotografias expostas.



Fonte: arquivo Cristiane Finotti

A Confeitaria Na Hora foi um importante espaço para a introdução da pessoa de Ido Finotti na sociedade local como comerciante, e para inserção e circulação de suas pinturas como artista plástico. O período em que ela existiu, constituiu a fase mais intensa de produção de pinturas em tela de Ido Finotti. O estabelecimento teve seu funcionamento encerrado em dezembro de 1981, um ano após a morte do artista proprietário. Em reconhecimento à sua pessoa e obras, a sociedade uberlandense tem como homenagem uma rua (figuras 32 e 33) e uma galeria de arte com o nome de Ido Finotti (figuras 34 e 35).

Fig. 32 e 33 - Rua Ido Finotti - Morada da Colina - Uberlândia



Fonte: o próprio autor

Fig. 34 - Galeria Ido Finotti



Fonte: Uberlândia (2016)

Fig. 35 - Placa que dá nome à Galeria



Fonte: arquivo Cristiane Finotti

No decorrer de parte desse capítulo, descrevemos a abordagem sobre pinturas decorativas em paredes, atividade que Ido Finotti realizou na fase antecedente à da Confeitaria Na Hora. Entendemos que tais pinturas parietais decorativas são obras que podem ter um determinado tempo de vida breve ou longo, dependendo das circunstâncias a que estão sujeitas. Elas podem se extinguir por vários tipos de ameaças como o desprezo à conservação do patrimônio, desabamentos, catástrofes naturais, reformas, depredações e interesses comerciais. Muitas obras de decoração parietal executados por Ido Finotti não existem mais e poucas estavam documentadas ou registradas fotograficamente. Aquelas que a presente pesquisa encontrou foram registradas nas páginas desse trabalho.

Em relação às pinturas em quadros, são inúmeras as obras produzidas por Ido Finotti, vendidas e doadas por ele. O artista, que sempre gostava de usar terno cáqui cujo paletó ele mandava confeccionar um pouco mais curto do que o usual por sentir mais confortável, tinha o costume de presentear os seus quadros aos amigos e parentes em seus casamentos, e através de sua pintura de paisagem aspirava atingir escalas sociais mais altas.

Conforme as afirmações de Letícia Finotti Rezende sobre o seu trabalho em conjunto com os organizadores da *Exposição Retrospectiva Ido Finotti - 100 anos* (em 1999), foi realizado um levantamento baseado em informações, fotografias e lembranças, com o auxílio de familiares (nessa época o artista já era falecido) que resultou numa listagem enumerando 453 pinturas de Ido Finotti, incluindo todos os tipos de suportes: telas, papelão de caixas, madeirite, tacos e etc.

Portanto, o trabalho de pintor-decorador e empreendedor realizado por Ido Finotti em Uberlândia e região, a sua produção artística em telas, as exposições e as reportagens em jornais e revistas desempenharam significativo papel de inserção e circulação de suas obras na sociedade local.



3

As pinturas de Ido Finotti: diálogos com a ideia de paisagem

3 - AS PINTURAS DE IDO FINOTTI: DIÁLOGOS COM A IDEIA DE PAISAGEM

A produção artística de pintura em tela de Ido Finotti é composta quase que exclusivamente de pintura do gênero paisagem, com exceção de algumas naturezas-mortas. Para compreender melhor a poética da paisagem do artista, vamos discorrer primeiramente sobre um panorama de reflexões a respeito da ideia de paisagem no âmbito mundial e nacional respectivamente, e no segundo tópico entenderemos de modo específico o processo de criação das paisagens de Ido Finotti.

3.1 - A ideia de paisagem

Ao longo da história da humanidade, o ser humano sempre esteve rodeado de imagens, isto é, tudo o que está diante de seus olhos: elementos vivos (animais e vegetais), elementos geográficos (céu, rios, mares, rochas, montanhas) e também objetos criados e construídos pelo próprio homem no decorrer do tempo. Desde séculos estes elementos, que além do próprio volume, são formados por cores, movimentos e texturas, inspiram curiosidade e admiração. O homem os tem recriado em sua imaginação organizando-os em composições ou arranjos como forma de prazer e expressão construindo assim uma ideia. Esta ideia é apresentada por Kenneth Clark associada à ideia de natureza:

> Desde há séculos que [esses elementos] nos inspiram curiosidades e respeito, e têm sido objetos do nosso prazer. Temo-los recriado na nossa imaginação [...]. E temos pensado neles como elementos de uma ideia a que chamamos natureza. (CLARK, 1949, p.19 apud BLEY, 2006, p.1).

Anne Cauquelin em seu livro *A invenção da paisagem* traz uma reflexão sobre as origens da noção de paisagem inerente à condição humana:

> Mal creríamos ser a paisagem mero artifício. Mesmo que tenhamos provas disso. É que a paisagem já está ligada a muitas emoções, a muitas infâncias, a muitos gestos e, parece, sempre realizados. Ligada a esse sonho sempre renascente da origem do mundo - ela teria sido "pura", de uma pureza na qual nos mantêm os edens e à qual retornamos, não obstante nosso saber. (CAUQUELIN, 2007, p. 31)

Essas concepções de paisagem fazem menção à composição, imaginação, elementos, emoções, gestos, sonho. Para dar início a uma reflexão sobre a ideia de paisagem, levando em conta que essa questão é permeada por uma vasta literatura que de diferentes modos utiliza o termo paisagem, fazer uma abordagem teórica completa da ideia de paisagem seria uma tarefa exaustiva. Porém abrimos aqui um campo para discussão ao enfoque de algumas concepções através tempo, da imagem e do olhar, da criação e seus processos na interface entre artes plásticas, história da arte, arquitetura, filosofia e geografia, suscitando um panorama factível.

Segundo Clark (1949) o aparecimento e desenvolvimento da concepção de natureza, desde a idade Média é parte de um ciclo em que o espírito humano tenta "criar harmonia com aquilo que o rodeia" (CLARK, 1949, p.19) e que na antiguidade (marcada pelo sentido grego de valores humanos) este conceito de natureza desempenhava um papel secundário. Esse caráter secundário de representação o autor classifica como *paisagem simbólica*, onde os fragmentos da natureza são elementos dispersos num conjunto decorativo. Na sua classificação da paisagem, Clark ainda menciona mais três categorias. A *paisagem dos fatos* - são mais factuais e menos imaginativas, isto é ligada aos fatos, mas ainda presa à tradição. A *paisagem fantástica* - em que as antigas ameaças das forças da natureza já deixam de existir (século XV) e começa então o uso consciente do misterioso e do desconhecido, para criar horror; a influência provocada pelas viagens e explorações que alargaram o mundo (século XVI) e a exploração da luz. Por exemplo, Leonardo da Vinci descreve no seu tratado de pintura, a respeito do fogo no quadro noturno:

> As figuras que se veem contra o fogo ficam escuras no meio da luz do fogo; as que estão ao lado veem-se meio escuras, meio vermelhas, enquanto que as que estão atrás das chamas estão fracamente iluminadas pelas chamas rubras contra um fundo escuro. (DA VINCI, 1792 apud CLARK, 1949, p 64).

A *paisagem ideal*, quarta categoria na classificação de Clark, caracteriza-se pelo fato de que antes que a pintura de paisagem pudesse constituir um fim em si, tinha que se adaptar ao conceito ideal obedecido por todos os artistas nos trezentos anos que se seguiram à Renascença, devendo ilustrar um tema religioso, histórico ou poético, isso nos faz remeter à antiga expressão *Ut pictura poesis*[25] que foi lembrada nessa época.

[25] Expressão usada por Horácio na sua Arte Poética (c.20 a.C.), que significa "como a pintura, é a poesia" e que apesar de não possuir um significado estrutural, veio a ser interpretada como um princípio de similaridade entre a pintura e poesia. Plutarco esclarece ainda que tal comparação se baseia no fato de pintura e poesia serem, supostamente, imitações da natureza. <http://www.edtl.com.pt/business-directory/6962/ut-pictura-poesis/>.

Dando prosseguimento, de acordo com Clark (1949), na primeira metade do século XV a paisagem de símbolos com os fragmentos da natureza começa a perder a sua influência na arte, "para dar lugar gradativamente a uma paisagem mais realista unificada pelo uso da luz e não apenas pelo arranjo decorativo". (CLARK, 1949 apud FREISLEBEN, 2013, p. 23).

Sobre as mudanças a respeito da representação da paisagem no século XV, Isaac complementa mencionando que a relação entre a arte e a paisagem já poderia ser observada no Renascimento:

> A influência e a relação direta entre arte e paisagem retroalimentam-se, e podemos dizer que datam do Renascimento, a partir do século XV, quando surge uma pintura e uma intencionalidade em ordenar que elevam a paisagem à condição de tema pictórico por si só, deixando de ser apenas um pano de fundo (ISAAC, 2013, p.128).

Já no século XVII, considerado por Clark (1949) como a idade da botânica, "os pormenores da natureza começaram a ser examinados e classificados", e com o encerramento das guerras religiosas a pintura de paisagem passa a ser considerada como "um sintoma de calma" (CLARK, 1949, p.51). Posteriormente os pintores que Clark classificou como sendo da expressão da paisagem fantástica, tentaram explorar o desconhecido e o misterioso, por estarem envolvidos numa cultura que já encarava as ameaças da floresta como alheamento, vindo a ser conhecidos depois como expressionistas.

As diversas formas que a ideia de natureza apresentou ao longo da história e das correntes de pensamento na cultura ocidental é também analisada minuciosamente por Robert Lenoble. Na apresentação do seu livro *História da ideia de natureza* podemos ler as palavras de Joseph Beaude[26] a respeito da obra do autor:

> Não encontramos senão uma ideia de natureza, que toma sentidos diferentes segundo as épocas e os homens. É bom, pois, que tentemos apreender estas significações diversas que a ideia de natureza tomou no decurso das idades. (LENOBLE, 1990, p.17).

Lenoble relata que no passado da humanidade, a natureza exercia certo tipo de fascínio e de temor pelos mistérios que ela guardava em si própria, atuando assim um papel de autoridade e domínio sobre o homem. Mas pelo avanço da ciência (que o autor chama de mecanicista) e o desenrolar dos processos de industrialização nos últimos séculos, o homem deixou de olhá-la com reverência, a divindade da natureza foi desprezada de tal modo que os

[26] Joseph Beaude (escritor francês nascido em 1933, doutor em filosofia e ciências humanas).

papéis se inverteram: o homem impõe a sua dominação e exploração sobre ela que agora se rende aos desejos do homem:

> Mecanizada, a Natureza torna-se uma simples possibilidade de exploração técnica, em breve levada ao máximo pela indústria nascente e logo invasora. O homem trocou o seu modelo, a sua senhora, por uma ferramenta. Esta ferramenta é-lhe entregue sem uma nota a explicar o seu modo de emprego. O homem, a princípio divertido, não vai tardar a apavorar-se com o seu poder e com o vazio que criou desta forma em redor dele. (LENOBLE, 1990, p.279)

Conforme a explanação de Lenoble havia um misto de fascínio e temor que a natureza imprimia ao homem no passado pela sua experiência com a natureza em seu estado bruto: paisagem composta por árvores, florestas, animais e mistérios - um espaço mistificado pelo próprio homem. Era a forma de percepção do mundo e que foi se transformando com o passar do tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio de Lenoble, encontramos a afirmação de Cauquelin de que a representação da paisagem é uma forma de perceber o mundo, isto é a paisagem representada é a concretização de "elementos e valores de uma cultura". (CAUQUELIN, 2007, p.14). Sendo assim ela acredita que a paisagem é um modo de ver. Alain Roger confirma a mesma ideia ao escrever que "a função da arte é de instaurar a cada época, os modelos de visão" no sentido de dar aprimoramento sobre a ideia de paisagem. (ROGER, 2000, p.38). Ele ainda relata que essa visão não pode resumir em observar a natureza apenas a partir de um ponto, mas sim de vários ângulos de vista os diferentes tipos de paisagens.

Magalhães faz referência à noção de paisagem entre os séculos XVI e XIX, como espaço alcançado pelo olhar, de conotação bucólica e de paraíso perdido:

> A partir do século XVI até ao século XIX, o conceito de paisagem é influenciado pela acepção pictórica que lhe foi atribuída pelos pintores de paisagens, ditos paisagistas, dos quais os holandeses foram os primeiros mestres. Nesta acepção, o termo paisagem significava o espaço que o olhar abrange e estava conotado com a paisagem pastoril, de expressão mais ou menos naturalizada [...]. Nos séculos XVIII e XIX a paisagem adquiriu o significado de representação da natureza perdida pelo homem da sociedade industrial, na perspectiva do paraíso perdido. (MAGALHÃES, 2007, p.104-105).

O paraíso perdido nos faz remeter a Cauquelin, quando menciona a ideia do retorno aos édens, ao sonho renascente da origem do mundo, à saudade do jardim que o homem perdeu, e "de fazer parte dessa paisagem que nos leva para a nossa própria natureza, nossa

origem, nosso lar inconsciente". (LOBO, 2014, p.15).

Conforme Ambrizzi, os recentes desdobramentos da História da Arte têm trazido novos entendimentos para o tema da "natureza tomada no seu aspecto de paisagem" e assim refere-se a Simon Schama como autor que trata a pintura de paisagem como indicadora de valores culturais e locais:

> Nestes termos, o autor [Schama] ressalta as relações existentes entre a escolha dos elementos visuais e plásticos e as escolhas da cultura, identificando as formas enquanto uma mitologia da natureza no mundo ocidental, entendendo este termo no sentido histórico e semântico (significações). (SCHAMA, 1996 apud AMBRIZZI, 2013, p.4).

Schama, mencionado por Ambrizzi, faz essa referência à natureza como paisagem, especificamente na pintura, relacionando-a a valores culturais. Leo Name completa essa elucidação apontando que o conceito de paisagem é bastante flexível, ele pode ser influenciado pelo decorrer do tempo, sofrer variações, chegando até mesmo a atingir definições ambíguas e, desse modo o contexto em que esse conceito se insere deve ser levado em conta:

> Assim como a cultura, objeto de várias discussões dos antropólogos, a paisagem é conceito elástico, que facilmente pode ser apropriado a discursos ideológicos. A variação de suas definições ao longo do tempo, talvez mais que quaisquer outros conceitos, só pode de fato ser compreendida ao se avaliar o contexto que se apresentavam, ou seja, a geografia e a história social desses conceitos. [...] trata de um conceito dinâmico, com diversas escalas de tempo e níveis de observação. A paisagem possui elasticidade e ambiguidade, necessariamente sendo impossível se apreendê-la de forma totalizante e encarcerá-la em uma definição única. (NAME, 2010, p.179-180).

Desse modo observamos que existe uma unanimidade entre os autores de que a ideia de paisagem é polissêmica, e tomando aqui as palavras de Name, não pode ser encarcerada em uma única definição e nem ser apreendida de forma totalizante.

Prosseguindo agora especificamente para as reflexões sobre a ideia de paisagem e sua produção artística no Brasil, verificamos que ao longo de sua história, também houve variações e elasticidades como vimos nas abordagens que acabamos de arrazoar no âmbito universal.

Sobre a questão da paisagem no Brasil, Mattos afirma que nem sempre ela teve

caráter romântico, e complementa mencionando Migliaccio, que ela (no século XIX) fora caracterizada por ilustração científica:

> A pintura de paisagem produzida no Brasil, ao contrário daquela realizada na América do Norte e em alguns outros países latino-americanos, nem sempre foi marcada por tal repertório romântico. Como observa Luciano Migliaccio, nos tempos da colônia, as representações da paisagem brasileira associavam-se frequentemente a fins militares, ou econômicos e, mesmo após a independência, elas foram fortemente marcadas pelo universo da ilustração científica, característico da maior parte da pintura de viajantes europeus que transitavam pelo país. Apesar disso, entre as décadas de 1840 e 1850 podemos identificar alguns artistas que usaram a paisagem como veículo para a constituição de um discurso sobre o Brasil. Dentre eles, Félix-Émile Taunay (1795-1881) ocupa uma posição de destaque. (MIGLIACCIO, 2000 apud MATTOS, 2010).

Com o desenrolar do tempo o caráter da influência europeia começa a se alterar, como disse Porto-Alegre na sua invocação aos artistas: "Os nossos paisagistas devem ser americanos porque da natureza da América e particularmente da do Brasil, é que tirarão a sua glória e o seu pão". (PORTO-ALEGRE, 1959 apud DIENER, 2013). E assim o desenrolar da pintura de paisagem brasileira identificadas pelos investigadores da atividade artística de inícios do século XIX, se desdobra em duas vertentes: a histórica e a naturalista, surgindo uma "representação do território com conotações múltiplas" (DIENER, 2013).

Nessa representação histórica do território nacional enquadra-se o pintor Félix-Émile Taunay (Montmorency-França, 1795 - Rio de Janeiro-RJ, 1881) também poeta, escritor e professor de Pintura e Paisagem da Academia Imperial. Ele desenvolveu a sua arte em pintura de paisagem no Brasil no século XIX destacando-se com aquarelas e desenhos para o Panorama do Rio de janeiro (1824). Taunay "contribuiu de forma grandiosa e contemporânea à representação e compreensão da paisagem carioca". (DIAS, 2010, p.217).

Dentro do cunho naturalista da pintura de paisagem no Brasil, a temática da paisagem bucólica se instaura no panorama do final do século XIX e início do século XX com a crescente industrialização e urbanização do país. Essa temática adquire características regionalistas identitárias. Desse modo vários pintores se destacam na construção da história da pintura no Brasil, e muitos afloram isolada ou anonimamente em diversas regiões do país.

Nesse contexto de afloramento regional enquadram-se as paisagens do artista Ido Finotti representando o cerrado[27] triangulino, em cujas telas são pintadas cenas rurais com

[27] Tipo de vegetação caracterizado por árvores baixas, retorcidas, em geral dotadas de casca grossa e suberosa, espaçadas e que leva por baixo tapete de gramíneas. Ocorre no planalto central brasileiro.

casebres, paisagens de beiras de rios, queimadas no cerrado, árvores (especialmente o ipê como elemento em destaque na composição), e paisagens urbanas das cidades de Uberaba, Uberlândia e entorno. Esse tema foi por ele explorado com maior intensidade dentro do universo de suas obras, que compõe também, em número menor, pinturas de paisagens do litoral do Estado de São Paulo, de algumas cidades históricas de Minas Gerais e de natureza-morta.

Como dissemos, a maior parte do repertório artístico de Ido Finotti é ocupada pela temática de paisagem bucólica. No Brasil o gênero de pintura de paisagem com todos os seus desdobramentos, inclusive abrangendo temas bucólicos, regionalistas e nacionalistas é explorada por Almeida Junior passando por vários artistas, como por exemplo, a geração de Clodomiro Amazonas, João Batista da Costa, Lucílio de Albuquerque e outros, inclusive os artistas do chamado Grupo Santa Helena. Na sequência expomos um breve panorama a respeito das pinturas e artistas no contexto brasileiro.

As pinturas de Almeida Junior[28] (Itú-SP, 1850 - Piracicaba-SP, 1899), conforme descreve Araújo, apresentam paisagens e costumes do interior paulistano como parte da versatilidade de seu repertório:

> A pintura almeidiana denotava um olhar antropológico sobre os homens e os costumes do interior paulistano. Mas é preciso lembrar que os caipiras não representaram toda a sua obra. Almeida Júnior foi muito versátil. Pintou cenas de gênero, religiosas, alegorias, históricas, inúmeros retratos, paisagens e quadros de natureza-morta. (ARAÚJO, 2014, p.1).

O artista expressa em seus quadros a ideia de paisagem caracterizada pelo uso de cores e luminosidade regional opostas à "tradição eurocêntrica vigente na pintura acadêmica", e nessa temática pictórica naturalista/regionalista aborda os costumes e cotidiano do homem do interior. Por essas razões "uma parcela da crítica de arte brasileira vê Almeida Júnior como o 'pintor do nacional'" (ALMEIDA JUNIOR, 2016) sendo reconhecido com um prestígio que lhe garantiu lugar na historia da arte do Brasil. Na figura 36 temos um exemplo de suas paisagens com cena urbana do cotidiano regional.

[28] José Ferraz de Almeida Júnior.

Fig. 36 - Almeida Júnior - s/d - Rua de São Paulo antigo (R. da Consolação séc. XIX)
óleo s/madeira - 21x38 cm.



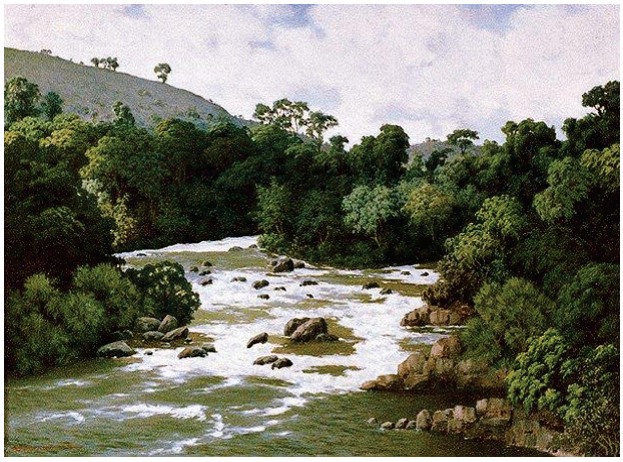
Fonte: Almeida Júnior (2016)

O pintor e restaurador Clodomiro Amazonas (Taubaté-SP,1883 - São Paulo-SP,1953) iniciou com 16 anos a sua trajetória em pintura, realizando restaurações em telas e afrescos do Convento Santa Clara, em Taubaté. Em 1906 teve aulas de pinturas com o artista Carlo de Servi (1871 - 1947) época em que já morava em São Paulo. A produção de paisagens do pintor:

> [...] são conhecidas pelas vistas de matas fechadas, riachos e colinas com árvores coloridas do interior de São Paulo [...] permanecendo fiel a uma fatura mais tradicional. Sua produção permite a aproximação com a pintura de Baptista da Costa (1865 - 1926), pela maneira de representar a natureza e pela paleta harmoniosa. [...] cria paisagens poéticas, em que se destacam exemplares da flora brasileira, como ipês, quaresmeiras e embaúbas, com perspectivas amplas e uma paleta de tons luminosos. (CLODOMIRO AMAZONAS, 2016).

O quadro de Clodomiro Amazonas intitulado *Rio do Peixe* (figura 37) representa essa temática com vista de riachos, matas e colinas que caracteriza a sua ideia de paisagem com caráter tradicional, no entanto pintada com tons luminosos.

Fig. 37 - Clodomiro Amazonas - s/d - Rio do Peixe - óleo s/tela - 56x75 cm

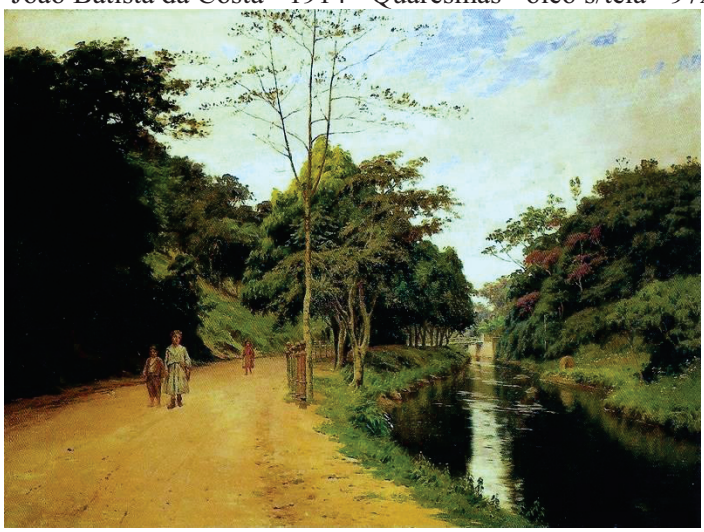


Fonte: Clodomiro Amazonas (2016)

O pintor João Batista da Costa (Itaguaí-RJ,1865 - Rio de Janeiro-RJ,1926) teve significativa importância na pintura de paisagem no Brasil na passagem do século XIX para o século XX. Tornou-se professor na Escola Nacional de Belas Artes em 1906 e diretor em 1915. As cenas pintadas pelo artista são estampadas pelos variados matizes de verde que caracterizam a natureza em nosso país, sendo por isso chamado de *o poeta verde* (NAGIB, 1984). Suas paisagens são compostas por um toque de panteísmo, conteúdo lírico e relação contemplativa com a natureza:

> A dedicação, cada vez maior à paisagem, é simultânea à sua aproximação de procedimentos de observação direta da cena brasileira. Baptista da Costa retrata a paisagem rural sem os arroubos românticos de Antônio Parreiras (1860 - 1937). Evita as idealizações dos pintores acadêmicos anteriores, procurando, em telas como *Quaresmas*, uma relação contemplativa com a natureza brasileira. (BAPTISTA DA COSTA, 2016).

Fig. 38 - João Batista da Costa - 1914 - Quaresmas - óleo s/tela - 97x130 cm



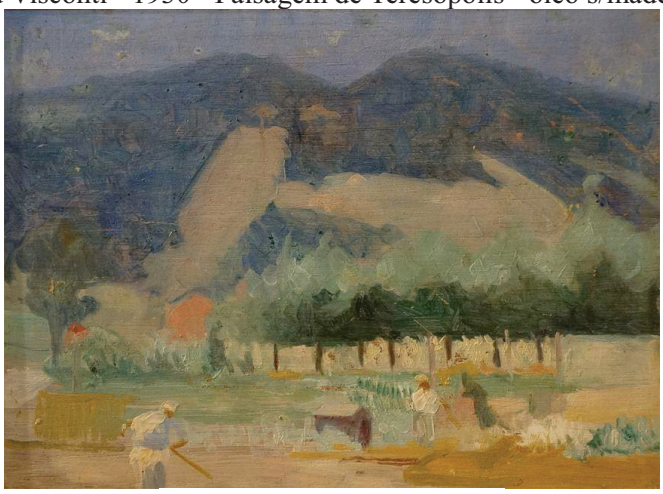
Fonte: Baptista da Costa (2016)

Outro artista que se destaca pelas suas paisagens é o pintor Lucílio de Albuquerque (Barras-PI,1877 - Rio de Janeiro-RJ,1939) também desenhista, vitralista e professor. Nas suas telas de pinturas realizadas em *plein-air*, ele sugere uma ideia de paisagem que se afasta da concepção realista da forma, com o uso de sólido desenho, para alcançar posteriormente efeitos cromáticos quase expressionistas (LUCÍLIO DE ALBUQUERQUE, 2016). Frequentou a Escola Nacional de Belas Artes (Enba) em 1896, estudando com Rodolfo Amoedo, Zeferino da Costa e Henrique Bernardelli. Albuquerque contribui com a construção da ideia de paisagem no Brasil em suas pinturas, como por exemplo, trabalhos de “pequeno

formato com vistas pitorescas, o casario colonial inspirado nas cidades históricas mineiras e *flamboyants* floridos da paisagem niteroiense" (GRINBERG, 2008, p.1).

Já o pintor Eliseu Visconti (Salerno-Itália, 1866 - Rio de Janeiro-RJ, 1944) foi também desenhista e professor. Além de paisagens o artista realizou muitos autorretratos. Mais sóbrios no começo do século, no decorrer das décadas de 1930 e 1940 os seus quadros são trabalhados com cores claras e vibrantes e com pinceladas largas. Estudou arte decorativa na École Guérin, de onde provém seu interesse pelo movimento *art nouveau*. O contato com as obras de mestres italianos do Renascimento, especialmente Sandro Botticelli e com o simbolismo, se traduz em sua pintura principalmente pela linearidade das figuras. Artista eclético dedica-se com liberdade à sua pintura, na qual dialoga com tendências contemporâneas como o art nouveau, o simbolismo, o pontilhismo e o impressionismo, buscando a atualização da arte em geral e decorativa no país.

Fig. 39 - Eliseu Visconti - 1930 - Paisagem de Teresópolis - óleo s/madeira - 26x34 cm



Fonte: Eliseu Visconti (2016)

Em 1950, Mário Pedrosa falou a respeito de Eliseu Visconti no jornal Correio da Manhã, de onde se lê o seguinte trecho: "Eliseu Visconti veio ligar o passado ao futuro da história de nossa pintura. Com ele, termina o hiato entre artistas de ontem, que chegaram até Baptista da Costa e os modernos..." (PROJETO Eliseu Visconti, 2016). Muitos outros críticos o consideram como precursor do modernismo brasileiro e elo de transição entre dois períodos da pintura nacional.

Esses dois períodos da pintura brasileira foram separados pelo surgimento do modernismo, entendido como o movimento que trouxe um rompimento com o

tradicionalismo nas esferas da cultura literária e artística no início do século XX. Foi um divisor de águas que buscava a independência cultural do país, a renovação estética e a experimentação contínua. Os primeiros passos desse movimento, que se deu em 1922 com a Semana de Arte Moderna na cidade de São Paulo, teve no campo da pintura a participação especialmente de Di Cavalcanti e Anita Malfatti. As obras de Lasar Segall (Vilna-Lituânia, 1891 - São Paulo-SP, 1957) e de Anita Malfatti (São Paulo-SP, 1889 - idem, 1964) apresentam valores expressionistas. Dentre as várias séries das obras de Segall, citamos as paisagens de Campos do Jordão em cujas telas são reinventadas cenas aparecendo caboclos, vacas, mulas e pequenas casas. (SEGALL, 1985). As figuras deformadas nos quadros de Malfatti causavam indignação por parte do público e da crítica, vistos como uma ousadia irritante, entretanto suas pinturas assumiram formulações diferentes no decorrer do tempo e do espaço. Entre suas produções há vários retratos. (BATISTA, 2006). Posteriormente surgem as pinturas de Tarsila do Amaral (Capivari-SP, 1886 - São Paulo- SP, 1973) revelando características surrealistas. As figuras (40 a 42) a seguir são exemplos de pinturas com o tema paisagem de Segall, Malfatti e Tarsila respectivamente:

Fig. 40 - Lasar Segall
1925 - Paisagem brasileira
Óleo s/tela - 64x54 cm



Fonte: Segall (1985)

Fig. 41 - Anita Malfatti
1915 - A ventania
Óleo s/tela - 51x61 cm



Fonte: Batista (2006)

Fig. 42 - Tarsila do Amaral
1925 - Palmeiras
Óleo s/tela - 86x73 cm



Fonte: Amaral (1975)

O modernismo brasileiro e seus desdobramentos imprime então a construção de uma consciência artística com espírito de nacionalidade e tendências construtivas, informais e abstratas. (GONÇALVES, 1997). Portanto há também nessa tendência uma produção de paisagem cuja questão plástica se evidencia como uma questão de moderno. Sobre a produção moderna no país deve-se levar em conta uma visão ampliada, incluindo obras precedentes à

década de 1920 como as de Eliseu Visconti e Giovanni Battista Castagneto, e aquelas que passaram à margem da Semana de Arte Moderna, como as dos artistas ligados ao Grupo Santa Helena.

A partir da década de 1930, surgiu então o grupo formado de pintores chamado Grupo Santa Helena, que se reuniam nos ateliês de Francisco Rebolo e Mário Zanini. Esses ateliês estavam situados no edifício Palacete Santa Helena (Praça da Sé, São Paulo-SP), posteriormente demolido para construção de estação do Metrô. Eles receberam essa denominação por referência ao nome do edifício onde se reuniam. O grupo surgiu em meio às transformações sociopolíticas da Revolução de 1930:

> Distante das ousadias da fase pioneira do Modernismo, a arte, pouco teórica e bastante prática, desenvolve-se amplamente no Brasil desde 1930. Calcada na visão direta do ambiente natural, humano e social, essa arte pertence a um quadro histórico e a uma política desfavorável à liberdade cultural. Entretanto, tem ganhos no processo de renovação plástica do país e nas buscas sociais. Essa afirmação apoia-se no espírito de união dos artistas. Por eles foram criados vários grupos relevantes para a trajetória da arte moderna, que enfrentava a oposição das tendências acadêmicas. Entre os grupos, um dos mais consistentes é o Santa Helena. Os decênios de 1930 e 1940 pontuaram a trajetória histórico-artística dos artistas desse grupo. Nesse período, São Paulo cresceu e modernizou-se com a expansão cafeeira e, depois, com a industrialização e o desenvolvimento do setor bancário e financeiro. Trens, bondes, luz elétrica, automóvel, calçamento, praças, viadutos, parques e os primeiros arranha-céus, transformaram sua fisionomia. (AJZENBERG, 2008, p.1)

Era de costume os pintores de paredes fazer ponto na Praça da Sé e proximidades, como Rebolo e Mário Zanini, sendo também artistas amadores e artesãos. Frequentaram à noite a Escola Paulista de Belas-Artes e lá conheceram Volpi, Graciano e Manoel Martins, e a partir daí o círculo santelenista foi crescendo à medida que outros se aderiam, com forte presença de italianos e descendentes:

> Além da origem imigrante e humilde, possuíam certas especificidades na formação: alguns chegaram a estudar no exterior, outros realizaram aprendizados na Escola Paulista de Belas-Artes e havia os autodidatas. Entretanto, o que predominou nesses artistas foi, indiscutivelmente, o esforço pessoal de aprimoramento. (AJZENBERG, 2008, p.1)

Eles exerciam a pintura decorativa de residências e outras tarefas, vínculo profissional que causou a sua aproximação. Do ponto de vista estético, é possível observar em suas obras releituras espontâneas ou indiretas do Impressionismo. Walter Zanini considera que a paisagem foi um veículo para que boa parte dos componentes do Santa Helena se

afirmassem:

> A paisagem foi para quase todos a via de afirmação por excelência. Aqui o Impressionismo germinava neles como ideia de pintura ao ar livre, de procura de sítios suburbanos e urbanos capazes de atender a seu apelo temático voltado para a vivência popular. (ZANINI, 1991, p. 121).

Sem as ousadias da vanguarda modernista, mas ao mesmo tempo guardando distâncias das regras acadêmicas, as obras dos santelenistas eram pintadas em grande parte através de pequenas telas, representando um "Modernismo contido", cujas pinturas "refletiram em primeiro lugar o estrato social a que pertenciam" e visível no seu caráter proletário (AJZENBERG, 2008). Entre os santelenistas, Alfredo Volpi foi caracterizado pelo autodidatismo e Francisco Rebolo estudou ornatos na Escola Profissional Masculina. Independente do fato de que os artistas do grupo tenham estudado ou não, o que predominava era o esforço pessoal de aprimoramento somado aos ganhos da atividade conjunta (ZANINI, 1991, p.94).

Fig. 43 - Francisco Rebolo -1935
Fazenda do Prada - óleo s/tela - 47x65 cm



Fonte: Zanini (1991)

Fig. 44 - Alfredo Volpi - 1950
Cidade de Criança - têmp. s/tela - 73x116 cm



Fonte: Alfredo Volpi (2016)

O gosto por pinturas em *plein air*, as paisagens humildes e despojadas, os ambientes operários anônimos, o litoral, as naturezas-mortas, e alguns outros motivos do modo de vida dos componentes do Grupo Santa Helena têm muito em comum com a poética de Ido Finotti. Não encontramos informações de que Ido Finotti possa ter estabelecido contato com os artistas do Grupo Santa Helena, porém notam-se muitas características comuns entre ele e os artistas do grupo, como a origem italiana e proletária; o modo de ganhar a vida como artesãos ou pintores de casas; a pintura de cavalete realizada nos momentos de folga; o autodidatismo, o ato de presentear quadros (ZANINI, 1991), o apego à representação da realidade levando a

pintar principalmente paisagens cujos focos são as vistas de sítios suburbanos, as praias e rios visitados nos fins de semana e as paisagens rurais. Também a preferência por locais anônimos no limite entre o campo e a cidade, identificando em suas obras uma preferência por tons rebaixados, de fatura fosca, dando uma tonalidade acinzentada aos quadros, a aspiração de atingir escalas sociais mais altas (ZANINI, 1991), e o trabalho com outros gêneros como a natureza-morta.

Sabemos, porém, pelo testemunho publicado no convite[29] da Exposição Retrospectiva de 1988, que Ido Finotti teve amizade com alguns artistas nacionais, entre eles Aldo Cardarelli (1915-1986) e Almeida de Carvalho, ambos de Campinas-SP, e Ettore Federighi (Muzambinho-MG , 1909 - São Paulo-SP, 1978), com os quais manteve contato e trocas de informações e experiências. Nas pinturas de Cardarelli é frequente a presença de casebres entre as paisagens e nas de Federighi predominam naturezas-mortas.

Através do panorama sobre a pintura no Brasil, que relatamos discorrendo sobre a as obras (em especial as paisagens) dos pintores citados em parágrafos anteriores, sem desprezar tantos outros que também são importantes por construírem a história da pintura no país, temos uma noção do ambiente desse gênero de arte do Brasil do início do século XX, cujos circuitos se concentravam principalmente nos grandes centros.

No caso específico da cidade de Uberlândia, conforme afirma Marco Andrade, o surgimento das atividades no campo das artes começa a ter início na década de 1930, mantendo um caráter tímido e embrionário até a década de 1970 quando surge então uma chance de ampliar os horizontes da produção artística local:

> [Em Uberlândia] com pouco mais de 100 anos de existência e de porte médio, a produção artística desenvolveu-se principalmente a partir das décadas de 1930 e 1940, de modo ainda bastante incipiente, estruturando um circuito de formação e exibição de obras apenas na década de 1970, com importante participação do curso superior de educação artística, habilitação em artes plásticas. (ANDRADE, 2009, p.1-2)

Nas últimas décadas, "a discussão em torno dos efeitos da globalização, derivada dos novos sistemas da comunicação e relações econômicas, trouxe a possibilidade de valorização de um multiculturalismo e, portanto, das produções locais". Nesse caso a produção local do artista Ido Finotti é compreendida como parte da contribuição na "fixação de referência e memória coletiva regional" (ANDRADE, 2009).

[29] Convite da Exposição Retrospectiva das pinturas de Ido Finotti -1988 - Uberlândia Clube.

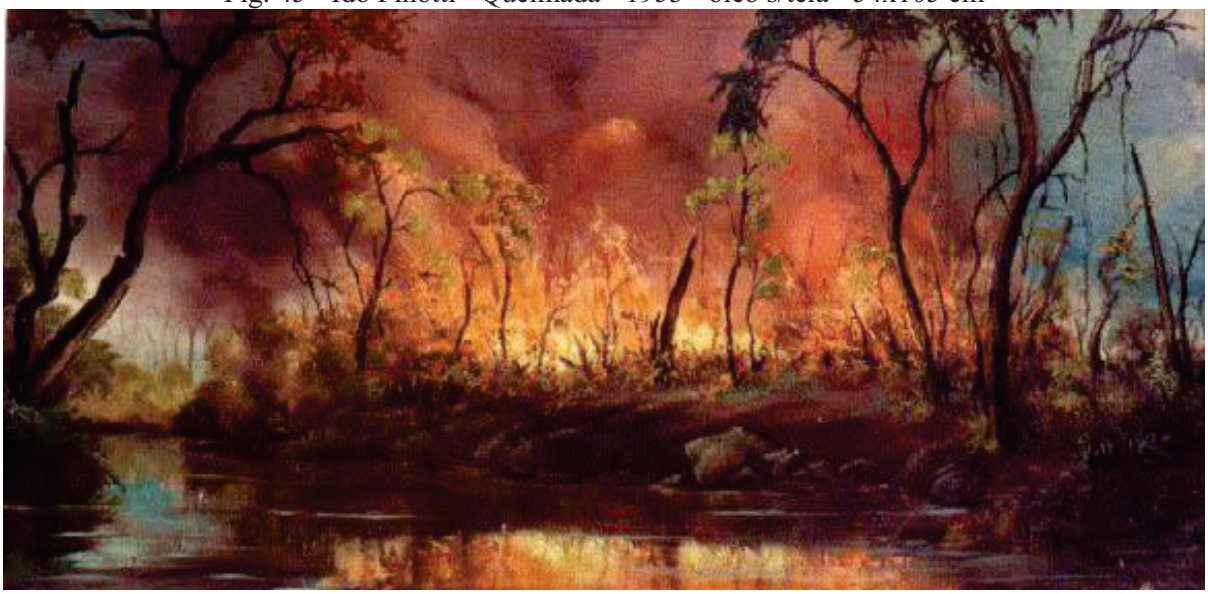
Sobre a produção local da paisagem em Uberlândia no sentido da construção da imagem como identidade regional Renato Doria acrescenta:

> Focalizando a produção singular da Paisagem a partir da cidade de Uberlândia, com sua estética ruralista, em um arco que passa pelas margens do moderno e chega à periferia da contemporaneidade, detectamos as articulações nacionais e globais deste regionalismo, que constrói imagens nunca neutras ou ingênuas, mas sim carregadas por fortes dispositivos de ativação ideológica. (DORIA, 2013, p.673).

No contexto desse entendimento de regionalismo e identidade local, prosseguimos com as reflexões sobre a ideia de paisagem nas pinturas de Ido Finotti, que na construção de imagens em suas pinturas, funde cenas vivenciadas com representações visuais, como por exemplo, em seus quadros da série Queimadas (figuras 45 e 46). Além de captar e registrar a realidade enquanto imagem ele as representa com carga ideológica, naturalismo e invenção. A respeito dessa ideia, Marco Andrade comenta que as pinturas do artista:

> Causam profunda empatia ao espectador, mesmo, e talvez especialmente, naquele que contemporaneamente habita as grandes cidades. Isso nos leva àquelas que, provavelmente, são suas melhores obras: a série das queimadas. Mesclando esse pictorialismo a um fenômeno que ocorre constantemente no cerrado, e que instaura sentimentos ao mesmo tempo de horror e maravilha, [...] Finotti sintetiza naturalismo e invenção, possibilitando variações cromáticas de um belo efeito plástico. (ANDRADE, 1999).

Fig. 45 - Ido Finotti - Queimada - 1953 - óleo s/tela - 54x105 cm



Fonte: acervo Aluísio Xavier Gibson Neto

A propósito, abrimos aqui um espaço para lembrar que as queimadas são um fenômeno recorrente na região do Cerrado, da qual o Triângulo Mineiro faz parte, e despertam interesse e sentidos. Ilustramos o tema, além da pintura de Ido Finotti na página anterior, com uma parte do poema *A Queimada* de Castro Alves:

> [...] O céu se iluminou.
> Eis súbito da barra do ocidente,
> Doudo, rubro, veloz, incandescente,
> O incêndio que acordou!
>
> A floresta rugindo as comas curva...
> As asas foscas o gavião recurva,
> Espantado a gritar.
> O estampido estupendo das queimadas
> Se enrola de quebradas em quebradas,
> Galopando no ar.
>
> [...] A queimada! A queimada é uma fornalha!
> A irara - pula; o cascavel - chocalha...
> Raiva, espuma o tapir!
> ...E às vezes sobre o cume de um rochedo
> A corça e o tigre - náufragos do medo -
> Vão trêmulos se unir!
>
> Então passa-se ali um drama augusto...
> N'último ramo do pau-d'arco adusto
> O jaguar se abrigou...
> Mas rubro é o céu... Recresce o fogo em mares...
> E após... tombam as selvas seculares...
> E tudo se acabou!...
>
> (CASTRO ALVES, 1865)

De acordo com a pesquisadora Gaspar (2015), as queimadas sempre ocorreram por razões naturais ou por serem provocadas pelo homem. As queimadas desde muitas décadas

têm sido utilizadas como forma de técnica agrícola (hoje consideradas arcaicas) representando uma porta aberta para propagação de incêndios. Indriunas (2008) também descreve essas ocorrências, naturais ou provocadas, como um problema ligado às questões ambientais[30], sendo um evento antigo de forte abrangência inclusive nas regiões de cerrado, e até mesmo faz referencia ao comentário de José Bonifácio de Andrada e Silva[31] pronunciado ainda no ano de 1820, sobre a recorrência desse fenômeno como um problema. Continuando essa abordagem, Antônio Pedrosa e Rita Souza acrescentam:

> As queimadas foram certamente uma das formas de rápida transformação do cerrado, levando ao desaparecimento de espécies vegetais e animais e provocando a erosão dos solos já que ficavam expostos à ação direta da precipitação e do escoamento superficial. [...] Clareiras eram abertas no entorno dos povoados e as queimadas precediam o cultivo, demonstrando uma desconsideração pela paisagem do cerrado, levando à sua rápida degradação, já que não existia qualquer instrumento legal de proteção deste domínio [...]. (PEDROSA; SOUZA, 2014, p. 361)

Ido Finotti representa as paisagens do Triângulo Mineiro mostrando-as no aspecto natural (figura 47) e também inúmeras telas do artista figuram paisagens de queimadas representando a degradação sofrida pela natureza (figuras 45 e 46). Em outras pinturas ele deixa aparecer detalhes na composição da paisagem, que sugerem resquícios de queimadas que por ali passaram (figura 48).

[30] Analisando os textos de Luís Indriunas e de Lucia Gaspar, percebemos dados de pesquisas, ações, legislações e estatísticas sobre o assunto das queimadas no Brasil como problema ambiental de grande recorrência principalmente nas regiões de cerrado.

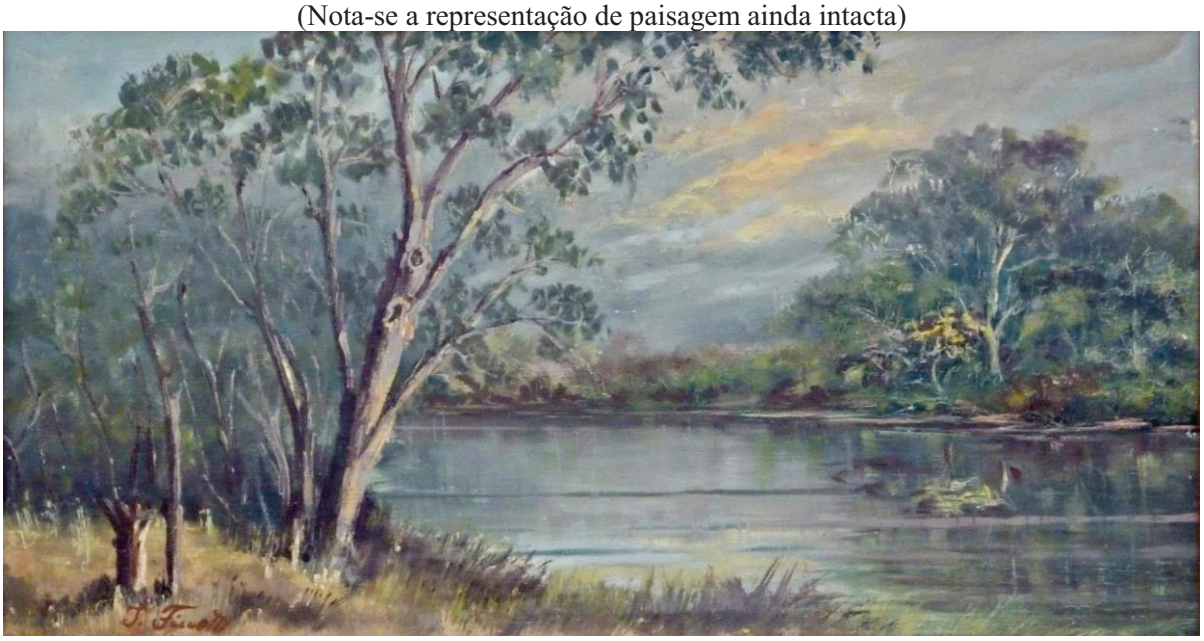
[31] Ainda em 1820, José Bonifácio de Andrada e Silva disse que as queimadas são um ato de "ignorância, associada à preguiça e má fé".

Fig. 46 - Ido Finotti - Queimada - 1962 - óleo sobre tela



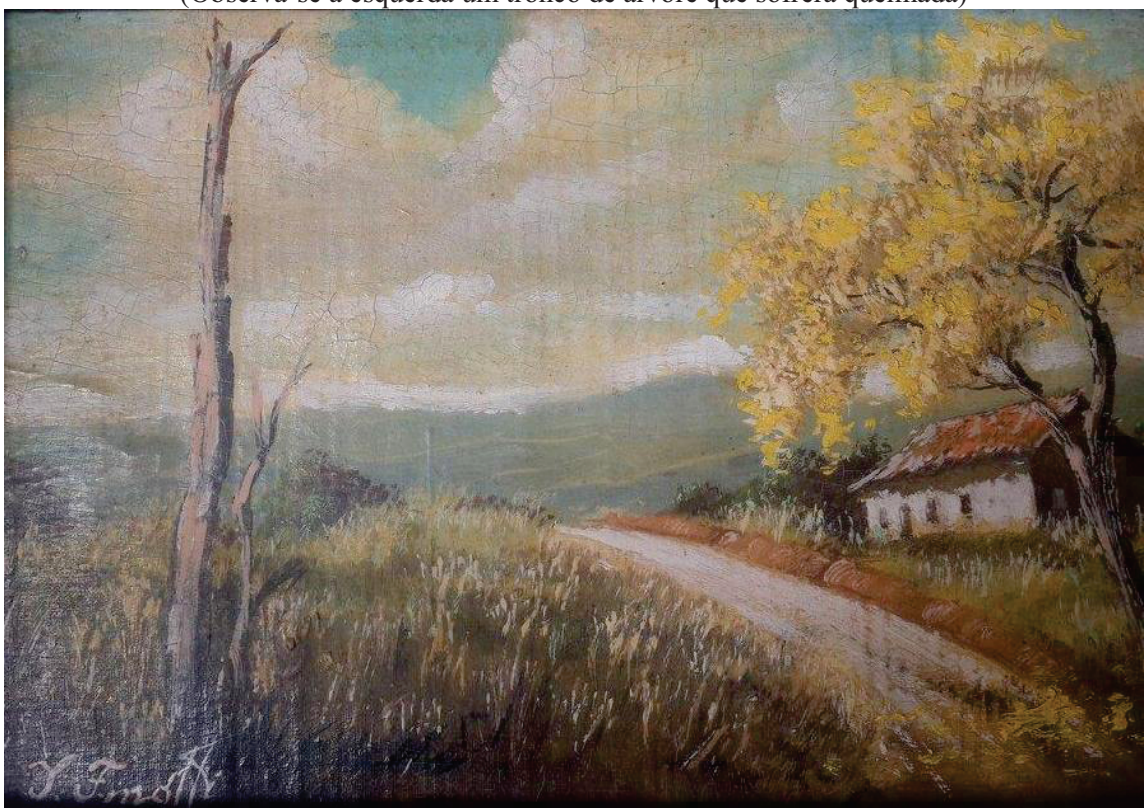
Fonte: arquivo Cristiane Finotti

Fig. 47 - Ido Finotti - Paisagem Rio Grande - s/d - óleo s/tela - 38x73 cm
(Nota-se a representação de paisagem ainda intacta)



Fonte: acervo Leonel Finotti

Fig. 48 - Ido Finotti - Estrada rural - s/d - óleo s/tela
(Observa-se à esquerda um tronco de árvore que sofrera queimada)



Fonte: acervo Eneriam Barbosa

A representação da transformação do cerrado pela ação das queimadas nas telas de Ido Finotti, já era um prenúncio das observações que Pedrosa iria expor sobre a realidade de que o cerrado triangulino[32] hoje, não é mais como no início do século XX, período da produção do artista:

> A paisagem no Triângulo Mineiro apresenta um mosaico diversificado de unidades, em cuja definição é muito mais importante a ação do homem do que a vegetação natural e as formas de relevo. A ação do Homem, na atualidade, é profundamente marcante e é indiscutível que o Cerrado, tal e qual como era conhecido no final do século XIX e inicio do século XX desapareceu no Triângulo Mineiro. (PEDROSA; SOUZA, 2014, p.367)

Sendo assim a ideia da paisagem aparece de maneira ambígua e interliga-se com a própria percepção da natureza. O deslumbre e os estranhamentos mesclam-se e permeiam as reflexões e as expressões com maior ou menor intensidade.

O tema das queimadas no gênero paisagem não é tão recente, ele foi representado na pintura brasileira do século XIX por Félix-Émile Taunay em 1849 no quadro intitulado *Vista de um mato virgem que se está reduzindo a carvão* (figura 49).

[32] Relativo à região do Triângulo Mineiro, Minas Gerais.

Fig. 49 - Félix-Émile Taunay - 1840 - Vista de um mato virgem que se está reduzindo a carvão
Óleo s/tela - 134x195 cm



Fonte: Dias (2015)

O artista francês Félix-Émile Taunay, que foi diretor da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro entre 1834 e 1851 apresentou essa pintura na Exposição Geral da Academia em 1842. Assim que assumiu a direção da Academia, a produção artística de Taunay passou a ser marcada por um novo modelo de paisagem, no qual o artista lançou mão de um registro bem próximo da ilustração científica, próprio dos artistas viajantes, combinado com motivos históricos. (DIAS, 2008). A tela *Vista de um mato virgem que se está reduzindo a carvão* é o registro da apropriação do território por meio da derrubada de uma floresta e traz implícita uma crítica de caráter ambientalista (DIENER, 2013). Documentos da imprensa da época mostram os elogios feitos às telas de Taunay, avaliadas então como "obras verdadeiramente nacionais":

> Assim, Taunay não só manifesta a sua consciência e preocupação com a destruição ambiental, mas também marca o caminho de uma nova abordagem para a pintura de paisagem no Brasil: representar o ambiente natural do país transformado pela ação do ser humano. Dividida em duas partes, a pintura narra as etapas da queima da floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, para a produção de carvão. À direita, a natureza grandiosa e intacta está prestes a sofrer o impacto que pode ser visto à esquerda, onde a

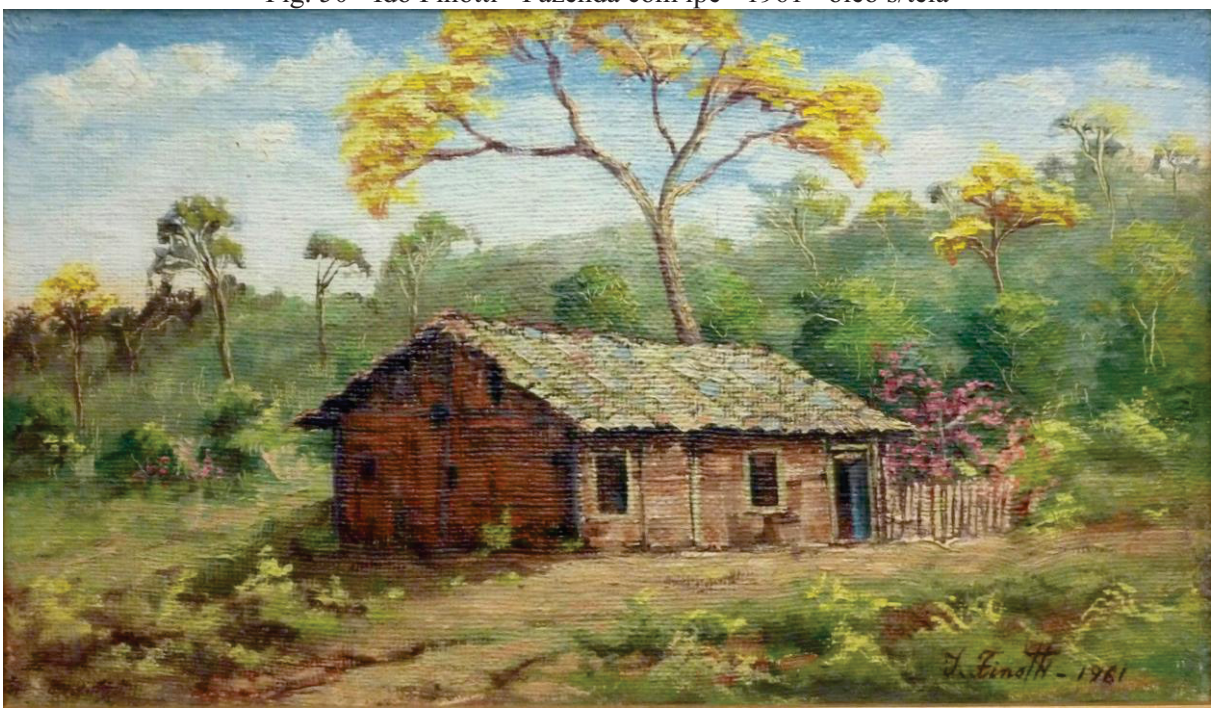
> vegetação de floresta foi cortada, queimada e reduzida a carvão. Pequenos grupos de homens inspecionam as árvores que vão sendo derrubadas, alinhadas, e transportadas em pedaços. No lado esquerdo, as fumaças de carvão que surgem a partir de um cemitério de toras, tomam a forma espectral de uma grande árvore. (DIAS, 2015, p.155)

Retomando as reflexões sobre a ideia de paisagem, a autora Yanci L. Maria faz uma relação dessa ideia com a expressão de um meio. O texto indica que neste contexto de relação homem-meio a paisagem expressa uma maneira de agir no mundo, ao mesmo tempo em que influencia esse agir.

> A paisagem é o sentido e a expressão de um meio. [...] Cada sociedade possui uma mediance, ou seja, o sentido de seu meio. É o caráter relacional, o traço que existe entre homem-meio, em seu movimento de vai-e-vem, sua *trajectivité*. [...] Ela expressa uma maneira de agir no mundo, ao mesmo tempo em que influencia este agir, sendo então compreendida como marca-matriz. A paisagem é permeada de sonhos, ela traz em si o potencial de se refazer. (MARIA, 2010, p. 119).

De alguma maneira essa expressão é percebida nas telas de Ido Finotti ao representar a paisagem natural, e mesmo quando há a presença da casa de fazenda (figura 50), essas casas estão em perfeita harmonia com a composição do cenário paisagístico.

Fig. 50 - Ido Finotti - Fazenda com ipê - 1961 - óleo s/tela



Fonte: acervo Leonel Finotti.

Ido Finotti demonstra ter em suas composições uma tentativa de congelar a beleza e a serenidade do meio intocado resguardando-o em seus quadros; uma preocupação com a perda da qualidade de vida que a natureza oferece com suas cores e sua tranquilidade, ameaçada pelo avanço da urbanização e a crescente mudança de vida rural para urbana:

> A mudança das relações do homem com a natureza se processa também graças ao modo de vida urbano, que proporciona um contato menor e menos profundo com o seu meio natural. Recuperá-lo significa construir uma relação que tem por base a perda e reinventá-lo no plano simbólico e estético, para poder ter o prazer de desfrutá-lo visualmente. (KERN, 2011, p.2)

A sua tentativa de expressar esta paz na paisagem rural sugere uma serenidade agradável aos olhos do expectador. Essa é uma expressão de caráter bucólico, pois diz respeito ao campo e seus fenômenos naturais (rios, vegetação), aos valores e hábitos rurais com o sentido de singeleza, simplicidade e ingenuidade, apesar da rusticidade do meio. Rusticidade que é tão visível na própria imagem do cerrado como a aridez, os troncos ressequidos e retorcidos, o calor, a erosão, os cupinzeiros: elementos elencados por Finotti para compor a paisagem do Triângulo Mineiro:

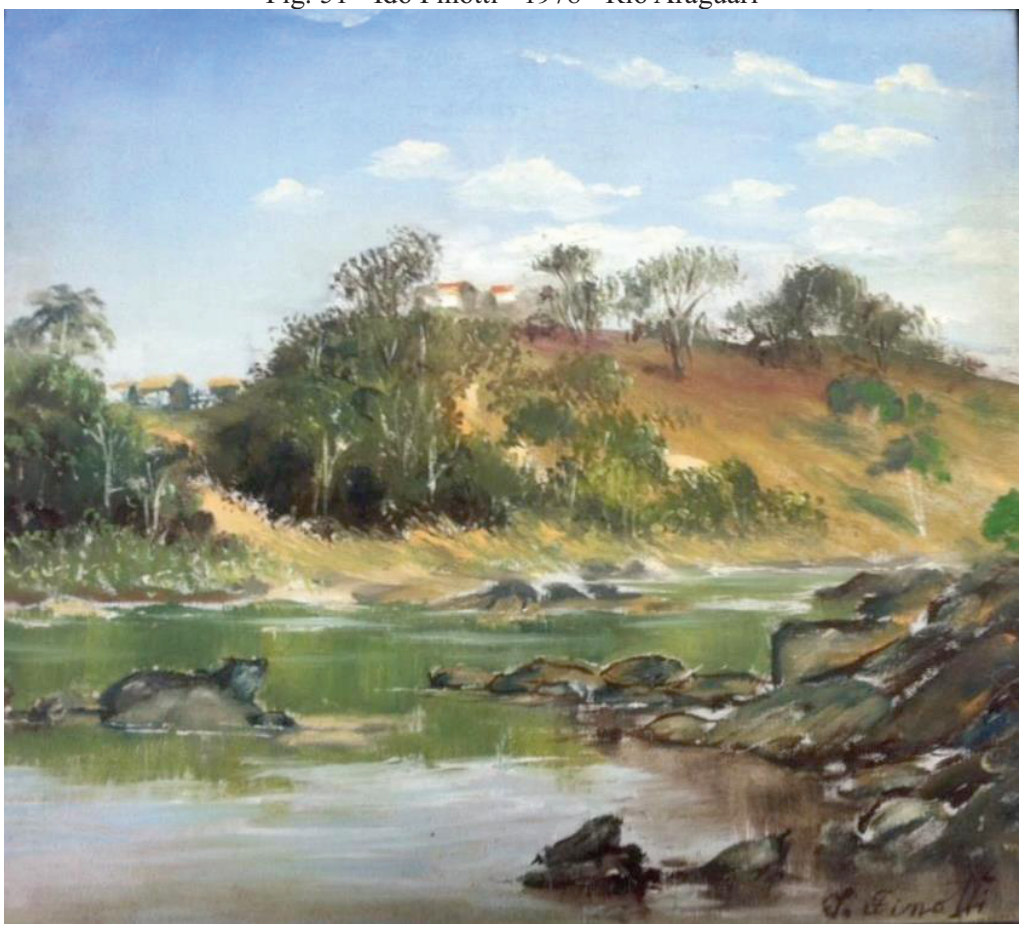
> Paisagem regional que seria constantemente reinventada e apropriada, em acordo com a crescente autoconsciência cultural que ocorre em Uberlândia ao longo do século XX. [...] Ido Finotti produz uma pintura que pode ser interpretada assim como parte dos esforços locais pela busca de uma reconstituição simbólica do espaço rural. Um idílio perdido em uma cidade que será palco de conflito entre o moderno e o arcaico, contrastando-se em seu interior a sensibilidade do mundo das fazendas e roças, presente ainda nos pequenos vilarejos da região, de temporalidade circular e estática, com os anseios e pretensões de uma urbanidade crescente e veloz, movida pela ideia recorrente do progresso. Preservação simbólica do espaço rural que é também expressão nostálgica de um reiterado desejo conservador, sendo frequente ainda hoje o desejo de muitos citadinos uberlandenses em possuir, além de suas residências no núcleo urbano, também fazendas e ranchos nos arredores rurais da cidade. Espaços que podem se constituir como locais de produção econômica, mas que são idealizados sobretudo como espaços de lazer e descanso. (Dó RIA, 2013, p. 679)

Dessa forma, viajando para dentro das paisagens de Ido Finotti percebemos essa ideia da relação com o contexto local e temporal, do desejo nostálgico de apreender a natureza. Todas as suas criações são pinturas de caráter figurativo, Finotti inspirou-se na

natureza triangulina, no cenário bucólico do cerrado, nos rios, nos casebres de fazendas, nas queimadas do mato, expressando uma relação pessoal e de expectador com o meio.

Os rios Araguari, Uberabinha, Tijuco e Cabaçal[33], todos integrantes da hidrografia do Triângulo Mineiro, lhe serviram de inspiração (figuras 51 e 52), e por várias vezes contou com a companhia de seu neto Eduardo Finotti para esboçar suas telas no cerrado (figura 53).

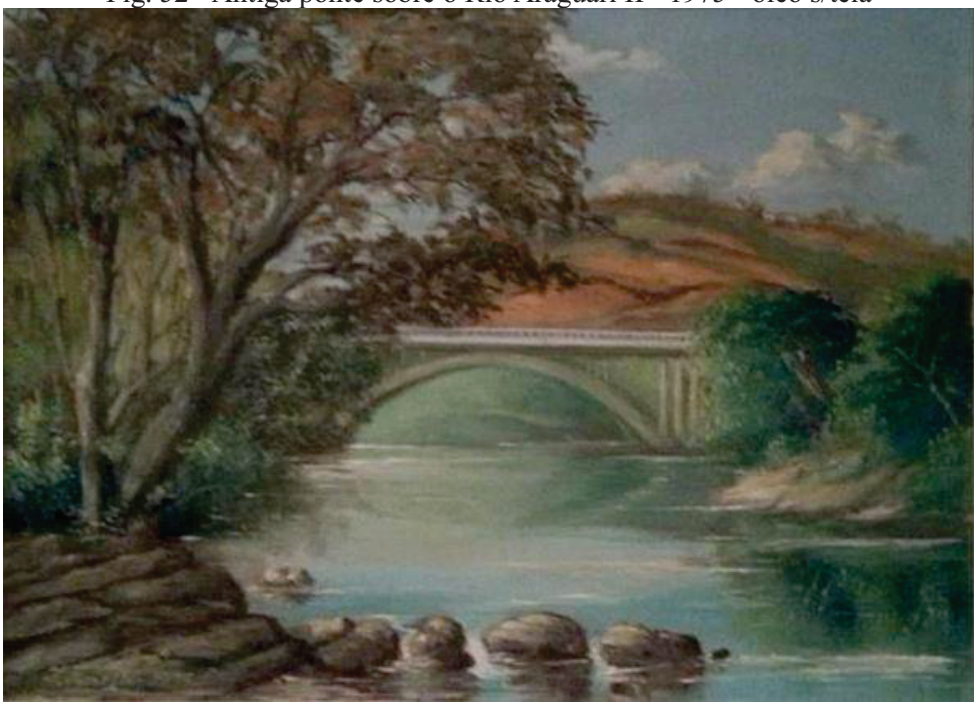
Fig. 51 - Ido Finotti - 1978 - Rio Araguari



Fonte: acervo Airton Gomes

[33] O Rio Araguari atravessa a região do Triângulo Mineiro, sua nascente fica no Parque Nacional da Serra da Canastra, município de São Roque-MG. O rio passa próximo a cidades importantes da região como Araxá, Uberlândia e Araguari, antes de desaguar no Rio Paranaíba, na divisa com Goiás. Sua extensão é de 475 km.
O Rio Uberabinha nasce no município de Uberaba, atravessa os municípios de Uberlândia (passando pela área urbana) e Tupaciguara até desaguar no Rio Araguari, numa extensão de 118 km.
O Rio Tijuco é um rio que deságua no Rio Paranaíba, sendo o seu segundo maior afluente em sua margem esquerda. Nasce no município de Uberaba e percorre nos seus 250 km oito municípios do Triângulo Mineiro: Uberaba, Uberlândia, Prata, Monte Alegre, Canápolis, Ituiutaba, Santa Vitória e Ipiaçú.
O Rio Cabaçal é um dos afluentes do Rio Tijuco.

Fig. 52 - Antiga ponte sobre o Rio Araguari II - 1975 - óleo s/tela



Fonte: acervo André Luiz F. Gibson

Fig. 53 - O artista em companhia de seu neto Eduardo Finotti na beira do rio. Ao lado a maleta e o cavalete para pintura em plein air. Década de 1970.



Fonte: arquivo Cristiane Finotti

3.2 - O processo de criação das paisagens de Ido Finotti

Como foi dito, Finotti elegeu elementos da natureza regional para construir suas composições. Para entender melhor essa construção e conhecer esses elementos, a pesquisa averiguou o processo de criação do artista.

Tais averiguações não encontraram anotações pessoais ou diários sobre seus procedimentos, ideias e intenções. Talvez porque não era costume de Ido Finotti faze-los, ou se existiram, foram perdidos após sua morte; se bem que em nenhum dos depoimentos foi mencionada a existência de fontes dessa espécie. Há também o fato de que ele era muito calado para com os seus filhos, motivo pelo qual não tiveram a oportunidade de absorver conhecimento mais profundo para depor sobre os seus processos de criação. Portanto, para conhecer esse processo, tomamos por base a análise formal das obras, os depoimentos daqueles que de alguma forma tiveram contato com o pintor, os registros fotográficos e os folhetos/convites de exposições. As informações colhidas pelos relatos confirmam-se com os resultados da observação e análise sobre as obras do artista, e dessa maneira, aproximamos da interpretação do seu movimento de construção. A respeito desse olhar Salles[34] menciona:

> Não há dúvida, no entanto, de que esse olhar interpretativo sobre o processo criador de uma obra específica oferece novas perspectivas para a compreensão do artista e, mais especificamente, da obra estudada. Os estudos genéticos podem, sob este ponto de vista, renovar os estudos sobre a obra de arte. (SALLES, 2000, p. 15)

Lançando esse olhar interpretativo sobre as pinturas de Finotti fica claro o seu interesse em comunicar a sua poética com uma atenção especial para com a paisagem regional. Para construir a imagem, o artista com frequência captava os esboços em *plein air*[35] para posterior pintura no atelier (figura 54).

---

[34] Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-São Paulo. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação. Autora dos livros: Gesto inacabado: Processo de criação artística; Crítica Genética: uma nova introdução; Redes da Criação: construção da obra de arte.

[35] Plein air: expressão francesa que significa *ao ar livre*.

Fig. 54 - Em seu atelier, Finotti lança a tinta sobre os esboços captados no campo



Fonte: arquivo Cristiane Finotti

A câmara fotográfica era outro recurso utilizado pelo artista para registrar as cenas que posteriormente seriam recriadas em suas telas, a esse respeito Andrade comenta:

> O uso da câmara fotográfica como meio de captar as cenas, colhidas nas muitas excursões ao campo, em alternativa aos tradicionais esboços a lápis, ou mesmo a uma pintura de *plein air*, que parece confirmar-se por alguns relatos, indica uma opção de construção da imagem mais próxima de Courbet que dos artistas de Barbizon ou dos impressionistas. Isso se reflete em uma obediência às formas que se afasta de qualquer arroubo técnico ou cromático mais ousado. (ANDRADE, 1999, p.4)

Mesmo quando o recurso da fotografia é utilizado, o agente produtor deixa sobre a tela, com as tintas por ele usadas, a marca do seu gesto artístico; o seu próprio corpo é o alongamento do pincel produzindo ali algo exclusivamente seu, o fruto de sua própria e única expressão.

Como foi dito, o artista não tinha costume de fazer anotações, porém de acordo com o depoimento de seu filho mais velho (FINOTTI, R., 2014) e sua nora, Ido Finotti era um constante assobiador, e estavam certos de que enquanto ele assobiava estava fazendo "anotações mentais". Essa característica revela o seu espírito observador e contemplativo sobre o ambiente ao redor. O seu olhar artístico estava constantemente atento às composições

que o entorno natural oferecia à sua mente criadora, e o tempo todo estava criando e recriando composições no pensamento imaginativo, refletindo e armazenando ideias. O ato de o artista recolher o que lhe interessa do seu meio, é descrito por Salles:

> O artista observa o mundo e recolhe aquilo que, por algum motivo, o interessa. Trata-se de um percurso sensível e epistemológico de coleta: o artista recolhe aquilo que de alguma maneira toca sua sensibilidade e porque quer conhecer. (SALLES, 2008, p.47)

No caso de Ido Finotti essa coleta era um exercício mental de tal intensidade e frequência no seu dia a dia, que o deixava absorvido a ponto de, em certa ocasião, perder o ônibus ao esperá-lo na parada de transporte coletivo (FINOTTI, R., 2014).

Ele era um artista que tinha compulsão pela pintura, e em suas viagens sempre levava tintas e pincéis. Onde estivesse, não tendo telas, improvisava com pedaços de madeira, compensado, papelão e até caixas de sapato. Um curioso exemplo de uso de material alternativo, motivado pela urgência em dar vasão à sua compulsividade nos momentos de ausência de telas, é um trabalho por ele produzido com pintura a óleo aplicada sobre papelão de caixa de sapato, colado sobre um pedaço de tecido cetim (figura 55). O objeto, guardado por muitos anos pela sua filha Regina, é um registro peculiar de um momento de expressão criadora e experimental do artista.

Fig. 55 - Ido Finotti - Paisagem com ipês - s/d - óleo s/papelão colado em cetim - 14x17 cm



Fonte: o próprio autor

Podemos entender que esse exercício é também uma experimentação, e por ser experimentação permite certa liberdade para o artista, visto que, o experimento não o expõe aos olhares críticos. Constitui um processo de criação sem receio de acertar ou errar, isto é, a testagem de possibilidades que caracteriza a indução da criação:

> A experimentação ou a investigação da arte deixa transparecer a natureza indutiva e contínua da criação. Nas concretizações das obras, hipóteses são levantadas e postas à prova. É nesse momento de testagem que novas possibilidades podem ser levadas adiante ou não. São interações responsáveis pela proliferação de novos caminhos, que geram seleções, opções e concretizações de novas formas. (SALLES, 2008, p.58)

Nessa obra há alguns sinais de dobras e rasuras no tecido de cetim. São indícios de que o mesmo recobria um retângulo de madeira de modo a fazer o papel de um estreito *passe-partout*[36], assim ela deveria ter sido um pequeno quadro, ou a tampa de uma caixa de madeira do tipo porta-joias. Esse modo de criação artística de pequenas dimensões utilizando-se

[36] Espécie de moldura, em geral feita de cartão, recortada para enquadrar desenho, fotografia, etc.

materiais alternativos nos faz remeter às obras de Giovanni Battista Castagneto[37] do final do século XIX. Castagneto utilizava com frequência tampas de caixa de charutos como suporte para pintar um tema muito explorado por ele: as paisagens de marinhas, como por exemplo, a sua obra de 1895 intitulada *Marinha com barco* em óleo sobre tampa de caixa de charutos (16x25 cm). Outro ponto comum entre Finotti e Castagneto é a prática da pintura de série com a frequente repetição de motivos.

A análise das pinturas de paisagens de Ido Finotti permitiu a realização do levantamento e classificação dos temas explorados, e das características do seu processo de criação nos aspectos técnicos, temáticos e, composicionais. No quadro 1, as 160 pinturas do artista catalogadas pela presente pesquisa são classificadas por temas e suas respectivas quantidades.

Quadro 1- Número de quadros em relação aos temas das pinturas de Ido Finotti.

Tema	**Número de Quadros**
Paisagem natural (cerrado/rios/fazendas/queimadas)	94
Paisagem litorânea/marinha	08
Paisagem urbana/casario	28
Igrejas/capelas	12
Natureza-morta	18
Total	160

Fonte: o próprio autor.
O total corresponde ao número de imagens de pinturas catalogadas pela pesquisa.

[37] Giovanni Battista Castagneto (Genova-Itália,1851- Rio de Janeiro-RJ,1900) foi para o Rio de Janeiro em 1874, e ingressa na Academia Imperial de Belas Artes em 1878, onde estudou paisagem com Georg Grimm (1846-1887). Desde o início volta-se para a representação da natureza, em especial a pintura de marinhas. Seus primeiros trabalhos já revelaram as características essenciais de sua produção: as pinceladas livres, o forte gestualismo e tendência ao monocromatismo. Havia uma preferência constante de Castagneto por caixas de charuto como suporte de pintura (OLIVEIRA, 2007).

Quadro 2 - Apresenta as características técnicas do processo de criação de Ido Finotti.

Características técnicas
Uso de esboços captados em visitas ao campo para posterior aplicação de tinta no atelier.
Uso da câmara fotográfica, em algumas ocasiões, para registrar composições a serem pintadas no atelier.
Uso do método da pintura em *plein air* em várias ocasiões.
Uso predominante de cores acinzentadas ou sombreadas nas paisagens do cerrado (em oposição à série de paisagens litorâneas cujas cores são mais vivas e luminosas).
Técnica de pintura exclusivamente a óleo.
Pinceladas mais líquidas criando uma pintura de fina camada.
Preparação das próprias tintas na maioria das ocasiões.
Utilização suportes alternativos: caixas de sapato, sacos de aniagem, placas de compensado, papelão.
Uso, em várias ocasiões, de suportes verticais de formato retangular alongado (em torno de 80x20 cm) indicando aproveitamento de embalagens.
Aproveitamento de sacos de aniagem para fabricar telas.

Fonte: o próprio autor

Quadro 3 - Características temáticas do processo de criação de Ido Finotti.

Características temáticas
Paisagens que representam os rios e o cerrado da região do Triângulo Mineiro.
Paisagens de sítios urbanos e suburbanos de municípios triangulinos.
Fachadas de igrejas/capelas de municípios triangulinos (figuras 56 a 58).
Exploração dos elementos e fenômenos típicos do cerrado (ipês, galhos retorcidos, capins, cupinzeiros, erosões, queimadas).
Não representação da figura humana[38].
Não representação da palmeira do Buriti (*Mauritia flexuosa*)[39].
Pinturas exclusivamente figurativas.
Pinturas encomendadas: temas sugeridos ou descritos por outros.

Fonte: o próprio autor

Quadro 4 - Características composicionais do processo de criação de Ido Finotti.

Características composicionais
Usa esquemas composicionais pré-determinados.
Composições a partir de elementos pré-existentes.
Repetição de temas e de composições.
Estrutura composicional de paisagem em três planos.
Sintetização de naturalismo e invenção.

Fonte: o próprio autor

[38] É comum entre os pintores de paisagem e natureza-morta não terem domínio sobre representações da figura humana.

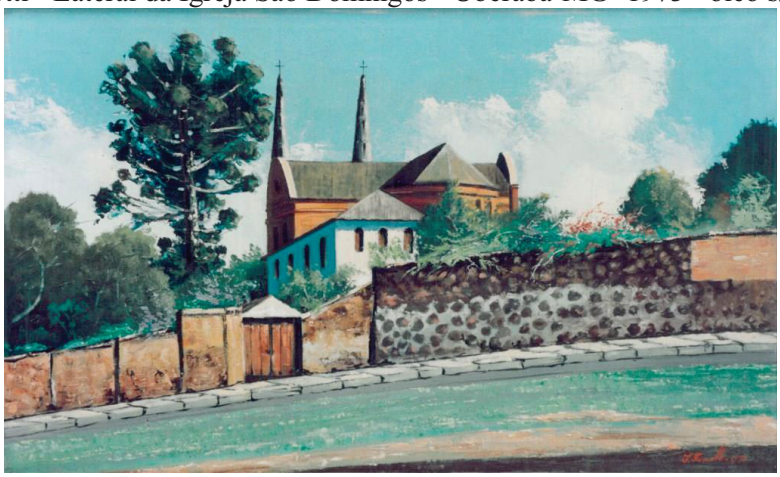
[39] Buriti (Mauritia Flexuosa) - Importante palmeira que se destaca nas áreas alagadas de veredas dentro do domínio dos cerrados do Brasil Central, sendo, portanto um dos símbolos do cerrado. Não sabemos o motivo pelo qual Ido Finotti não escolheu explorar a imagem do Buriti.

Fig. 56 - Ido Finotti - Antiga Matriz Nossa Senhora do Carmo - 1943 - Uberlândia-MG (edificada em 1861 e demolida em 1943) - óleo s/tela - 50x70 cm



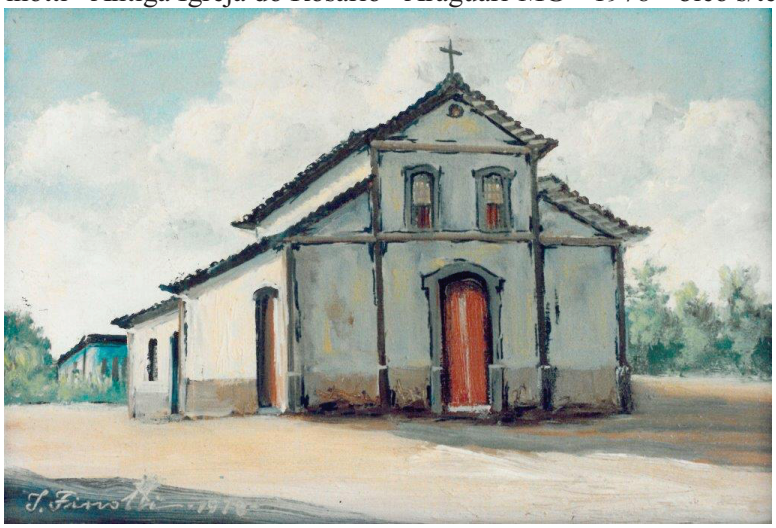
Fonte: Cícero Diniz

Fig. 57 - Ido Finotti - Lateral da Igreja São Domingos - Uberaba-MG -1973 - óleo s/tela - 65x105 cm



Fonte: Cícero Diniz

Fig. 58 - Ido Finotti - Antiga Igreja do Rosário - Araguari-MG - 1978 - óleo s/tela - 19x29 cm

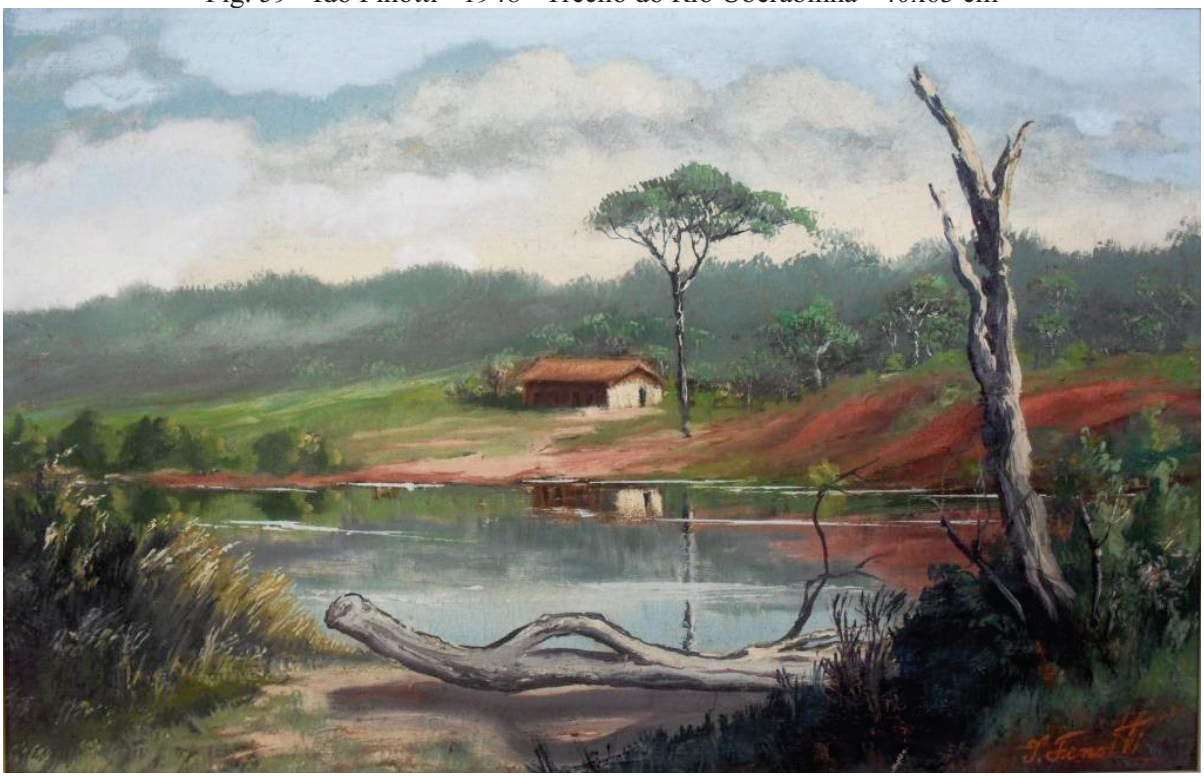


Fonte: Ida Nogueira Rocha e Silva

Na sequencia, descrevemos algumas paisagens de Ido Finotti escolhidas para exemplificar as características encontradas no levantamento.

A paisagem a seguir (figura 59) trata-se do trecho do Rio Uberabinha em 1948, e que hoje já está dentro da área urbana, fazendo a divisa entre o bairro Daniel Fonseca (margem anterior) e o bairro Jaraguá (margem posterior). Essa obra de Ido Finotti foi presenteada por ocasião do casamento de seu irmão Vitório Finotti com Auristela Alves Finotti. Era muito comum o artista presentear suas pinturas nos casamentos de parentes e amigos.

Fig. 59 - Ido Finotti - 1948 - Trecho do Rio Uberabinha - 40x63 cm



Fonte: o próprio autor

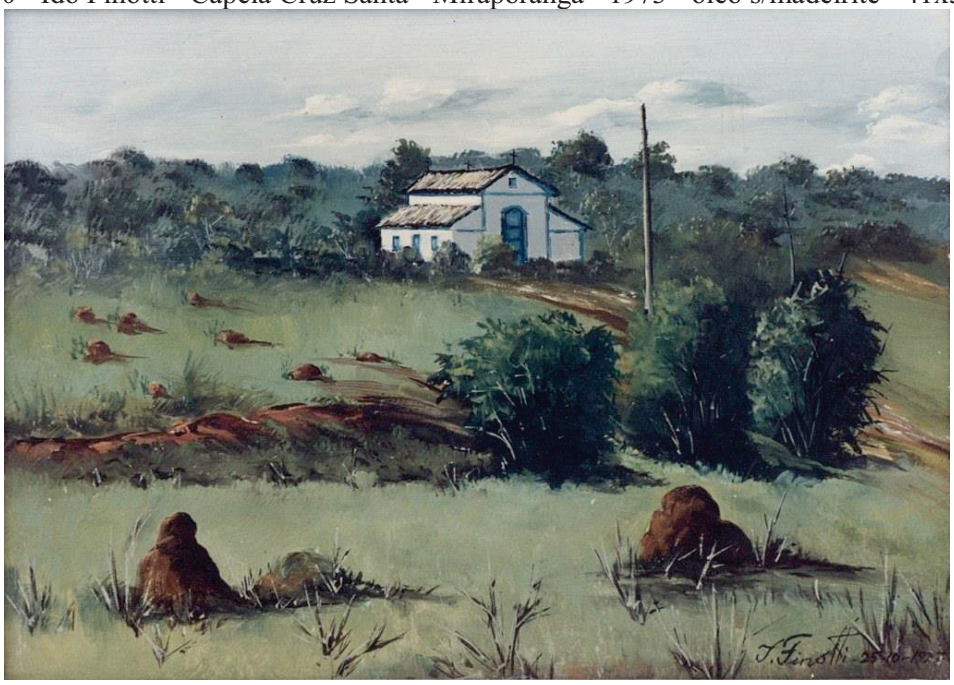
Nessa pintura percebe-se uma composição baseada no modelo tradicional dos três planos mais ou menos inter-relacionados. Rudolph Arnheim explica que para obter efeito de profundidade, a representação pictórica de uma composição era antigamente produzida por "faixas horizontais separadas uma sobre a outra" e:

> Num estágio posterior, a sobreposição é empregada para se obter um marco tridimensional de primeiro plano, plano médio e plano de fundo mais ou menos inter-relacionados. Mais tarde ainda, a dimensão de profundidade total funde-se numa continuidade indivisível, indo da frente para trás, de trás para frente. (ARNHEIM, 1980, p.118).

Assim no primeiro plano aparece a margem anterior do rio, à esquerda vemos os capins com pendões em floração, à direita, o mato arbustivo do cerrado e o cadáver de uma árvore que sofrera queimada, e no centro um tronco cortado e jogado próximo das águas ainda límpidas do Rio Uberabinha. No segundo plano se vê a margem posterior com o horizonte delineado pelo cerrado arbóreo, o ipê como personagem de destaque (que se repete em muitas paisagens do artista), e o casebre (elemento pré-existente também muito presente em suas telas). No plano de fundo, o céu e as nuvens se intercalam pela variação dos tons de azul, cinza e branco. O ipê, que aparece desproporcionalmente maior (para que a sua copa tenha melhor contraste com o céu do que com a mata do horizonte), o modelo de casebre (que se repete em outros quadros) e o aspecto do céu são indícios de invenção misturada à realidade da existência do lugar.

A pintura de Ido Finotti intitulada Capela Cruz Santa (figura 60), é também um exemplo de composição em que podemos notar o sistema de três planos. Nessa paisagem, localizada no distrito de Miraporanga[40] (município de Uberlândia), observa-se a presença de cupinzeiros, outro elemento presente no cerrado, cujas formas se repetem no primeiro e segundo plano da tela. Em visita recente no local, constatamos que a capela permanece com a mesma aparência e em seu entorno ainda se vê os cupinzeiros (figuras 61 e 62). O que notamos aqui é a repetição de um elemento no mesmo quadro.

Fig. 60 - Ido Finotti - Capela Cruz Santa - Miraporanga - 1973 - óleo s/madeirite - 41x57 cm



Fonte: o próprio autor

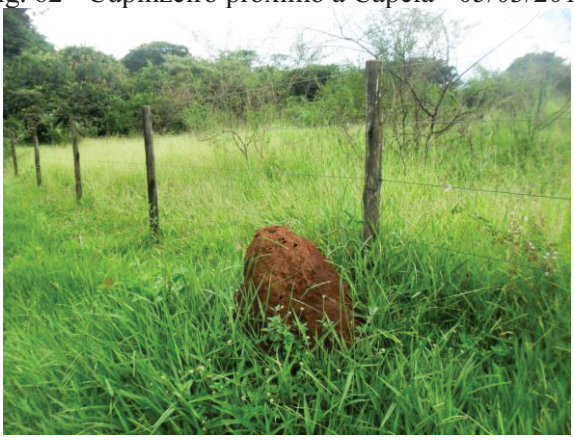
[40] Miraporanga é um distrito do município de Uberlândia, antigamente conhecido como Santa Maria até 1943.

Fig. 61 - Capela Cruz Santa - 05/03/2016



Fonte: o próprio autor

Fig. 62 - Cupinzeiro próximo à Capela - 05/03/2016



Fonte: o próprio autor

A residência que foi moradia de Domingas Camin Guazzelli[41], também no distrito de Miraporanga, serviu de tema para Ido Finotti realizar três pinturas encomendadas pela proprietária. Ele representou a casa por ângulos diferentes em cada quadro (figuras 63 a 65).

Fig. 63 - Ido Finotti - Casa em Miraporanga I - 1977 - óleo s/tela - 48x78



Fonte: Pedro A. Guazzelli

[41] Conforme depoimento de Pedro Ângelo Guazzelli.

Fig. 64 - Ido Finotti - Casa em Miraporanga II - 1977 - óleo s/tela



Fonte: Pedro A. Guazzelli

Fig. 65 - Ido Finotti - Casa em Miraporanga III - 1977 - óleo s/tela



Fonte: Pedro A. Guazzelli

Aqui notamos a repetição de um tema, que nessa tríplice obra de Ido Finotti, remete ao conceito do termo *répétition* que Étienne Soriau[42] definiu como a ação de refazer muitas vezes a mesma coisa ou a coisa ela mesma, quando ela é revista (SORIAU, 1990). Quando se refere às artes o termo possui diversos sentidos, entre eles: a repetição como estrutura, na qual um mesmo elemento ou motivo são retomados diversas vezes e a repetição na obra de um autor, onde há o retorno dos mesmos elementos ou das mesmas preocupações de uma obra a outra. Nas obras do pintor Pedro Weingärtner, por exemplo, encontramos repetições de temas ou a repetição de uma mesma paisagem na pintura ou gravura (NICOLAIEWSK, 2010).

Quanto às obras de Ido Finotti produzidas por encomendas ou sugestões (além da residência de Domingas Camin citada há pouco) vale mencionar a residência da família Rocha e Silva, e não poderia deixar de ser citada a queimada sugerida por Francis Gibson, cujo relato transcrevemos aqui:

> Era um final de tarde de junho de 1953 e eu viajava de Uberaba para Uberlândia apreciando a paisagem pela janela do trem. Num determinado trecho do caminho ao iniciar uma subida o trem foi perdendo velocidade, o que me permitiu ver detalhadamente uma grande cena de queimada no cerrado que surgira diante dos meus olhos causando-me perplexidade: um misto de beleza e horror! Imediatamente aquela visão me fez imaginar tal composição pintada sobre uma tela, um quadro, uma obra de arte do acaso natural, a qual eu fiz questão de fixar com o maior número de detalhes possível em minha memória visual. A minha intenção era descrever a composição ao meu sogro Ido Finotti como sugestão para a produção de uma pintura. No dia seguinte ao encontrar com o artista mencionei o fato e a possibilidade de executar a pintura. Ele ficou apaixonado pela ideia e me pediu a descrição da cena e, com lápis e papel, fui desenhando um esboço simples enquanto descrevia a cena com palavras. Aproximadamente dois meses depois, para minha surpresa, Ido Finotti me apresentou a obra pronta e indagando meu parecer, respondi: *Meu Deus, não é possível!* Eu não imaginava que ele pintaria com tamanha expressividade a minha visão. (GIBSON, 2014, p.1)

Partindo agora para os quadros da série *Ipês Verticais* pintados por Ido Finotti em suportes de formato retangular vertical (figuras 66 a 70)[43], e que sugerem o aproveitamento de

[42] Étienne Soriau (Lille,1892 - Paris,1979): filósofo francês especialista em Estética.

[43] Fig. 60: Ipês e queimada, 1963, 100x45 cm.
Fig. 61: Fazenda Aldo Borge Caminho da Ceva, 1977, 75x29 cm.
Fig. 62: Ipê roxo.
Fig. 63: Ipê, 80x19 cm.
Fig. 64: Ipê e queimada.

embalagens com essas dimensões, notamos uma adaptação inventiva e de certo modo desproporcional quanto à realidade, de um dos elementos típicos do cerrado regional, escolhido por Ido Finotti: o ipê. Esse tema é explorado com muita frequência pelo pintor e nessa série temos mais uma vez um exemplo de repetição.

Fig. 66



Fig. 67



Fig. 68



Fig. 69



Fig. 70



Nessa série, as composições da imagem são construídas com o ipê em primeiro plano acompanhando a dimensão vertical da tela e ocupando quase toda área da cena. Os ipês do primeiro plano são representados com folhas quando há queimada na paisagem, e floridos quando não há, para dar equilíbrio e contraste na distribuição das cores. Para compor o segundo plano, percebemos alternância na escolha de elementos de quadro para quadro: rio ou casebre, cerca, cachoeira, queimada... No plano de fundo, o céu pode aparecer composto com nuvens ou fumaça. Conforme Alfred Daniels, uma maneira eficiente de se analisar um quadro, é descobrir as suas linhas mais importantes e traçá-las sobre a imagem (DANIELS, 1982).
Sendo assim, usamos esse recurso na série *Ipês Verticais* para verificar como Ido Finotti realizou a repetição das composições:

Fig. 66



Fig. 67



Fig. 68

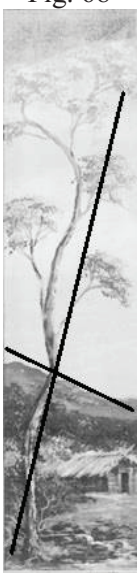
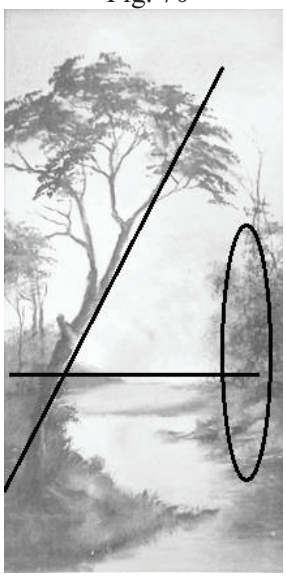


Fig. 69



Fig. 70



As linhas básicas que formam os esquemas composicionais das paisagens se repetem paralela ou invertidamente de quadro para quadro. Logo abaixo podemos visualizar essas repetições através das comparações feitas entre as representações esquemáticas desses quadros:

Fig. 67



Fig. 69

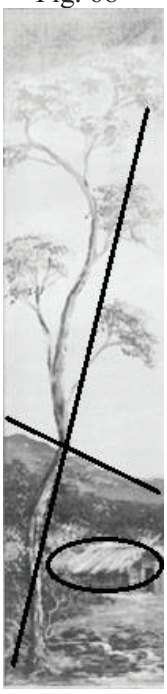


Nas figuras 67 e 69 as linhas mostram a repetição paralela do esquema composicional.

Fig. 67



Fig. 68



Nas figuras 67 e 68 as linhas mostram a repetição invertida do esquema composicional.

Fig. 70

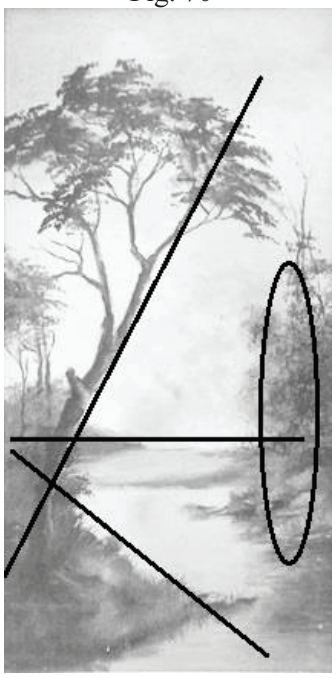


Fig. 66



Nas figuras 70 e 66 as linhas mostram a repetição invertida do esquema composicional.

A questão da repetição é abordada por Oliveira como um interesse do artista impulsionado por duas motivações:

> A repetição é impulsionada por um interesse particular que faz o pintor retornar ao mesmo motivo fazendo modificações sobre ele. Esse interesse particular do artista, tanto pode ser de ordem subjetiva, como de ordem técnica. Como subjetiva podemos compreender quando o artista tenta resolver alguma questão interna, dando (re) interpretações posteriores ao mesmo motivo [...]. O de ordem técnica tenta resolver problemas quanto à observação da natureza, podemos considerá-la como uma prática para o aprimoramento do artista, isto é, refinamento da técnica de pintura. (OLIVEIRA, 2007, p.68-69).

Acreditamos que no caso de Ido Finotti o interesse pela repetição seja por ambos os motivos. No caso de ordem subjetiva não seria no sentido de tentar resolver uma questão interna, mas por uma identificação e preferência pessoal influenciada tanto pelo próprio gosto do artista quanto pela aceitação do público. Ido Finotti procurava explorar com mais frequência o tema que pudesse agradar o seu público e o seu próprio interesse ao mesmo tempo, pois de certo modo a produção de um pintor tem relação com a existência de uma demanda estética do público que direciona o que o artista vai pintar. Então podemos imaginar que escolher o ipê como tema, por exemplo, poderia ser uma escolha do artista ou um padrão do que as pessoas iriam gostar de ver. Finotti não deveria se preocupar necessariamente com a aceitação, pois o pintor sobrevivia economicamente de sua confeitaria de modo satisfatório, porém, por outro lado, mesmo para doar obras (o que era de seu costume) ele poderia fazê-lo para agradar.

Percebemos que a ideia de paisagem de Ido Finotti tem relação com o contexto que ele está inserido e é baseada no olhar sobre o mundo que ele reorganiza no seu processo de criar. A respeito disso Cole afirma:

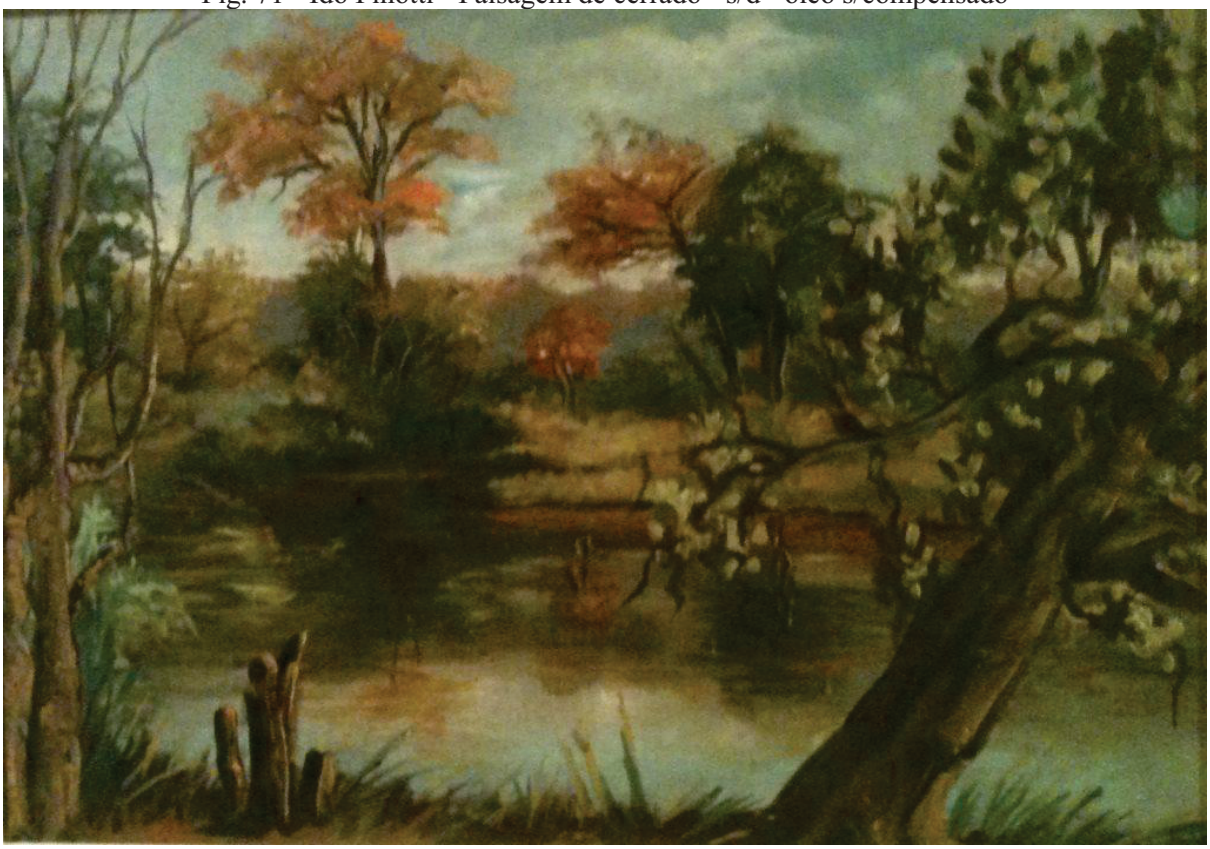
> O processo de criação se dá num encadeamento de ações estreitamente ligadas num contínuo operar sobre a realidade, na busca de um aprofundamento do olhar sobre o mundo, por meio de reorganizações significativas dos dados percebidos. (COLE, 2005, p.94)

Diante de uma tela em branco, por mais que a composição esteja prefigurada na imaginação do artista, o resultado pode ter suas variantes. A imaginação e a memoria têm função de interlocução na reorganização do mundo percebido:

> O artista, visto como um explorador da existência, torna-se um colecionador atento de fragmentos da realidade que atendem à sua tendência. Dessa forma, a memória e a imaginação podem ser vistas como interlocutoras, instrumentos de elaboração da realidade. A poética consiste em uma transfiguração do mundo, investida da capacidade de reorganizar e de criar novas realidades. (COLE, 2005, p. 97).

O ato de colecionar fragmentos da realidade mencionado por Cole confirma o que havíamos referido, pelas palavras de Salles em parágrafos anteriores, sobre o fato de que o artista recolhe aquilo que lhe interessa do seu meio. Nessa perspectiva então entendemos que no processo criativo o artista lança o seu olhar sobre o mundo, capta e coleciona fragmentos que lhe interessa e os reorganiza conforme sua imaginação e memória em uma composição que é a sua obra de arte.

Fig. 71 - Ido Finotti - Paisagem de cerrado - s/d - óleo s/compensado



Fonte: Francis F. Gibson

Fig. 72 - Ido Finotti - Rio Uberabinha - 1951 - óleo s/duratex - 32x46 cm
(Trecho onde atualmente está a ponte da Av. Getúlio Vargas)



Acervo: Helvio Lima

Fig. 73 - Fotografia ponte da Av. Getúlio Vargas sobre o Rio Uberabinha - 2014 - Uberlândia-MG



Fonte: o próprio autor

E é desse modo que Ido Finotti constrói o seu repertório de paisagens. A visualidade encontrada nas suas pinturas é o resultado da sua observação do território regional que o circunda e no qual ele vive, circula e passeia, e quase que diariamente o explora divagando, pescando e fotografando. Observação que resulta em recolhimento de elementos, e pelos trilhos da memória e imaginação esses elementos se reorganizam até chegar à ponta de seus pincéis.

Fig. 74 - Erosão - Fazenda no Município de Uberlândia - óleo s/tela - 34x54 cm



Fonte: Ana Carla M. Amado

Pode-se entender que Ido Finotti sempre perseguiu um rumo, sendo fiel à sua tendência que fica cada vez mais clara na análise do seu processo de criação. Ele, como criador, assume o papel de explorador da existência tornando suas criações uma coleção de fragmentos do cenário regional que atendem a sua tendência, resultantes da reorganização imagética, e do jogo e fusão entre a memória e a imaginação. Os seus procedimentos criativos estão profundamente ligados ao momento histórico regional, e nos aspectos sociais, culturais e tecnológicos em que o artista pintor se inseria.



4

Considerações finais

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de sua vida, Ido Finotti dedicou contínua atenção à arte. Foram oito décadas de vida e sete décadas de envolvimento direto com esse segmento. Primeiramente o artista desenvolveu o trabalho de gênero decorativo executando pinturas parietais no início do século XX, período marcado por transformações das artes no mundo ocidental. Até então as artes plásticas diretamente representadas pela pintura, escultura e arquitetura eram classificadas como "belas-artes" por influência do enciclopedismo iluminista do século XVIII, e os outros modos de criação plástica eram qualificados como artes decorativas ou utilitárias e sendo portanto consideradas "artes menores", e que apesar das mudanças de paradigmas instaurados no início do século XX, ainda hoje é possível perceber essa distinção. (ELISEU VISCONTI, p.18).

Assim como os pintores do Grupo Santa Helena, (com os quais Ido Finotti tinha características sociais e artísticas bastante semelhantes) ele alimentava a aspiração em ascender socialmente. Para os santelenistas, assim como para Ido Finotti, que eram provenientes da classe operária ou de filhos de operários, trabalhando sob o viés artesanal e prestação de serviços como pintores de paredes, marceneiros, ourives, alfaiates, sapateiros e carpinteiros, a pintura artística era vista como meio de ascender socialmente. Nesse sentido pudemos perceber que o percurso trilhado por Ido Finotti e descrito nessa pesquisa foi composto por duas fases: a de pintor decorador de paredes sucedida pela de artista pintor em óleo sobre tela, confirmando a sua aspiração por essa ascensão, de modo que foi reconhecido como tal pela comunidade local, especialmente em Uberlândia.

Pelo que conseguimos trazer à luz sobre as pinturas parietais realizadas por Ido Finotti, arte que definiu a sua primeira fase, e pelo que arrazoamos sobre essa vertente, chegamos ao entendimento quanto à sua temporalidade. Tais pinturas são obras que se limitam a um determinado tempo de vida quase sempre breve, estando sujeitas a se extinguir quando não há preocupação pela conservação. É o caso de Uberlândia (e também Uberaba) em que muitas obras dessa espécie, executadas em residências e estabelecimentos públicos por Ido Finotti e outros pintores decoradores não existem mais por terem sido demolidos ou reformados, havendo praticamente pouquíssimos registros documentais e fotográficos, o que nos levou a considerar e valorizar os registros da memória dos depoentes.

Podemos compreender também que a habilidade e a intimidade com as tintas e pincéis desenvolvida por Ido Finotti na arte das paredes, aliada ao seu talento e impulso em expressar nas telas a sua percepção da paisagem local, resultou numa compulsiva produção de mais de 500 pinturas. Tornou-se visceralmente um paisagista caracterizado pela familiaridade dos trechos por ele reproduzidos. Seus temas são compostos de visões que os olhos dos que habitam nossa região estavam habituados a comtemplar, e que muitas delas não são vistas mais, a não ser em suas telas que as eternizaram. A paisagem muda com o passar do tempo e a natureza, a cada dia mais ameaçada, ainda oferece uma ampla variedade de aspectos, desde o bucólico até o denso interior de uma floresta intocada, o litoral com praias luminosas ou uma vista urbana.

Deste universo, o *pintor do cerrado*[44] se identificou com a paisagem que o Triângulo Mineiro lhe ofereceu em forma de cerrado. Assim sua pintura é caracterizada por discurso pictórico que exalta a paisagem do cerrado triangulino. Através de sua sensibilidade em apreender as paisagens locais ele cria elaborações com caráter identitário utilizando os elementos, particularidades e fenômenos presentes no cerrado regional. Em sua poética há a ideia de repetição/padrão e demonstra um ar de moderno, porém ainda mantém o tom decorativo.

Ele faz essas representações utilizando cores acinzentadas e composições em sua maioria formadas por estruturas estabelecidas alternando os elementos, como casebres, riachos, cercas, troncos, cupinzeiros, ipês e capins, revelando assim a sua própria expressão e visão de paisagem local e a sua particular construção do imaginário regional do período compreendido entre os anos 1947 e 1980 no Triângulo Mineiro.

As pinturas de Ido Finotti contribuem como registro paisagístico de um tempo a partir do final da década de 1940, em que Uberlândia e seu entorno iniciava uma fase de significativas conquistas de progresso, transição campo-cidade, crescimento acelerado, mudanças nas características de sociedade rural para urbana, ocupação da paisagem natural por expansão da área urbana e da tecnologia agropecuária que alteram a paisagem que nunca mais será a mesma, e seus habitantes a encaravam (e ainda encaram) como cidade que deve persistir em se renovar no sentido de que os resquícios do passado têm que dar lugar àquilo que é atual.

[44] Título dado a Ido Finotti na Revista Almanaque nº. 6 - fevereiro/2014.

A pesquisa verificou que Ido Finotti instaura uma visualidade pictórica regional que representa um misto de invenção e naturalismo do cerrado colaborando para a construção de um imaginário local. Assim o seu conjunto de paisagens é uma iconografia construída, e é também o registro de um fenômeno plástico.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, José Veiga; TAVARES, Martha; MENDONÇA, Isabel. *Fingidos de madeira e de pedra, breve historial, técnicas de execução, de restauro e de conservação*. Lisboa: CENFIC, 2001.

AJZENBERG, Elza. Grupo Santa Helena. In: *19&20*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, out. 2008. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_gsh.htm>. Acesso em: 10 jun. 2015.

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário ilustrado de arquitetura.* 2.ed. São Paulo: ProEditores, 2000.

ALMEIDA JUNIOR. In: ENCICLOPÉDIA Itaú cultural. São Paulo. 2016. Disponível em: < http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18736/almeida-junior>. Acesso em: 29 mar. 2016.

ALVES, Castro. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1971.

AMARAL, Aracy Abreu. *Arte para quê?:* a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2003. 435p.

AMARAL, Aracy Abreu. *Tarsila*: sua obra e seu tempo. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1975.

AMBRIZZI, Miguel Luiz. Paisagens da memória e memórias da paisagem: a arte de Frans Krajcberg. In: ENCONTRO DO CITCEM, 3., 2013, Porto. *Anais*... Porto: CITCEM, 2013. Disponível em: <http://www.citcem.org/3encontro/docs/pdf/part_07/24%20-%20Ambrizzi%20-%20TEXTO.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2015.

ANDRADE, Marco Antônio Pasqualini. A produção de imagens nas artes plásticas fora dos grandes centros: o caso de Uberlândia - considerações iniciais. In: SIMPóSIO NACIONAL DE HISTóRIA: HISTóRIA E ÉTIC A,25. 2009, Fortaleza, *Anais*... Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1398.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2014.

ANDRADE, Marco Antônio Pasqualini. Ido Finotti: uma modernidade outra em Uberlândia. In: *RETROSPECTIVA Ido Finotti*: 100 anos. Uberlândia: Studio Maufel, 1999. p. 3-4.

ARAÚJO, Raquel Aguilar de. Desmistificando Almeida Júnior: a modernidade do caipira. In: *19&20*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_aj_raa.htm>. Acesso em: 08 dez. 2015.

ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Maurizio. *Guia de historia da arte*. 2.ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1980

ATTUX, Denise Elias et al. Fundinho: um bairro histórico para Uberlândia, inventário e diretrizes especiais de uso e ocupação do solo. *Forum*: conservação urbana e gestão do patrimônio. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, jan./abr.2008. Disponível em: <http://www.forumpatrimonio.com.br/print.php?articleID=124&modo=1)>. Acesso em: 12 dez. 2015.

BAPTISTA DA COSTA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú cultural. São Paulo. 2016. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21305/baptista-da-costa>. Acesso em: 17 mar. 2016.

BATISTA, Marta Rossetti. *Anita Malfatti*: no tempo e no espaço. São Paulo: Edusp, 2006.

BARRETO, Luzélia Finotti. [*Ido Finotti*]. Uberlândia, 16 set. 2015. Depoimento concedido a Ricardo Alves Finotti.

BERGAMIN, Fabiola Matte. Pintura decorativa e a ornamentação arquitetônica em São Paulo 1910-1930: estudo comparativo... In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTóR IA: história e liberdade, 20.,2010, Franca. *Anais*... Franca: UNESP, 2010.

BLEY, Lineu. *A paisagem geográfica e a pintura da paisagem de Morretes*. In: FORUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE, 4, 2006, Curitiba. Anais... Curitiba: EMBAP, 2006. p. 110-117.

CAFÉ e a imigração no Brasil, O. [2015]. Disponível em: <http://markcafe.com.br/o-cafe/historia/1117-ocafeeaimigracaonobrasil>. Acesso em: 10 set. 2015.

CALABRIA, Antônio. [*Ido Finotti*]. Uberlândia, 15 mar. 2016. Depoimento concedido a Ricardo Alves Finotti.

CAMPOS, Giselda. *Patrimônio material*: bens móveis e imóveis. 2015. Disponível em: <http://giseldacampos-jornalista.blogspot.com.br/2015_10_01_archive.html>. Acesso em: 16 fev. 2016.

CARVALHO, Regiane Diniz. [*Ido Finotti*]. Uberlândia, 07 mar. 2016. Depoimento concedido a Ricardo Alves Finotti.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins, 2007. 196 p.

CEIA, Carlos. *E-Dicionário de termos literários*. Lisboa: [s.n], 2010. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt>. Acesso em: 01 abr. 2016.

CHIARELLI, Tadeu. *Arte internacional brasileira*. São Paulo: Lemos-Editorial, 1999. 32p

CLARK, Kenneth. *Paisagem na arte*. Lisboa: Ulisseia, 1949.

CLODOMIRO AMAZONAS. In: ENCICLOPÉDIA Itaú cultural. São Paulo. 2016. Disponível em: < http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21299/clodomiro-amazonas>. Acesso em: 30 mar. 2016.

COLE, Ariane Daniela. O processo de criação artística e a constituição da cultura. *Revista Mackenzie de educação, arte e história da cultura,* v.6. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2005, p. 92-101.

CONSELHO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE UBERABA - CONPHAU. Fotografia antigo paço municipal de Uberaba. 2013. Disponível em: <http://conphau.blogspot.com.br/2013/02/lei-municipal-10717_8620.html>. Acesso em: 03 fev. 2016.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. *Dicionário da arquitetura brasileira.* São Paulo: EDART, 1972.

CUNHA, Newton. *Dicionário SESC*: a linguagem da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DANIELS, Alfred. *Como pintar e desenhar paisagens*. São Paulo: Círculo do livro, 1982.

DIAS, Elaine. A herança de Nicolas-Antoine Taunay ao filho Félix-Émile. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *Nicolas-Antoine Taunay no Brasil*: uma leitura dos trópicos. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DIAS, Elaine. Félix-Emile Taunay, vista de um bosque virgen que se está reduciendo a carbón. In: BROWNLEE, P. J. ; PICCOLI, V.; UHLYARIK, G. (Org.). *Paisaje en las Américas*. New Haven: Yale University Press, 2015, p. 154-155.

DIAS, Elaine. Paisagem e academia: Félix-Émile Taunay e o Brasil. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila. *Oitocentos*: arte brasileira do império à república. Rio de Janeiro: Dezenovevinte, 2010. Tomo 2. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/800/tomo2/files/800_t2_a19.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2015.

DICIONÁRIO Oxford de Arte. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DIENER, Pablo. Reflexões sobre a pintura de paisagem no Brasil no século XIX. *Perspective*, Paris, v.2, 2013. Disponível em: < http://perspective.revues.org/3897>. Acesso em: 25 fev. 2016.

DORIA, Renato Palumbo. Imagens invisíveis: paisagens à margem da arte no Brasil. In: ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 33. 2013, Rio de Janeiro. *Anais*... Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.Disponível em: <http://cbha.art.br/coloquios/2013/anais/pdfs/s5_renatopalumbo.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2015.

ELISEU VISCONTI. In: PROJETO Eliseu Visconti. 2016. Disponível em: <http://www.eliseuvisconti.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2016.

FERNANDES, Carmen. [*Ido Finotti*]. Uberlândia, 04 mar. 2016. Depoimento concedido a Ricardo Alves Finotti.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FINOTTI, Cristiane. *Banco de dados particular impresso*: fotos e textos. Uberlândia: [s.n], [1982].

FINOTTI, Eduardo. [*Ido Finotti*]. Uberlândia, 28 out. 2014. Depoimento concedido a Ricardo Alves Finotti.

FINOTTI, Leonel. *Banco de dados particular digitalizado*: fotos e textos. Campinas, SP: [s.n], [1996].

FINOTTI, Reginaldo. [*Ido Finotti*]. Uberlândia, 31 ago. 2014. Depoimento concedido a Ricardo Alves Finotti.

FREISLEBEN, Alcimar Paulo. *A fotografia como recurso didático na educação ambiental*. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2013.

FREITAS, Sônia Maria de. *E chegaram os imigrantes*: o café e a imigração em São Paulo. 2. ed. São Paulo: [s.n], 1999.

GARCIA, Rodrigo. *Fotografia salão nobre da Câmara Municipal de Uberaba*. 2012. Disponível em: <http://cmfor.virtuaserver.com.br:8080/sapl/sapl_documentos/materia/7865_texto_integral>. Acesso em: 19 jan. 2016.

GASPAR, Lúcia. *Queimadas no Brasil*: pesquisa escolar online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 27 set. 2015.

GIBSON, Francis Torres. [*Ido Finotti*]. Uberlândia, 31 ago. 2014. Depoimento concedido a Ricardo Alves Finotti.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. *Arte Brasileira*: 50 anos de historia no acervo MAC USP. São Paulo: MAC/USP, 1997.

GRINBERG, Piedade Epstein. Lucílio de Albuquerque na arte brasileira. In: *19&20*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, jul. 2008. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/la_peg.htm>. Acesso em: 12 abr. 2015.

GUAZZELLI, Pedro Angelo. [*Ido Finotti*]. Brasília, 07 dez. 2015. Depoimento concedido a Ricardo Alves Finotti.

HISTÓRICO, Ido Finotti. In: EXPOSIÇÃO retrospectiva de pinturas do artista Ido Finotti. Uberlândia: AICA - Artes Integradas do Camaru, 1988. (convite de exposição).

IDO Finotti: um poeta quase calado da imagem e da natureza. [Uberlândia: s.n.], [1991].

INDRIUNAS, Luís. *How Stuff Works*: como funcionam as queimadas. 2008. Disponível em: <http://ambiente.hsw.uol.com.br/queimadas.htm>. Acesso em: 28 out. 2015.

ISAAC, Cristiana Bernardi. Krajkberg and Oiticica: precursors of art in the landscape in Brazil. *Paisagem e Ambiente*: ensaios, São Paulo, n.31, p.125-146. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/viewFile/78139/82224>. Acesso em: 19 set. 2015.

KERN, Maria Lúcia Bastos. História e arte: as invenções da paisagem. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2011.

LEAL, Leonardo. Personagem assustava crianças no carnaval. *O Correio de Uberlândia*, 02 mar. 2014. Cidade & Região. p.A6.

LENOBLE, Robert. *História da ideia de natureza*. Lisboa: Ed. 70, 1990.

LEONIDIO, Adalmir. O conceito de paisagem em história. In: SIMPOSIO NACIONAL DE HISTORIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais*... Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-9.

LIMA, Helvio. [*Ido Finotti*]. Uberlândia, 18 mar. 2016. Depoimento concedido a Ricardo Alves Finotti.

LOBO, Bruce Pereira. *Contempl(ação) contemp(lar):* uma percepção da paisagem cotidiana em videoarte. Monografia (Trabalho de conclusão do curso de artes plásticas) - Instituto de Artes, UNB, Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/10577/1/2014_BrucePereiraLobo.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2015.

LUCÍLIO DE ALBUQUERQUE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú cultural. São Paulo. 2016. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21324/lucilio-de-albuquerque>. Acesso em: 11 mar. 2016.

MAFRA, Johnny José. *Ler e tomar notas:* primeiros passos da pesquisa bibliográfica. 3.ed. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011. 150 p.

MAGALHÃES, Manuela Raposo. Paisagem: perspectiva da arquitectura paisagista. *Philosophica*, Lisboa, v.29, p. 103-113, abr. 2007. Disponível em: <http://www.centrodefilosofia.com/uploads/pdfs/philosophica/29/8.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2015.

MARIA, Yanci Ladeira. *Paisagem:* entre o sensível e o factual. São Paulo: USP, 2010.

MATTOS, Claudia Valladão de. Paisagem, monumento e crítica ambiental na obra de Félix-Émile Taunay. *Revista eletrônica 19&20*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, abr. 2010. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/obras/obras_fet_cvm.htm>. Acesso em: 30 ago. 2015.

MEMÓRIA VOTORANTIM. Grupo Votorantim. 2010. Desenvolvido pelo Grupo Votorantim, com a finalidade de arquivar sua memória. Disponível em: <http://www.memoriavotorantim.com.br/memoria_votorantim/Paginas/memoriavotorantim.aspx>. Acesso em: 11 set. 2014.

MENDES, Ricardo. *Enfim o Esplanada Hotel*. Informativo Arquivo Histórico de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info33/i-ensaio3.htm>. Acesso em: 28 maio 2014.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Hospedaria dos imigrantes. Disponível em: < http://museudaimigracao.org.br/acervodigital/fotografias.php>. Acesso em: 14 jun. 2015.

NAGIB, Francisco. *João Batista da Costa, 1865-1926*. Rio de Janeiro: Pinakotheque, 1984.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. *GeoTextos*. Salvador, v.6, n.2, 2010, p.163-186.

NEVES, Orlando. [*Ido Finotti*]. Uberlândia, 19 set. 2015. Depoimento concedido a Ricardo Alves Finotti.

NICOLAIEWSK, Alfredo. Weingärtner e a repetição. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila. *Oitocentos*: arte brasileira do império à república. Rio de Janeiro: Dezenovevinte, 2010. Tomo 2. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/800/tomo2/files/800_t2_a02.pdf >. Acesso em: 15 jul. 2015.

OLIVEIRA, Helder Manuel da Silva. *Olhar o mar*: um estudo sobre as obras Marinha com barco (1895) e Paisagem com rio e barco ao seco em Ponte Grande (1895) de Giovanni Castagneto. 2007.165 f. Dissertação (Mestrado em história da arte) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2007. Disponível em: < file:///D:/Users/yaras/Downloads/OliveiraHelderManueldaSilvade%20(1).pdf>. Acesso em: 12 nov. 2015.

OLIVEIRA, Sumayra. *A princesa do sertão:* + solidária, moderna e cultural. 2014. Disponível em: < http://sumayra.blogspot.com.br>. Acesso em: 05 fev. 2016.

PEDROSA, Antônio de Sousa; SOUZA, Rita de Cassia Martins. As unidades de paisagem no Triangulo Mineiro: desaparecimento da paisagem cerrado. In: SIMPOSIO MINEIRO DE GEOGRAFIA, 1., 2014, Alfenas. *Anais*... Alfenas: UNIFAL, 2014. p. 354-369.

PERES, Elena Pájaro. Proverbial Hospitalidade? A revista de imigração e colonização... In: ACERVO REVISTA DO ARQUIVO NACIONAL, 2., 1997, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

PINHEIRO, Eny Feijó. As pinturas parietais das residências santistas do início do século XX. *Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação*, Recife, v.1, n.2, p. 28-31. 2007.

PORTAL UBERLÂNDIA. Galeria de Arte Ido Finotti. 2016. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/11381/abertas_as_inscricoes_para_ocupacao_das_galerias_municipais_de_arte_em_2016.html>. Acesso em: 24 abr. 2016.

RESTAURO de pintura mural, 2011. Disponível em: < http://identidadesdopatrimonio.blogspot.com.br/2011/09/restauro-de-pintura-mural.html>. Acesso em: 18 ago. 2014.

RETROSPECTIVA Ido Finotti: 100 anos. Uberlândia: Studio Maufel, 1999. Catálogo de exposição.

REZENDE, Letícia Finotti. [*Ido Finotti*]. Uberlândia, 18 mar. 2016. Depoimento concedido a Ricardo Alves Finotti.

ROGER, Alain. La Naissance du Paysage en Occident. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Paisagem e arte*: a invenção da natureza, a evolução do olhar. São Paulo: H. Angotti Salgueiro, 2000.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Paisagem e arte*: a invenção da natureza, a evolução do olhar. São Paulo: CBHA, 2000. 452 p.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado*: processo de criação artística. 2. ed. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998. 168 p.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação*: construção da obra de arte. Valinhos: Editora Horizonte, 2008. 176 p.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

SEGALL, Lasar. *Lasar Segall*. São Paulo: Art Ed.: Círculo do Livro, 1985. (Grandes artistas brasileiros).

SILVA, Antônio Pereira. *Velhos italianos de Uberabinha*. Uberlândia, Iconography, 2011.

SILVA, Vicente Carlos. [*Ido Finotti*]. Uberlândia, 02 nov. 2014. Depoimento concedido a Ricardo Alves Finotti.

SOARES, Beatriz Ribeiro. *Uberlândia:* da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado: Imagens e Representações no Triângulo Mineiro. 1995. 299 f. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Dep. de Geografia. São Paulo, 1995.

SOURIAU, Étienne. *Vocabulaire d'esthétique*. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France, 1990.

TIRELLO, Regina. *Um trabalho arqueológico*: a descoberta dos murais... In: A CASA de dona Yayá. São Paulo: EDUSP, 2000.

UBERLANDIA (MG). Prefeitura. Arquivo Público. *Fotografia Av. Afonso Pena*, [1950].

UBERLÂNDIA (MG). Prefeitura. *Inventário de proteção do acervo cultural*. Uberlândia, 2007. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/5502.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2016.

UBERLÂNDIA (MG). Prefeitura. *Inventário de proteção do acervo cultural*. Uberlândia, 2001. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/6349.pdf>. Acesso em: 01 dez 2015.

UBERLÂNDIA (MG). Prefeitura. *Inventário de proteção do acervo cultural*. Uberlândia, 2012a. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/5527.pdf>. Acesso em: 03 dez 2015.

UBERLÂNDIA (MG). Prefeitura. *Inventário de proteção do acervo cultural*. Uberlândia, 2012b. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/6363.pdf>. Acesso em: 04 dez 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Centro de Documentação e Pesquisa em História. *Fotografia interior da catedral Santa Terezinha*. Uberlândia, [1960?].

VENTURI, Lionello. *Para compreender a pintura de Giotto a Chagal*. Lisboa: Editorial Estudios da Cor, 1987. 252p.

WOODFORD, Susan. *A arte de ver a arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.112 p.

ZANINI, Walter. *A Arte no Brasil nas décadas de 1930-40*. O grupo Santa Helena. São Paulo: Nobel; EDUSP, 1991.



Apêndices

APÊNDICE A - CRONOLOGIA DE IDO FINOTTI

Artista: Ido Finotti
Filiação: Cesar Finotti e Tereza Bertassoli Finotti
Nascimento: 20 de outubro de 1899 - Espírito Santo do Pinhal-SP
Falecimento: 12 de fevereiro de 1980 - Uberlândia-MG
Esposa: Adelina Cicci Finotti
Filhos: Hilton Finotti, Ulisses Finotti, Wilma Finotti, Regina Finotti e Reginaldo Finotti.

ANO	DADOS RELACIONADOS A IDO FINOTTI	DADOS RELACIONADOS A UBERLÂNDIA E REGIÃO
1852		Criação do Distrito São Pedro de Uberabinha (atualmente Uberlândia) subordinado ao Município de Uberaba-MG.
1861		Foi edificada a Igreja de N. S. do Carmo, no distrito São Pedro de Uberabinha (cuja fachada foi tema de pintura de Ido Finotti em 1943).
1888		O distrito São Pedro de Uberabinha emancipou-se do município de Uberaba, sendo elevado à categoria de vila em 07 de junho, e em município em 31 de agosto.
1891		Inauguração da Estrada de Ferro Mogiana ligando Uberabinha aos grandes centros.
1899	Nascimento de Ido Finotti (filho de Cesar Finotti e Tereza Bertassoli) em 20 de Outubro de 1899 na cidade Espírito Santo do Pinhal - SP.	
1903	Nascimento de Adelina Cicci Finotti (esposa de Ido Finotti) em 30 de novembro em Uberaba - MG.	
1912	Com 12 anos, Ido Finotti tornou-se aprendiz de pintura de paredes com o empreiteiro de obras italiano Giacomo Stefanni, em Espírito S. do Pinhal-SP.	
1918	Ido Finotti foi para Uberaba e hospedou-se na pensão da família Salvatore Cicci e Carmela Cicci. Em Uberaba Ido Finotti exerceu a profissão de pintor de paredes. Ido Finotti trabalhou com Vicente Corcione e Rodolpho Mosello na pintura decorativa do Paço Municipal de Uberaba, por volta de 1918 a 1920.	

1919	Ido Finotti conheceu Adelina Cicci em Uberaba, com quem iniciou um namoro. (Ela era filha de Salvatore Cicci e Carmela, e morava com os pais na pensão em que eram proprietários).	
1920	Por volta dos anos 1920 a 1923, Ido Finotti participou da equipe que executou as pinturas decorativas no Hotel Esplanada em São Paulo-SP.	
1923	Ido Finotti casou-se com Adelina Cicci em 15 de Setembro de 1923 na cidade de Uberaba. Residiram por breve período em Uberlândia, depois retornaram a Uberaba.	
1924	Ido Finotti mudou-se definitivamente para Uberlândia para pintar as paredes do prédio da Companhia Elétrica na Avenida João Pinheiro esquina com a Rua Tiradentes. Nascimento de Hilton Finotti (primeiro filho de Ido Finotti e Adelina Finotti) em 18 de dezembro de 1924 em Uberlândia.	
1926		Término da construção e pinturas do prédio da Companhia de Eletricidade na cidade de Uberlândia (atualmente abriga a Oficina Cultural)
1927	Ido Finotti e Adelina Cicci retornaram a Uberaba. Nascimento de Ulisses Finotti (segundo filho do casal) no dia 06 de fevereiro em Uberaba.	
1929		Mudança do nome da cidade de Uberabinha para Uberlândia em 19 de outubro. A Companhia Força e Luz de Uberabinha passa a se chamar Cia Prada de Eletricidade.
1930	Nascimento de Wilma Finotti (terceira filha de Ido Finotti e Adelina Cicci) em Uberlândia. Durante 18 anos Ido Finotti comandou um grupo de pintores realizando pinturas decorativas na cidade e região.	

1930	Nessa década, Iracy de Lima (pai do artista Helvio Lima) foi trabalhar com Ido Finotti no ofício de pinturas parietais decorativas em Uberlândia.	
1933	Nascimento de Regina Finotti (quarta filha de Ido Finotti e Adelina Cicci) em Uberlândia.	
1935	Nascimento de Reginaldo Finotti (quinto filho de Ido Finotti e Adelina Cicci) em Uberlândia.	
1936	Ido Finotti executou a pintura parietal decorativa na residência da família Olavo Ribeiro, à Rua Vigário Dantas 138 - Uberlândia. (Atualmente o imóvel pertence a David George Francis, onde funciona uma escola de idiomas).	
1938	Por dois anos Ido Finotti foi sócio e dono, juntamente com José Roquete, da loja Casa das Tintas situada na Avenida Afonso Pena nº. 709 em Uberlândia.	
1939		Foram iniciadas as obras de construção da Catedral de Santa Terezinha na Praça da República, atual Praça Tubal Vilela, Uberlândia.
1940		O primeiro arquiteto a fixar atelier na cidade foi João Jorge Coury, difusor da arquitetura moderna.
1941	Ido Finotti executou nos pilares e paredes do interior da Catedral de Santa Terezinha em Uberlândia, as pinturas em técnica de fingimento marmorizado, e o acabamento decorativo no teto da mesma.	Em dezembro a Catedral de Santa Terezinha foi inaugurada.
1943	Ido Finotti pintou uma de suas obras mais famosas: o quadro representando a fachada da igreja Matriz N. S. do Carmo.	Demolição da Matriz N. S. do Carmo em Uberlândia, para construção da Estação Rodoviária, cujo prédio hoje abriga a Biblioteca Pública Municipal. A Igreja Matriz de Uberlândia foi transferida para a Catedral Santa Terezinha, Praça da República (atual Praça Tubal Vilela).
1944		Foi inaugurado o edifício do Mercado Municipal em Uberlândia.

1946	Em 21 de outubro ocorreu a *Primeira Exposição de Pintura de Uberlândia em homenagem a Cipriano Del Fávero*, com participação de artistas da cidade, entre eles Ido Finotti, Geraldo de Queiroz, o arquiteto Jorge Coury, e outros.	
1947	Ido Finotti inaugurou a Confeitaria Na Hora na Avenida Afonso Pena, 491 - Centro - Uberlândia. *Exposição de quadros de Ido Finotti* nas paredes da Confeitaria Na Hora (1947 a 1980). Em 1947 e 1948, todas as segundas-feiras, Ido Finotti juntamente com Wolney Ribeiro (conhecido como Woninho, jogador do Uberlândia Esporte Clube e irmão de Juca Ribeiro), Osório (proprietário de engraxataria em Uberlândia) e Arlindo Rosseto (artista pintor), iam ao Rio Tijuco levados por Orlando Neves para pescar, momentos em que Ido Finotti pintou várias paisagens.	
1951	De 21 a 31 de dezembro aconteceu a *I Exposição de Quadros a óleo dos pintores Ido Finotti e Valin Junior* (Arlindo Rosseto), na Sociedade Rural de Uberlândia, com 117 pinturas no total.	
1954	Ido Finotti vendeu o seu famoso quadro intitulado *Antiga Matriz N. S. do Carmo - Uberlândia* em óleo s/tela, sendo adquirido por Cícero Diniz.	
1955	No dia 29 de outubro deu-se a abertura da *II Exposição de Pinturas de Ido Finotti e Valin Júnior* na galeria do Edifício Finotti (Alfaiataria Finotti) - Av. Afonso Pena, 284 - Uberlândia.	
1956	De 1956 a 1964 - *Exposição de quadros de Ido Finotti* nas paredes da galeria de entrada da Alfaiataria Finotti, estabelecimento de seu irmão Luís Finotti, situado na Avenida Afonso Pena, 284 - Uberlândia.	

1957		O edifício do Uberlândia Clube foi inaugurado, nesta década consolida-se a arquitetura moderna.
1960	Entre os anos 1960-1970, Ido Finotti juntamente com Arlindo Rosseto costumavam expor seus quadros para venda, aos domingos, na Praça Tubal Vilela - Uberlândia. Na década de 1960, Ido Finotti produziu a maior parte de suas pinturas da série *Queimadas.*	A construção de Brasília beneficiou o crescimento de Uberlândia por sua situação intermediária entre a nova capital e São Paulo.
1973	Ido Finotti pintou o quadro intitulado *Capela Cruz Santa - Miraporanga* em óleo s/madeirite, sendo presenteado a Cícero Alves Diniz.	O prédio da Companhia Prada de Eletricidade em Uberlândia passou a ser a agência da CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais).
1978	Ido Finotti pintou o quadro intitulado *Antiga igreja do Rosário - Araguari* em óleo s/tela, adquirido por Luiz Antônio Rocha e Silva. Ocorreu a *1ª Coletiva de Artes em Uberlândia* de 01 a 07 de setembro de 1978, na Av. Floriano Peixoto 337, promovida pela Prefeitura Municipal de Uberlândia em comemoração aos 90 anos da cidade, com participação de obras de 24 artistas uberlandenses, entre eles Ido Finotti.	
1980	Morte de Ido Finotti aos 80 anos de idade em 12 de Fevereiro na cidade de Uberlândia.	
1981	O fechamento da Confeitaria na Hora se deu no dia 01 de dezembro.	
1984	A edição nº 1 da Revista ARS-AICA (Março/1984) publicou na página 25 uma nota intitulada *Artistas de Sempre,* reverenciando a memória de Ido Finotti.	
1988	Aconteceu de 27/05/1988 a 03/07/1988 a *Retrospectiva das Obras de Ido Finotti* no Saguão do Uberlândia Clube (com apoio da AICA - Artes Integradas do Camaru).	Em 13/06/1988 por decisão da Prefeitura Municipal de Uberlândia, o logradouro conhecido como Alameda das Hortências (Bairro Morada da Colina em Uberlândia) passou a denominar-se Rua Ido Finotti.

1991	Aconteceu de 18/11/1991 a 11/12/1991 em Uberlândia a *Exposição de Pinturas de Ido Finotti Acervos Particulares*, na Galeria Ido Finotti anexa ao Teatro Grande Otelo.	A Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia colocou o nome de IDO FINOTTI na Galeria de Arte anexa ao Teatro Grande Otelo, em 18 de novembro de 1991.
1992	Falecimento de Adelina Cicci Finotti (esposa de Ido Finotti) em 07 de novembro, em Uberlândia.	
1994	14/03/1994 - Exposição *Acervos Particulares de Pinturas Ido Finotti* nas novas instalações da Galeria Ido Finotti - Centro administrativo Virgílio Galassi - Uberlândia.	14/03/1994 - Ocorreu a transferência da Galeria de Arte Ido Finotti do Teatro Grande Otelo para o Centro Administrativo Virgílio Galassi.
1999	15/10 a 03/11 - Aconteceu a exposição *Retrospectiva Ido Finotti - 100 anos* na Galeria Ido Finotti - Centro Administrativo Virgílio Galassi. A organização da exposição *Retrospectiva Ido Finotti - 100 anos* publicou um catálogo contendo a reprodução de vinte pinturas do artista.	
2015	Em 16 de dezembro, o empresário Ricardo Cardoso Pereira iniciou a *1ª Feira de Curiosidades - Registro da Memória*, reunindo bazar de peças antigas, exposição e bate-papo com artistas locais no antiquário Ricardo Antiguidades e Restaurações, Rua Barão de Camargos, 526, Uberlândia. Contou com trabalhos de 14 artistas: Henrique Lemes, Arlindo Rosseto, Neuza Barbosa, Paulo Lana, Armênio Agostinho, Ido Finotti, Assis Guimarães, Juscelino Silva, Mara Rocha, Vera Prado, Wilson Filho e Helvio Lima. Por várias décadas a vidraçaria Rei do Quadro (Av. Afonso Pena, 1992 - Uberlândia) adquiriu, expôs e vendeu pinturas de Ido Finotti.	

APÊNDICE B - DEPOIMENTOS

APÊNDICE B-1 - DEPOIMENTO DE ANTÔNIO CALÁBRIA

Nome: Antônio Calábria
Local e data de nascimento: Uberlândia/MG - 25/09/1949
Filiação: Casério Calábria e Ortiza Ferreira
Relação com Ido Finotti: amigo e fornecedor de molduras
Residência atual: Uberlândia/MG
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Uberlândia/MG - 15/03/2016

Eu trabalho no comércio com vidraçaria, espelhos, telas, quadros e confecções de molduras há 46 anos. Na Vidraçaria União trabalhei de 1970 a 1981, e no estabelecimento chamado Rei do Quadro, eu trabalho desde 1982, ambas empresas estão na situadas na cidade de Uberlândia-MG. Tive a oportunidade de conhecer os artistas Ido Finotti, Arlindo Rosseto e outros. Por diversas vezes forneci molduras para Ido Finotti com o qual eu tive grande amizade. Tenho conhecimento de que ele desfrutava de bastante companheirismo de Arlindo Rosseto, também pintor artístico.

O meu pai, Casério Calábria, fez parte da equipe que trabalhava na Alfaiataria Finotti, em Uberlândia, cujo proprietário era Luís Finotti (irmão de Ido Finotti).

Eu possuo dois quadros de Ido Finotti, que inclusive no momento estão expostos na minha loja (figura 3), porém não os disponho para venda, pois têm importante significado para mim.

Uma das pinturas, intitulada *Fazenda no caminho para o Rio Tijuco* (figura 1) datada de 1975 é um óleo sobre compensado (32x38 cm) que eu recebi dele por troca de serviços de molduras.

A outra é a *Paisagem da Vila Saraiva* (Uberlândia) de 1975, em óleo sobre compensado de pinho (30x37 cm). O quadro (figura 2) representa a vila quando ainda surgiam as primeiras casas próximas do córrego São Pedro (hoje Avenida Rondon Pacheco). Este foi um presente levado pessoalmente por ele, a pé e com dificuldade para caminhar por estar já bem debilitado, em 1978, pouco tempo antes de sua morte.

Fig. 1 - Fazenda no caminho do Rio Tijuco - 1975 - óleo s/compensado - 32x38 cm



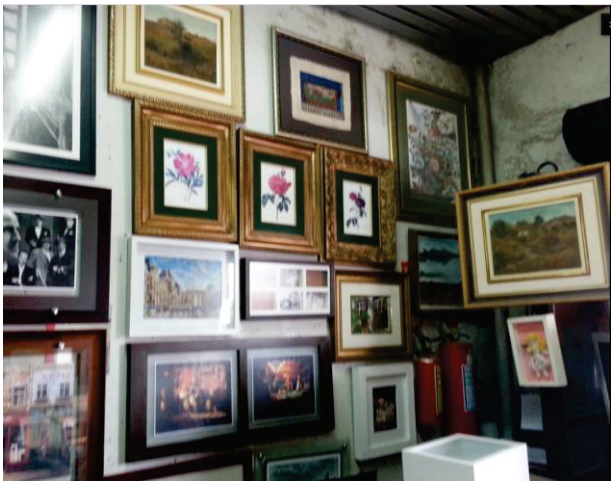
Fonte: o próprio autor

Fig. 2 - Vila Saraiva - Uberlândia - 1975 - óleo s/compensado - 30x37 cm



Fonte: o próprio autor

Fig. 3 - Loja Rei do Quadro



Notam-se os dois quadros de Ido Finotti expostos: um no alto e o outro à direita.

APÊNDICE B-2 - DEPOIMENTO DE CARMEN FERNANDES

Nome: Carmen Lúcia Alves Fernandes Rocha
Local e data de nascimento: Fazenda Retiro - Uberlândia/MG - 14/07/1948
Filiação: Antônio Fernandes de Oliveira e Delmira Alves Fernandes
Relação com Ido Finotti: amiga
Residência atual: Uberlândia/MG
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Uberlândia/MG - 04/03/2016

Sou artista visual. Tenho formação pela UFU em Artes Visuais e Filosofia /História. Sou uma das fundadoras da AICA - Artes Integradas do Camaru (Uberlândia/MG). Na AICA abríamos espaço para outros colegas da área visual e compartilhávamos experiências juntos. Fui secretária dessa associação, em seguida, Presidente, onde mantive o vínculo até o ano de 2009.

Tive contato com Ido Finotti em algumas reuniões e exposições realizadas pela AICA. Ele tinha muitas amizades, entre elas o artista pintor Arlindo Rossetto (figura 1). Nessas ocasiões tivemos oportunidades de conversar, e me lembro de que Finotti comentou a respeito de sua própria fabricação de tintas para pintura a óleo. Disse-me que, com pigmentos geralmente importados, misturava óleo de linhaça usando uma espátula sobre uma placa de vidro, metal ou fórmica. Era necessário que essa placa tivesse uma superfície impermeável, motivo pelo qual não podia ser de madeira a fim de não absorver o óleo. Assim, fazia a dosagem da mistura até atingir a consistência pastosa desejável, e utilizando tubos de dentifrício (pasta dental) vazios, acondicionava aí a tinta. Com paciência e habilidade ele desdobrava a extremidade do tubo que era de alumínio e com o auxílio de uma pequena espátula ou cabo de pincel, abria o espaço no interior da bisnaga para introduzir a tinta. O rótulo de papel era retirado para melhorar a aparência e o manuseio. Por último fechava o tubo enrolando e pressionando sua extremidade. Guardo até hoje uma bisnaga (figura 3) contendo tinta de sua fabricação que ele me ofertou.

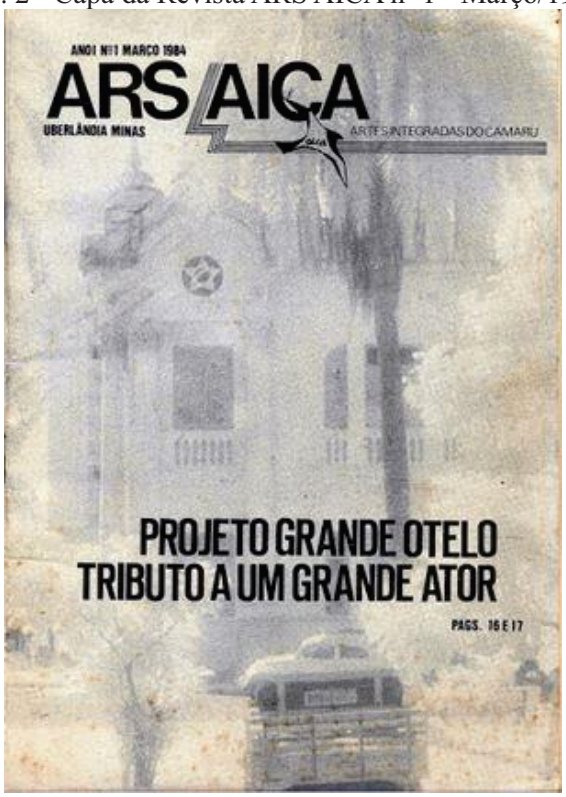
Possuo uma pintura em óleo sobre tela de Ido Finotti intitulada “Barranco” (figura 4) que me foi presenteada por sua esposa Adelina Cicci em maio de 1988 (oito anos após a morte do artista).

Fig. 1 - Carmen Fernandes e Arlindo Rosseto no lançamento da Revista ARS AICA (Março/1984) editor responsável Hélvio Lima



Fonte: Carmen Fernandes

Fig. 2 - Capa da Revista ARS AICA nº 1 - Março/1984



Fonte: o próprio autor

Fig. 3 - Tubo de dentifrício contendo tinta fabricada e acondicionada por Ido Finotti



Fonte: o próprio autor

Fig.4 - Ido Finotti - Barranco - s/d - óleo s/tela 30x38 cm



Fonte: o próprio autor

APÊNDICE B-3 - DEPOIMENTO DE CRISTIANE FINOTTI

Nome: Cristiane Finotti
Local e data de nascimento: Uberlândia/MG - 17/01/1963
Filiação: Ulisses Finotti e Leila Siquieroli Finotti
Relação com Ido Finotti: neta
Residência atual: Uberlândia/MG
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Uberlândia/MG - 26/10/2015

Nas minhas lembranças está bem viva a memória do meu avô Ido Finotti, um homem bom, humilde, calado e interessante.

Entre outras coisas, a sua bondade se manifestava na preocupação com o gasto dos fregueses da Confeitaria na Hora de sua propriedade, na sua disponibilidade em doar seus quadros a quem os apreciava e no carinho para com sua família.

A humildade se manifestava nas roupas elegantes, porém singelas como um casaco xadrez em tom bege e marrom ou camisas de manga longa de cores claras e neutras; no bolso não carregava carteira, mas sim um volante de loteria esportiva que envolvia o dinheiro, e ao fazer o novo jogo semanal trocava por outro. Também compunha seu perfil a voz baixa e pausada e o trato igualitário para com as pessoas de várias classes sociais. Sempre ao ser beijado ou abraçado por mim repetia obrigado várias vezes.

O fato de ser calado significa para mim que ele não falava mais do que o necessário. Tinha o costume de andar quase sempre com as mãos cruzadas para trás assobiando uma melodia. Aos meus 12 anos, um fato me surpreendeu: eu iria para São Paulo passar as férias com minhas primas, porém meu pai queria impedir minha viagem, pois no dia anterior havia ficado até mais tarde na Confeitaria. Ao saber desse fato, meu avô apareceu na minha casa bem cedo e conseguiu convencer meu pai quanto à viagem. Foi um acontecimento em que pude comprovar que aquele homem franzino e calado sabia se impor nas situações de conflitos.

Interessante significa que ele não era um avô comum, era um avô artista que passava o seu apreço à arte para os netos. Um dos momentos mais prazerosos era ir até a agência "Lila", era assim chamada a revistaria da época. Ele fazia questão de levar os netos, semanalmente,

para comprar revistas como *Tio Patinhas* e *Luluzinha*, incentivando a leitura desde a tenra idade, e na nossa adolescência continuava com essa rotina comprando revistas para essa faixa etária como "Pop".

Ele também incentivava a ida ao cinema, era um assíduo frequentador sempre na segunda sessão. A Confeitaria na Hora disponibilizava o local para propaganda dos filmes em cartaz nos cinemas, em troca dessa oportunidade de marketing estes ofereciam acesso gratuito à família; portanto era comum a ida frequente ao cinema, e conforme o sucesso do filme assistíamos várias vezes. Outro aspecto interessante era a visita que gostava de fazer com os netos na padaria (local onde confeccionava os pães) durante a noite, onde ele ia explicando cada maquinário, o forno e ainda costumava nos pesar na balança específica para os sacos de farinha.

Um dos momentos mais fascinantes de incentivo à arte que ele dominava, era quando ele chamava os netos para pintar no seu ateliê. Ir a esse local era uma aventura para nós crianças, pois ficava ao fundo do apartamento num cômodo em cima da confeitaria e para acessá-lo era necessário atravessar uma passarela de cimento que passava por cima do telhado da padaria. Ao atravessar a passarela sentíamos uma mistura de medo e satisfação. Adentrando o espaço podíamos ver uma parte aberta e dois cômodos feitos de tábuas, com muita tinta, pincéis, telas, cavaletes, fotos de paisagens diversas; enfim algo instigante, criativo e estimulador. Em um dos cômodos ele guardava nas prateleiras várias telas feitas de papelão com pequenos relevos, medindo aproximadamente 20x20 cm, de cor bege claro parecido com papel mata-borrão. Essas pequenas telas eram destinadas aos netos, ele simplesmente arrumava os cavaletes e as paletas deixando a nossa criatividade falar mais alto. Não me lembro dele direcionar ou ensinar técnicas, mas deixava a tela e as cores para que fossem usadas do modo como quiséssemos e por vezes explicava a mistura das cores dando diferentes tons. A única vez que ele sugeriu algo foi quando entrei num curso de pintura aos 16 anos e no meu segundo quadro que era uma natureza-morta, ele disse como deveria ter pintado as margaridas para que ficassem melhores. Dizia também que ia me ensinar a fazer árvores, porém logo ficou doente e faleceu assim que eu completei 17 anos. Em relação às minhas telas, eu o presenteei com o primeiro quadro que pintei: era um casario, esse fato o deixou muito feliz e orgulhoso. Ele mesmo colocou uma moldura e após sua morte, a minha avó Adelina me devolveu juntamente com um quadro dele de casario também.

Infelizmente não segui por muito tempo o curso de pintura com a artista Carmem Fernandes, iniciado em 1979, devido a questões emocionais provocadas pela morte recente de

minha mãe, mas o meu interesse pelas obras de Ido Finotti permaneceram. Após esse ano não tive tantas oportunidades de convívio, pois ele ficou doente (câncer no pulmão) e faleceu em 1980, e no ano de 1981 faleceu o meu pai.

Na ocasião da exposição *Retrospectiva das Obras de Ido Finotti* no Uberlândia Clube em 1988, eu colaborei com a produção de um vídeo contendo relatos da vovó Adelina e outros, além da filmagem dos quadros expostos. Infelizmente, não ficou registrado o coquetel de lançamento da exposição, pois a família não havia pensado nessa possibilidade, foi então que surgiu a ideia de registrar a exposição que ainda estava em andamento.

Quando houve a transferência da galeria de arte do Teatro Grande Otelo para o Centro Administrativo em 1994, fui escolhida como a representante da família para a leitura de um pequeno discurso em que mencionei a grande produção de sua obra principalmente a partir dos seus 60 anos de idade. Esse momento foi muito relevante para mim, pois estava iniciando meu trabalho na Diretoria do Idoso da Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

Colaborei também com a exposição *Retrospectiva Ido Finotti - 100 anos*, fazendo parte da comissão organizadora composta por membros da família de Uberlândia e São Paulo e da Secretaria Municipal de Cultura. Para esse evento foi produzido um catálogo com verba doada por Reginaldo Finotti (filho do artista) e um coquetel de abertura tendo a presença maciça da família e da comunidade, realizado na Galeria Ido Finotti no Centro Administrativo em 1999.

Em conjunto com dois primos de São Paulo (Aluízio e Francis Gibson) administro uma página no Facebook para a divulgação da obra e curiosidades de Ido Finotti, sobre a sua família e a Confeitaria na Hora. Essa página foi elogiada pelo então coordenador do curso de Artes da UFU Renato Palumbo, pois segundo ele era a primeira fonte de informações sobre o artista.

Enfim, para mim é uma honra divulgar, estimular e aprofundar o conhecimento da obra de Ido Finotti. Não poderei voltar ao passado para esmiuçar seu talento e suas histórias, infelizmente muitas coisas ficam no vazio, pois quando somos mais jovens não temos noção da finitude. Mas ficou a lembrança desse homem de valor que interagiu muito bem com outras gerações, procurou sempre o aperfeiçoamento, foi grande na sua arte e na sua missão de fazer o bem. Ele deixou a sua marca!

APÊNDICE B-4 - DEPOIMENTO DE EDUARDO FINOTTI

Nome: Eduardo Finotti
Local e data de nascimento: Uberlândia/MG - 29/03/1959
Filiação: Ulisses Finotti e Leila Siquieroli Finotti
Relação com Ido Finotti: neto
Residência atual: Uberlândia/MG
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Uberlândia/MG - 28/10/2014

Eu acompanhei com mais frequência o meu avô Ido Finotti em suas andanças de 1977 até 1980, mas desde pequeno eu tive convivência com ele. Lembro-me de que quando íamos à Agência de Revistas Itacolomi, ganhava dele gibis, e à noite eu ia para a Confeitaria Na Hora.

Ido sempre fabricava as próprias molduras para seus quadros de pintura e também fazia suas telas, algumas eram de *Duratex* ou *Madeirit*. Quando ele era ainda muito jovem, teve como mestre um pintor de paredes e de quadros chamado Giacomo Stefanni.

A partir de 1955 a sua produção artística de quadros se tornou mais intensa, em sua técnica de pintura (na maioria paisagens) ele utilizava pincéis para aplicar a tinta a óleo sobre a superfície a ser pintada. Antes de lançar a tinta, fazia o esboço usando lápis ou carvão, tanto no ateliê quanto no campo. Quando não fazia o croqui ao ar livre ele memorizava a imagem observada na natureza para desenhar posteriormente no atelier, e havia ocasiões em que esboçava e já lançava a tinta ainda na beira do rio. Os rios Araguari, Tijuco e Uberabinha foram os mais explorados por Ido, eu lhe servia de companhia e como ajudante para carregar os materiais e cavaletes (fig.1).

Em outras ocasiões meu avô fotografava as imagens que lhe despertavam interesse: casebres, paisagens e fazendas do Triângulo Mineiro, vistas da cidade de Ouro Preto (quando ia a passeio), etc. Lembro-me de uma das fazendas frequentadas por ele para pintar, era chamada Lajeado, cujo proprietário era Zequinha Rezende, no município de Uberlândia, próxima do distrito de Miraporanga.

Fig.1 - Ido Finotti acompanhado de seu neto Eduardo Finotti,
com a maleta e banqueta para pintura em *plein air*.



Fonte: Cristiane Finotti

Em suas viagens pela região triangulina, havia momentos em que atraído pela visão da paisagem, parava na estrada exclusivamente para fotografar.

Meu avô era em todas as circunstâncias uma pessoa pacífica e nunca levantava a voz, era também desligado de dinheiro, pois não fazia questão de colocar preços expressivos em seus quadros que ficavam expostos nas paredes da confeitaria, e com muita frequência dava-os de presente. Os comerciantes que trabalhavam nos estabelecimentos da vizinhança, bem como, os viajantes que se hospedavam no Hotel Colombo se interessavam em adquirir suas pinturas. Havia duas atividades de lazer que eram do costume de Ido Finotti: ir ao cinema e pescar. Ele dava permissão aos proprietários dos cinemas para a colocação de anúncio dos filmes em cartaz na vitrine de entrada da Confeitaria Na Hora.

Ido Finotti dizia que a estação da seca era melhor para executar pinturas pelo fato de ter melhor percepção dos contrastes de cor e luz, e de mato verde e mato seco. Ele usava sempre uma paleta na hora de misturar tintas para aplicar as pinceladas sobre a tela.

APÊNDICE B-5 - DEPOIMENTO DE FRANCIS TORRES GIBSON

Nome: Francis Torres Gibson
Local e data de nascimento: Olinda/PE - 09/03/1926
Filiação: Aluízio Xavier Gibson e Guiomar Nancy Torres Gibson
Relação com Ido Finotti: genro
Residência atual: São Paulo-SP
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Uberlândia/MG - 31/08/2014

Parte 1

Era um final de tarde de junho de 1953 e eu viajava de Uberaba para Uberlândia apreciando a paisagem pela janela do trem. Num determinado trecho do caminho ao iniciar uma subida o trem foi perdendo velocidade, o que me permitiu ver detalhadamente uma grande cena de queimada no cerrado que surgira diante dos meus olhos causando-me perplexidade: um misto de beleza e horror! Imediatamente aquela visão me fez imaginar tal composição pintada sobre uma tela, um quadro, uma obra de arte do acaso natural, a qual eu fiz questão de fixar com o maior número de detalhes possível em minha memória visual. A minha intenção era descrever a composição ao meu sogro Ido Finotti como sugestão para a produção de uma pintura. No dia seguinte ao encontrar com o artista mencionei o fato e a possibilidade de executar a pintura. Ele ficou *apaixonado* pela ideia e me pediu a descrição da cena e, com lápis e papel, fui desenhando um esboço simples enquanto descrevia a cena com palavras. Aproximadamente dois meses depois, para minha surpresa, Ido Finotti me apresentou a obra pronta e indagando meu parecer, respondi: *Meu Deus, não é possível!* Eu não imaginava que ele pintaria com tamanha expressividade a minha visão.

Parte 2

As telas de paisagens pintadas por Ido Finotti ficavam expostas nas paredes da Confeitaria Na Hora. Os fregueses interessados nas obras queriam saber o preço e pechinchavam a negociação com o artista que acabava cedendo a venda por valores muito

baixos. Certo cliente[45], que se hospedava com frequência no Hotel Colombo situado em frente à confeitaria, proveniente do sul do país, sabendo das vendas baratas de suas pinturas, perguntou a Ido Finotti por que não as vendia por preços melhores. O pintor então lhe respondeu que ficava gratificado quando algum cliente gostava de seus quadros, e este prazer absolutamente não residia no valor monetário da venda da obra, mas sim em ver a satisfação do comprador e saber que suas telas estariam sendo divulgadas por muitos lugares.

Por várias vezes esse mesmo freguês adquiriu pinturas do artista, chegando a um número de 40 a 50 obras. Quando eu chegava à confeitaria, vendo as paredes vazias, perguntava ao pintor onde estavam os quadros e ele respondia que já os havia vendido!

[45] O depoente não tem informações sobre compradores anônimos, e não era comum Ido Finotti fazer registros ou recibos. O fato se apoia nos testemunhos e memórias de Francis Torres Gibson e de outros presentes no episódio.

APÊNDICE B-6 - DEPOIMENTO DE HELVIO LIMA

Nome: Helvio Lima
Local e data de nascimento: Uberlândia/MG - 23/04/1947
Filiação: Iracy de Lima e Maria Pereira Lima
Relação com Ido Finotti: conhecido
Residência atual: Uberlândia/MG
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Uberlândia/MG - 18/03/2016

Meu pai, ainda jovem, fez parte da equipe que trabalhava com Ido Finotti realizando pinturas parietais decorativas, roda-tetos, pátinas e outras, em residências na cidade de Uberlândia. Eles usavam a técnica de stencil - moldes de papel com desenhos vazados utilizados na aplicação de tinta sobre as superfícies a serem decoradas. Quando meu pai foi trabalhar com Ido Finotti na década de 1930, ele já tinha conhecimento prático desse ofício, e eu não sei com quem aprendeu. As tintas eram por eles preparadas principalmente com pigmentos naturais, como por exemplo, ocas[46] que extraíam da terra nas proximidades do aeroporto de Uberlândia. No preparo temperava-se a cal com óleo, sal e os pigmentos. Esse processo concedia impermeabilização à tinta.

Meu pai comentava que Ido Finotti era uma ótima e educada pessoa, bom patrão e não havia discórdias no relacionamento. Tanto é que no início da década de 1940, quando meu pai deixou a equipe para ser autônomo, Ido Finotti demonstrou tristeza, pois o tinha como bom profissional e amigo.

Na década de 1960 e início da de 1970 eu frequentava a Confeitaria na Hora e gostava de apreciar as telas de Ido Finotti que ficavam expostas nas paredes da mesma. Em meados do ano 2000 comprei de uma moradora de Uberlândia uma obra de Ido Finotti. É uma pintura em óleo sobre compensado, datada de 1951, representando o Rio Uberabinha no trecho onde hoje passa a ponte da Avenida Getúlio Vargas (Uberlândia), tendo as primeiras

[46] Os pigmentos podem ser classificados segundo sua origem: artificiais (pigmentos fabricados) e naturais, que compreendem os minerais (ocas, terra, calcários etc.), os vegetais (lacas, índigo, urucum etc.) e os animais (preto marfim, sépia e a cochonilla, pequeno inseto de cor púrpura, encontrado no México).
Fonte: Adriano Ramos <www.grupooficinaderestauro.com.br/publicacoes/a-criacao-materias-e-tecnicas.html>

casas do Bairro Daniel Fonseca em segundo plano. No leito do rio há um pescador e um desaguamento (figura 1).

Fig. 1 - Ido Finotti - Rio Uberabinha - 1951 - óleo s/compensado - 32x46 cm.



Fonte: o próprio autor

APÊNDICE B-7 - DEPOIMENTO DE LEONEL FINOTTI

Nome: Leonel Finotti
Local e data de nascimento: Espírito Santo do Pinhal/SP - 22/11/1929
Filiação: Luiz Finotti e Zelinda Furlanetto
Residência atual: Campinas-SP
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Campinas/SP - 04/11/2015

No ano de 1996, mês de outubro, eu comprei um programa computacional para arquivar e ordenar os dados de genealogia da família. Nele procuro deixar registradas as informações sobre as famílias dos meus quatro avós que emigraram para o Brasil: Finotti, Bertazzolo, Furlanetto e Toffoli.

Segue abaixo algumas informações obtidas em minhas pesquisas não só em livros de paróquias da Itália (que antes de 1870 era onde se registravam os nascimentos, casamentos, etc.) e nos livros de Comunes italianas que, a partir daquela data, passaram a registrar aqueles dados. Aqui no Brasil, Cartórios de Registro Civil e em livros de registros de entrada imigrantes.

A respeito dos registros paroquiais italianos, verificamos que naqueles escritos há muita sutileza na diferenciação entre S e SS, Z e ZZ e tantas outras... O sobrenome Bertazzolo no Brasil foi adotado Bertassoli. O nome de nossa avó Celeste Tereza Bertazzolo consta nos registros de nascimento de todos os seus filhos apenas como Tereza Bertassoli, entretanto no Registro de Casamento seu nome consta somente como Celeste.

Sobre Cesar Finotti (pai de Ido Finotti):

Cesar Finotti nasceu em 10/ maio/1868 em Donada (hoje Comune de Porto Viro/RO) Itália. Sua migração se deu em 19/maio/1891. Saindo do Porto de Gênova pelo Vapor Gio Batta Cavarello chegou ao porto do Rio de Janeiro (com 23 anos de idade) juntamente com Guerino Costa (filho de Regina Orsi[47]) e, com seus irmãos (por parte de pai) Aristide e Silvia, também filhos de Regina. (Livro nº 57 da Hospedaria da Ilha das Flores, Registro de Imigrantes, página 225). Pela mesma embarcação, no dia 23, seguiram para Santos e, no dia

[47] Regina Orsi era madrasta de César Finotti. Guerino Costa era filho do primeiro casamento de Regina. Aristide e Silvia eram filhos do segundo casamento de Regina Orsi (com Marco Finotti também, segundo casamento). César Finotti era filho de Marco Finotti (primeiro casamento) com Giacinta Tiengo.

seguinte, já se encontravam na Hospedaria dos Imigrantes (hoje, Memorial do Imigrante), em São Paulo.



Memorial do Imigrante 27974

Constam dos arquivos do Memorial do Imigrante os seguintes dados:

Nome da Família	Nome do Imigrante	Parentesco	Nacionalidade	Idade	Estado Civil
FINOTTI	CESARE	NÃO CONSTA	ITALIANA	22	NÃO CONSTA
	REGINA	MÃE	ITALIANA	39	NÃO CONSTA
	SILVIA	IRMÃ	ITALIANA	09	NÃO CONSTA
	ARISTIDE	NÃO CONSTA	ITALIANA	06	NÃO CONSTA
	PRINO	IRMÃO	ITALIANA	15	NÃO CONSTA

Procedência	Destino	Vapor	Chegada	Livro	Página
RIO DE JANEIRO		G. B. LAVARELLO	24/05/1891	025	292

Os dados corretos são:
(Leonel)

Nome da Família	Nome do Imigrante	Parentesco	Nacionalidade	Idade	Estado Civil
FINOTTI	Cesare Finotti	Enteado	Italiana	22	Solteiro
	Regina Orsi	Madrasta	Italiana	39	Viuva
	Silvia Finotti	Filha	Italiana	09	
	Aristide Finotti	Filho	Italiana	06	
	Guerino (Rino) Costa	Filho	Italiana	15	

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Memorial do Imigrante

Fonte: arquivo Leonel Finotti

Cesar e família, entre 1897 e 1933 fizeram algumas mudanças. Exerceu sua atividade profissional de marceneiro primeiramente em Mogí Mirim/SP, provavelmente na oficina de carpintaria de seu parente Teobaldo e, depois, por cerca de 33 anos em Espírito Santo do Pinhal/SP, onde permaneceu até por volta de 1931.

De lá, foi para Campinas, onde já residia seu filho Francisco, onde permaneceu até 1933, com sua bancada de trabalho à Rua Bandeirantes nº 140, quando então, com sua esposa e filhos Vitório, Adolfo, Marquito, Esterina, Carlos e Casemiro, mudaram para Uberlândia/MG, onde já moravam seus filhos Ido, Esterino, Luiz e Ernesto.

Em Uberlândia, César Finotti trabalhou na Fábrica de Móveis de João Fernandes, sogro de seu filho Esterino. Já idoso, deixando a fábrica, passou a trabalhar em casa onde morava, Rua Vigário Dantas n° 48 e posteriormente na Rua Felisberto Carrijo, 246.

Só deixou de usar as ferramentas que o acompanharam por toda a sua vida, quando já não tinha mais força para manejá-las.

Para se ter ideia do que era ser marceneiro naquela época, é preciso relembrar que todo o trabalho era feito manualmente; como o corte das tábuas e às vezes o seu desempeno; o

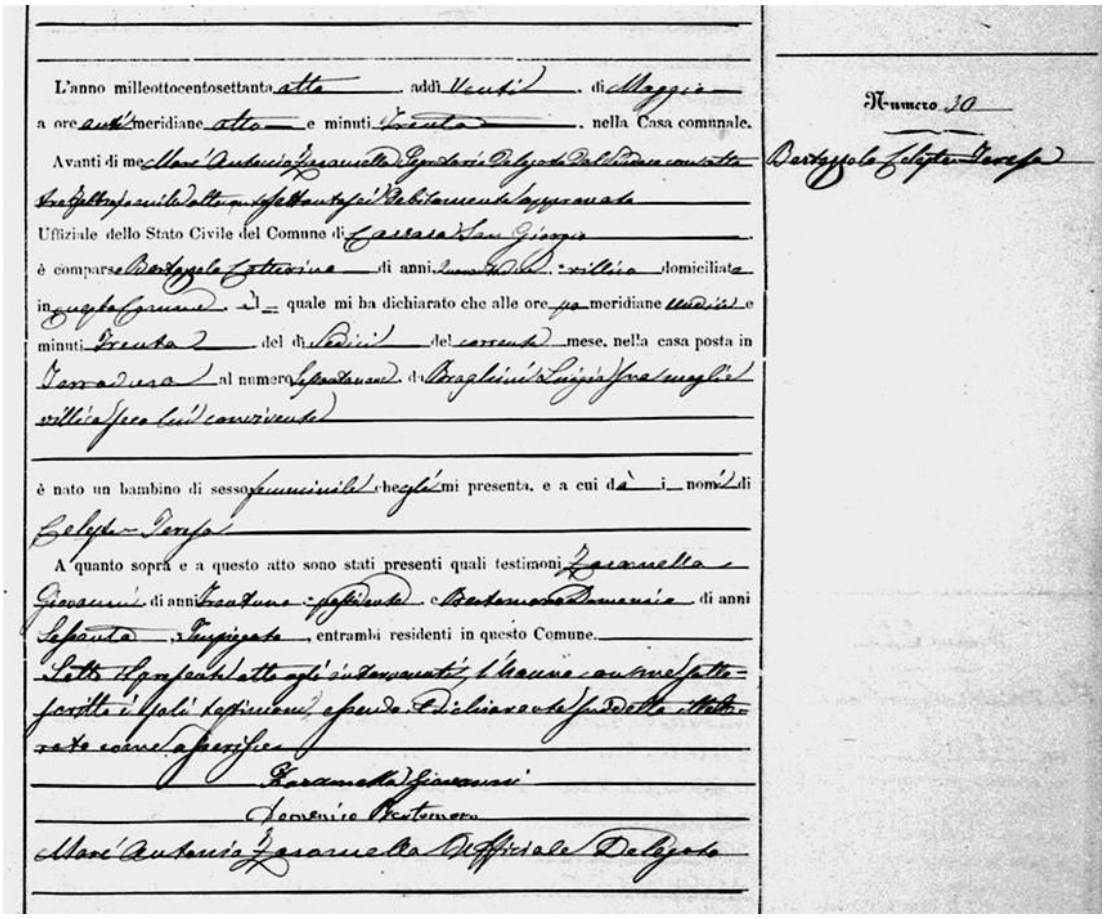
uso das plainas, inclusive as especiais para os frisos, rebaixos e ressaltos; dos formões; do arco de pua para os furos; do lixamento etc.

Era necessário conhecer muito bem madeiras, saber preparar colas e vernizes e, também, saber envernizar. Para o uso das ferramentas, o conhecimento e a habilidade para afiá-las. Cesar Finotti faleceu em 14/junho/1948 em Uberlândia.

Sobre Celeste Tereza Bertassoli Finotti (mãe de Ido Finotti):

Tereza nasceu em16/maio/1878 em Carrara di San Giorgio (PD), Itália (imigração 16/agosto/1888). Não se sabe ao certo o motivo, mas Celeste (esse era seu nome no registro de entrada no Brasil) quando chegou, aos 10 anos de idade, logo passou a se chamar Tereza e assim sempre ficou conhecida.

Sobre a nossa avó, encontrei a cópia da Certidão de Nascimento (Atto di Nascita), depois de quinze anos de procura, em Carrara de San Giorgio - Itália:



L'anno milleottocentosettanta otto addì Venti di Maggio
a ore anti meridiane otto e minuti Trenta nella Casa comunale.
Avanti di me Marc'Antonio Zaramella Segretario Delegato dal Sindaco con atto
tre feltro e mille otto cento settanta sei debitamente approvato
Uffiziale dello Stato Civile del Comune di Carrara San Giorgio
è comparso Bertazzolo Catterina di anni quarantadue villica domiciliata
in questo Comune. Il quale mi ha dichiarato che alle ore 10 meridiane undici e
minuti Trenta del dì Sedici del corrente mese, nella casa posta in
Terradura al numero Sessantanove da Braglini Luigia sua moglie
villica seco lui convivente

è nato un bambino di sesso femminile che egli mi presenta, e a cui dà i nomi di
Celeste Teresa

A quanto sopra e a questo atto sono stati presenti quali testimoni Zaramella
Giovanni di anni trentuno possidente e Bertomoro Domenico di anni
Sessanta, impiegato, entrambi residenti in questo Comune.
Letto il presente atto agli intervenuti, l'hanno con me sotto-
scritto i soli testimoni, essendo dichiarante suddetta illetta-
rata come asserisce.

Zaramella Giovanni
Domenico Bertomoro
Marc'Antonio Zaramella Ufficiale Delegato

Numero 30
Bertazzolo Celeste Teresa

Fonte: arquivo Leonel Finotti

No Brasil, Terezinha cresceu ajudando seus pais na lavoura e nas lidas de casa, nas vizinhanças de Espírito Santo do Pinhal, onde moravam.

Depois de muitas décadas sem ter tido oportunidade de visitar seus parentes fora de Uberlândia, foi ela em 07 de dezembro de 1949 para Campinas, onde ficou hospedada em casa de seu filho Francisco e com o objetivo de ir a Espírito Santo do Pinhal visitar seus irmãos e sobrinhos. Ainda em Campinas no dia 24 de Janeiro de 1950, caiu de cama em decorrência de um derrame cerebral.

De uma carta de seu filho Luiz Finotti para Tiziano Toffoli (05/Fevereiro/1950), extraímos o seguinte trecho: *"... no dia 26, fomos a Campinas, eu, Ido, Esterino, Nena, Ernestino, Adolfo e Casemiro... ela ficou sempre fora de si, ela reconheceu todos, mas pouco falou, sempre estava num sono profundo, assim ela durou nove dias..."*

Tereza faleceu em 02/fevereiro/1950 em Campinas sendo sepultada em 03/fevereiro em Uberlândia.

Sobre o casamento de Cesar Finotti e Tereza Bertassoli:

Ocorreu em 01/março/1897 em Espírito Santo do Pinhal. Nesta mesma cidade, Cesar, Tereza e filhos moraram à Rua Floriano Peixoto e meses depois foram para a Rua Prudente de Moraes, antigo nº 28 (a rua era também conhecida na época como Rua do Arroz Queimado).

Cesar Finotti e a família mudaram em 1914 para Ribeirão Preto, quando Cesar foi trabalhar com seu irmão Aristide que, na época, já fazia construções naquela cidade. O casal, com alguns dos filhos mais novos, permaneceu por pouco tempo em Ribeirão Preto. A remuneração não era suficiente para manter a família e eles voltaram para E. S. do Pinhal.

Em 1931 a família se deslocou para Campinas e, por volta de 1933, mudaram definitivamente para Uberlândia, onde já residia a maioria de seus filhos e netos. Nessa cidade, alugaram casa na Rua Vigário Dantas 48, onde residiram até 1942, quando então se mudaram para Rua Felisberto Carrijo 246.



Família César Finotti e Tereza (Celeste) Bertassoli por ocasião do casamento de Esterina Finotti.
Em pé: Carlos, Luiz, Ido, Vitório, Maria Santos, Ernesto, Adolfo, Esterino, Francisco, Casemiro.
Sentados: Zelinda, Adelina, César, Esterina, José Martins, Tereza, Gracinda, Cecília.
Crianças: Leonel, Lutel, Hilton, Regina (colo), Ulisses, Wilma, Tereza, Gilberto, João Cesar, Tirso, Donaldo.
Uberlândia, 1934. Ausentes: Mário e Marcos.

Fonte: Arquivo Leonel Finotti

Sobre Ido Finotti:

Ainda adolescente, era aprendiz de pintura de parede. Aos 19 anos (1918) foi para Uberaba onde passou a exercer o ofício. Na época de seu inicio na profissão, normalmente as tintas eram preparadas pelos próprios pintores. Basicamente, caiação: cal e água, e em casos especiais adicionavam leite e, se não me engano, sabão. Nas pinturas a óleo usavam óleo de linhaça e para dar cor, alvaiade[48] com adição de corantes.

Em fevereiro de 1924, já casado com Adelina Cicci, veio para Uberlândia, para trabalhar como pintor de paredes. Era moda, naqueles dias, decorar os interiores das residências com pinturas e motivos florais ou natureza morta. Veio daí seu interesse, tendo aptidão para a arte.

Não tendo participado de qualquer curso de pintura, foi ele próprio, o seu mestre. Gostava, entretanto, de ler sobre os trabalhos e técnicas dos grandes artistas plásticos e de visitar, sempre que podia exposições no Rio de Janeiro e em São Paulo. Era seu passeio favorito nas grandes cidades.

Teve entre seus amigos: Almeida de Carvalho e Aldo Cardarelli, (em Campinas) e Ettore Federighi (em São Paulo).

[48] Alvaiade: Carbonato básico de chumbo, empregado em pintura; o mesmo que cerusita.

Ele gostava bastante do campo onde, aproveitando as oportunidades, retratava em esboços rápidos, quase sempre usando pedaços de carvão, e mais tarde transportava para as telas que ele mesmo havia montado, e pintava com tintas por ele fabricadas artesanalmente.

A maior parte de seus trabalhos apresenta paisagens, nas quais mostrava com sua habilidade, toda a exuberância da natureza. Ele pintava do original, rios, regatos, florestas, árvores, choupanas e as mais belas nuvens no céu sempre azul. São representativos também, seus trabalhos feitos em locais históricos e vilarejos, ao retratar igrejas e casarios, compondo luzes e sombras com equilíbrio e beleza.

Em suas viagens, levava sempre seu material de esboços, não perdendo nenhuma oportunidade observada por seus olhos de artista, para criar uma nova tela de bucólica paisagem.

Entre suas obras destaca-se a pintura dos afrescos (marmorizado nas colunas e quadriculado com gabaritos no teto) na Catedral de Santa Terezinha (Uberlândia) na época de sua inauguração (recentemente modificada) e na igreja da cidade de Guará, no Estado de São Paulo.

Ido Finotti e Adelina Cicci se casaram no dia 15 de setembro de 1923 em Uberaba/MG. Ido Finotti faleceu no dia 12 de Fevereiro de 1980 em Uberlândia/MG.

Em minhas recordações não tenho nada sobre Giacomo Stefano, mas sei que o tio Ido foi para Uberaba levado por um primo dele (Odoardo Servilho Finotti), por volta de 1914, e que era mestre de obras em Uberaba.

Lembro-me de que Ido Finotti utilizava, nas pinturas parietais, moldes feitos em papelão grosso e para a aplicação de tinta usava um aspersor cujo ar provinha de um cilindro movido a mão.

Um exemplo dessa pintura decorativa aparece na foto (figura 1) do aniversário da Tereza (filha de Esterino Finotti). Aquela faixa logo abaixo do teto é um dos exemplos do trabalho do tio Ido. Esse feito para quarto de crianças.

Fig.1 - Pintura decorativa de Ido Finotti em parede de quarto infantil - 1938 - Uberlândia.



Fonte: arquivo Leonel Finotti

Na fachada da Alfaiataria Finotti (figura 2) nota-se a placa com o nome do estabelecimento, feita por Ido Finotti. Ele pintava sobre a chapa metálica desenhando as letras a mão livre. Outras placas semelhantes foram feitas por ele em Uberlândia, entre elas a das Casas Pernambucanas.

Fig. 2 - Alfaiataria Finotti



Fonte: Foto Nadir

Em relação às pinturas de quadros, muitas das telas de Ido Finotti eram feitas por ele mesmo com sacos de aniagem (sacos feitos de algodão, com 50 ou 60 kg de capacidade, comumente usados para açúcar e outros produtos agrícolas). Ele os esticava e colava sobre a madeira, recebendo um tratamento de tinta por cima.

Eu possuo em meu acervo seis paisagens de Ido Finotti:



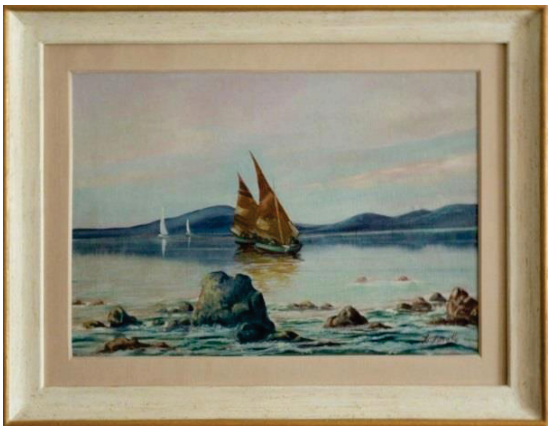
óleo s/tela - 107x33 cm



óleo s/tela - 1961 - 34x58 cm



óleo s/tela - 48x68 cm



óleo s/tela - 49x72 cm



óleo s/tela - 38x73 cm



1965 - óleo s/tela - 48x76 cm

DEPOIMENTO DE LETÍCIA FINOTTI REZENDE

Nome: Letícia Finotti Rezende
Local e data de nascimento: Uberlândia/MG - 03/07/1968
Filiação: Marcelino Mendes Rezende e Heloisa Helena Finotti Rezende
Relação com Ido Finotti: bisneta
Residência atual: Uberlândia/MG Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Uberlândia/MG - 18/03/2016

Os quadros a seguir são algumas das obras pertencentes à família de Heloisa Finotti, pintadas por nosso avô Ido Finotti.

Sobre a pintura do quadro de flores (figura 1), sabemos que foi uma cópia do cartão dado por Ido Finotti à sua esposa Adelina quando ainda eram namorados. Quando a Heloisa (neta mais velha do casal) se casou em 1967, a obra lhe foi dada como presente.

Fig.1 - Ido Finotti - Vaso com flores - 42x64 cm



Foto: Letícia F. Rezende

O outro quadro representa a Fazenda Lajeado (figura 2). Essa fazenda era um local em que vovô Ido Finotti gostava de ir para pescar e sempre levava o cavalete para fazer alguns esboços em *plein air*. Temos conhecimento de que ele adorava passar alguns dias nessa fazenda, passeando e pintando. Em uma dessas visitas, ele ficou lá por quinze dias onde fez algumas obras, entre elas a pintura da vista da sede da fazenda (figura 3) que foi presenteada ao proprietário José Alves Rezende (Zequinha Rezende) em agradecimento pela hospedagem junto com a esposa Adelina.

Fig.2 - Ido Finotti - Fazenda Lajeado - s/d - óleo s/madeirite - 27x35 cm



Foto: Letícia F. Rezende

Fig.3 - Ido Finotti - Fazenda Lajeado - 1976 - óleo s/tela - 45x63 cm



Foto: Letícia F. Rezende

A paisagem marinha onde aparece um navio cargueiro (figura 4) foi feita em São Sebastião-SP, também em *plein air*, e a gamela de madeira (figura 5) foi utilizada por Ido Finotti como suporte para pintar uma paisagem.

Fig. 4 - Ido Finotti - Canal de São Sebastião - litoral paulista - 1963 - óleo s/tela - 28x32 cm

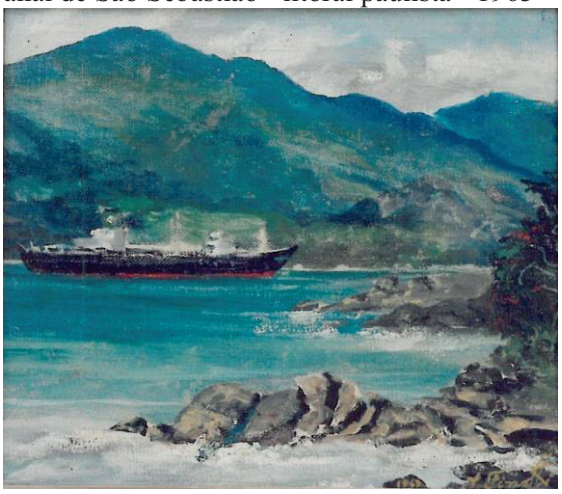


Foto: Letícia F. Rezende

Fig. 5 - Ido Finotti - Paisagem - s/d - óleo sobre gamela de madeira - diâmetro: 11 cm



Foto: Letícia F. Rezende

Possuímos também um quadro pintado pelo artista Ettore Federighi (figura 6), presenteado a Ido Finotti pelo fato de serem amigos.

Fig. 6 - Ettore Federighi - s/d - Vaso com rosas - 60x42 cm



Foto: Letícia F. Rezende

No ano de 1999 participei da equipe organizadora do catálogo e da Exposição Retrospectiva Ido Finotti - 100 anos, realizada na Galeria Ido Finotti (Centro Administrativo Virgílio Galassi - Uberlândia). Durante essa organização fizemos um levantamento do número de obras do meu bisavô, baseando em informações, indicações, fotografias e lembranças da família do pintor já falecido. O resultado foi uma lista de 453 pinturas, incluindo todos os tipos de suportes: telas, madeirite, papelão, tacos, tampas de lata de cêra, etc... Inferimos que esse número venha a ser maior pelo fato de que havia muitos quadros desconhecidos ou perdidos na memória dos organizadores.

APÊNDICE B-9 - DEPOIMENTO DE LUZÉLIA FINOTTI BARRETO

Nome: Luzélia Finotti Barreto
Local e data de nascimento: Uberlândia/MG - 10/01/1937
Filiação: Luiz Finotti e Zelinda Finotti
Relação com Ido Finotti: sobrinha
Residência atual: Caldas Novas/GO
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Uberlândia/MG -16/09/2015

Sempre fui uma grande admiradora de Ido Finotti principalmente pelo seu talento artístico. Eu me recordo que quando tinha seis anos de idade, Ido Finotti realizou uma pintura decorativa de roda-teto em meu quarto, onde na época (1943) minha residência localizava-se na Avenida Afonso Pena 284, centro de Uberlândia. Esse roda-teto era uma faixa decorativa aplicada com tinta através de moldes vazados com elementos infantis (crianças correndo com brinquedo de rodinhas, árvores, gramas, bichinhos). Essa residência, que pertencia ao meu pai, ficava ao lado da sua alfaiataria denominada Alfaiataria Finotti, e ao lado de um cômodo comercial.

Em 1952 esses três imóveis foram demolidos para dar lugar à construção do Edifício Finotti, onde se instalou a nova Alfaiataria Finotti no térreo, ao fundo de um largo corredor em forma de galeria que era a entrada do prédio. Os andares superiores eram formados de apartamentos residenciais.

Meu pai, Luiz Finotti, concedia aos artistas da cidade e até mesmo de outras, a oportunidade de exporem suas pinturas nas paredes dessa galeria de entrada do edifício, inclusive as obras do seu irmão Ido Finotti. Dessa forma, não só esse endereço fazia o papel de galeria de arte, como também a Confeitaria Na Hora (propriedade de Ido Finotti) possuía obras de pintura em suas paredes. Desse modo, a Alfaiataria Finotti e a Confeitaria Na Hora tiveram um papel importante na divulgação da arte em Uberlândia.

Quando eu perguntava ao tio Ido se ele poderia me ensinar a pintar ele respondia que pintura não se ensina, se você gosta comece a pintar. Assim por várias vezes eu o acompanhava e o observava enquanto ele produzia. Lembro-me quando fui com ele numa loja de tintas de um italiano que ficava na Avenida Floriano Peixoto, entre as ruas Coronel Antônio Alves e Quintino Bocaiúva, onde ele escolheu alguns pincéis e extrato de nogueira para comprar. Nesse tempo (décadas de 1940/50) os materiais eram importados. Entre suas obras, a maioria produzida com técnica a óleo, havia não muitos quadros em que Ido Finotti

utilizava extrato de nogueira. Eram quadrinhos com medidas em torno de 20 x 20 cm que estampavam paisagens monocromáticas (efeito obtido pelo que ele chamava de pintura em sépia), a intensidade da cor era dosada com maior ou menor quantidade de água adicionada ao extrato de nogueira.

Por três vezes eu tive, não aulas, mas orientações teóricas por parte de Ido Finotti. Quando eu estava com 15 anos, fomos juntos comprar tintas, pincéis, solvente, lápis para esboçar e ele disse nunca se deve usar o preto, porque preto é ausência de cor. A parte prática se resumia apenas em minhas observações vendo-o pintar. Primeiro ele fazia o esboço a lápis, usava a paleta para misturar cores e dizia que na ausência de paleta podia-se usar pires. Eu era admiradora dele, o reconhecia como gênio, era doce com todos, especialmente com as crianças e sempre muito alegre. Muitas vezes Ido pintava assobiando, e em determinadas ocasiões trabalhava em dois quadros simultaneamente, ora em um, ora em outro.

Quanto à Catedral de Santa Terezinha em Uberlândia, o tio Ido Finotti decorou com desenhos que se repetiam por todo o teto. Ele fez as faixas verticais nas paredes internas, em baixo relevo marrom escuro. As colunas imitando mármore usando a técnica de fingimento também foram feitas por ele.

O tio Ido e família moraram, em Uberlândia, primeiramente numa casa da Rua Felisberto Carrijo esquina com Rua Bernardo Guimarães. Lembro-me de que havia um cômodo pequeno e colorido onde ele guardava tintas.

Depois mudaram para um imóvel em frente à Praça Cícero Macedo. Nesta casa havia um porão claro e grande onde era possível ficar-se de pé, com dois ambientes: um era usado como ateliê de Ido Finotti e o outro era onde se guardava os brinquedos de sua filha Regina. Havia um cavalete, diante do qual me lembro de ver o tio Ido sentado num banquinho, pintando. O acesso a esse porão era feito por uma escada no fundo da copa da residência. Na parede de fundo claro da sala de jantar havia uma pintura decorativa de Ido Finotti, com formas geométricas circulares repetitivas em cor verde claro e emoldurada em alto-relevo cor bege. Posteriormente eles mudaram para o apartamento sobre a Confeitaria na Hora.

O quadro de Ido Finotti que eu tenho, representa a vista da chácara Finotti. A chácara, que pertencia ao meu pai, localizava-se onde hoje está o bairro Jardim Finotti, entre a atual Avenida João Naves de Ávila (antiga estrada de ferro) e a atual Avenida Cesar Finotti (que era a antiga estrada de terra que dava acesso à chácara). Eu me lembro de que numa tarde, quando eu tinha doze anos, o tio Ido foi para lá com o seu cavalete e a maleta de tintas. Ele sentou-se debaixo de uma árvore e eu fiquei ao seu lado assistindo e especulando enquanto ele pintava a vista da chácara. A pintura foi doada para meu pai, e hoje está comigo

(figura 1). A outra pintura, que está na casa de minha mãe (figura 2), me foi presenteada por tia Adelina Finotti no ano do falecimento do artista.

Fig.1 - Chácara Finotti - Uberlândia - 1949 - óleo s/tela - 33x54 cm



Fonte: Luzelia F. Barreto

Fig. 2 - Trecho de rio - Uberlândia-Minas - 1961 - óleo s/compensado - 33x57 cm



Foto: Ricardo A. Finotti

Fig. 3 - Detalhe do verso do quadro da fig. 2 - título escrito pelo artista

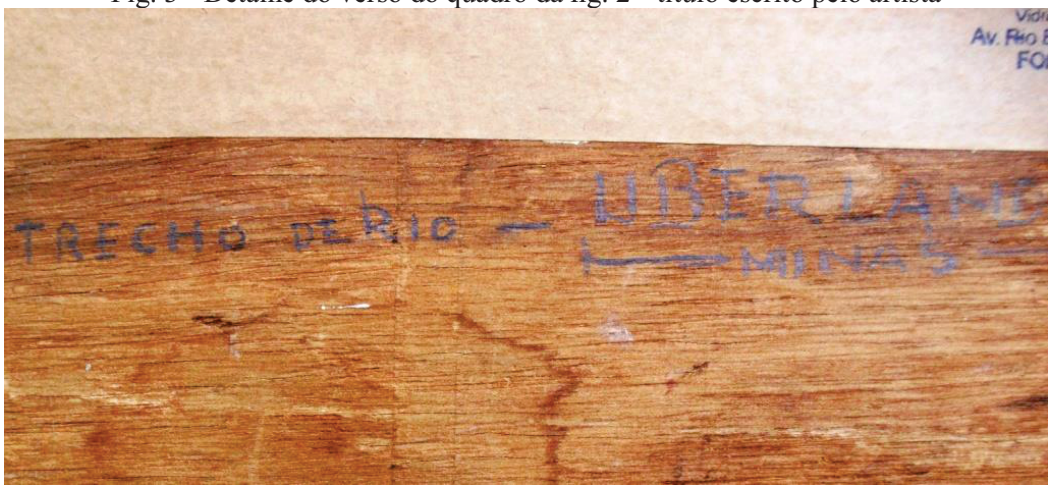


Foto: Ricardo A. Finotti

A foto seguinte (figura 4) era do quarto dos meus irmãos, quando eu fiz a Primeira Comunhão juntamente com minhas primas Regina Finotti e Aneris Cantelli, no dia 31 de maio de 1945. Pode-se notar o detalhe do roda-teto pintado por Ido Finotti.

Fig. 4 - Quarto de criança - 1945 (no alto aparece uma pequena parte do roda-teto)



Fonte: Luzélia F. Barreto

APÊNDICE B-10 - DEPOIMENTO DE ORLANDO NEVES

Nome: Orlando Neves
Local e data de nascimento: Uberlândia/MG – 04/04/1920
Filiação: Murat Neves e Maria do Nascimento Neves
Relação com Ido Finotti: ex-empregado
Residência atual: Uberlândia/MG
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Uberlândia, 19/09/2015.

Quando Ido Finotti era empreiteiro de pintura de casas, na praça de Uberlândia, eu fui trabalhar com ele, como aprendiz, aos 12 anos de idade (1932). Minha família era de condição pobre como boa parte da população, eu não tinha calçados, usava camisa e calça remendadas. Eu trabalhei então diretamente com João Batista de Melo, encarregado geral de Ido Finotti. Aprendi a raspar paredes, fazer remendos de reboco e nata de cal, pinturas. Ido Finotti era exigente com o capricho. Trabalhávamos também com a técnica denominada *plastex* que consistia em uma massa de feita de gesso, óleo e aguarrás para fazer texturas modeladas sobre paredes. Essas texturas podiam ser trabalhadas em temas florais, geométricos ou infantis, utilizando moldes de madeira ou metal, com auxílio de espátulas. As texturas eram pintadas posteriormente após completa secagem.

Outra técnica usada por ele era o *fingimento.* Essa técnica se baseava em fazer um barrado em paredes, geralmente de um metro de altura a partir do piso, aplicando a tinta executando os veios, ou outros desenhos, com cores específicas de modo a imitar madeira ou pedra, e por último era dado o acabamento final com o envernizamento.

As tarefas gerais de preparação e mais pesadas como raspagem de paredes, execução de remendos, rebocos e nata de cal era destinada a nós os aprendizes e auxiliares, e as técnicas e pinturas mais finas e artísticas que exigiam mais habilidade eram tarefa exclusiva de Ido Finotti, muito usadas nos alpendres e salas de residências de famílias mais abastadas e ricas da época, por ser um trabalho de alto custo e que denotava luxo. Era raro encontrar quem sabia fazer esse trabalho, de modo que todos tiravam o chapéu para Finotti, e mesmo assim ele mantinha a modéstia, sendo também uma pessoa distinta.

Por dois anos Ido Finotti teve uma loja chamada Casa das Tintas, juntamente com seu sócio José Roquete, eu não me lembro de exatamente quais os dois anos, mas sei que foi entre 1935 e 1939. Ela ficava situada na Avenida Afonso Pena 709, próxima da Rua

Tenente Virmondes, Uberlândia. Os produtos mais vendidos eram tintas a óleo, esmalte sintético, solventes, pincéis e espátulas e havia também alguns materiais para trabalhos artísticos.

Posteriormente eu me tornei profissional autônomo, de 1947 a 1948, fazendo fretes com uma Kombi. Durante esse período, todas as segundas-feiras; e isso era um compromisso rotineiro, eu levava Ido Finotti, Wolney Ribeiro (mais conhecido como Woninho, jogador do Uberlândia Esporte Clube e irmão de Juca Ribeiro), Osório (proprietário de uma engraxataria em Uberlândia) e Valim Junior (cartazista do Cine Avenida) até o Rio Tijuco, onde passávamos o dia, para pescar. Cada um levava seu lanche, o local era um ótimo pesqueiro da fazenda de Zequinha Rezende. Ido Finotti sempre levava consigo, além do seu lanche, a maleta de tintas e pincéis, banqueta, cavalete e câmara fotográfica. Ali à beira do Rio Tijuco, ele mais pintava do que pescava. Sentado na banqueta diante do cavalete ele fazia esboços a lápis nas telas e também fotografava as paisagens.

APÊNDICE B-11 - DEPOIMENTO DE PEDRO ÂNGELO GUAZZELLI

Nome: Pedro Ângelo Guazzelli
Local e data de nascimento: Rio de Janeiro/RJ - 14/10/1930
Filiação: Dino Guazzelli e Domingas Camin Guazzelli
Relação com Ido Finotti: filho da fornecedora de queijo, também se identificavam pela origem italiana.
Residência atual: Brasília-DF
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Brasília/DF - 07/10/2015

O meu pai, Dino Guazzelli era filho de imigrante italiano, nascido em 1902, e minha mãe, Domingas Camin Guazzelli filha de músico italiano (nascida em Mococa-SP no ano de 1901).

Após ficar viúva, com pouco mais de 30 anos, minha mãe passou a morar na fazenda Córrego do Capim em Cruzeiro dos Peixotos (distrito de Uberlândia) tornando-se sócia do seu tio José Camin na fabricação de queijos do tipo *prato*. O coalho usado para a fabricação do queijo era trazido da cidade de Poços de Caldas-MG. Esta fase durou aproximadamente duas décadas. Eles se tornaram os fornecedores de queijo *prato* para a Confeitaria Na Hora, cujo proprietário era Ido Finotti.

No ano de 1962 Domingas Camin mudou-se para o distrito de Santa Maria, (hoje distrito de Miraporanga, município de Uberlândia), passando a morar no imóvel construído há mais de cem anos pelo pai de Hélio Rodrigues da Cunha. Domingas deu continuação ao trabalho de fabricação de queijos nesta mesma propriedade; era um lindo lugar, porém hoje está em ruínas.

As relações comerciais de fornecimento de queijo com Ido Finotti, e o fato de serem filhos de italianos, permitiram que minha mãe estreitasse amizade com o artista e assim, no ano de 1977, lhe fez a encomenda de pintar quadros que representassem sua residência e a fábrica de queijos de Miraporanga. O artista então pintou cinco ou seis quadros, cada um com a vista da casa por ângulos diferentes.

Atualmente um dos quadros (figura 1) encontra-se em meu poder, outro (figura 2) com a viúva de meu irmão Ricardo José Guazzelli e o terceiro (figura 3) com seu filho Ricardo Silva Guazzelli.

Fig 1 - Casa em Miraporanga I - óleo s/tela de algodão - 48x68 cm - 1977



Fig. 2 - Casa em Miraporanga II - óleo s/tela - 1977



Fig 3 - Casa em Miraporanga III - óleo s/tela - 1977



APÊNDICE B-12 - DEPOIMENTO DE REGIANE DINIZ CARVALHO

Nome: Regiane Diniz Carvalho
Local e data de nascimento: Uberlândia/MG - 16/12/1950
Filiação: Cícero Alves Diniz e Edidleda Peres Diniz
Relação com Ido Finotti: conhecida
Residência atual: Uberlândia/MG
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Uberlândia/MG - 07/03/2016.

O meu acervo de pinturas do artista Ido Finotti consiste em três quadros.

A tela *Paisagem de Ouro Preto* (figura 1) foi presenteada pelo pintor por ocasião do meu casamento com Moacir José Silva de Carvalho em 1976, o mesmo ano em que o quadro foi pintado.

As outras duas telas pertenciam ao meu pai, e ficaram com ele até sua morte em 2004. A tela intitulada *Antiga Matriz N. S. do Carmo* (figura 2) foi comprada por ele, e a que representa a *Capela Cruz Santa em Miraporanga* (figura 3) foi um presente do artista. O meu pai e Ido Finotti eram muito amigos.

Cícero Diniz era bastante conhecido em Uberlândia, inclusive por fazer parte da comissão que idealizou a construção do Parque Sabiá inaugurado em 1982. Foi também diretor técnico da FUTEL (Fundação Uberlandense do Turismo, Esporte e Lazer).

Nossa família morou por aproximadamente duas décadas em uma residência na Avenida Afonso Pena nº 492, em frente à Confeitaria Na Hora até por volta dos anos 1974 ou 1975, quando a casa foi demolida para a construção do estabelecimento bancário Unibanco. Nesse período o meu pai frequentava a Confeitaria todas as noites e sempre conversava com Ido Finotti.

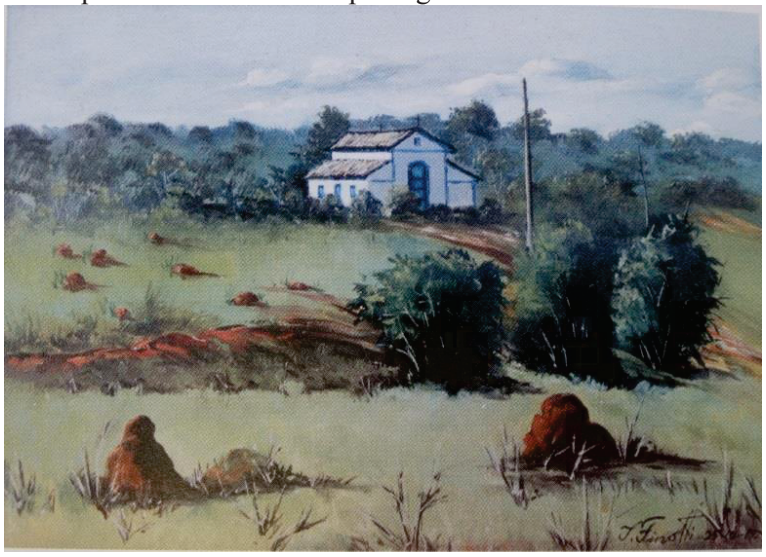
Fig. 1 - 1976 - Paisagem de Ouro Preto - óleo s/tela - 53x78 cm



Fig. 2 - Antiga Matriz N.S. do Carmo - Uberlândia - óleo s/tela - 50x70 cm



Fig. 3 - 1973 - Capela Cruz Santa - Miraporanga - óleo s/madeirite - 41x57 cm



APÊNDICE B-13 - DEPOIMENTO DE REGINALDO FINOTTI

Nome: Reginaldo Finotti
Local e data de nascimento: Uberlândia/MG - 30/08/1935
Filiação: Ido Finotti e Adelina Cicci Finotti
Relação com Ido Finotti: filho
Residência atual: São Paulo/SP
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Uberlândia/MG - 31/08/2014

Podemos dizer que a Princesa Isabel foi a principal artífice dos rumos da história da família Finotti. O movimento abolicionista concomitante com a plena expansão da produção cafeeira do Brasil no final do século XIX causou grande demanda de mão de obra para as lavouras de café no país. O governo do Brasil fez um acordo com o governo italiano para facilitar a vinda de imigrantes da Itália para o território brasileiro em substituição da mão de obra escrava. Essa mão de obra que veio para o Brasil nem sempre era apta para as atividades de lavoura. César Finotti, veio da Itália para o Brasil em 1891 devido à situação econômica da Europa que não era das melhores, e mesmo sabendo que não estava apto para ser colono, pois tinha aprendido o ofício de carpinteiro, preferiu vir tentar um novo futuro. Chegando ao porto de Santos-SP, ele foi encaminhado para o interior do estado. Ali então desenvolveu seu trabalho como carpinteiro, casou-se com Tereza Bertassoli e constituiu uma família em Espírito Santo do Pinhal-SP com treze filhos, entre eles Ido Finotti, cujo nascimento se deu em 1899.

Meu pai, Ido Finotti, nasceu e cresceu em Espírito Santo do Pinhal e ainda muito jovem aprendeu o ofício de pintor de paredes. Por volta de 1915 um pintor italiano foi contratado para comandar uma equipe no trabalho de pintura do Hotel Esplanada em São Paulo capital, da qual Ido fez parte. O edifício do hotel, que posteriormente se tornou a sede do Grupo Votorantim, fica localizado no centro de São Paulo, ao lado do Vale do Anhangabaú, e próximo do Teatro Municipal. Ido saiu de Espírito Santo do Pinhal e foi morar numa república da equipe de pintores por um período de 3 a 4 anos para participar da pintura do hotel. Esse empreiteiro, que era pintor decorativo de paredes e de telas a óleo, foi mestre de Ido Finotti.

Após essa fase, Ido Finotti foi para a cidade de Uberaba-MG, também para exercer a atividade de pintura de paredes, hospedando-se na pensão do casal de italianos Salvatore

Cicci e Carmela. Acabou se enamorando com Adelina Cicci, penúltima filha do casal, com quem se casou e formou família com cinco filhos: Hilton, Ulisses, Wilma, Regina e Reginaldo.

Pouco tempo depois de seu casamento Ido mudou-se para Uberlândia juntamente com sua esposa, para pintar o prédio da Companhia de Eletricidade localizado na esquina da Avenida João Pinheiro com a Rua Tiradentes. Terminado o trabalho em Uberlândia, voltaram para Uberaba onde nasceu Ulisses, o seu primeiro filho, porém essa fase em Uberaba foi curta e atendendo a convites decidiram retornar para Uberlândia, desta vez para morar definitivamente, fixando residência.

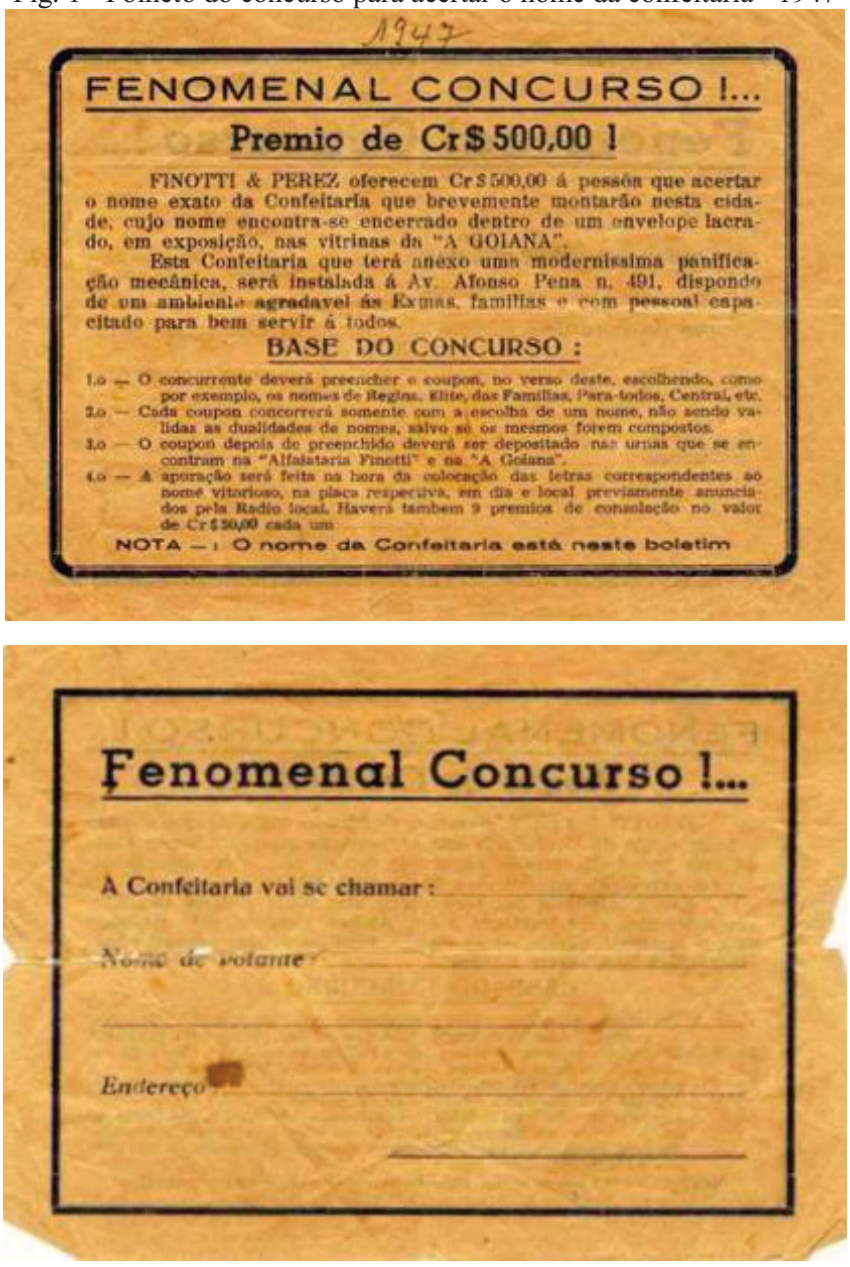
As casas na época sempre tinham alpendres que Ido pintava e decorava as paredes por encomenda dos proprietários. Possuía uma coleção de moldes de faixas decorativas vazadas, que ele chamava de *estampas*, com diversos motivos (geométricos, infantis, florais, folhagens, etc) provavelmente importados. Ele era extremamente criativo, inventava tintas dosando e manipulando-as, e sendo atrevido comercialmente, encomendava a um importador para adquirir matéria prima. Foi parceiro de um empreiteiro de obras em alvenaria chamado Luciano Amaral; um construía e o outro decorava, aproveitando que a pintura decorativa era moda na época. As paisagens e painéis decorativos pintados principalmente nas residências foram o precedente para as pinturas de paisagens em telas.

O jeito pacato e tranquilo de Ido Finotti podia dar impressão a todos de que ele não tinha espírito de empreendedorismo, porem não foi bem assim. Ele criou uma loja de materiais de pintura chamada *Casa das Tintas* localizada na Avenida Afonso Pena próxima à esquina da Rua Tenente Virmondes, no centro de Uberlândia. Neste período, os dois melhores estabelecimentos de comércio de tintas e materiais de construção na cidade eram a Casa das Tintas e a loja Schiavinatto (década de 1940).

Por uma das surpresas que a vida oferece, José Perez (cunhado de Adelina) que era proprietário de uma padaria famosa em Uberaba, decidiu fechar o estabelecimento e mudar-se para Uberlândia. O cunhado então fez a Ido Finotti uma proposta de parceria para abrir uma confeitaria, que foi aceita pelo pintor. A confeitaria então foi instalada em 1947 com uma inauguração festiva no térreo do imóvel de dois andares construído por Ido e seu irmão Luiz Finotti, situado na Avenida Afonso Pena 491. O andar superior era o apartamento que servia de residência para Ido e sua família. Posteriormente, Ido Finotti tornou-se o único proprietário do imóvel comprando a parte de seu irmão. Para a inauguração do estabelecimento, Ido organizou um concurso para que o público adivinhasse qual seria o nome da confeitaria. A divulgação do desafio se deu por meio de um folheto criado por ele e

ainda por emissão da Rádio Difusora de Uberlândia, ambos anunciando que o nome da confeitaria seria revelado ao vivo “na hora” da inauguração. O nome estava no texto impresso do folheto (figura1) e no texto anunciado pela emissora de rádio, e portanto cabia às pessoas identificá-lo.

Fig. 1 - Folheto do concurso para acertar o nome da confeitaria - 1947



1947

FENOMENAL CONCURSO !...

Premio de Cr$ 500,00 !

FINOTTI & PEREZ oferecem Cr$ 500,00 á pessôa que acertar o nome exato da Confeitaria que brevemente montarão nesta cidade, cujo nome encontra-se encerrado dentro de um envelope lacrado, em exposição, nas vitrinas da "A GOIANA".

Esta Confeitaria que terá anexo uma modernissima panificação mecânica, será instalada á Av. Afonso Pena n. 491, dispondo de um ambiente agradavel ás Exmas. familias e com pessoal capacitado para bem servir á todos.

BASE DO CONCURSO :

1.o — O concurrente deverá preencher o coupon, no verso deste, escolhendo, como por exemplo, os nomes de Regina, Elite, das Familias, Para-todos, Central, etc.
2.o — Cada coupon concorrerá somente com a escolha de um nome, não sendo validas as dualidades de nomes, salvo se os mesmos forem compostos.
3.o — O coupon depois de preenchido deverá ser depositado nas urnas que se encontram na "Alfaiataria Finotti" e na "A Goiana".
4.o — A apuração será feita na hora da colocação das letras correspondentes ao nome vitorioso, na placa respectiva, em dia e local previamente anunciados pela Radio local. Haverá tambem 9 premios de consolação no valor de Cr$ 50,00 cada um

NOTA — : O nome da Confeitaria está neste boletim

Fenomenal Concurso !...

A Confeitaria vai se chamar : _____

Nome do volante _____

_____

Endereço _____

_____

Fonte: Cristiane Finotti

Fruto de sua criatividade, o próprio Ido colou sobre um painel na fachada do futuro comércio a palavra CONFEITARIA seguida de uma interrogação, cujas letras foram fabricadas em madeira. Ninguém foi capaz de acertar o nome *Confeitaria Na Hora*, e não havendo ganhador, o premio em dinheiro foi encaminhado ao Asilo São Vicente de Paulo.

Segundo minha irmã Regina, havia um morador do Edifício Testa, na vizinhança da confeitaria, representante da empresa SHELL e proveniente do Texas-EUA, que todas as noites a frequentava para tomar um drink. Ele adquiriu dezenas de pinturas de Ido Finotti que ficavam expostas nas paredes da confeitaria, levando-as para o seu país.

O artista permaneceu como proprietário da Confeitaria Na Hora até sua morte em 1980, período em que também se dedicou mais intensamente à sua produção de pintura de paisagens em telas, utilizando as paredes da confeitaria para colocá-las em exposição.

Para a pintura em telas, Ido utilizava pigmentos comprados em pó embalados em saquinhos, óleo de linhaça e cal virgem, manipulando-os e criando cores conforme o seu interesse. Era um alegre assobiador e andava com roupa impecável: terno cáqui e camisa branca, o paletó ele mandava fazer um pouco mais curto do que o padrão usado na época e engraxava os próprios sapatos.

O Cine Regente (figura 2) era um cinema localizado na Rua Machado de Assis no mesmo quarteirão da Confeitaria Na Hora. Havia um acordo entre Ido Finotti e o proprietário do mesmo para que os cartazes dos filmes fossem expostos em cavaletes na entrada da confeitaria, em troca de ingressos gratuitos do cine para o artista e família.

Fig.2 - Cine Regente - Rua Machado de Assis, 350 - Uberlândia



Foto: Leonardo Finotti (2001)

Ido Finotti foi um grande cidadão, fez muito por Uberlândia como empreendedor e como artista, tendo o reconhecimento da sociedade, contando com muitas amizades e solidariedade das pessoas, mantendo sempre a sua humildade. Foi marido, pai e avô exemplar e querido pela comunidade. Ele faz parte da história e da cultura de Uberlândia e região.

APÊNDICE B-14 - DEPOIMENTO DE VICENTE CARLOS DA SILVA

Nome: Vicente Carlos da Silva
Local e data de nascimento: Uberlândia-MG, 31/07/1949
Filiação: Vicente Lino Silva e Maria Silva
Residência atual: Uberlândia-MG
Entrevistador: Ricardo Alves Finotti
Local e data da entrevista: Uberlândia, 02/11/2014

Lembro-me que ainda quando era menino, na década de 1950, meu pai e eu sempre passeávamos pelo centro da cidade de Uberlândia, íamos à Praça Tubal Vilela onde assistíamos a apresentação da Banda Municipal, em minha memória ficaram marcadas as luzes coloridas da fonte e a banda alegrando a criançada, que corria e deslizava nos pequenos morrinhos que existiam nos jardins da praça. Depois seguíamos até a Confeitaria Na Hora para tomar sorvete. Ela era localizada na Avenida Afonso Pena, sendo considerada a primeira padaria boa e chique da cidade na época! A primeira vez que entrei na Confeitaria, eu tinha sete anos de idade. Ao entrar no estabelecimento percebi que do lado direito havia um balcão e a vitrine de pães. Do lado esquerdo via-se uma vitrine semelhante a uma estante de vidro expondo charutos, canivetes e souvenires. O que me mais me chamou a atenção foi a presença de quadros artísticos expostos na parede lateral esquerda da Confeitaria. Mais à frente dessa parede via-se as pinturas de Ido Finotti com o tema de paisagens, e mais ao fundo as obras de Arlindo Rosseto prevalecendo temas florais (rosas). Pela primeira vez em minha vida estava diante de uma verdadeira galeria de arte permanente! As pinturas que mais me impressionaram foram as do artista Ido Finotti. Eu fiquei maravilhado com a experiência que despertou desde então o gosto, apreciação e interesse pela arte para o resto da minha vida.

Na idade adulta entrei para a carreira da odontologia tornando-me cirurgião dentista na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), aonde cheguei a ser diretor do Hospital Odontológico. Após aposentar decidi trocar a ociosidade de aposentado por uma antiga paixão abrindo no ano de 2008 um antiquário denominado Casa Da Esquina, em Uberlândia. Hoje não tenho mais o Antiquário, mas possuo diversas obras de arte em minha residência, entre elas três pinturas de Ido Finotti, sendo a primeira uma tela vertical datada de 1963, cujo título é *Ipês e queimada* (fig.1). A segunda, uma pintura sem data apresentando uma casinha antiga e simples do Bairro Saraiva (Uberlândia) próxima da baixada onde atualmente passa a

Avenida Rondon Pacheco (fig.2).

Fig. 1 - Ipês e queimada - 1963 - óleo s/tela - 100x45 cm



Foto: Ricardo A. Finotti

Fig. 2 - Casa no Bairro Saraiva - s/d - óleo s/tela - 36,5x38 cm



Foto: Ricardo A. Finotti

Fig. 3 - Fazenda Aldo Borge Caminho da Ceva - 1977 - óleo s/compensado - 75x29 cm



Foto: Ricardo A. Finotti

A terceira obra, uma pintura vertical datada de 1977 (fig.3) possui inscrições no verso do quadro informando os dados da obra (fig. 4 e 5) onde se lê: 1977 - Fazenda Aldo Borge Caminho da Ceva - Rio Paranaíba - Goiás.

Fig.4 - Inscrições no verso da obra: *Fazenda Aldo Borge Caminho da Ceva*



Foto: Ricardo A. Finotti

Fig.5 - Detalhe da figura 4

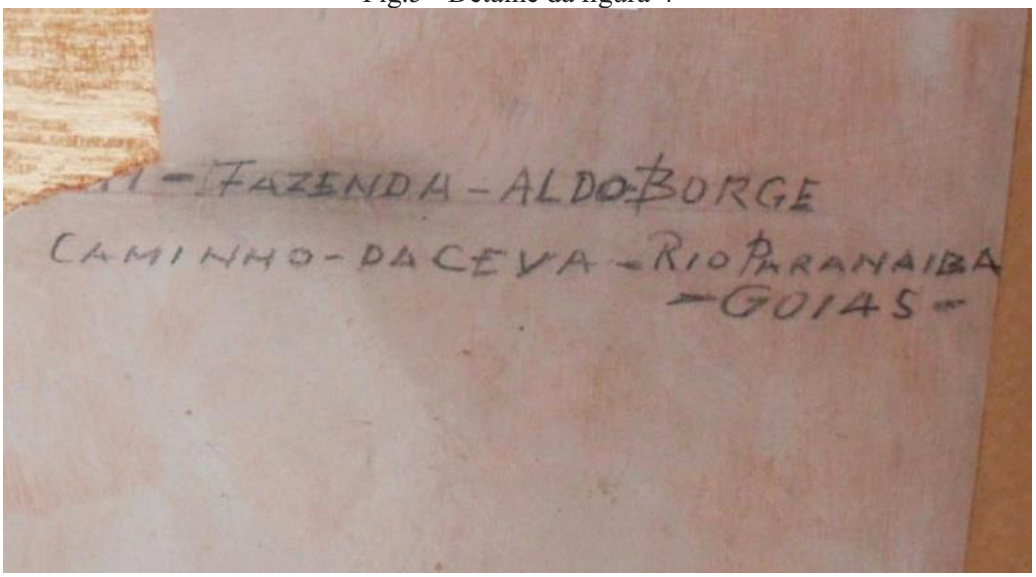


Foto: Ricardo A. Finotti

Esse quadro intitulado *Fazenda Aldo Borge Caminho da Ceva* eu adquiri no Bazar do Hospital do Câncer em Uberlândia. O fato ocorreu em 2010 quando eu realizava trabalhos voluntários nesse hospital e por algum motivo ao entrar no setor do bazar onde se armazenavam as doações percebi a parte superior de uma pintura escondida entre inúmeros objetos que estampava a ponta de um ipê amarelo, o que me chamou a atenção. Ao puxar a obra percebi que se tratava de uma pintura sem moldura do artista Ido Finotti, e logo tratei de negociar a compra.



Anexos

ANEXO A - PINTURAS DE IDO FINOTTI

NATUREZAS-MORTAS

ANEXO A1



Flores
Óleo s/Eucatex
30x25 cm
Acervo: Aluizio Gibson

ANEXO A2



Flores
Óleo s/tela
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A3



Flores
Óleo s/tela
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A4



Vaso de flores
1973
53x26 cm
Óleo s/duratex
Acervo: Liliane Finotti

ANEXO A5



Mamões
Óleo s/Duratex
34x50 cm
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A6



Preparação para doce de abóbora
Óleo s/tela
45x64 cm
Acervo: Hilton Finotti

ANEXO A7



Florais
Acervo: Inês Finotti

ANEXO A8



Jabuticabas
30x40 cm
Acervo: Marcia Marques Amado

ANEXO A9



Jabuticabas
Óleo s/madeirite
34x53 cm
Acervo: Larissa Finotti Petrucci

ANEXO A10



Cabaça com jabuticabas
Óleo s/tela
34x52 cm
Acervo: Reginaldo Finotti

ANEXO A11



Mexericas e margaridas
Óleo s/madeirite
45x59 cm
Acervo: Maria Alice F. Petrucci

ANEXO A12



Vaso com flores
Óleo s/tela
42x64 cm
Acervo: Heloisa H. F. Rezende
Pintado por Ido Finotti em comemoração ao aniversário de seu casamento.
É uma cópia do cartão de namoro dado pelo artista à Adelina Cicci.

ANEXO A13



Flores lilás
60x30 cm
Acervo: Vera Lúcia F. Jorge

ANEXO A14



Flores
60x28 cm
Acervo: Hilton Finotti

ANEXO A15



Flores
105x25 cm
Acervo: Luciano Finotti

ANEXO A16



Margaridas
105x25 cm
Acervo: Luciano Finotti

ANEXO A17



Flores
51x38 cm
Acervo: Concita Imaculada P.
Ido Finotti assinou com o pseudônimo *Itonif*.

ANEXO A18



Flores
70x20 cm
Acervo: Cícero Diniz

PAISAGENS

ANEXO A19



Trecho do Rio Uberabinha
1948
Óleo s/tela
40x63 cm
Acervo: Oneida Finotti Moreira
Presente de casamento ofertado a Vitório Finotti e Auristela Alves Finotti.

ANEXO A20



Rio Uberabinha
1951
Óleo s/duratex
32x46 cm
Acervo: Helvio Lima

ANEXO A21



Paisagem beira rio
1973
Óleo s/tela
Acervo: Ubirajara Zacarias

ANEXO A22



Cidade em beira rio
Óleo s/madeirite
22x36 cm
Acervo: Letícia Finotti

ANEXO A23



Ponte
1943
Óleo s/tela
28x32 cm
Acervo: Hilton Finotti

ANEXO A24



Rio Uberabinha
Óleo s/duratex
35x69 cm
Acervo: Liliane Finotti

ANEXO A25



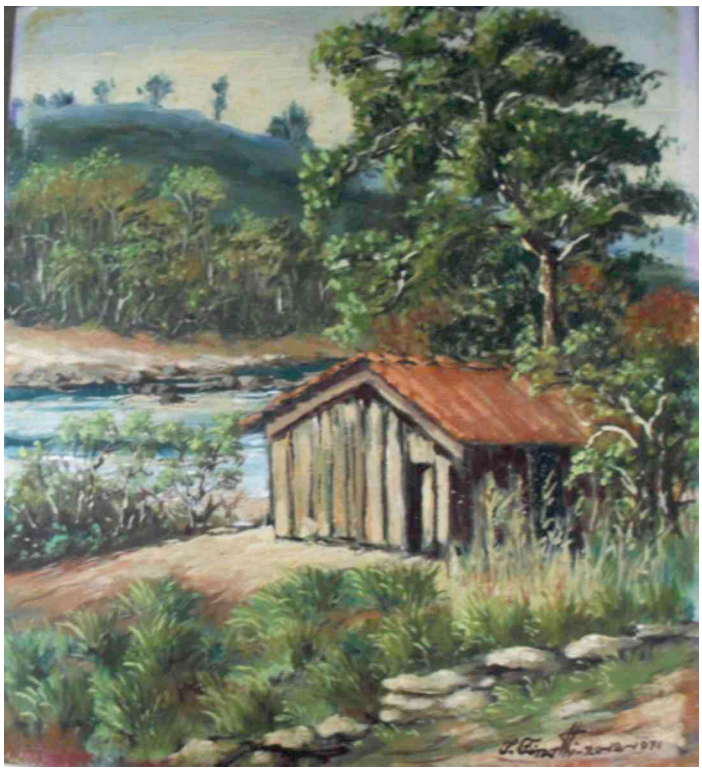
Rio Araguari - em primeiro plano o município de Uberlândia
1978
Óleo s/compensado
29x39 cm
Acervo: Liliane Finotti

ANEXO A26



Paisagem Rio Tijuco
30x38 cm
Acervo: Liliane Finotti

ANEXO A27



Casa de madeira
em beira de rio
1971 - 20 de dezembro
38x24 cm
Óleo s/duratex
Acervo: Elisa Ferreira

ANEXO A28



Casinha branca
Óleo s/duratex
32x24 cm
Acervo: Liliane Finotti

ANEXO A29



Rio Grande
Óleo s/tela
38x73 cm
Acervo: Leonel Finotti

ANEXO A30



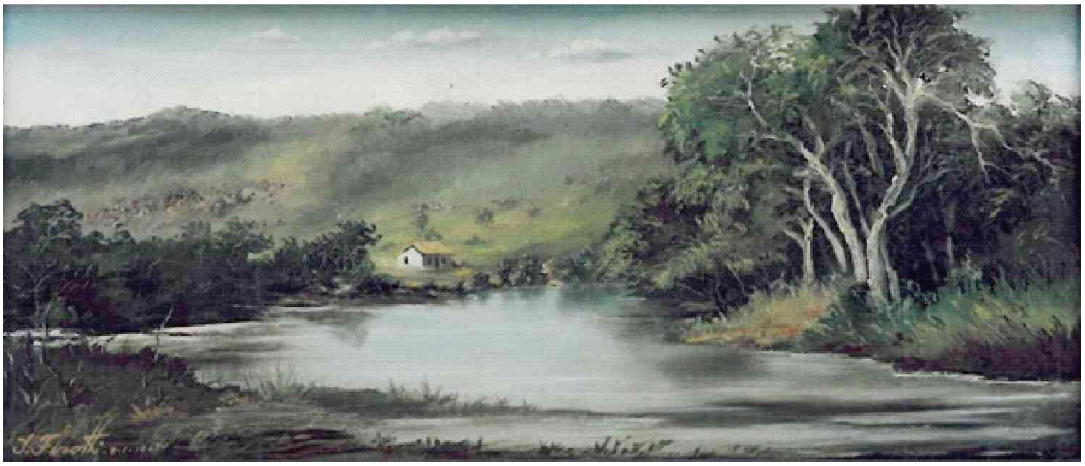
Paisagem beira rio
1972
Óleo s/tela
54x96 cm
Acervo: Márcia Marques Amado

ANEXO A31



Trecho do rio Uberabinha
1964
Óleo s/Eucatex
33x44 cm
Acervo: Francis Gibson

ANEXO A32



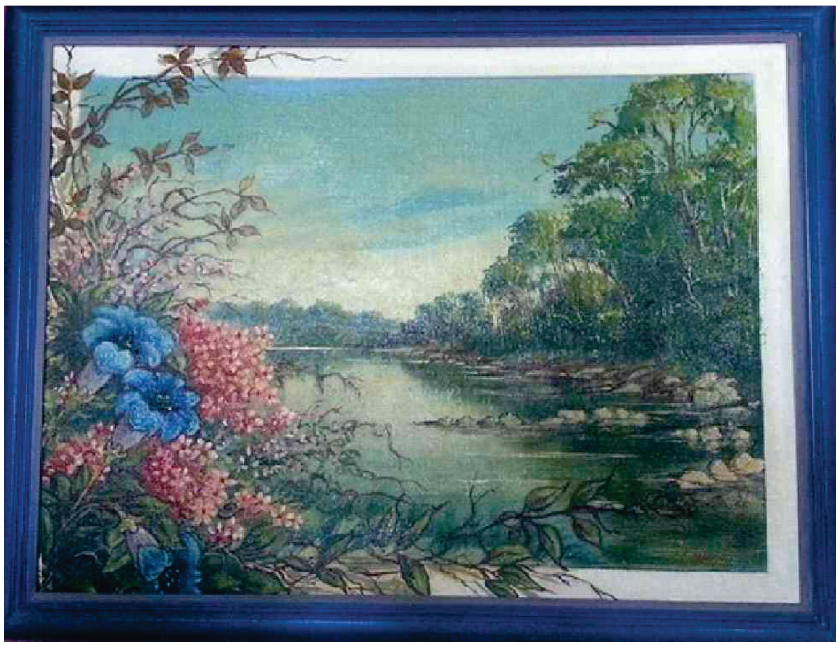
Rio Cabaçal
1967 - 03 de janeiro
Óleo s/tela
40x92 cm
Acervo: Fued Calixto

ANEXO A33



Paisagem de cerrado
Óleo s/compensado
Acervo: Francis F. Gibson

ANEXO A34



Paisagem
Óleo s/tela
Acervo: Ernesto F. Júnior

ANEXO A35



Paisagem
Óleo s/tela
Acervo: Ernesto F. Júnior

ANEXO A36



Fazenda à beira do Rio Tijuco
Óleo s/tela
Acervo: Ernesto F. Júnior

ANEXO A37



Paisagem de cerrado
Óleo s/eucatex
33x40 cm
Acervo: Aluizio Gibson

ANEXO A38



Antiga ponte sobre o Rio Araguari I
1963
Óleo s/tela
Acervo: Regina Finotti

ANEXO A39



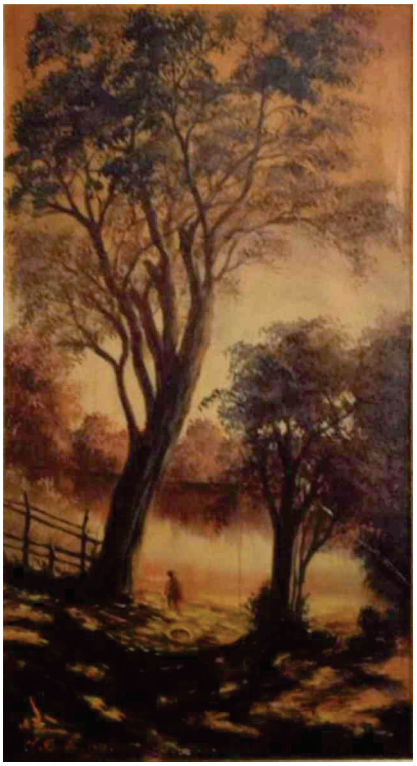
Antiga ponte sobre o Rio Araguari II
1975
Óleo s/tela
Acervo: André Luiz F. Gibson

ANEXO A40



Paisagem fluvial do cerrado
Óleo s/tela
40x50 cm
Acervo: Aluizio Gibson

ANEXO A41



Margem do Rio Araguari
1976
Óleo s/eucatex
76x48 cm
Acervo: Aluizio Gibson

ANEXO A42



Paisagem entardecer no Rio Araguari
Óleo s/tela
Acervo: José Carlos Fernandes Ferreira

ANEXO A43



Paisagem
Óleo s/tela
Acervo: Inês Finotti

ANEXO A44



Paisagem
Óleo s/tela
107x33 cm
Acervo: Leonel Finotti

ANEXO A45



Paisagem
Óleo s/tela
Acervo: Eneriam Barbosa

ANEXO A46



Pirapora
1978
Óleo s/tela
56x81 cm
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A47



Paisagem
Óleo s/tela
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A48



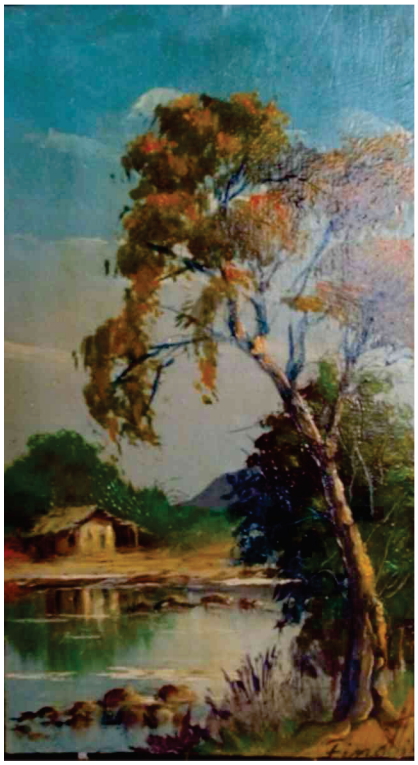
Paisagem de beira rio
Óleo s/tela
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A49



Palhoça em beira de rio
Óleo s/tela
20x24 cm
Acervo: Luiz Antônio Rocha e Silva

ANEXO A50



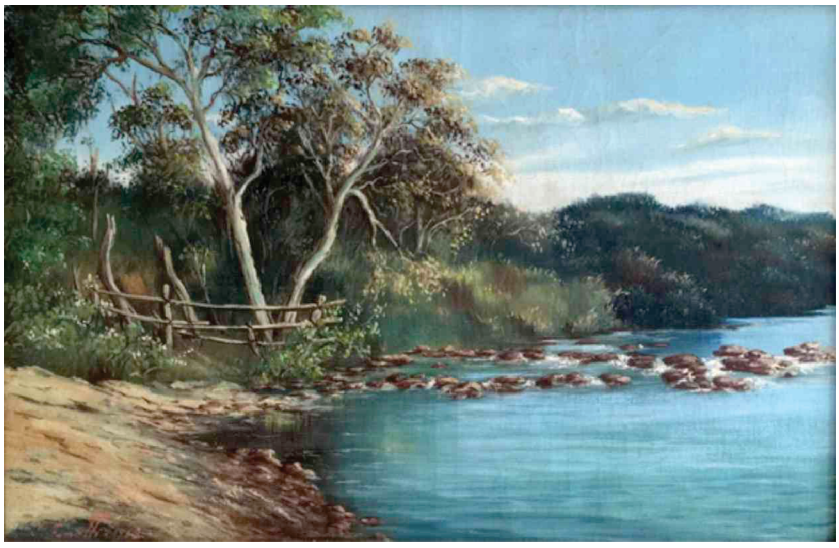
Paisagem
Óleo s/tela
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A51



Trecho de rio - Uberlândia
1961
33x57 cm
Óleo s/compensado
Acervo: Luzélia F. Barreto

ANEXO A52



Rio Araguari
1968
Óleo s/tela
48x74 cm
Acervo: Marisa Toledo Leme

ANEXO A53



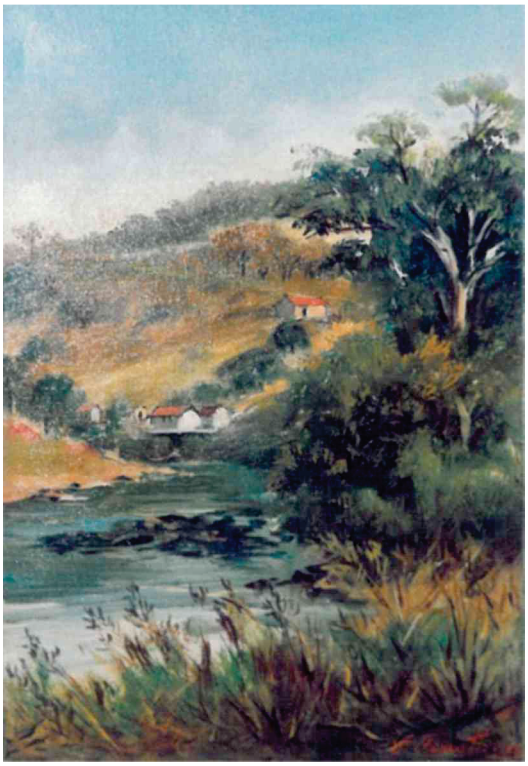
Paisagem Rio Uberabinha
Óleo s/duratex
34x56 cm
Acervo: Marisa Toledo Leme

ANEXO A54



Rio Araguari
Óleo s/tela
96x69 cm
Acervo: José Rispoli Pereira

ANEXO A55



Paisagem
Óleo s/tela
50x33cm

ANEXO A56



Rio Araguari
1978
Óleo s/tela
Acervo: Airton Gomes

ANEXO A57



Rio Araguari
1967
Óleo s/tela
33x49 cm

ANEXO A58



Choupana
1951
Óleo s/tela

ANEXO A59



Beira rio
1951
Óleo s/madeirite
37x70 cm
Acervo: Marcia M. Amado

ANEXO A60



Fazenda no Triângulo Mineiro
Óleo s/tela
34x51 cm
Acervo: Francis Gibson

ANEXO A61



Erosão
Fazenda no Município de Uberlândia
Óleo s/tela
34x54 cm
Acervo: Ana Carla M. Amado

ANEXO A62



Barranco
Óleo s/tela
30x38 cm
Acervo: Carmen Fernandes

ANEXO A63



Estrada rural
Óleo s/tela
Acervo: Eneriam Barbosa

ANEXO A64



Paisagem com estrada de terra
Município de Uberlândia
1967
Óleo s/tela
Acervo: Joaquim Mendes Rezende

ANEXO A65



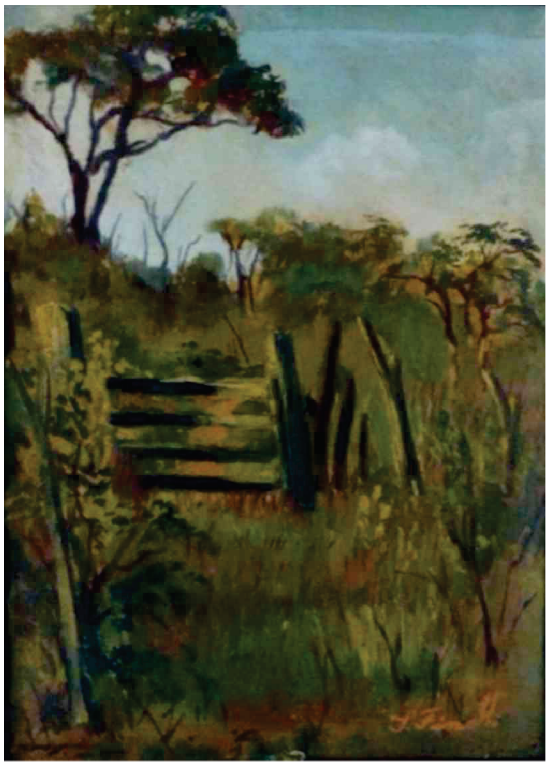
Fazenda no cerrado com ipê
1961
Óleo s/tela
34x58 cm
Acervo: Leonel Finotti

ANEXO A66



Casa tranquila
1973
Óleo s/tela
Acervo: Regina Finotti

ANEXO A67



Porteira no meio do cerrado
Óleo s/tela
36x22 cm
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A68



Paisagem de cerrado
Óleo s/tela
Acervo: Francis F. Gibson

ANEXO A69



Cerrado
1963
Óleo s/tela

ANEXO A70



Ipê próximo ao rio
1962
Óleo s/tela
Acervo: Ophir Lopes

ANEXO A71



Casa de fazenda em Espírito Santo do Pinhal
Óleo s/duratex
23x33 cm
Acervo: Marisa Toledo Leme

ANEXO A72



Sítio em Pinhal
1978
Óleo s/duratex
32x42 cm
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A73



Paisagem de fazenda triangulina
1961
Óleo s/tela
Acervo: Reginaldo Finotti
Notam-se os cupinzeiros
em primeiro plano.

ANEXO A74



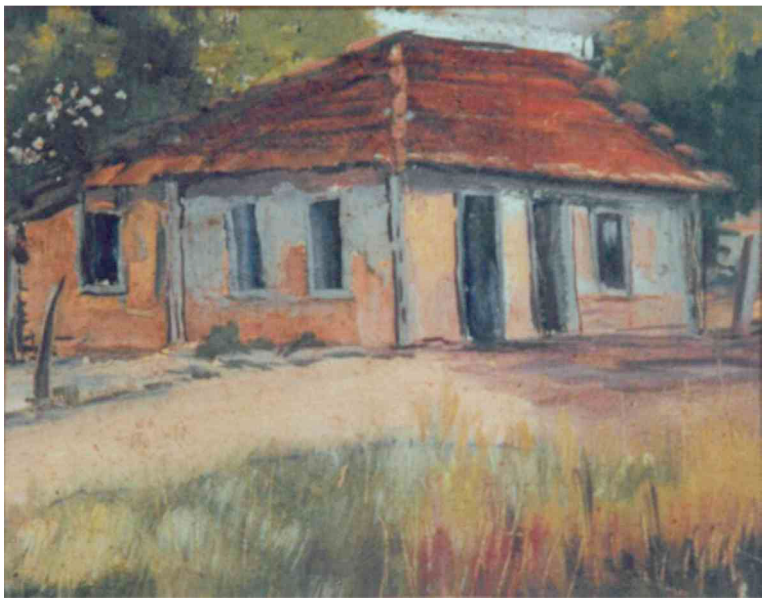
Fazenda no caminho do Rio Tijuco
1975
Óleo s/duratex
32x38 cm
Acervo: Antônio Calábria

ANEXO A75



Casa de fazenda I
Óleo s/tela
47x31 cm
Acervo: Cristiane Finotti

ANEXO A76



Casa de fazenda II
Óleo s/tela
Acervo: Francis F. Gibson

ANEXO A77



Fazenda Cabaçal - Miraporanga
1968
Óleo s/tela
56x82 cm
Acervo: Eurípedes Petrucci

ANEXO A78



Erosão
Óleo s/tela
24x50 cm
Acervo: Reginaldo Finotti

ANEXO A79



Fazenda Lajeado
1976
Óleo s/tela
45x63 cm
Acervo: Irineu Mendes Rezende

ANEXO A80



Casinha à beira de estrada
Óleo s/tela
30x50 cm
Acervo: Márcia Marques Amado

ANEXO A81



Choupana com ipê e bananeira
1975
Óleo s/tela colada em eucatex
35x50 cm
Acervo: Aluizio Gibson

ANEXO A82



Casa de fazenda
1978
Óleo s/tela
Acervo: Reginaldo Finotti

ANEXO A83



Chácara Finotti - Uberlândia
1949
Óleo s/tela
33x54 cm
Acervo: Luzélia F. Barreto

ANEXO A84



Fazenda Lajeado
Município de Uberlândia
Óleo s/madeirite
27x35 cm
Acervo: Letícia F. Rezende

ANEXO A85



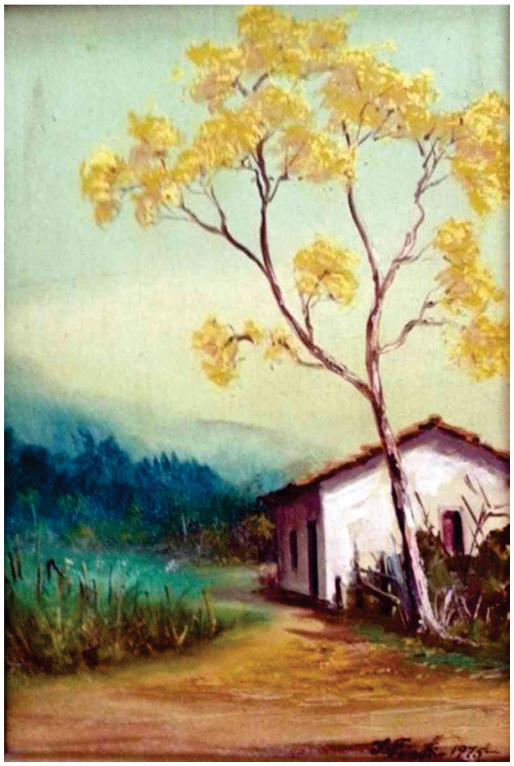
Monjolo
1978
Óleo s/tela
Acervo: Reginaldo Finotti

ANEXO A86



Paisagem com ipê roxo
1973
Óleo s/tela
Acervo: José Carlos F. Ferreira

ANEXO A87



Ipê amarelo
1975
Óleo s/tela
Acervo: Ernesto F. Júnior

ANEXO A88



Fazenda Aldo Borge Caminho da Ceva
Rio Paranaíba-GO
1977
Óleo s/compensado
75x29 cm
Acervo: Vicente Carlos da Silva

ANEXO A89



Ipê
Óleo s/madeirite
80x19 cm
Acervo: Aluísio X. Gibson Neto

ANEXO A90



Ipê Roxo
Óleo s/tela
Acervo: Vera Lúcia F. Jorge

ANEXO A91



Fazenda com ipê
Óleo s/tela
79x35 cm
Acervo: Francis Gibson

ANEXO A92



Duas casas e ipê roxo
Óleo s/compensado
27x36 cm
Acervo: Leila Siquieroli

ANEXO A93



Paisagem com ipês
Óleo s/papelão colado em tecido de cetim
14x17 cm
Acervo: Regina Finotti

ANEXO A94



Ipês e queimada I
1962
100x50 cm
Óleo s/tela
Acervo: Francis F. Gibson

ANEXO A95



Ipês e queimada II
1963
Óleo s/tela
100x45 cm
Acervo: Vicente Carlos da Silva

ANEXO A96



Queimada
1962
Óleo s/duratex
58x115 cm
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A97



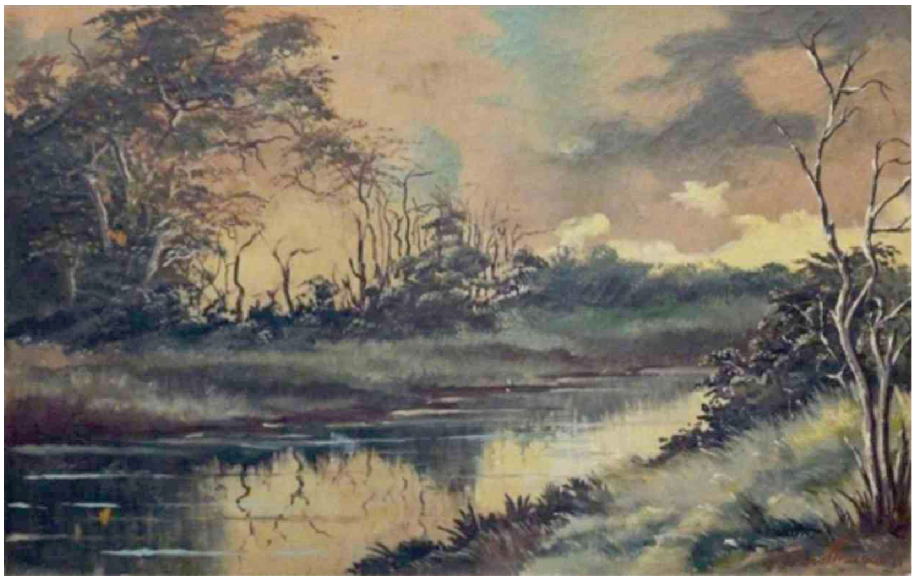
Queimada
1953
Óleo s/tela
54x105 cm
Acervo: Aluizio X. Gibson Neto

ANEXO A98



Queimada
Óleo s/tela
48x68 cm
Acervo: Leonel Finotti

ANEXO A99



Queimada
1965
Óleo s/tela
48x56 cm
Acervo: Leonel Finotti

ANEXO A100



Queimada
1968
Óleo s/tela
150x70 cm
Acervo: Família Pagotto
Nota-se que o galho entra pelo *passe-partout*.

ANEXO A101



Queimada
110x58 cm
Óleo s/tela
Acervo: Lina Carla Finotti

ANEXO A102



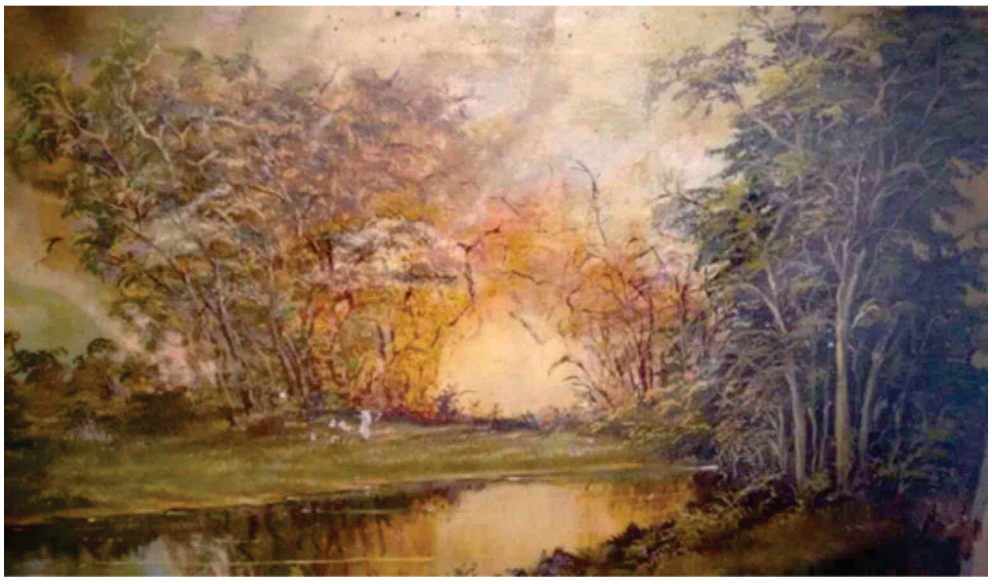
Queimada
1964
Óleo s/tela
Acervo: Ubirajara Zacarias

ANEXO A103



Queimada
1966
Óleo s/tela
Acervo: Eduardo Finotti

ANEXO A104



Queimada
1967
Óleo s/tela
Acervo: Eduardo Finotti

ANEXO A105



Queimada
1973
Óleo s/tela
59x115 cm
Acervo: Cristiane Finotti

ANEXO A106



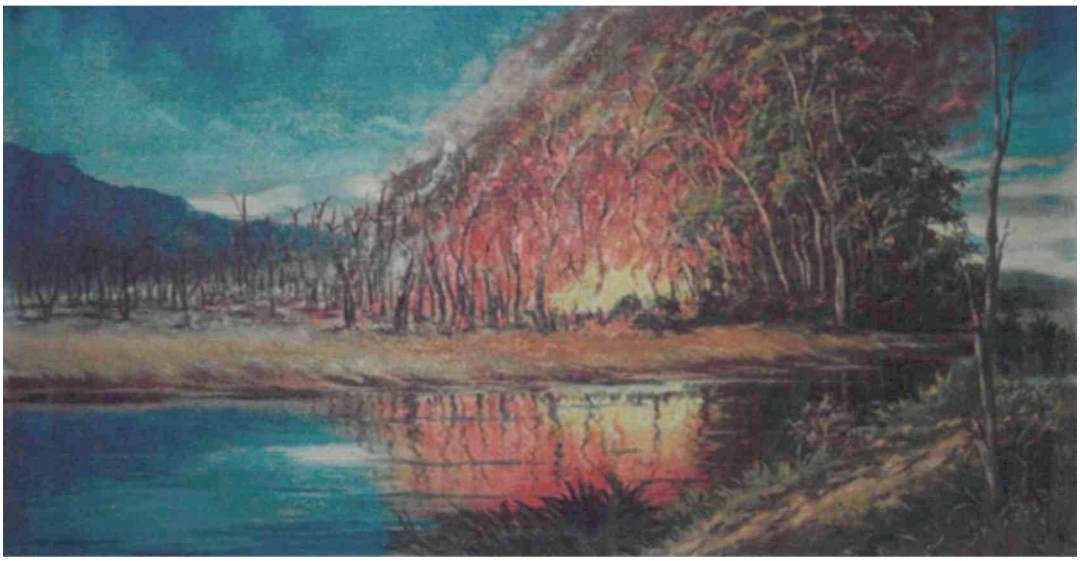
Queimada
1963
Óleo s/tela
52x72 cm
Acervo: Adão Divino Aguiar

ANEXO A107



Queimada
1969
Óleo s/tela
Acervo: Marcelino Mendes Rezende

ANEXO A108



Queimada
1963
Óleo s/tela
115x58 cm
Acervo: Hilton Finotti

ANEXO A109



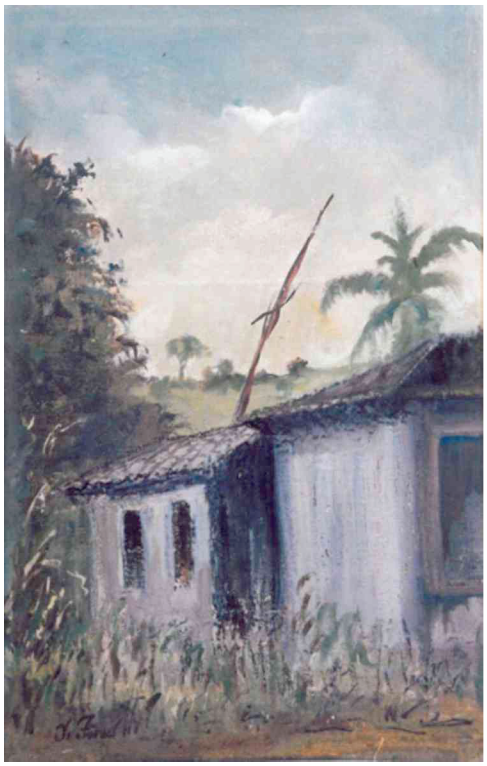
Queimada
1963
Óleo s/tela
54x65 cm
Acervo: Vicente Francisco da Silva

ANEXO A110



Casas no cerrado
Óleo s/tela
48x31 cm

ANEXO A111



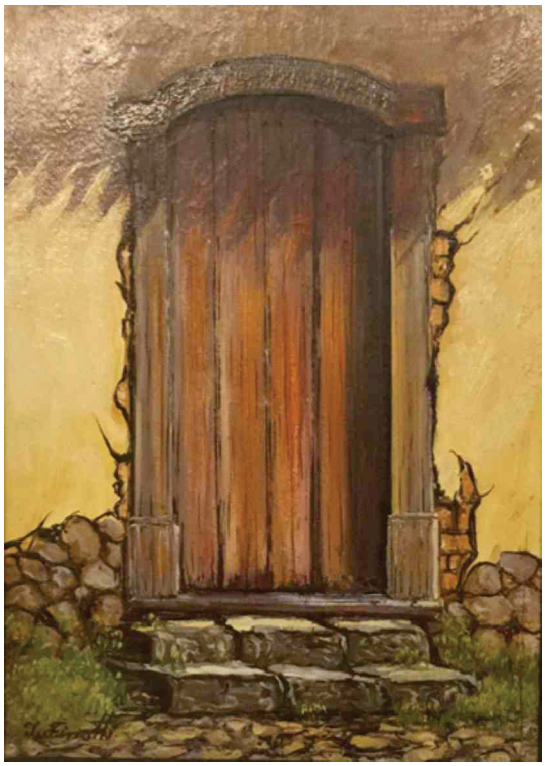
Casebre
Óleo s/tela
Acervo: Francis F. Gibson

ANEXO A112



Casa Velha
1969
Óleo s/tela
38,5x74 cm
Acervo: Maurício Finotti

ANEXO A113



Porta - Casa velha
Óleo s/duratex
38x28 cm
Acervo: Marisa Toledo Leme

ANEXO A114



Vilarejo
Óleo s/duratex
29x38 cm
Acervo: Marisa Toledo Leme

ANEXO A115



Casinha Vila Saraiva
1967
Óleo s/tela
36,5x38 cm
Acervo: Vicente Carlos da Silva
Uma das primeiras casas do B. Saraiva - Uberlândia.
Em primeiro plano o trecho onde hoje passa a Av. Rondon Pacheco.

ANEXO A116



Casas na Vila Saraiva - Uberlândia
1975
Óleo s/duratex
30x37 cm
Acervo: Antônio Calábria

ANEXO A117



Antiga casa da Família Cotta Pacheco - Uberlândia
Av. João Pinheiro esq. Rua Bernardo Guimarães
1967
Óleo s/tela
Acervo: Ruy Cotta Pacheco

ANEXO A118



Lateral da antiga casa da Família Rocha e Silva
Rua XV de Novembro esq. Rua Silva Jardim - Uberlândia
Construída na década de 1950 e demolida na déc. de 1980
1977
Óleo s/tela
48x68 cm
Acervo: Ida Nogueira Rocha e Silva

ANEXO A119



Casa em Miraporanga I
Residência de Domingas Camin Guazzelli
Distrito de Miraporanga – Uberlândia
1977
Óleo s/tela de algodão
48x68 cm
Acervo: Pedro Ângelo Guazzelli

ANEXO A120



Casa em Miraporanga II
Residência de Domingas Camin Guazzelli
Distrito de Miraporanga – Uberlândia
1977
Óleo s/tela
Acervo: Ricardo José Guazzelli

ANEXO A121



Casa em Miraporanga III
Residência de Domingas Camin Guazzelli
Distrito de Miraporanga – Uberlândia
1977 - 30 de dezembro
Óleo s/tela
Acervo: Ricardo Silva Guazzelli

ANEXO A122



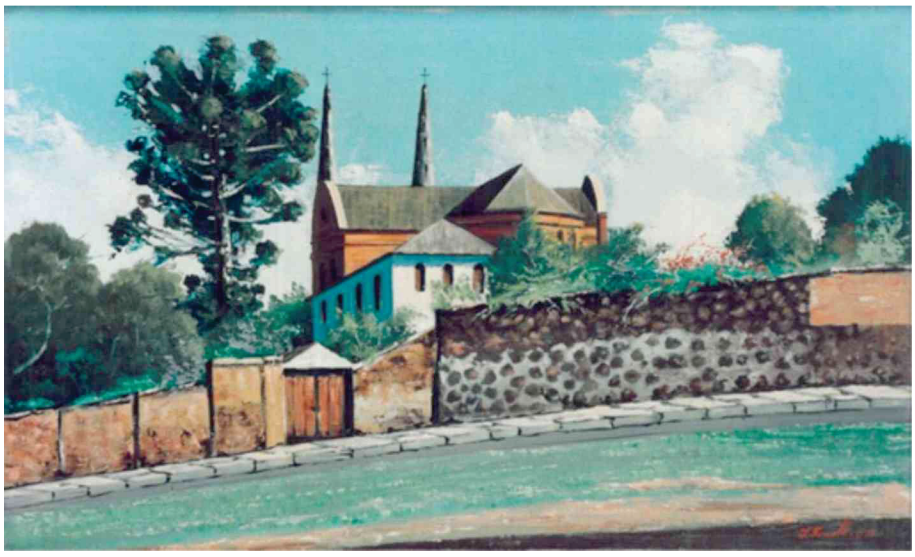
Capela Cruz Santa - Miraporanga
Município de Uberlândia
1973 - 25 de outubro
Óleo s/madeirite
41x57 cm
Acervo: Cícero Diniz
Notam-se os cupinzeiros em primeiro e segundo plano.

ANEXO A123



Antiga Igreja do Rosário - Araguari-MG
1978
Óleo s/tela
19x29 cm
Acervo: Ida Nogueira Rocha e Silva

ANEXO A124



Lateral da Igreja São Domingos - Uberaba-MG
1973
Óleo s/tela
65x105 cm
Acervo: Cícero Diniz

ANEXO A125



Igreja São Domingos vista por trás - Uberaba-MG
Óleo s/compensado
65x105 cm
Acervo: Ayrton Gomes

ANEXO A126



Antiga Matriz Nossa Senhora do Carmo (I)
Uberlândia-MG
Edificada em 1861 e demolida em 1943
Óleo s/tela
30x50 cm
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A127



Antiga Matriz Nossa Senhora do Carmo (II)
Uberlândia-MG
Edificada em 1861 e demolida em 1943
Óleo s/tela
50x70 cm
Acervo: Cícero Diniz

ANEXO A128



Capela Nossa Senhora do Ó - Sabará-MG
1972
Óleo s/tela
Nota-se que a cruz entra pelo *passe-partout*.

ANEXO A129



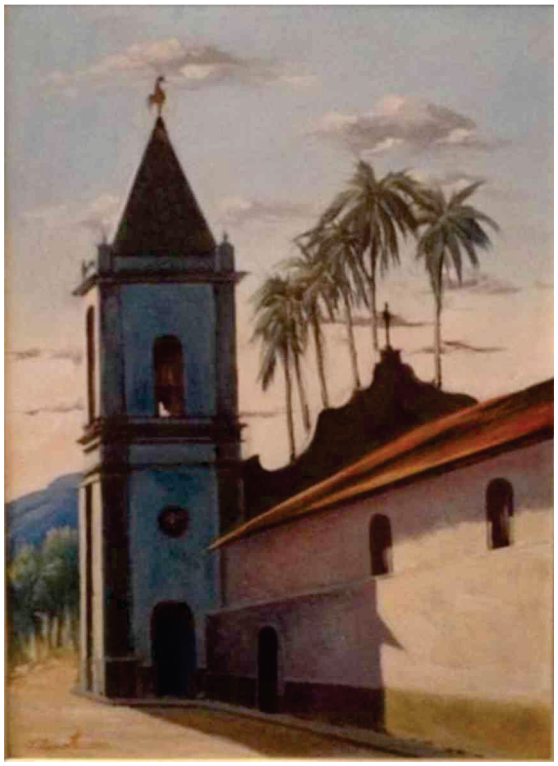
Capela do Morumbi - São Paulo-SP
1973
Óleo s/tela
Acervo: Francis F. Gibson

ANEXO A130



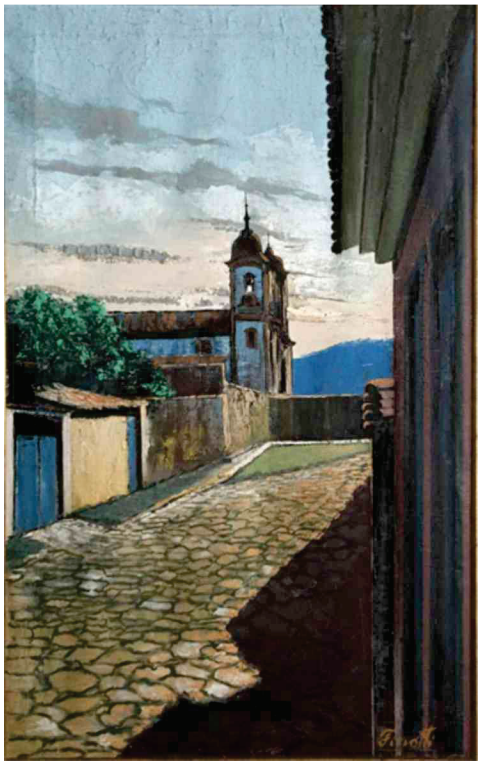
Igreja de Saquarema - RJ
Igreja N. S. Nazareth vista por trás invertida
1969
Óleo s/tela
64x99 cm
Acervo: Ayrton Gomes

ANEXO A131



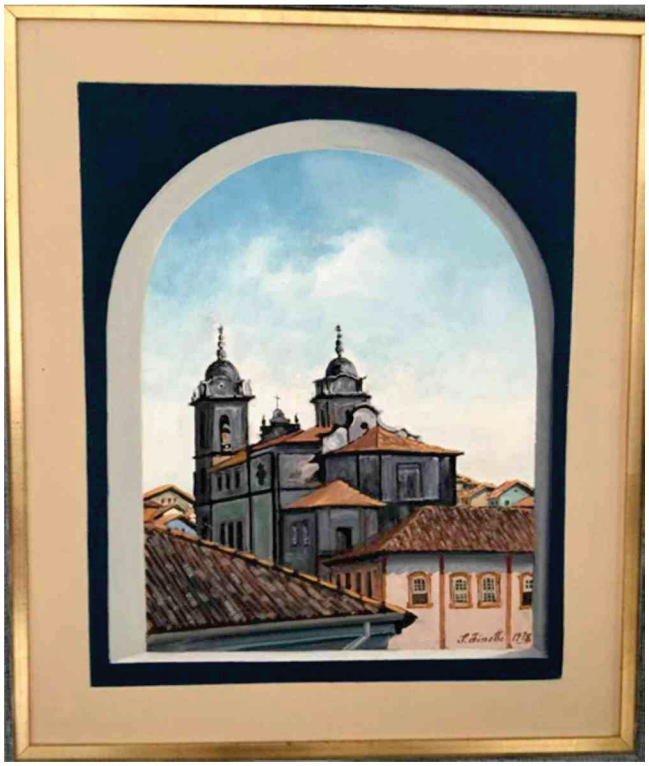
Igreja de Saquarema - RJ
Lateral da Igreja N. S. Nazareth
1977
Têmpera s/eucatex
78x68 cm
Acervo: Aluísio Gibson

ANEXO A132



Rua de Ouro Preto
Óleo s/tela
88x54 cm
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A133



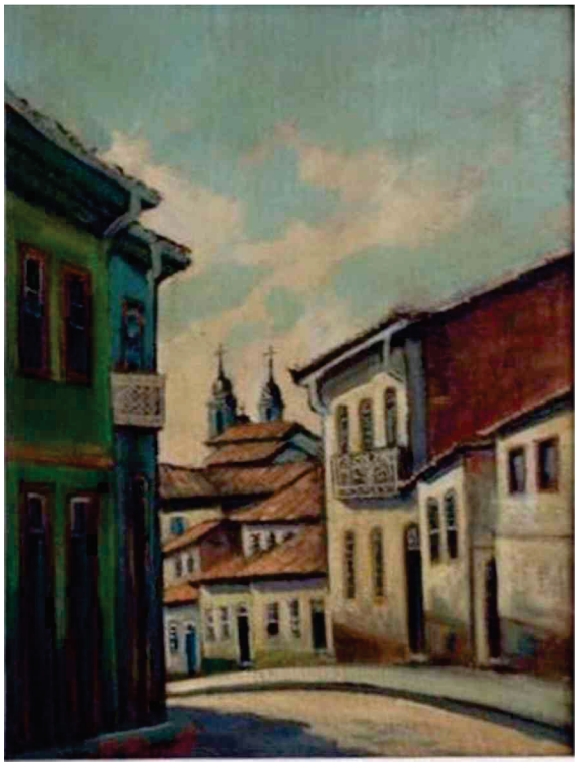
Cidade de Ouro Preto
1978
Óleo s/duratex
56x46 cm
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A134



Capela
Óleo s/tela
Acervo: Wilma Finotti

ANEXO A135



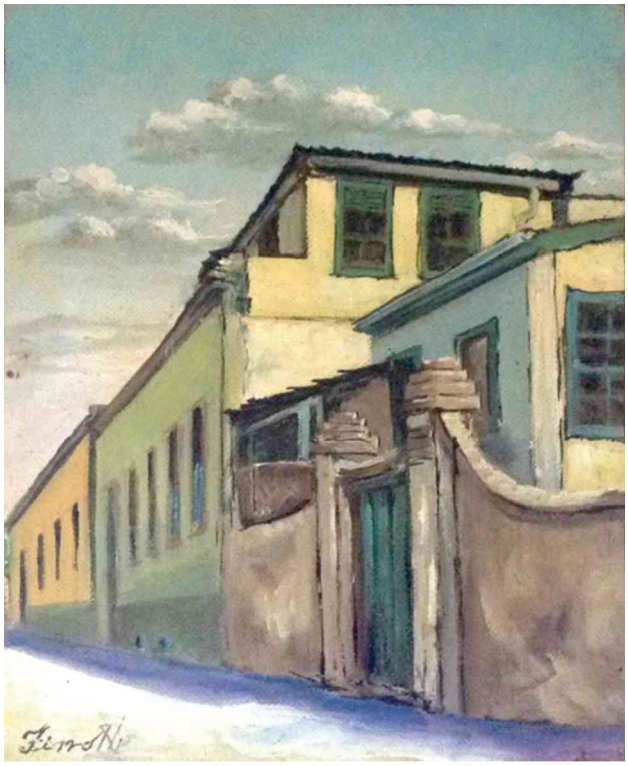
Paisagem Ouro Preto
Óleo s/tela
55x40 cm
Acervo: Marisa Constantino

ANEXO A136



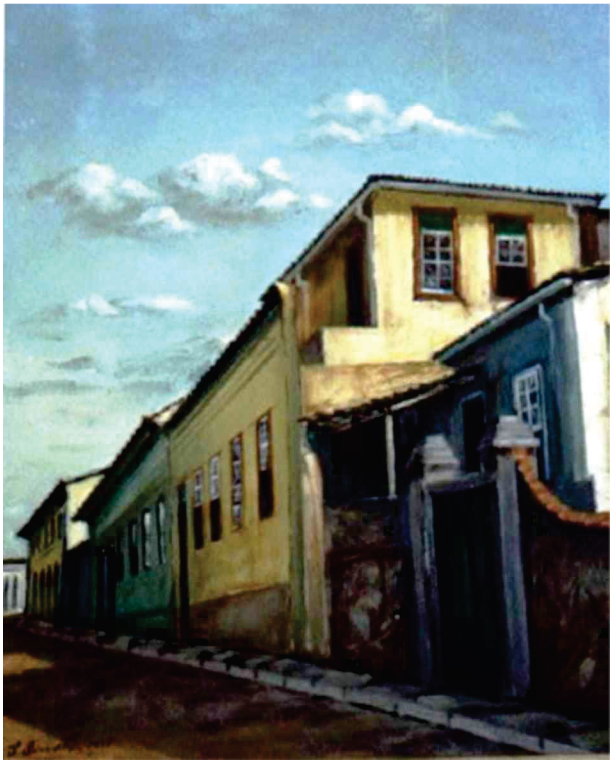
Igreja histórica
1968
Óleo s/compensado
Acervo: Ayrton Gomes Junior

ANEXO A137



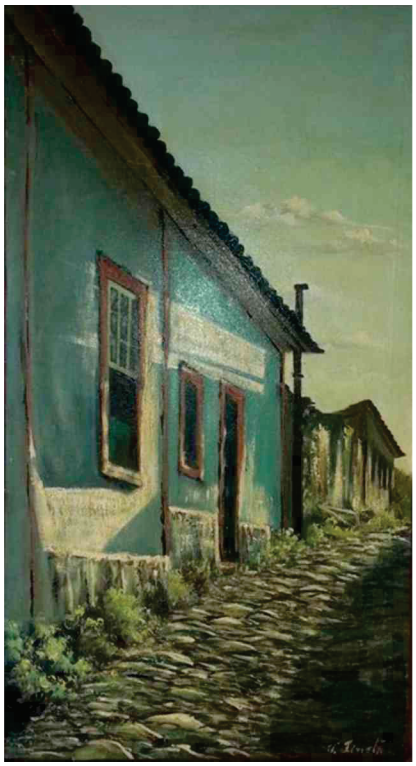
Casario Ouro Preto I
Óleo s/eucatex
36x30 cm
Acervo: Cristiane Finotti

ANEXO A138



Casario Ouro Preto II
1978
Óleo s/eucatex
Acervo: Calixto Jorge Neto

ANEXO A139



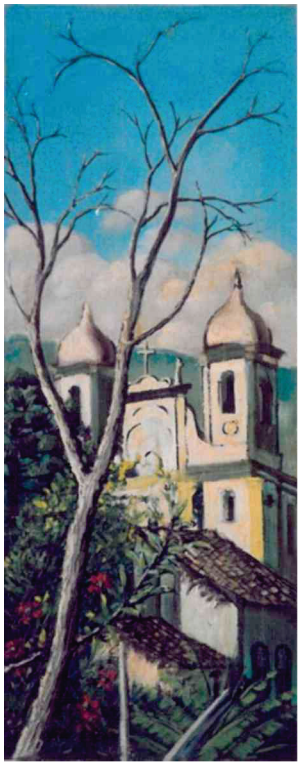
Casario
Óleo s/tela
Acervo: Aluizio Gibson

ANEXO A140



Paisagem Ouro Preto
1976 (04 de julho)
Óleo s/tela
53x78 cm
Acervo: Regiane Diniz Carvalho

ANEXO A141



Igreja colonial
Óleo s/tela
70x27 cm
Acervo: Maria do Carmo P. Finotti

ANEXO A142



Paisagem colonial
1976
Óleo s/tela
Acervo: Francis F. Gibson

ANEXO A143



Casario Ouro Preto
1977
Óleo s/tela
28x59 cm
Acervo: Paulo Sérgio Naves de Lima

ANEXO A144



Paisagem - Sabará-MG
1974
Óleo s/tela
46x53 cm

ANEXO A145



Beco em Ouro Preto
1977
Óleo s/tela
55x75 cm
Acervo: Reginaldo Finotti

ANEXO A146



Paisagem cidade histórica
50x90 cm
Óleo s/tela

ANEXO A147



Sobrado colonial
Óleo s/tela
Acervo: Reginaldo Finotti

ANEXO A148



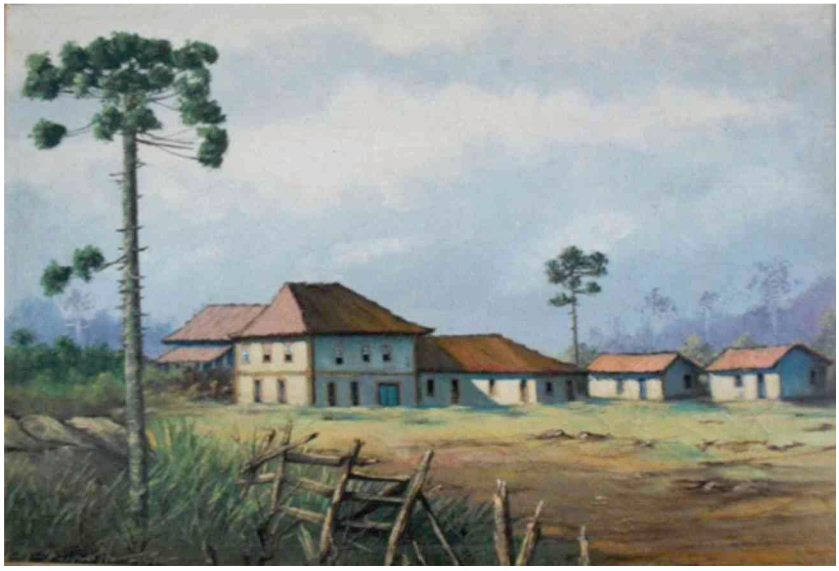
Casario Ouro Preto
1979
Óleo s/tela
19x35 cm
Acervo: Márcia Marques Amado
Última obra pintada por Ido Finotti quando já se encontrava doente.

ANEXO A149



Casario - Paraná
1976
Óleo s/tela

ANEXO A150



Paisagem paranaense
1978
Óleo s/duratex
80x63 cm
Acervo: Liliane Finotti

ANEXO A151



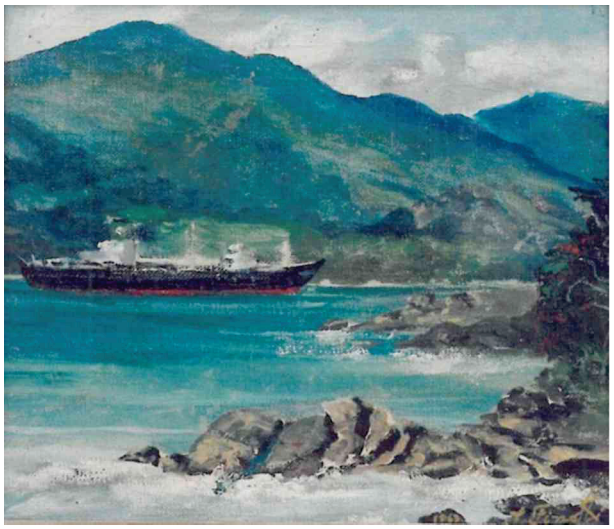
Casario Colonial
1977
Óleo s/tela
50x70 cm
Acervo: Lina Carla B. Finotti

ANEXO A152



Casa - Morro Santa Tereza - RJ
1968
Acervo: Lina Carla F. Freitas

ANEXO A153



Praia Pitangueiras - Canal São Sebastião
Litoral norte paulista (em segundo plano a montanha em Ilha Bela)
1963
Óleo s/tela
22x38 cm
Acervo: Letícia F. Rezende

ANEXO A154



Praia São Lourenço - SP
1973
Óleo s/papelão
20x28 cm
Acervo: Mairene Barbosa

ANEXO A155



Paisagem litorânea
1957
Óleo s/tela
34x73 cm
Acervo: Rosane Finotti

ANEXO A156



Paisagem litorânea
Óleo s/tela
Acervo: Regina Finotti

ANEXO A157



Rochas da praia
1978
Óleo s/tela
16x44 cm
Acervo: Hilton Finotti

ANEXO A158



Praia Riviera - São Lourenço-SP
Óleo s/tela
Acervo: Francis T. Gibson

ANEXO A159



Praia São Lourenço - SP
1978
Óleo s/tela

ANEXO A160



Marinha
Óleo s/madeirite
16x45 cm
Acervo: Paulo Sérgio Naves de Lima

ANEXO B - DOCUMENTAÇÃO ICONOGRÁFICA

ANEXO B1



I Exposição de Pintura de Uberlândia - 1946 - Homenagem especial a Cipriano Del Fávero. Ido Finotti - 9ª pessoa da direita para esquerda.
Fonte: CDHIS -UFU

ANEXO B2



Adelina e Ido Finotti - 1946
Fonte: arquivo Cristiane Finotti

ANEXO B3



1947

FENOMENAL CONCURSO !...

Premio de Cr$ 500,00 !

FINOTTI & PEREZ oferecem Cr$ 500,00 á pessôa que acertar o nome exato da Confeitaria que brevemente inaugurarão nesta cidade, cujo nome encontra-se encerrado dentro de um envelope lacrado, em exposição, nas vitrinas da "A GOIANA".

Esta Confeitaria que terá anexo uma modernissima panificação mecânica, será instalada á Av. Afonso Pena n. 491, dispondo de um ambiente agradavel às Exmas. Familias e com pessoal capacitado para bem servir á todos.

BASE DO CONCURSO :

1o — O concurrente deverá preencher o coupon, no verso deste, escrevendo, como por exemplo, os nomes de Regina, Alice, das Familias, Para-todos, Central, etc.

2o — Cada coupon conterverá somente um, a escolha de um nome, não sendo validas as duplicidades de nomes, salvo si os mesmos fôrem compostos.

3o — O coupon depois de preenchido deverá ser depositado nas urnas que se encontram na "Alfaiataria Finotti" e na "A Goiana".

4o — A apuração será feita na hora da colocação das letras correspondentes ao nome vitorioso, na placa respectiva, em dia e local previamente anunciados pela Radio local. Haverá tambem 9 premios de consolação no valor de Cr$ 50,00 cada um.

NOTA — : O nome da Confeitaria está neste boletim

Fenomenal Concurso !...

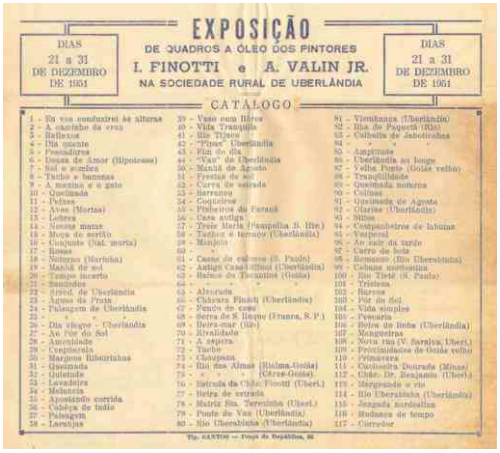
A Confeitaria vai se chamar :

Nome do votante

Endereço

Folheto do concurso para acertar o nome da Confeitaria na Hora na ocasião da sua inauguração - 1947 - Uberlândia.
Fonte: arquivo Cristiane Finotti

ANEXO B4



EXPOSIÇÃO

DE QUADROS A ÓLEO DOS PINTORES

I. FINOTTI e A. VALIN JR.

NA SOCIEDADE RURAL DE UBERLÂNDIA

DIAS 21 a 31 DE DEZEMBRO DE 1951

DIAS 21 a 31 DE DEZEMBRO DE 1951

CATÁLOGO

Folheto da I Exposição de quadros a óleo dos pintores Ido Finotti e Valin Jr.
21 a 31 de dezembro de 1951- Sociedade Rural de Uberlândia.
Fonte: arquivo Cristiane Finotti

ANEXO B5



Exposição de Pintura

Fomos, pessoalmente, convidados, pelos senhores Ido Finotti e Valim Junior, afim de que sejamos presentes á inauguração da Exposição de Pintura, em quadros a óleo, de autoria dos dois inteligentes e consagrados artistas, aqui residentes.

O local escolhido foi a luxuosa galeria do "Edifício Finotti" e a exposição será aberta, solenemente, ás 20 horas, de amanhã, com a presença de autoridades federais, estaduais e municipais, bem como de educadores, artistas, jornalistas e radialistas, além de outros convidados.

Os dois expositores apresentarão telas de elevado teor artistico, maxime no tocante ao sentido paisagista, de suas preferências, como cultores que são dos assuntos e motivos oferecidos pela Natureza. Os pinceis de Ido Finotti e Valim Junior oferecerão, também, obras de mérito real, em outras modalidades.

Anunciando tal evento, fazemo-lo praseirosos e como uma homenagem aos dois eméritos discipulos de Apelles, o pintor da velha Grecia, que, escondido atrás das telas de suas admiraveis exposições, ouvia os pronunciamentos da critica.

Jornal O Repórter - Uberlândia, 28/outubro/1955
Convite da II Exposição de Ido Finotti e Valin Junior
Galeria de entrada do Edifício Finotti, Av. Afonso Pena 284.

ANEXO B6



Interior da Confeitaria na Hora - Década de 1950
Fonte: Arquivo Público de Uberlândia

ANEXO B7



III Exposição de Pinturas

DE

A. Rosseto e Ido Finotti

Mais uma vez em Uberlândia, êstes conhecidos artistas brasileiros apresentarão ao público Uberlandense seus belíssimos quadros, motivos nacionais e locais.

A mostra de quadros estará franqueada ao público à av. Floriano Peixoto 451, nos dias 17 a 31 do corrente mês, em salão cedido gentilmente pelo Sr. Cyro Avelino Franco, notável incentivador das artes plásticas em nossa terra.

Nesta exposição de trabalhos artísticos, os expositores agradecem também, a Comp. Ultragaz S.A. pela espontânea cooperação, proporcionando ao povo de Uberlândia êste feliz acontecimento cultural.

Folheto convite da III Exposição de Pinturas de
Arlindo Rosseto e Ido Finotti - Data desconhecida.
Fonte: arquivo Cristiane Finotti

ANEXO B8



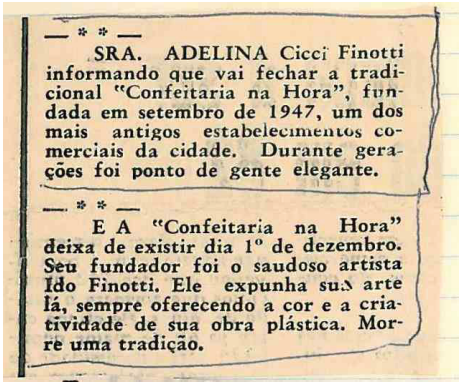
Avenida Afonso Pena - Uberlândia - Década de 1950
Área do entorno da Confeitaria Na Hora. Na esquina o edifício do Hotel Colombo.
Fonte: Arquivo Público de Uberlândia

ANEXO B9



I Coletiva de Artes de Uberlândia - 01 a 07/setembro/1978 - Av. Floriano Peixoto, 337.
Participação de obras de 24 artistas uberlandenses, entre eles Ido Finotti.
Fonte: Carmen Fernandes

ANEXO B10



— * * —

SRA. ADELINA Cicci Finotti informando que vai fechar a tradicional "Confeitaria na Hora", fundada em setembro de 1947, um dos mais antigos estabelecimentos comerciais da cidade. Durante gerações foi ponto de gente elegante.

— * * —

E A "Confeitaria na Hora" deixa de existir dia 1º de dezembro. Seu fundador foi o saudoso artista Ido Finotti. Ele expunha sua arte lá, sempre oferecendo a cor e a criatividade de sua obra plástica. Morre uma tradição.

Jornal O Triângulo - Uberlândia - 18/novembro/1981.

ANEXO B11



IDO FINOTTI

DURANTE mais de 40 anos a Confeitaria Na Hora imperou na Afonso Pena, como ponto de referência de bom-gosto. Fundada por Ido Finotti, um pinhalense que se apaixonou por Uberlândia, a casa acolhia uma clientela altamente selecionada. Primeiro era o pessoal dos bancos: depois veio o da Justiça, que frequentou o estabelecimento ao longo de decênios. Juízes, promotores, advogados e serventuários. As noites passaram a ser animadíssimas quando Jacy de Assis fundou a Faculdade de Direito na Duque de Caxias. A rapaziada acadêmica ia fazer o lanche ou tomar chopp gelado Na Hora.

Ido Finotti trabalhou sério no seu negócio e prosperou, ajudado pela esposa, dona Adelina e pelos filhos. Ultimamente não mandava nada lá. Só queria andar às voltas com telas, tintas e pincéis.

Por ter como hobby caçadas e pescarias a atividade influiu na pintura. Ido Finotti foi um paisagista por excelencia. Retratou com muita arte lugares por onde andou, beira de rios, ranchinhos, fazendas, garimpos. Fez algumas telas urbanas, reproduzindo igrejas e velhas casas de Uberlândia que ele conheceu, ainda pequena.

Um autodidata que aprimorou de tal forma sua arte que chegou a vender bem as telas que expunha entre as paredes da Confeitaria Na Hora. Meu particular amigo, ofereceu-me dois de seus quadros, um mostrando solitário barquinho e outro retratando as mulheres da favela do Uberabinha lavando roupas.

Ido Finotti foi uma figura ilustre de Uberlândia. Homem bom e generoso, de trato muito cortez, era estimadíssimo por toda a comunidade e sua falta, sentida pelos uberlandenses.

Ontem mesmo fiquei olhando seu quadro que enfeita meu escritório, aquele das lavadeiras na favela. Há anos que ganhei a obra. Mas olhei pela milésima vez, notando a riqueza de detalhes, a idéia de movimento e as cores tão bem captadas e transportadas em óleo para o espaço físico de 30x40. Pensei no artista e comecei a resgatar da memória, a época em que me mudei para Uberlândia e conheci Ido Finotti, sua esposa, dona Adelina, seus filhos Ulisses, Hilton e Reginaldo. Não sem uma grande saudade. Afinal, a Confeitaria não é mais na Afonso Pena, nem o Ido irá me chamar para ver seu último trabalho. Felizmente resta a memória para juntar fragmentos, cenas, pequeninos detalhes, num replay do tempo vivido. Ainda bem.

Jornal O Triângulo - 15 de novembro de 1983.

ANEXO B12



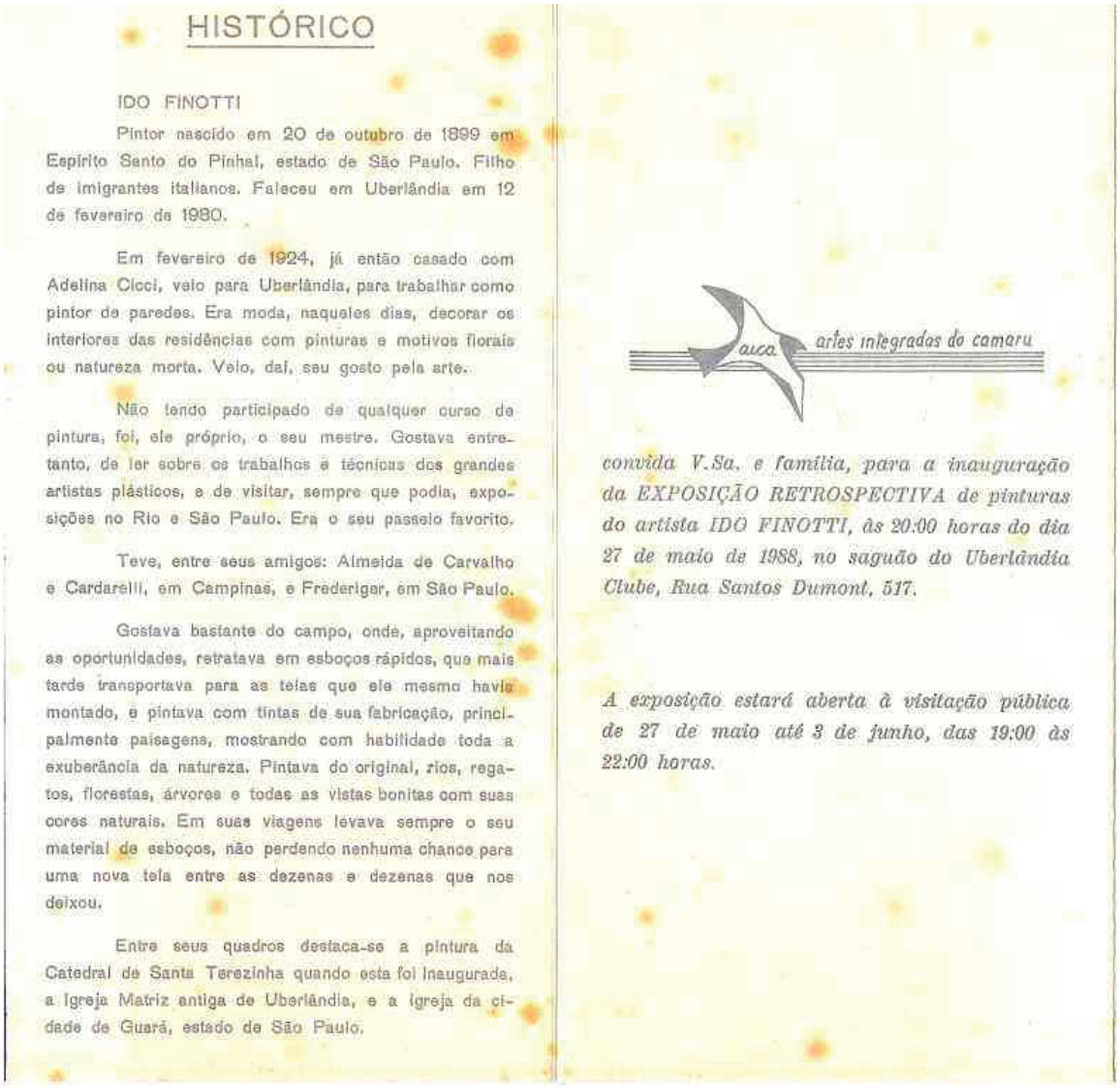


ARTISTAS DE SEMPRE

Ficam na lembrança as bucólicas paisagens ribeirinhas do artista *Ido Finnotti*. Neste espaço reverenciamos sua memória. A calmo dos fundos de quintais do artista *Geraldo Queiroz*, o grande pintor que a cidade não pode olvidar. O trabalho constante de *Arlindo Rossetto* e os temas da natureza, que apesar da idade bastante ainda continua com o maior entusiasmo.

Artigo publicado na Revista ARS-AICA nº 1 - Março/1984 - pág. 24.
Fonte: Carmen Fernandes

ANEXO B13



HISTÓRICO

IDO FINOTTI

Pintor nascido em 20 de outubro de 1899 em Espírito Santo do Pinhal, estado de São Paulo. Filho de imigrantes italianos. Faleceu em Uberlândia em 12 de fevereiro de 1980.

Em fevereiro de 1924, já então casado com Adelina Cicci, veio para Uberlândia, para trabalhar como pintor de paredes. Era moda, naqueles dias, decorar os interiores das residências com pinturas e motivos florais ou natureza morta. Veio, daí, seu gosto pela arte.

Não tendo participado de qualquer curso de pintura, foi, ele próprio, o seu mestre. Gostava entretanto, de ler sobre os trabalhos e técnicas dos grandes artistas plásticos, e de visitar, sempre que podia, exposições no Rio e São Paulo. Era o seu passeio favorito.

Teve, entre seus amigos: Almeida de Carvalho e Cardarelli, em Campinas, e Frederigar, em São Paulo.

Gostava bastante do campo, onde, aproveitando as oportunidades, retratava em esboços rápidos, que mais tarde transportava para as telas que ele mesmo havia montado, e pintava com tintas de sua fabricação, principalmente paisagens, mostrando com habilidade toda a exuberância da natureza. Pintava do original, rios, regatos, florestas, árvores e todas as vistas bonitas com suas cores naturais. Em suas viagens levava sempre o seu material de esboços, não perdendo nenhuma chance para uma nova tela entre as dezenas e dezenas que nos deixou.

Entre seus quadros destaca-se a pintura da Catedral de Santa Terezinha quando esta foi inaugurada, a Igreja Matriz antiga de Uberlândia, e a Igreja da cidade de Guará, estado de São Paulo.

arca artes integradas do cameru

convida V.Sa. e família, para a inauguração da EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA de pinturas do artista IDO FINOTTI, às 20:00 horas do dia 27 de maio de 1988, no saguão do Uberlândia Clube, Rua Santos Dumont, 517.

A exposição estará aberta à visitação pública de 27 de maio até 3 de junho, das 19:00 às 22:00 horas.

Convite da abertura da Exposição Retrospectiva de Pinturas de Ido Finotti.
27/Maio/1988 - Saguão do Uberlândia Clube.
Fonte: o próprio autor

ANEXO B14



ANEXO B15



Exposição Retrospectiva de Pinturas de Ido Finotti. 27/Maio/1988 - Uberlândia Clube.
Fonte: arquivo Cristiane Finotti

ANEXO B16

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

LEI Nº 4715 DE 13 DE JUNHO DE 1988.

CORRIGE DENOMINAÇÃO DE VIA PÚBLICA EM DUPLICIDADE.

O povo do Município de Uberlândia, por seus representantes, aprovou e eu, em seu nome, sanciono a se - guinte Lei:

Art. 1º O logradouro público conhecido como Alameda das Hortências, situado no Bairro Morada da Colina, localizado entre a Rua dos Lírios e Alameda das Palmeiras, passa a denominar-se Rua **IDO FINOTTI**, por se tratar de via em duplicidade.

Art. 2º Fica o Prefeito Municipal, através da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, autorizado a comunicar a nova denominação aos órgãos interessados.

Art. 3º Ficam revogadas as disposições em contrário.

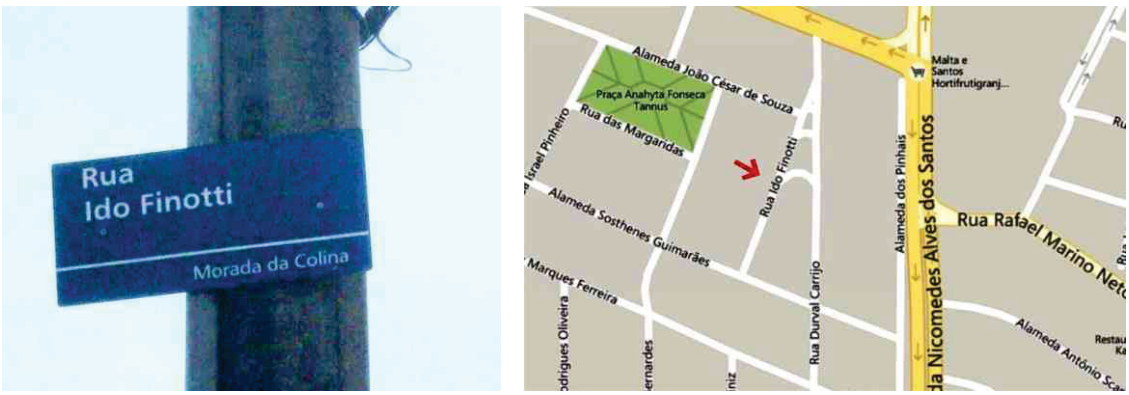
Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de Uberlândia, 13 de junho de 1988.

ZAIRE REZENDE
Prefeito Municipal

Documento que nomeia Rua Ido Finotti a logradouro público em Uberlândia 13/ junho/1988.
Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia

ANEXO B17



Rua Ido Finotti - Morada da Colina - Uberlândia.
Fonte: o próprio auto

ANEXO B18



Ido Finotti pode dar nome a nova galeria da cidade

Uberlândia
Da Reportagem Local

O nome da galeria do Teatro Vera Cruz deverá ser o do artista plástico, Ido Finotti. A proposta será encaminhada à Câmara Municipal através de um projeto a ser elaborado pela Procuradoria Geral do Município. A galeria foi inaugurada no dia 5 de março e até hoje permanecia sem nome. Até agora a Divisão de Artes Plásticas da Secretaria Municipal de Cultura trabalhava no levantamento de um nome para a galeria, mas a sugestão do nome do artista Ido Finotti, feita pelo prefeito Virgílio Galassi à secretária de Cultura Terezinha Magalhães, foi suficiente para que os estudos em andamento fossem concluídos. Agora a Divisão de Artes Plásticas está levantando a biografia do artista e já nos próximos dias o projeto deverá chegar à Câmara Municipal, onde pode inclusive ser alterado caso os vereadores aprovem a indicação de um outro nome.

Ido Finotti nasceu em Espírito Santo dos Pinhais (SP) e depois de morar alguns anos em Uberaba, veio para Uberlândia. Foi aqui, na década de 1950, que ele iniciou as suas atividades artísticas. Da pintura de parede, atividade que tinha como profissão e que garantia a sua sobrevivência, ele progrediu para os quadros e foi à pintura em óleo sobre tela e eventualmente às aquarelas que ele dedicou os últimos 35 anos da sua vida até morrer em 1981. A pintura e a pescaria eram suas duas paixões, como lembrou a esposa Adelina Finotti, de 87 anos. Para ela seu marido era um artista sensível, dedicado, mas sobre tudo muito modesto. Fez os comentários de forma vagarosa, procurando ser fiel ao que o marido pensava e por várias vezes lamentou as falhas da memória que a impediam de contribuir melhor com a reportagem.

Ido Finotti, segundo os familiares, nunca teve maiores ligações com a comunidade artística. Todos os seus trabalhos ficaram restritos ao círculo de parentes e de amigos, muitas vezes dados como presente. Bastava alguém gostar muito de um quadro para que ele presenteasse o admirador, disse a mulher, Adelina

Trabalhos estão com parentes

A família não soube precisar o número total, dos trabalhos de Ido Finotti, mas os técnicos da Divisão de Artes Plásticas, que já estudam a obra do artista, já não têm dúvidas de afirmar que o seu trabalho tem uma característica marcante a ligação com a natureza. Segundo a chefe da seção, Sandra Carolino de Paiva, vários trabalhos do artista foram encontrados fora de Uberlândia. A maioria deles foi pintado durante as pescarias e viagens que fazia, disse Sandra Carolino. São quadros de rios, cheapanas, paisagens e muitos de queimadas. Boa parte das obras, de acordo com Sandra é identificada com a natureza morta. Todo o trabalho do artista era feito de maneira simples e artesanal. Até as telas que usava ele mesmo as confeccionava, segundo informação de sua esposa.

Finotti. Somente no final da vida Ido Finotti chegou a vender algumas das suas produções, mesmo assim por causa da insistência dos amigos. "Nunca sobreviveu da arte", comentou dona Adelina.

Para o artista Ido Finotti pintar era inerente à sua natureza e, de acordo com a esposa, ele era tão exigente com seu trabalho que intimidava se fosse surpreendido pintando perto de pessoas estranhas. É que a falta de escola e de uma formação acadêmica para a arte - ele era autodidata - o deixava inseguro e com o sentimento de que não estava habilitado para a produção artística. Mas nem isto o impedia de pintar, ainda que o público que tinha acesso ao seu trabalho fosse pequeno - ele só realizou uma exposição em toda sua vida, no Jóquei Clube de Uberaba. As outras vezes que os seus trabalhos foram expostos foram para os seus próprios fregueses da Confeitaria na Hora, que adquiriu na década de 50 e que se localizava na Floriano Peixoto entre as ruas Duque de Caxias e Machado de Assis.

Jornal Correio do Triângulo - Uberlândia 25/abril/1991.

ANEXO B19



Inauguração da Galeria Ido Finotti anexa ao Teatro Grande Othelo com Exposição de Pinturas de Ido Finotti Acervos Particulares.
Uberlândia - 18/Novembro/1991. No microfone o vereador Josué Borges.
Fonte: Arquivo Público de Uberlândia

ANEXO B20

Galeria Ido Finotti é inaugurada

Uberlândia
Da Reportagem Local

Inaugurada oficialmente ontem a galeria Ido Finotti (anexa ao Cine Teatro Vera Cruz). Apesar de já ter recebido duas exposições desde que foi adaptada da parte do prédio do teatro que era usada como garagem, só agora foi possível organizar a exposição do artista plástico Ido Finotti (1889-1980).

A exposição reúne uma série de quadros em óleo sobre tela e tamanhos diversos pintados pelo artista. O acervo pertence em sua maior parte a colecionadores particulares. Os quadros apresentam naturezas mortas, casarios e paisagens. Autodidata, Ido Finotti começou a estudar pintura aos 12 anos como aprendiz de pintores de painéis em paredes de residências. No início da década de 50, Ido Finotti começou a fazer as primeiras experiências com pinturas em óleo sobre tela.

Finotti costumava fotografar as cenas que mais tarde eram reproduzidas em suas telas. Conhecedor do trabalho e da vida dos mais importantes pintores que atuaram no Brasil, Ido Finotti tinha o hábito de viajar por cidades do interior em busca de imagens para compor suas telas. Além do Brasil, seus trabalhos integram acervos particulares em países como o México, Líbano e Estados Unidos.

Ido Finotti é natural de Espírito Santo do Pinhal. Foi Para Uberaba em 1918. Trabalhou com o pintor Vicente Corsiani quando era comum a pintura de painéis em interiores de residências. Em 1924, o artista chega a Uberlândia e casa-se com Adelina Finotti. Tiveram 5 filhos.

Ex-comerciante, Ido Finotti montou em Uberlândia a confeitaria Na Hora, local que funcionava como espaço cultural abrigando quadros do próprio artista em exposições regulares.

Serviço: Ido Finotti: Exposição de pinturas em óleo sobre tela. Galeria Ido Finotti. Av. João Pinheiro, 1789. Até dia 11 de dezembro. Entrada franca.



Galeria recebeu o nome de Ido Finotti por solicitação da secretária de Cultura Terezinha Magalhães

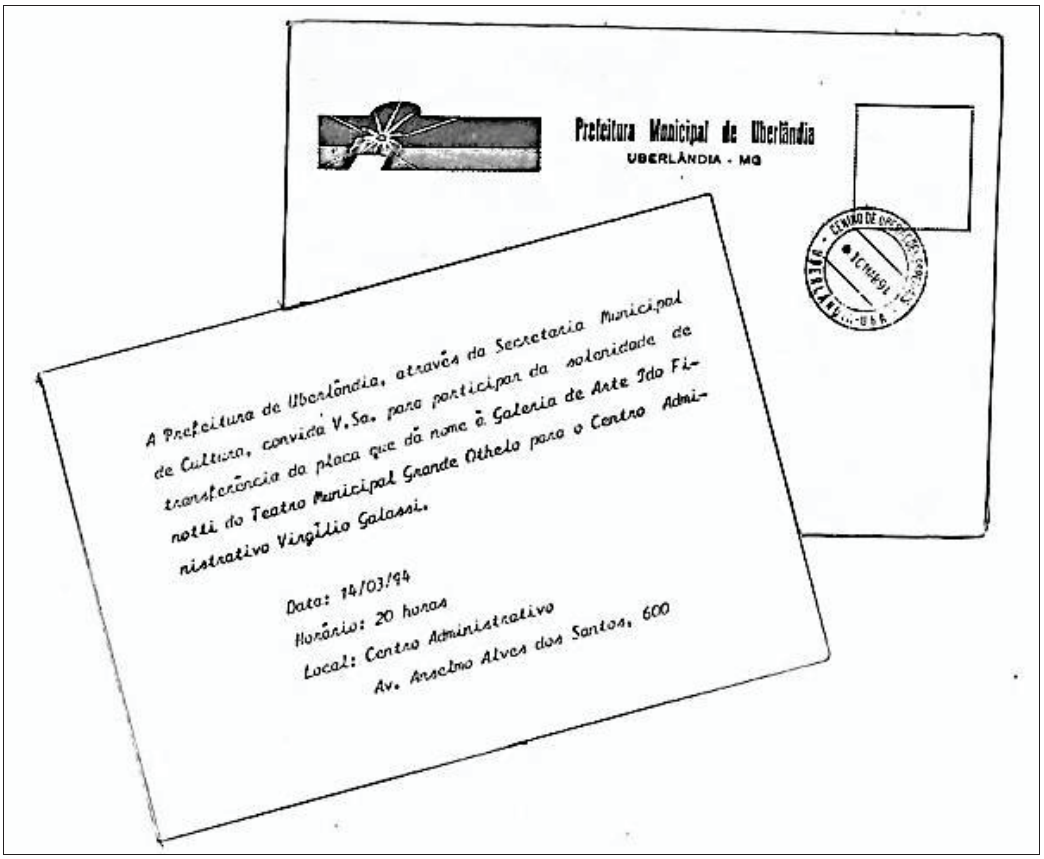
Jornal Correio do Triângulo - 19/novembro/1991.

ANEXO B21



Placa que dá nome à Galeria de Arte Ido Finotti, atualmente no Centro Administrativo de Uberlândia.
Fonte: arquivo Cristiane Finotti

ANEXO B22



Convite da solenidade de transferência da placa que dá nome à Galeria de Arte Ido Finotti, do Teatro Grande Othelo para o Centro Administrativo de Uberlândia - 14/março/1994.

ANEXO B23



Galeria Ido Finotti
Fonte: Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia

ANEX0 B24

Primeiro espaço de arte funcionava numa confeitaria

Uberlândia

O primeiro espaço de manifestação das artes plásticas em Uberlândia surgiu na década de 30, através de Ido Finotti, segundo relata Paulo Carrara, arquiteto e ex-marchand. O pintor era proprietário da Confeitaria Na Hora. Ele trabalhava dentro de seu estabelecimento comercial sob o olhar dos transeuntes e expunha ali mesmo seus quadros para apreciação dos frequentadores do bar.

Na década de 60, Harlem Simão, abre espaço em sua loja, na praça Tubal Vilela, para expor trabalhos de vários artistas, inaugurando-o com uma exposição do então emergente artista Carlos Scliar.

Mas a primeira galeria de arte, como espaço unicamente destinado a este fim surge nos anos 70: a Maison Arqts, de Paulo Carrara e Vera Zacharias.

Paralelamente a essas primeiras manifestações das artes plásticas na cidade, outras pessoas se destacaram como incentivadoras da formação e divulgação de novos pintores locais, como foi o caso de Lourdes Saraiva e Celso de Souza Queiroz, que Carrara identifica como os grandes precursores da arte em Uberlândia.

Também a professora Neusa Barbosa é apontada por Carrara como de inestimável importância. Explica que ela abriu a primeira escola de desenho artístico em Uberlândia e na época realizava, anualmente, exposições de seus alunos.

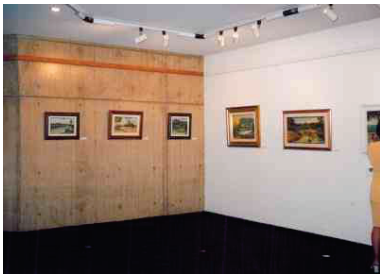
Mas o ponto culminante da história das artes plásticas na cidade certamente é a implantação do curso de Artes Plásticas na Universidade Federal de Uberlândia. Com o curso vieram os novos artistas, professores chegados de fora ou alunos que alí mesmo se formavam. Também a criação da Secretaria Municipal de Cultura, há cerca de 10 anos, passa a dinamizar a área artística. Com a Secretaria veio a perspectiva de novos espaços e de maiores incentivos.

Jornal Correio do Triângulo - Uberlândia -14/junho/1995.

ANEXO B25



ANEXO B26

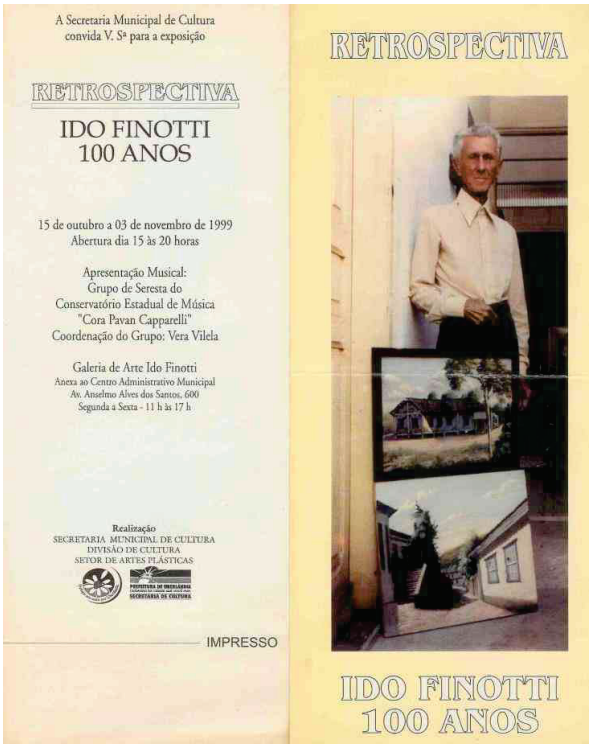


ANEXO B27



Exposição Retrospectiva Ido Finotti 100 anos - Galeria Ido Finotti
Centro Administrativo - Uberlândia - 15/outubro/1999.
Fonte: arquivo Cristiane Finotti

ANEXO B28



A Secretaria Municipal de Cultura
convida V. Sª para a exposição

RETROSPECTIVA

IDO FINOTTI
100 ANOS

15 de outubro a 03 de novembro de 1999
Abertura dia 15 às 20 horas

Apresentação Musical:
Grupo de Seresta do
Conservatório Estadual de Música
"Cora Pavan Capparelli"
Coordenação do Grupo: Vera Vilela

Galeria de Arte Ido Finotti
Anexa ao Centro Administrativo Municipal
Av. Anselmo Alves dos Santos, 600
Segunda a Sexta - 11 h às 17 h

Realização
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
DIVISÃO DE CULTURA
SETOR DE ARTES PLÁSTICAS

IMPRESSO

RETROSPECTIVA

IDO FINOTTI
100 ANOS

Folheto convite da Exposição Retrospectiva Ido Finotti 100 anos
Uberlândia - 15/outubro/1999.
Fonte: o próprio autor

ANEXO B29



Um tributo a Ido Finotti

Artista é considerado uma referência cultural em Uberlândia e região

ADRIANA BERNARDES
REPÓRTER

Até o dia 3 de novembro, o público pode conferir, na Galeria de Arte Ido Finotti, a exposição intitulada "Retrospectiva Ido Finotti - 100 anos". A mostra é uma homenagem a este artista, que é considerado uma referência cultural na cidade e região. A entrada é franca e as visitas podem ser feitas de segunda a sexta-feira, das 11 às 17 horas.

Segundo depoimento da secretária municipal de Cultura, Terezinha Magalhães, contemplar as obras de Ido Finotti é se permitir a uma atividade de descoberta permanente. "É buscar nos traços, nas cores, nos temas, nas figuras, nas linhas, nas formas, na textura, nos elementos simbólicos, um cadinho do indizível. A singeleza da alma e do sentimento de um dos mais importantes artistas plásticos de Uberlândia", declara.

Filho de imigrantes italianos, com 12 anos Ido já tinha se tornado aprendiz de pintura de parede. Aos 19 anos, chegou em Uberaba, onde trabalhou neste ofício com Vicente Corsonne e Meselle. Naquela época, era comum as salas das residências serem decoradas com paisagens e naturezas mortas, o que despertou em Finotti o interesse pela pintura artística.

Autodidata

Finotti construiu sua própria trajetória artística. Sem escolas e sem mestres, foi o aprendiz e o artesão. Seu olhar era a forma de registrar a sua compulsão artística. Com uma máquina fotográfica não se atrevia a deixar para trás nenhuma imagem. Depois, numa atitude quase calada, as reproduzia no seu ateliê em telas suaves e coloridas. Eram paisagens, cenas bucólicas de suas pescarias, aspectos urbanos e rurais. Era o artista que se projetava mais definido. "A arte lhe veio espontânea, alcançando-lhe em nossa cidade notoriedade precursora. As trinchas pesadas de seu honrado trabalho profissional transformavam-se, nas horas de lazer, em pincéis de leveza e mágica", conta Ida Nogueira Rocha e Silva.

Marco Andrade, coordenador geral do Museu Universitário de Arte (MUnA), considera o resgate da memória cultural de uma cidade fundamental para sua afirmação enquanto identidade e sua projeção de construção de um futuro. "Pensando especificamente em termos de artes plásticas, muito ainda há que se fazer para redimir o aparente vácuo histórico que deságua em um sistema artístico de fato, bastante complexo existente hoje na cidade. Tal situação dialética reflete-se de maneira cristalina nos jovens artistas que iniciam seu percurso poético", acredita.

Segundo Marco Andrade, Ido Finotti talvez seja a linha mestra ou uma das primeiras que sustenta essa trama. Andrade pensa que ainda há muito que se pesquisar sobre a trajetória pictórica do artista e a exposição que ora se apresenta é que é uma boa oportunidade para se iniciarem as múltiplas indagações a seu respeito. O uso da câmera fotográfica como meio de captar as cenas colhidas nas muitas excursões ao campo, em alternativa aos tradicionais esboços a lápis, ou mesmo a uma pintura de *plein air* (que parece confirmar-se por alguns relatos), indica uma opção de construção da imagem mais próxima de Coubert que dos artistas de Barbizon ou dos impressionistas. "Isto reflete em uma obediência às formas que se afasta de qualquer arrouho técnico ou cromático mais ousado. Por outro lado, creio que não se pode cogitar que Finotti seja essencialmente um realista. Mesmo que seja dominante a produção referenciada em seus registros, existem algumas obras que parecem resultado de alguma invenção ou possivelmente realizadas a partir de outras fontes documentais não coletadas pelo artista. Mas isso é um ponto a averiguar", declara Marco Andrade.

Jornal Correio - Uberlândia - 17/outubro/1999.

ANEXO B30



Arte

IDO FINOTTI,
um precursor da pintura em Uberlândia

Os arredores em suaves paisagens

Mestre dos tons suaves o artista plástico IDO FINOTTI, um dos precursores na arte de retratar a cidade e os seus arredores, teve identidade própria e estilo. Um privilégio para a cidade ter tido a presença de IDO FINOTTI, nascido de uma família de imigrantes italianos que vieram para o Brasil e se instalaram em Espírito Santo do Pinhal, em 1880, com o desejo de construir aqui um futuro promissor.

O segundo filho de uma família de treze irmãos, Ido Finotti nasceu em 20 de outubro de 1899 em Espírito Santo do Pinhal, estado de são Paulo, e faleceu em Uberlândia, Minas Gerais, em 12 de fevereiro de 1980, aos 80 anos. Figura esguia, de pequeno porte, ágil e gentil, cuja sensibilidade para as artes aflorou na adolescência, no exercício da profissão de pintor de paredes, quando, aos 12 anos se tornou aprendiz de pintura de parede. Aos 19 anos foi para Uberaba e trabalhou com Vicente Corzonne e Mozelin, desenvolvendo habilidades. A decoração naquela época era bem requintada, com paisagens, naturezas mortas pintadas nas paredes, forros pintados com arte, faixas decorativas gregas nas salas de jantar e de visitas.

Através desse contato com a pintura de parede, ao aguçar seu senso crítico, passar a observar tudo à sua volta e tentar captar para si o que conseguia para a sua realização como artista plástico, Ido Finotti descobriu a arte. Perseverante autodidata, pioneiro, que observava cenas incomuns e as reproduzia, o artista não media esforços para alcançar os seus objetivos.

Produzia suas próprias telas e tintas para utilizá-las em doces realizações criativas em seu atelier. Muitas vezes, utilizava uma máquina fotográfica para registrar lugares por onde passava, documentando, ao mesmo tempo, cenas rurais e urbanas. Ponto alto de sua presença nas artes foram as suas paisagens e o registro das hoje anti-ecológicas queimadas dos cerrados dos anos sessenta.

O registro de suas passagens

Em seu trabalho observa-se uma tendência impressionista, sob suportes diversos como telas, madeirite, duratex, tronco de árvore, papelões, etc, e intuitiva técnica de pinceladas fortuitas que até hoje nos enbevecem. Os casarios eram retratados em seu abandono ou melancolia.

Em 1919, Ido Finotti conheceu Adelina Cicci, com quem se casou em 1923 e teve 5 filhos. Mudou-se com a família, para Uberlândia em 1924, ao efetuar o trabalho de pintura da Companhia Elétrica Clarimundo Carneiro. Em 1947 inaugurou um ponto tradicional na cidade, a popularíssima Confeitaria na hora , que se tornou sua exclusiva galeria e ponto de visitação e venda de suas obras. Suas obras eram emoldaradas por seu amigo e conterrâneo Antônio Firmino, meu avô. Constituia-se em enorme satisfação para o artista Ido Finotti, presentear os seus amigos com as suas obras.

O artista pintou centenas de quadros, mas não existe um catálogo completo de suas obras, nem estudos mais aprofundados sobre o seu trabalho.

Resta-nos agradecer ao artista IDO FINOTTI, pelo legado de sensibilidade, seus quadros, que povoam os espaços desta cidade e de outras cidades pelo Brasil afora.

Clara Emília Zacharias Martins/
Escultora.Uberlândia-MG

Revista Fundinho Cultural - Uberlândia - Dezembro/2009.

ANEXO B31



Viagem pelo otimismo e alegria, o recado de Ida Nogueira Rocha e Silva

A tela na parede do hall, no apartamento repleto de lembranças, revela uma presença muito especial na vida da senhora Ida Nogueira Rocha e Silva. Na tela, a suave expressão da face jovem de uma linda mulher, Ida Isabelle Felicie Vrèbos. É o retrato da avó, belga, de quem a nossa entrevistada herdou o nome. Tornas recordações decoram o ambiente com algumas obras de arte e souvenirs de muitas partes do mundo por onde andou o casal Ida e Luiz Antônio. Araguarina de nascimento, uberlandense de coração, dona Ida relata fatos dasua história, da história do Fundinho e de Uberlândia, com o otimismo de quem sempre viveu a vida com alegria. Uma mulher moderna que dirige seu carro pelas ruas da cidade e viaja sempre pelo mundo e pela vida, com otimismo e com alegria.

Uberlândia é uma beleza de cidade, sou apaixonada por Uberlândia. Quando se tirou os trilhos da Mogiana do centro Uberlândia se expandiu.

O amor de sua vida
Ida: -Sou viúva, meu marido se chamava Luiz Antônio da Rocha e Silva. Ele era engenheiro civil como o pai, o professor, Dr. Luiz da Rocha e Silva, carioca que veio para cá e foi prefeito de Uberlândia em 1947. Ele fez e calculou muitas construções importantes. O primeiro edifício de apartamentos de Uberlândia foi planejado e construído em parte para o senhor Luiz Finotti, que o vendeu. Fez a sede da Companhia Telefônica. Teve convites para ir para fora daqui, mas permaneceu em Uberlândia. Minha sogra, Lydia de Rezende Costa Rocha e Silva foi a primeira universitária de Uberlândia, fez Farmácia em Ribeirão Preto. Era filha do senhor Antônio de Rezende Costa, Tonico Rezende.

O Fundinho na década de cinquenta já era um bom lugar. Sempre admirei aquele traçado antigo, as calçadas estreitas e as ruas também. Cresceu dentro de mim um amor muito grande por toda a cidade. Acredito que Uberlândia, dentro de sua grandiosidade, tem pouca memória registrada. Na década de cinquenta foi de grande importância o Colégio Nossa Senhora com seu internato, o Liceu de Uberlândia e o Colegio Estadual de Uberlândia que o senhor Tonico Rezende ajudou a construir.

Conte-nos um pouco da história de sua família
Ida: -Meu pai, Achileu Nogueira, minha mãe, Carmen. Meu avô, Olavo de Assumpção, que era paulista e fez medicina na Europa. Minha avó era belga e meu avô a conheceu lá, por ser o pai de Ida, professor na Escola de Medicina de Louvain, cidade universitária em Bruxelas, onde Olavo de Assumpção estudou. Eu me chamo Ida em homenagem a ela. Minha mãe nasceu lá e só veio para o Brasil aos 7 anos. Nós éramos 5 irmãos, meu irmão mais velho, Cid Nogueira, que faleceu no ano passado, era médico do Congresso em Brasília. Foi o primeiro médico a operar o coração de um paciente no Brasil, em São Paulo, junto com a sua equipe americana. Isto consta na Literatura de Cardiologia Médica. Sou a segunda da casa. Depois veio Eny, viúva de Renot Ferreira, que hoje reside em Goiânia. Lya estudou arquitetura até o quarto ano, no Rio de Janeiro, quando se casou. Seu marido foi desembargador em Brasília, Mauro Renan Bittencourt. O caçula, Achileu Nogueira Filho, que teve este nome em homenagem ao pai, mora em São Paulo. Nasci em Araguari, uma cidade que eu adoro. Tive uma infância muito feliz lá. Meus pais eram muito cuidadosos conosco, nos vigiavam o modo de falar e confiavam sempre em qualquer circunstância.

Fale-nos da casa da Quinze de Novembro, onde residiu?
Ida: - A casa em estilo mexicano rústico, da Rua Quinze de Novembro esquina com Silva Jardim, onde hoje se situa o Edifício Rocha e Silva, foi feita pelo irmão de minha sogra.
No imenso jardim da casa havia uma linda fonte com estátua, coqueirinhos sagus e a figueira brava que exalavam um perfume característico. A casa foi originalmente feita em parte, com materiais vindos de fora de Uberlândia e até do exterior, que aqui não se encontravam para comprar. Esta casa foi posteriormente, na fase em que lá morávamos, retratada pelo artista Ido Finotti a pedido do meu marido.

Qual o seu hobby?
O meu hobby é a leitura, principalmente no que se refere à arte. Gosto muito de arte, cinema, teatro, pintura e escultura. Me formei na primeira turma da Faculdade de Artes de Uberlândia. Tenho aqui em casa uma coleção de obras de vários artistas brasileiros e do exterior, particularmente, do pintor uberlandense Ido Finotti, que eu sugeri numa crônica publicada em jornal, dar seu nome a uma galeria de arte local, e o prefeito Virgílio Galassi cumprimentou-me pela lembrança oportuna.

E o seu olhar para a vida?
Ida: -Tenho muito bom humor e vejo a vida com otimismo Acho que a pessoa tem que ter alegria de viver, respeito com o próximo e também deletar (como se diz na linguagem do computador) as coisas que não nos foram agradáveis. Sempre tenho boas lembranças e uma condição de não ficar repisando o que me foi desagradável na vida.

Uberlândia, os filhos queridos
Ida: -Vim para Uberlândia quando me casei, no fim de novembro de 1953, nós viajamos e só vim para cá em janeiro de 1954. Mais que tudo, Uberlândia é terra dos meus três filhos, Gustavo, oftalmologista, Carmen Lídia, arquiteta e Isabella que é jornalista e fez Direito no Largo São Francisco. Uberlândia é uma cidade onde sempre vivi muito feliz. Tive muita felicidade no casamento e sou muito integrada à sociedade local, com excelentes amizades.

Telas de Ido Finotti

Algumas reflexões de dona Ida
Ida: - Eu acho a amizade uma coisa maravilhosa, sendo cultivada, ela não acaba. A pessoa precisa ter um pouco de lhaneza para tratar os amigos e não trair nenhum, aceitando-lhes os defeitos.
O casamento tem que ter alegria, tem que ter doação de um pro outro e a condescendência aos defeitos que toda pessoa tem.
Acho que nós, o povo brasileiro, falamos errado. O português é uma língua maravilhosa que teve influência de outras línguas e agora a arrasadora influência do inglês, mas aguardemos, talvez seja para nosso intercâmbio com o mundo.
Eu acho que escrever é tentar sempre continuar a viver.
Gosto muito de ler e um livro marcante para mim é "Casa grande & senzala" de Gilberto Freire. Ele nos fala das etnias que nos influenciaram, dos povos europeus, dos índios, donos da terra e dos negros escravos, que nos ajudaram a ser mais românticos e enriqueceram nossa música. Há outros escritores brasileiros e estrangeiros que nos informam e nos mostram detalhes de histórias de nossa história e também retratam o Brasil como um país especial.
Livros educam sempre!

Um grande vulto uberlandense
Antônio de Rezende Costa Filho por intermédio de um amigo belga de Tonico Rezende, foi para a Inglaterra ainda pré adolescente e lá estudou economia, só voltando depois da Primeira Guerra Mundial, de 1914.

Revista Fundinho Cultural - Uberlândia - Agosto/2012.

ANEXO B32



Tela mostra as belezas das paisagens do Cerrado, que tanto chamavam a atenção de Ido Finotti

1899-1980 ARTISTA DA CAPA

UM PINTOR DO CERRADO

Ido Finotti retratou em sua obra a beleza das paisagens urbana e rural do Triângulo

Ido Finotti nasceu na cidade paulista de Espírito Santo do Pinhal em 1899. Era o segundo dos 13 filhos da italiana Tereza Berthosoli com César Finotti, marceneiro emigrado da Itália para o Brasil em 1880. Ido Finotti mudou-se para Uberlândia em 1923, onde morou até morrer, em 1980, aos 80 anos.

Aos 12 anos, iniciou a vida profissional como aprendiz de pintor de paredes. Aos 19, mudou-se para Uberaba, onde aprendeu a técnica da pintura decorativa de interiores. Naquela época, era comum a pintura de natureza morta e paisagens nas paredes das salas de jantar e de visita das casas.

Em 1924, durante a construção do prédio da Companhia Elétrica Clarimundo Carneiro, onde hoje fica a Oficina Cultural de Uberlândia, foi convidado para pintar algumas paredes do novo imóvel e decidiu mudar-se para Uberlândia com a esposa Adelina Cicci. Na cidade, Ido pintou também o altar da Catedral e da Igreja de Nossa Senhora das Dores.

Finotti montou uma empresa, na qual trabalhavam 12 pintores e uma loja de tintas em sociedade com José Roquette. Em 1947, montou a Confeitaria Na Hora, na avenida Afonso Pena, onde instalou a única galeria de arte da cidade. Nela expunha as obras que fazia e, no fundo, montou um ateliê de pintura. "Lá, ele preparava as próprias tintas, as molduras, as telas. Pegava papelão nas lojas, punha nos cavaletes e falava: 'Vamos pintar com o vovô'", lembra a neta Cristiane Finotti.

Autodidata, Ido Finotti se dedicava à leitura sobre pinturas famosas. Das pescarias e dos passeios, vinha a inspiração para pintar paisagens. Muitas vezes, utilizava a máquina fotográfica para fazer registros de cenas rurais e urbanas. Na capa desta edição, a extinta igrejinha de Nossa Senhora do Carmo foi eternizada pelas mãos do pintor.

Em 1991, Ido Finotti teve seu nome imortalizado na galeria de arte do Teatro Grande Otelo, transferida em 1994 para o Centro Administrativo Municipal, onde funciona até hoje.

Ao lado: Ido Finotti com Adelina na Confeitaria Na Hora.
Abaixo: O quadro retrata as queimadas no Cerrado

37 Almanaque

OLHAR CRÍTICO

IDO FINOTTI

RENATO PALUMBO DÓRIA*

Foi dentro de relativo isolamento que Ido Finotti desenvolveu suas próprias soluções estéticas, acabando por constituir um interessante acervo de imagens, hoje em algumas coleções na cidade, em geral, particulares. Imagens relevantes por comunicarem algo do universo estético e cultural da Uberlândia e do Triângulo Mineiro da primeira metade do século 20. Uma clara atenção com a paisagem regional, principalmente o Cerrado. Imagens bucólicas de ranchos e casas de fazenda, monjolos, margens de rios, caminhos floridos e cenas de queimadas. Indiferente ao debate progressista de Uberlândia da época, Ido Finotti produziu um tipo de pintura que pode ser entendido como parte dos esforços regionais pela busca de uma reconstituição do espaço rural, de onde vêm muitos dos habitantes. Uma pintura que retrata, portanto, a busca pela preservação e conservação das tradições. Ainda que vivendo em um ambiente urbano, Ido Finotti soube incorporar nas pinturas esta idealização do espaço rural.

Como nas primeiras décadas do século 20, não existiam circuitos artísticos, com exposições regulares, museus ou galerias de arte, Finotti foi também pioneiro pelas exposições que ajudou a organizar, a partir de 1947, com a abertura da Confeitaria Na Hora, que foi fundamental por permitir o primeiro contato de muitos habitantes da cidade, incluindo crianças, com o universo das artes.

Revista Almanaque - Uberlândia - Fevereiro/2014.

ANEXO B33



Orlando Neves diz que a Uberlândia de 1920 era pequena, mas já era progressista; ele mantém muitas lembranças desta época

CASAMENTO DE 67 ANOS TEVE ORIGEM NA PRAÇA TUBAL VILELA

LEONARDO LEAL | REPÓRTER

Nascido em 1920, em uma família de 11 irmãos, o aposentado Orlando Neves se lembra de uma Uberlândia de poucos habitantes, ruas de terra, casas espaçosas, carros de boi e os tradicionais armazéns. Ele morou durante a infância e adolescência na rua Felisberto Carrejo, frequentou o então grupo escolar Júlio Bueno Brandão, que fica na praça Tubal Vilela, no Centro.

De acordo com Neves, os comerciantes Verissimo Gama, Alcides Borges e Custódio Pereira se destacavam nos anos 1920 em Uberlândia. "A cidade era pequena, mas já era progressista", afirmou. Segundo ele, os estabelecimentos dos três ficavam nas imediações da praça Coronel Carneiro, no bairro Fundinho, setor central.

Na época de Carnaval, como a que estamos vivendo, havia o personagem do Zé Pereira, que se fantasiava como Rei Momo. "Ele batia o bumbo nas avenidas do Centro da cidade e assustava as crianças. Ao escutar o barulho, a gente corria para dentro de casa e se escondia embaixo da cama com medo do Zé Pereira."

Da praça Tubal Vilela, Orlando Neves tem boas recordações, porque foi lá que ele conheceu a mulher, Josefina Villar Neves, com quem é casado há 67 anos e teve seis filhos. Ele disse que, nos anos de 1940, os jovens se encontravam na praça nas noites de sábado, andavam de bonde e visitavam as casas dos pais das moças para namorar. Ele lembrou que o local era conhecido como Praça dos Bambus, porque havia muitos deles na área.

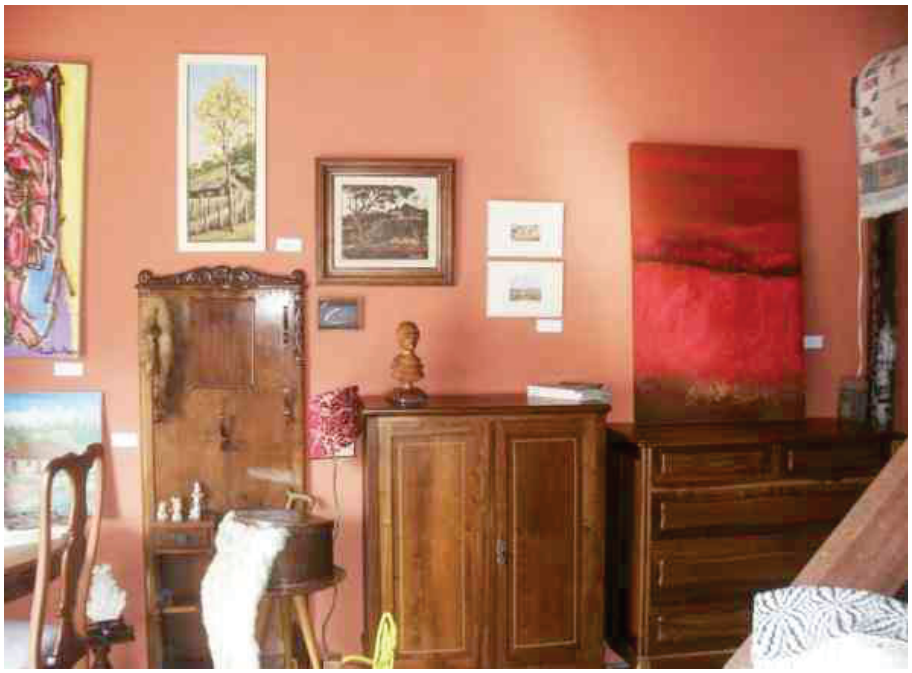
"A gente plantava abóbora, mandioca e criava galinhas"

Morador da avenida Afonso Pena, no bairro Aparecida, há mais de 60 anos, o aposentado se lembra do tempo em que não havia água encanada e era preciso buscar água numa cisterna. "Ao lado de casa, havia um terreno onde a gente plantava abóbora, mandioca e criava algumas galinhas."

Do Centro, Neves também se lembrou do Novo Hotel, que ficava na avenida João Pinheiro esquina com a praça Adolfo Fonseca, e da confeitaria Na Hora, do comerciante Ido Finotti, que ficava na avenida Afonso Pena, onde atualmente é o Banco Itaú. "Trabalhei com o Finotti na construção civil e depois ele montou a confeitaria."

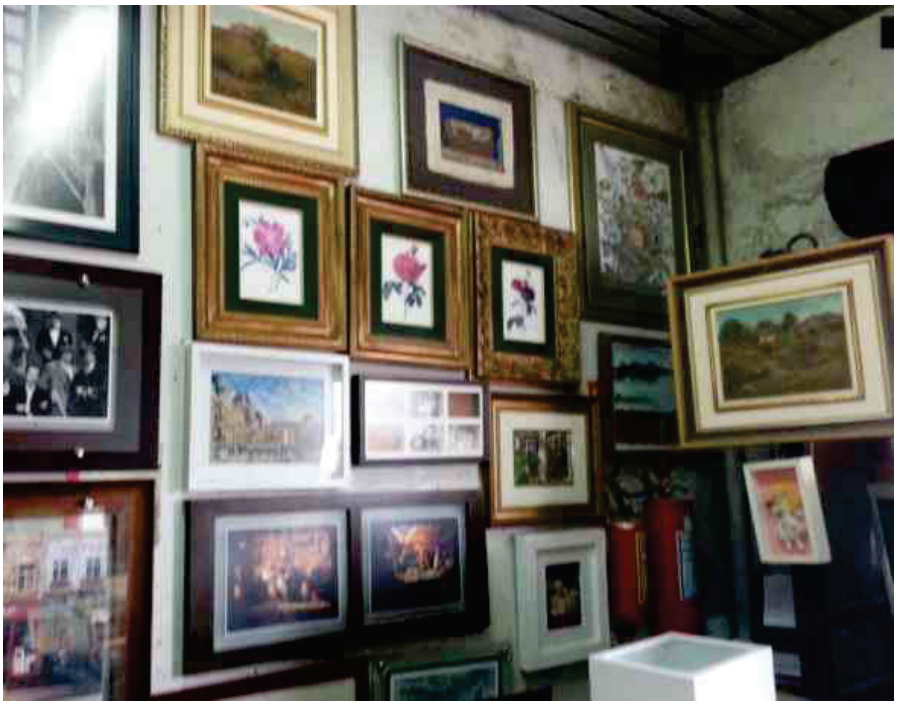
Jornal Correio de Uberlândia - 02/março/2014.

ANEXO B34



Paisagens de Ido Finotti na 1ª Feira de Curiosidades Registro da Memória
Rua Barão de Camargos, 526 - Uberlândia - 16/dezembro/2015.
Fonte: o próprio autor

ANEXO B35



Paisagens de Ido Finotti em exposição permanente na
Vidraçaria Rei do Quadro - Uberlândia.
Fonte: Antônio Calábria

ANEXO B36



Relógio de bolso de Ido Finotti.
Fonte: Aluizio Gibson Neto - São Paulo-SP
Foto: Aluizio Gibson Neto - 06/03/2016

ANEXO B37



Tubo de dentifrício contendo tinta fabricada e acondicionada por Ido Finotti na década de 1970.
Fonte: Carmen Fernandes (Uberlândia)
Foto: o próprio autor

ANEXO B38

Texto de Ida Nogueira Rocha e Silva - 13/02/1980

IDO FINOTTI

SEMPRE HOUVE UMA IMPERDOÁVEL LACUNA NO QUE SE FALOU DE MOVIMENTO ARTÍSTICO EM UBERLANDIA: A OMISSÃO QUASE TOTAL A ***IDO FINOTTI***, A SUA INICIAÇÃO GRADATIVA E LABORIOSA NA PINTURA,AOS SEUS QUADROS, AO SEU ESTILO , A SUA EVOLUÇÃO PRODUTIVA.

A ARTE LHE VEIO VINDO ESPONTÂNEA, ALCANÇANDO-LHE,EM NOSSA CIDADE , NOTORIEDADE PRECURSORA.

AS TRINCHAS PESADAS DE SEU HONRADO TRABALHO PROFISSINAL,TRANSFORMAVAM-SE NAS HORAS DE LAZER, EM PINCÉIS DE LEVEZA E MÁGICA.

ARMAÇÕES PARA AS TELAS, MOLDURAS, SEUS SEGREDOS, NA PRECARIEDADE DA ÉPOCA E DA REGIÃO,FAZIAM ALGUMA COISA,EM ASCENÇÃO NOVA, APARECER E PERDURAR. ERAM PAISAGENS,CENAS BUCÓLICAS DE SUAS PESCARIAS, ASPECTOS URBANOS,RURAIS,ERA O ARTISTA QUE SE PROJETAVA MAIS DEFINIDO. DOS PAINÉIS QUE AINDA ENFEITAM AS CASAS MAIS ANTIGAS, DAS PAREDES HOJE DESUSADAS,TIROU A MÁGICA PARA SUAS CORES.

AUTODIDATA NA TÉCNICA QUE ADOTOU,ALCANÇAVA TEXTURAS DIGNAS DE UM VETERANO DE BOAS ESCOLAS.

EXPUNHA MODESTAMENTE. VER SEU TRABALHO ERA UM PRIVILÉGIO PARA QUEM FREQÜENTAVA A CONFEITARIA-NA-HORA.E OS DE MAIS ALMA SE DETINHAM, FAZIAM PERGUNTAS,ALGUNS COMPRAVAM SEM PREVER, SEM AQUILATAR QUE A ARTE DE ***IDO FINOTTI*** ABRIA UM NOVO CAMINHO PARA A CIDADE.

"SEU IDO" MORREU ONTEM DE MANSINHO,DEVAGARINHO NOS SEUS PADECIMENTOS FINAIS, DEIXANDO-NOS NA NOITE QUENTE, UMA GRANDE MÁGICA, UMA PERDA IMENSA. QUEM TEVE A HONRA DE SER SEU AMIGO, DE LHE CONHECER A PERSONALIDADE HUMILDE E BOA, ESTA TRISTE.

E A NOSSA CIDADE-GRANDE ESTEJA CONSCIENTE QUE PERDEU UM ELEMENTO DE ESCOL.

NA UBERLÂNDIA QUE CRESCE, SE MOVIMENTO, APARECE,SE AGIGANTA,DEMOGRAFICAMENTE SE AVOLUMA.VÃO SE AGRUPANDO,EM ANÁLISE Á SUA PROPRIA COMUNIDADE, OS ELEMENTOS MAIS ANTIGOS,AS FAMILIAS DA VELHA CIDADE. E ESSAS FAMILIAS E MUITOS OUTROS QUE AQUI VIVEM SABEM REALMENTE O VALOR DE ***IDO FINOTTI***, DA HONRADA GENTE PARTICIPANTE QUE O FORMOU E DOS FILHOS QUE HERDARAM UM LEGADO PRECIOSO DE TRABALHO E HONRADEZ.

FEZ PARTE SEMPRE, COM D.ADELINA E SUA FAMILIA, DA NOSSA SOCIEDADE, ATENTO AO PROGRESSO, AOS BONS EMPRENDIMENTOS, SEMPRE CORDIAL SEMPRE AMIGO ATÉ SEUS DIAS FINAIS.

NÃO FEZ INIMIGOS, DISSIPOU DÚVIDAS.

CONSTRUIU O SEU MUNDO DE ARTISTA:CONSEGUIU ALÉM DO HORIZONTE !NÃO MOSTROU A SUA ARTE TORMENTOS PESSOAIS, REGISTROU A CALMA E DELICADEZA DO SEU ESPÍRITO ELEVADO.

ESSE EXEMPLO FICOU DELE PARA ILUMINAR SEUS FILHOS, CONSOLAR-LHE A COMPANHEIRA,QUE, FORTE, LHE ASSISTIU OS ÚLTIMOS MOMENTOS, NA CERTEZA DO TRIBUTO DE AMOR, DE DESVELO, DO DEVER CUMPRIDO.

UBERLÂNDIA, 13 DE FEVEREIRO DE 1980.

IDA NOGEIRA ROCHA E SILVA

ANEXO B39

Discurso escrito e lido por Heloisa Finotti na Inauguração da Galeria Ido Finotti anexa ao Teatro Grande Othelo com Exposição de Pinturas de Ido Finotti Acervos Particulares. Uberlândia - 18/Novembro/1991

Fui convocada, como a neta mais velha do vovô Ido, a assumir esta responsabilidade e a honra de poder evocar sua arte e sua vida, para agradecer a homenagem que presta à sua memória.

Falo em nome da minha avó Adelina, companheira infatigável de todas as horas e incentivadora incansável do vovô, em todas as suas atividades.

Falo em nome do meu pai Hilton, em memória do meu saudoso tio Ulisses e dos tios Wilma, Regina e Reginaldo, seus genros e noras e de todos netos e bisnetos.

E permito-me dizer que falo, também, em nome de todos os seus irmãos, suas cunhadas, seus amigos e companheiros queridos.

Se estivesse aqui hoje, neste momento, certamente vovô estaria inibido. Por sua timidez e simplicidade, acreditaria que a homenagem que se presta pela sua contribuição à arte e à cultura de Uberlândia, seria em excesso, um exagêro de generosidade.

Lá de cima entretanto, olhando para nós aqui, ele estará sorrindo feliz, satisfeito com esta reunião dos seus amigos, sem qualquer sentimento de vaidade ou orgulho.

Todos que conviveram e puderam conhecer um pouco mais de perto a figura humana de Ido Finotti, sabem que suas ações e reações, sempre nasceram do amor, da compreensão, da generosidade e da amizade, acima de quaisquer interesses pessoais.

No acervo legado por ele, chama-nos a atenção, um aspecto de grande importância em relação a sua personalidade, é sua sensibilidade e o caráter humanístico de sua obra, pois entre os mais de 600 quadros pintados, alguns inclusive em mãos de proprietários no exterior, jamais apareceu uma figura humana. Talvez por algum motivo técnico, ou por falta de segurança em seu traço ele sempre evitou pintar pessoas.

No entanto, em toda sua obra, transbordam detalhes da vida do cen-

te simples, de gente humilde, a quem sempre defendeu e que foi característica do seu próprio modo de viver.

Outra característica de seu trabalho artístico foi sua constante devoção a natureza. Seus quadros revelam sempre uma preocupação com a natureza e as belezas naturais, talvez antecipando as preocupações da sociedade atual para com a preservação com o meio ambiente.

Suas telas de queimadas poderiam, talvez, soar como uma denúncia contra a devastação que se fez realidade.

Recordando, ainda hoje, a forma de vovô Ido pintar, tio Francis, aqui presente, lembrava da espontaneidade, da emotividade e originalmente da musicalidade de sua pintura . Sempre transmitindo mais do coração, do sentimento, que do racionalismo, da tecnicidade ou de objetivos imediatos.

Revejo-o em seu ateliê, atulhado de molduras, cavaletes, tintas e mil quinquilharias e incluindo sua inseparável tralha de pesca, um de seus grandes prazeres e motivo para contemplação da natureza, pintando suas telas sempre alegre, saindo de seus lábios um assobio muito seu e peculiar, música criada ali, no momento da pintura, acompanhando as cores fortes em contrastes com os matizes tênues de cada uma de suas obras.

Vovô era assim: Um pintor pelo prazer e pela arte,
Um amigo querido e inesquecível.

Um dos cidadãos pioneiros de Uberlândia, quando ainda São Pedro de Uberabinha, vovô ao lado de pessoas ilustres como: Custódio da Costa Pereira, Tito e Arlindo Teixeira, Coronéis Olímpio e Marcos de Freitas Costa, Aristides Bernardes Rezende, Paulino Cota Pacheco, Joaquim Fonseca e outros tantos por cuja omissão me desculpo, contribuiu para o desenvolvimento desta que se tornou uma das cidades modelo do Brasil.

Em sua trajetória como cidadão Uberlandense, Ido Finotti desenvolveu atividades comerciais, foi empreiteiro de serviços de pinturas, época em que se dedicou a pintura de interiores de igreja em Uberlândia e outras cidades, trabalhos de difícil execução e de muito talento a arte.

Pelos acsos da vida, tornou-se sócio fundador da confeitaria Na Hora, por anos, ponto de referência da cidade. Foi por este acaso que ele pôde se dedicar mais a sua arte, tendo sido esta época seu período mais produtivo.

Ido Finotti, granjeou a amizade e o respeito dos Uberlandenses, e esta homenagem confere ao artista e ao homem a justa retribuição pelo exemplo de dignidade, responsabilidade e honestidade que ele conseguiu transmitir aos seus próximos.

Esta homenagem que tanto nos sensibilizou foi iniciativa de um bom amigo de vovô, o prefeito Virgílio Galassi, a quem manifestemos o nosso reconhecimento.

Agradecimentos que estendemos aos senhores vereadores de nossa Câmara Municipal, que aprovaram o projeto de lei e convalidaram, na condição de representantes do povo, o reconhecimento da sociedade uberlandense à obra que lhe foi legada.

E agradecemos também a prfa. Terezinha Magalhães, digníssima secretária da cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia, que implementou o processo que culmina hoje com a inauguração da Galeria de Arte Ido Finotti.

Temos convicção que esta galeria virá abrigar obras de novos talentos das artes plásticas de Uberlândia e contribuirá para ampliar os espaços culturais de nossa cidade.

Que a memória de Ido Finotti, um culto Didata da arte da pintura resgatada nesta homenagem e pelo acervo que ele nos deixou, sirva como exemplo e estímulo para os mais jovens.

Obrigada.

2

ANEXO B40

Texto escrito por Maria José Torres em 22/09/1999 para a Exposição Retrospectiva Ido Finotti 100 anos - Galeria Ido Finotti Centro Administrativo - Uberlândia - 15/11/1999.

IDO FINOTTI

Um poeta quase calado da imagem e da natureza

Se tivéssemos que resgatar minúcias da vida de **IDO FINOTTI** não saberíamos por onde começar, porque a memória tem essas armadilhas, a de selecionar lembranças. E dessas lembranças, queríamos lembrar de muitas, mas o tempo e o espaço vividos não nos permitem. Eles não podem milagrar vidas nem o passado.

Seus pais, imigrantes italianos, vieram para o Brasil por volta de 1880 e se instalaram em Espírito Santo do Pinhal, no estado de São Paulo. Uma família de vida modesta e simples, ilhada da sua cultura pátria e de sua gente, mas com o desejo de construir um novo futuro. O pai, César Finotti, um marceneiro de muitas habilidades, tinha uma oficina na própria residência e as peças criadas eram todas feitas à mão. A mãe, Tereza Berthossolli, para ajudar no orçamento familiar, além dos afazeres domésticos, lavava e passava roupas, usando um pesado ferro à carvão.

Treze filhos nasceram dessa união: Marcos, Ido, Esterino, Francisco, Luiz Ernesto, Esterina, Marcos, Márcio, Adolfo, Alberto, Carlos e Cassemiro. O primogênito morreu com um ano de idade de meningite. **IDO FINOTTI**, nascido em 20 de outubro de 1899, o segundo, passa a ter ascendência sobre os demais irmãos.

(Empreiteiro obras Italiano - Giacomo Stefanini

Com 12 anos, **IDO** era aprendiz de pintura de parede. Aos 19 (1918), veio para Uberaba e trabalhou com Vicente Corsonne e Moselle como pintor de paredes. Naquela época, era comum as salas das residências serem decoradas com paisagens e naturezas mortas, despertando em **IDO** o interesse pela pintura artística. Eles pintavam forro das casas, com uma espécie de grega e faixa decorativa, ornamentando salas de jantar e visita.

Em 1919, **IDO** conheceu Adelina, filha dos proprietários da pensão onde morava. Depois de quatro anos de namoro, em 15 de setembro de 1923, vieram a se casar. Logo depois, residiram por um breve período em Uberlândia, retornando novamente a Uberaba..

Por ocasião da construção do prédio da Companhia Elétrica Clarimundo Carneiro (antiga Cia. Prada, ex-sede da CEMIG e atual Oficina Cultural, na Praça Clarimundo Carneiro) **IDO FINOTTI** foi convidado a fazer a pintura do imóvel, motivo que o levou a mudar-se com sua esposa para Uberlândia em 1924.

IDO FINOTTI e Adelina tiveram cinco filhos: Hilton, Ulisses, Wilma, Regina e Reginaldo. Sem desviar suas forças para outro oficio, Ido permanecia na labuta de pintor de paredes e, nas horas vagas, se dedicava a suas pinturas artísticas, às suas telas, que ele mesmo preparava. *"Às vezes, até mesmo um pedaço de compensado, um resto de madeira era o bastante para expressar sua inspiração"*.

Teve uma pequena firma que durou 18 anos, na qual trabalhava cerca de 12 pintores. Para o Senhor Iraci de Lima, ex-funcionário de **IDO FINOTTI**, *"o patrão era sempre bem humorado, honesto e digno. Trabalhavam na cidade, nas fazendas e, quando havia serviços de quadros, ele próprio fazia"*.

IDO montou ainda uma Loja de Tintas em sociedade com Sr. José Roquette.

Em 1947, iniciou uma nova etapa, inaugurando uma confeitaria - Confeitaria na Hora - na Av. Afonso Pena, 491. No início, o espaço de duas portas se dividia em Confeitaria e Caixa Econômica Estadual. Com o passar do tempo, a qualidade dos produtos e dos serviços davam mérito aos negócios, que floresciam. Foi aí que **IDO FINOTTI** inaugurava uma das mais populares galerias, quando pendurava suas obras de artes nas paredes da Confeitaria, permitindo que admiradores, curiosos, entendidos pudessem apreciar um trabalho tão primoroso.

IDO FINOTTI, sem maiores interesses, construiu sua própria trajetória artística: sem escolas e sem mestres; foi o aprendiz e o artesão; seu olhar era a forma de registro da sua compulsão artística. Com uma máquina fotográfica, não se atrevia a deixar pra trás nenhuma imagem. Depois, numa atitude quase calada, as reproduzia no seu ateliê, em telas suaves e coloridas.

Como autodidata se interessava pelas artes plásticas e se dedicava a leituras sobre a vida de muitos pintores brasileiros e estrangeiros.

Nas palavras da Srª. Ida Nogueira Rocha e Silva, ***"a arte lhe veio espontânea, alcançando-lhe em nossa cidade, notoriedade precursora.***

As trinchas pesadas de seu honrado trabalho profissional, transformavam-se, nas horas de lazer, em pincéis de leveza e mágica.

Armações para as telas, molduras, seus segredos, na precariedade da época e da região, faziam alguma coisa, em ascensão nova, parecer e perdurar. Eram paisagens, cenas bucólicas de suas pescarias, aspectos urbanos, rurais, era o artista que se projetava mais definido. Dos painéis que ainda enfeitavam as casas mais antigas, das paredes hoje desusadas, tirou a mágica para a suas cores.

Autodidata na técnica que adotou, alcançava texturas dignas de um veterano de boas escolas".

Apreciador das artes plásticas e de um bom entretenimento, **IDO FINOTTI** tinha como hoby predileto o cinema, a pescaria e o ensino da pintura para seus netos.

Do seu acervo, espalhado entre colecionadores, fica o registro e a expressão singulares do seu jeito especial de sentir o mundo e a vida.

Até sua morte, em 12 de fevereiro de 1980, aos 80 anos, trabalhou na **Confeitaria Na Hora** ao lado da esposa e dos filhos Hilton e Ulisses.

Rememorar fragmentos da vida de **IDO FINOTTI** é dispor nas lembranças um legado pessoal de significativa importância para a sociedade; é sentir um pouco do que ele foi como filho, como trabalhador, como pai, como esposo, como avô, como irmão, como tio, como cunhado, como sogro, como cidadão, como artista, como ser.

São tantas imagens que relampejam, que somos por demais limitados para resgatá-las.

ANEXO B41

Texto escrito em 02/08/1999 por Luís Sérgio Gonçalves - Coordenador de Ação Cultural Metrô São Paulo-SP com base na observação das pinturas de Ido Finotti para a Exposição Retrospectiva Ido Finotti 100 anos - Centro Administrativo Uberlândia - 15/10/1999.

IDO FINOTTI

A missão de discorrer sobre alguém torna-se particularmente difícil, sobretudo quando em momento algum teve-se contato com esse alguém, e ainda mais com um agravante peculiar, tal seja o fato de que esta pessoa não mais está entre nós, visto que se assim pudesse ser, estaria somando um século de existência. Entretanto, a ventura por vezes nos sorri e neste caso em particular, o fato de IDO FINOTTI ter sido um artista, tudo torna-se mais simplificado.

Um inspirado artista, um poeta dos pincéis, que sensivelmente soube manipulá-los com habilidade, no domínio das cores, luzes e sombras, legando aos dias atuais uma obra composta de telas de sincera e singela beleza.

Ao contemplar a obra pictórica de IDO FINOTTI, nos leva a crer numa declarada sensação de paz, de verdade e de simplicidade, produzidas pelas mãos e sentimentos de um artista que, sabe-se autodidata, portanto, livre e descompromissado de maneirismos e modismos, restando-lhe pleno espaço para manifestar-se apenas como artista em toda sua plenitude de ser e de apropriar-se do real de cada ambiente captado.

Em sua arte singela e verdadeira, IDO FINOTTI certamente, jamais preocupou-se com texturas especiais, volumetrias elaboradas ou qualquer recurso de artificialidade pré-estabelecido. A sinceridade presente em toda sua produção artística revela o absoluto compromisso do artista em ser fiel ao seu próprio olhar e sua forma singular de captar o instante e o "é" de cada composição, a doçura no trato e na reprodução do instante, daquilo que por vezes é eloqüente

e está diante de nossos olhos indiferentes. Para isso existem os artistas e por isso existiu IDO FINOTTI. Na precisão consciente ao estabelecer os limites delineados entre as luzes e as sombras, com garantia real e absoluta nos retratos puros de cada olhar, alimentado pelo talento característico na obtenção de efeitos poeticamente surpreendentes, acrescem rigores técnicos, sem perda de componentes românticos de sua forma peculiar de observação atenta e detalhista.

O enquadramento cuidadoso, o domínio dos elementos à sua volta e sua paixão declarada pelos ambientes registrados em sua obra, deixam patente a afirmativa de que apenas nas Minas Gerais, os mistérios de beleza residem em seus vales e montanhas, nos campos e cerrados, em seu bucolismo infinito, quase atroz, quando não dramáticos, em cores definidas e cruelmente belas, mas sem os rasgos de impetuosidade, apenas colocados na simplicidade, como forma, estilo e conteúdo de vida.

IDO FINOTTI captou todo o espírito das Gerais, ou seja, a pureza da vida no interior, em torno de seus casarios pacatos e silenciosos, quase tristes, mas cheio de vida mineira; uma expressão natural, limpa, fluida e carregada de cores, luzes - acompanhadas das inevitáveis sombras. Ali estão presentes as linhas solenes e veneráveis de arquitetura religiosa, sob a forma de igrejas, adros e edifícios; a natureza explosiva e exuberante, subjugando a própria Criação e tanto mais... São os mistérios insondáveis que só encontramos nas "Geraes".

IDO FINOTTI, munido de desarmada e descompromissada paz interior, soube obter, captar e nos legar, por meio de sua obra, tudo

isto! O progresso e a evolução do mundo atual são avassaladores, mas sabemos e ainda esperamos que, por longo tempo, deveremos privilegiar a arte e os artistas.

Devemos compreender que a ausência de um artista entre nós, nos faz menores, mas apresença de sua obra nos faz infinitamente maiores.

A IDO FINOTTI, nossos respeitos, como cidadãos e nossa melhor gratidão por sua sensibilidade.

LUÍS SÉRGIO GONÇALVES

São Paulo, 2 de agosto de 1999